

Mara Coelho de Souza Lago ~

*Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Mara Coelho de Souza Lago e aprovada pela Comissão Julgadora em 02 de dezembro de 1991.*

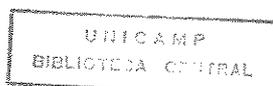
*Campinas, 12.12.1991  
Paulo Pinheiro*

MODOS DE VIDA E IDENTIDADE: Um Estudo  
Sobre Sujeitos no Processo de Transformação Social, na  
Ilha de Santa Catarina

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1991



Banco Examinadores

Zilda de B. S. Demartini  
Juliano Kelly

Mariani Assis

Anna Luiza Pinheiro  
Angel Pinheiro

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de DOUTOR EM EDUCAÇÃO na Área de Concentração: Psicologia Educacional à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Angel Pino Sirgado. *L*

# ERRATA

<u>Página</u>	<u>Onde se lê</u>	<u>-----</u> <u>Leia-se</u>
(Agradecimentos)	animara	animaram
15	especificadades	especificidades
57	sujetiva	subjativa
88	vitos	vistos
89	localidados	localizados
120	ue	que
124	intermediário	intermediários
134	sernhor	senhor
136	nota 15 à p.	nota 16 à p. 60
154	reúne	reunia
161	ambora	embora
169	ái	aí
170	prã	prá
173	como isso	com isso
182	começo	começo
190	ecoônômica	econômica
199	cruazado	cruzado
200	em me	eu me
206	ele já relatou	ele relatou
209	de tiram	te tiram
211	E í eu fui	E aí eu fui
212	realidade	realidade
212	Jamai	Jamais
212	aquisitovo	aquisitivo
212	trabihá	trabalhá
213	futuro	futuro
213	dirariamente	diariamente
214	mão	mãe
217	mã	mãe
233	outra atividades	outras atividades
244	ue	que
244	a ía	e ía
244	cotava	votava
251	daquele que vivem	daqueles que vivem
264	curros datilografia	curseu datilografia
265	localidae	localidade
272	proque	porque
279	Proque	Porque
280	vinha tomá	venha tomá
281	dúala	dúzia
283	comunidade o turismo	e o turismo
288	Enquanto a estudava	enquanto estudava
290	tu sabe o quê?	tu sobe o que?
291	e disso assim	e digo assim
297	tradicioanl	tradicional

## AGRADECIMENTOS

A feitura de um relatório final de tese em muitos momentos nos parece um trabalho dolorosamente solitário. Na realidade, quando o estamos concluindo e olhamos para atrás, perceberemos o quanto somos devedores a tantos que nos auxiliaram, e de tantas maneiras ...

Agradeço especialmente,

Aos informantes que me deixaram partilhar de suas memórias, percepções, expectativas e sonhos, através das representações de suas vivências,

Ao Dr. Angel Pino Sirgado, pela orientação deste trabalho e pela liberdade que me proporcionou para seguir os caminhos que julguei necessário trilhar,

Aos Professores e Colegas da UNICAMP, pelo estímulo à reflexão que suas aulas e convívio me proporcionaram,

A Ana Luíza, pelo auxílio especial,

A Andréa, pela acolhida em Campinas e pela amizade, capaz de transpor a distância de geração que nos separa,

Ao Günther, pela acolhida carinhosa em São Paulo, que me ajudou a espantar a solidão,

A Mary Hrami, por ter assumido tantas atribuições quando me ausentei,

A Anamaria, pela disponibilidade em auxiliar e pela franquia de sua biblioteca,

A Maria José, Neusa e Teresa, pelas leituras e sugestões que em muitos momentos me animara a superar impasses,

A Otto (e Albertina) pelo trabalho eficiente e pela paciência com o meu ritmo de produção,

A Armando, Fernanda e Marcelo, pelo envolvimento com a ilustração do trabalho,

Ao Departamento de Psicologia, que me proporcionou este tempo para o aprimoramento acadêmico,

A UFSC e à CAPES, pelas condições de dedicação exclusiva ao doutoramento.

A memória de Júnior que, não tendo tempo para brincar, trabalhava brincando.

A Júlio e Lígia, pais  
A Cláudia e Fernanda, filhas  
A Paulo, companheiro  
A Maria de Lourdes,  
pelas alegrias e sofrimentos  
compartilhados

A Teresa e Oscar,  
que me ajudaram a refletir sobre o  
existencial, enquanto estruturava  
a tese.

A Iago, pela esperança, o futuro.

## RESUMO

Este trabalho procura analisar os efeitos da urbanização e do turismo sobre as antigas comunidades litorâneas da Ilha de Santa Catarina que viviam, num passado ainda recente, da pesca e da agricultura.

São histórias de vida obtidas entre duas gerações de informantes, para analisar a trajetória dos sujeitos no processo de transformação social, em que as formas tradicionais de vida e trabalho se desagregam, em função do avanço da sociedade urbana, com outros modos de vida, novas formas de trabalho e diferentes exigências de qualificação profissional, através da educação formal em escolas.

A tese consta de três partes. Na primeira é feita a discussão das questões teórico-metodológicas que nortearam a coleta e a análise dos dados. A segunda é dedicada à construção de uma etnografia da transformação do espaço geográfico-cultural em função da dinâmica sócio-econômica do local. A terceira parte do trabalho elabora a etnografia da trajetória dos sujeitos objeto da pesquisa, no processo de transformação social da Ilha.

# S U M A R I O

Introdução .....	01
PRIMEIRA PARTE: A Construção do Objeto .....	08
Capítulo 1 - Questões Teóricas .....	09
A Interdisciplinaridade, uma Questão Epistemológica.....	11
As Categorias de Análise: .....	12
Sujeito e Cultura .....	17
Trabalho .....	22
Identidade .....	26
Diferenciação Social .....	35
Questões Metodológicas .....	48
Notas .....	57
SEGUNDA PARTE: O Cenário e a Dinâmica Social .....	64
Capítulo 2 - O Local da Pesquisa .....	65
Um Fasseio Pela Ilha .....	69
Notas .....	94

Capítulo 3 - O Processo de Transformação Social .....	95
Urbanização .....	95
Turismo .....	102
Aspectos do Perfil Sócio-Econômico de Florianópolis .....	124
Notas .....	133

TERCEIRA PARTE: Os Sujeitos no Processo de Transformação Social .....	137
--	-----

Capítulo 4 - Saberes e Fazeres do Passado (A Primeira Geração) .....	138
Notas .....	154

Capítulo 5 - O Ontem e o Hoje (A Segunda Geração) .....	157
Os que Ficaram .....	157
Os que Saíram .....	177
Os que Continuaram os Estudos .....	201
Algumas Considerações a Partir da (Re)Leitura das Entrevistas .....	223
Sobre Trabalho .....	223
... E Escola .....	226
Sobre Uso das Terras .....	230
Sobre Turismo .....	232
Sobre Mulheres .....	234
Sobre Um dos Entrevistados .....	241

Sobre Clientelismo Político .....	243
Notas .....	248
Capítulo 6 - O Agora (A Terceira Geração) .....	253
O Trabalho Tradicional .....	253
Prestando Serviços .....	260
As Mulheres .....	286
Uma (Re)Leitura das Entrevistas .....	296
Sobre Escola ... E Trabalho .....	296
Sobre as Mulheres .....	305
Sobre a Interferência da Subjetividade da Autora .....	307
Notas .....	309
A GUISA DE CONCLUSÃO .....	310
BIBLIOGRAFIA .....	313

I N T R O D U Ç A O

## INTRODUÇÃO

A ideia para este trabalho se desenvolveu a partir da realização de pesquisa em uma comunidade da Ilha de Santa Catarina, com a finalidade de elaborar a dissertação para obtenção do grau de mestre em Antropologia, no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Catarina. Resultou de meu engajamento inicial num dos projetos daquele programa, o de elaborar uma etnografia da Ilha e da cidade de Florianópolis.

Naquela oportunidade, propuz-me a analisar aspectos do processo de transformação social, através das interpretações subjetivas que dele faziam os sujeitos que vivenciavam as mudanças.

Realizei um estudo de caso numa comunidade da Ilha de Santa Catarina que sofrera forte impacto de urbanização, provocando alterações radicais no modo de vida da população local, que passava bruscamente do mundo rural para o mundo urbano e, pela perda das terras e, conseqüentemente, do acesso ao mar, via-se levada a buscar a sobrevivência através do trabalho assalariado, abandonando suas formas tradicionais de subsistência, a lavoura e a pesca.

Utilizando a técnica de entrevista, obtive as histórias de vida de pessoas idosas da comunidade que, relatando seu passado, avaliavam também as transformações que viveram, aquelas que vivenciavam no presente e as expectativas de futuro, para elas próprias e seus descendentes.

Não se passaram dez anos e as mesmas mudanças já ocorreram em algumas localidades da Ilha, enquanto continuam ocorrendo em outras, com violência e rapidez crescentes.

É um viver tradicional que se transforma ou desaparece, nessa fusão entre o mundo rural e o mundo urbano.

- De que formas as pessoas oriundas das comunidades agrícolas e pesqueiras estão vivenciando as transformações de seus modos de vida?

Num primeiro momento procurei compreender o processo social de transformação, através das interpretações subjetivas dos sujeitos que passaram por essa experiência.

Proponho-me agora a fazer o caminho inverso: procurar compreender mudanças subjetivas ocorridas com as pessoas, em função das transformações de suas condições concretas de vida (os efeitos do processo de transformação social no sujeito).

Trata-se, sem dúvida, de um campo de investigação muito amplo.

Neste momento, e para a elaboração deste trabalho de tese, projetei estudar um aspecto específico do problema: a questão da auto-identificação, da construção da identidade dos sujeitos referida ao trabalho que desempenham.

Tenho interesse em dar continuidade a essa linha de investigação, pesquisando mais tarde outras questões específicas.

Na pesquisa que fundamentou a dissertação de mestrado, privilegiei o fenômeno trabalho. Essa ênfase persistirá agora.

- E por que identidade e trabalho?

O homem constroi a si mesmo como sujeito e constrói seu próprio conhecimento, o conhecimento de si e dos objetos, o "concreto pensado" (MARX, 1978:117). Essa construção do sujeito e do objeto do conhecimento se dá num contexto histórico de relações. A identidade, como consciência de si, é construída ativamente pelo homem num mundo sócio-histórico-cultural, um mundo humano de relações fundadas na produção social da vida, em que o trabalho é atividade fundamental.

Na pesquisa que realizei anteriormente, ficou bem evidente na percepção de meus entrevistados, a forma de trabalho como categoria importante na distinção e definição da identidade. Identificavam-se pelos nomes e imediatamente se auto-definiam pelo trabalho do qual dependiam principalmente para o sustento, como lavradores ou pescadores, embora a maioria deles se dedicasse às duas atividades.

O trabalho, mais que categoria teórica, é atividade básica que define o indivíduo como ser humano-social. Define e identifica também, através dos modos de vida que elabora, as comunidades, o coletivo. É elemento componente da identidade dos sujeitos, na maneira como eles se inserem na sociedade e se representam como parte do coletivo.

As comunidades eram rurais, seus habitantes eram pescadores e lavradores. Transformam-se em localidades urbanizadas. Os camponeses que nelas habitavam e viviam da pesca e da lavoura para a subsistência, comercializando o excedente, numa economia pouco dependente da moeda, tornam-se assalariados.

Mudanças na realidade concreta dos indivíduos implicam em mudanças a nível psicológico.

Os descendentes de meus primeiros informantes não são mais pescadores e lavradores, como seus pais e avós.

- O que são agora? Como se identificam? Possuem, nas novas condições, uma identidade profissional auto-definidora?

A escola faz parte desta pesquisa, como instituição de mediação entre o indivíduo e o trabalho. Florianópolis é um centro urbano cuja vida econômica gira, muito fundamentalmente, em torno das atividades administrativas e comerciais, com pouca expressão no setor industrial da economia. Os empregos no comércio e em funções administrativas, mesmo as subalternas atualmente, exigem níveis mínimos de escolaridade. Nestas circunstâncias, o acesso à educação formal pode possibilitar condições mais vantajosas e estáveis de assalariamento ou, ao contrário, pode reduzir as chances de obtenção de trabalho, determinando situações de desemprego ou subemprego.

A escola é analisada como agente instrumental de acesso ao trabalho.

- Nas representações dos sujeitos, ela se vincula ao trabalho, preparando-os para as atividades profissionais que irão desempenhar?

Para a realização da pesquisa não parti de hipóteses em busca de comprovação, mas sim de objetivos, como a compreensão do que acontece com os sujeitos numa situação em que mudam suas condições de vida, em que as formas tradicionais de trabalho e organização comunitária se desagregam, dando origem a novas formas de organização social e atividade econômica. E de que maneiras os sujeitos, como agentes ativos de sua história, influem também nos rumos das mudanças de seu universo que se

transforma.

O objeto deste estudo e, pois, elaborar a etnografia da trajetória dos sujeitos (conforme suas representações), neste processo específico de transformação social, pela expansão do mundo urbano sobre as localidades litorâneas da Ilha de Santa Catarina.

Para realizar tal propósito, julguei conveniente dividir esta tese em três partes.

Na primeira parte, constante de um capítulo, procurei discutir de início, as questões referentes à fundamentação teórica deste estudo, que nortearam a escolha do tema e sua abordagem, definindo as categorias centrais e aquelas que serviram de apoio à análise pretendida.

Num segundo item deste capítulo, procurei discutir questões referentes à metodologia empregada, delimitando o universo da pesquisa e esclarecendo sobre os procedimentos utilizados na apreensão da realidade empírica e no tratamento dos dados obtidos com o trabalho de campo.

Na segunda parte do estudo, para tratar posteriormente da inserção dos sujeitos na realidade em transformação, dediquei-me à tentativa de elaborar uma etnografia do espaço e das mudanças nele ocorridas, descrevendo, no segundo capítulo da tese, a Ilha e a cidade, e abordando, no capítulo seguinte, a questão de suas transformações, com o avanço da urbanização sobre as comunidades litorâneas, em função do turismo e do crescimento de Florianópolis. Finalizei esta parte com a caracterização de alguns aspectos do perfil sócio-econômico da cidade.

Esboçado o cenário em sua dinâmica, procurei, na terceira parte do trabalho, compor nova etnografia, acompanhando a trajetória dos sujeitos na transformação de seus espaços e de seus modos tradicionais de vida. Para tanto, dividi esta parte em três capítulos, procurando abranger, em cada um deles a descrição (analítica) de três diferentes gerações.

No capítulo 4, apoiada em bibliografia fornecida por inúmeros estudiosos da Ilha de Santa Catarina, tentei descrever o viver tradicional de suas comunidades rurais, que perdurou até ao tempo daquela que caracterizei como a primeira geração, e que pesquisara anteriormente, para o estudo que se desdobrou na atual pesquisa.

A análise dos dados obtidos com este trabalho de pesquisa foi feita nos dois últimos capítulos, em que me debrucei sobre as histórias de vida de meus informantes atuais. No capítulo 5, sintetizei as entrevistas realizadas com os sujeitos da segunda geração, aqueles que vivenciaram mais diretamente as mudanças sociais, com a urbanização das praias da Ilha. No capítulo 6 fiz o mesmo com os jovens entrevistados da terceira geração.

Nestes últimos capítulos, fiel à abordagem etnográfica do tema, procurei dar voz aos sujeitos da pesquisa, no intuito de tornar visível a riqueza do material que obtive com as entrevistas e coerente com a concepção teórica de sujeitos se construindo no social, construindo as representações de si próprios e de seus mundos.

Finalmente, tentei dar um fecho ao presente estudo, através da retomada de categoria central à abordagem do tema,

relacionada às representações com que os sujeitos entrevistados me relataram suas vivências do processo de transformação social.

P R I M E I R A   P A R T E

A CONSTRUÇÃO DO OBJETO

## C A P Í T U L O    1

### QUESTÕES TEÓRICAS

"... olhamos esses objetos como pensamentos de alguma forma materializados ... O que saímos a procurar a milhares de quilômetros, ou muito perto, são meios suplementares para compreender como o espírito humano funciona. Fazemos, pois, uma espécie de psicologia. E o que já é verdade em relação aos objetos, é mais verdadeiro ainda quando consideramos as crenças, os costumes e as instituições".

Claude Lévi-Strauss<sup>1</sup>

A análise de qualquer realidade humana social pressupõe uma postura atenta à contribuição de múltiplas disciplinas. As ciências sociais humanas não têm limites muito definidos, embora os vícios da profissionalização e da formação acadêmica resultem na auto-restrição do campo científico e, mais comumente, na restrição das ciências afins, no interesse de uma espécie de "reserva de mercado" da atuação e do saber.

Apesar de muito próximas e interatuantes, as linguagens de cada matriz disciplinar (1) são próprias, seus códigos tornam muitas vezes os conceitos inteligíveis quase que exclusivamente ao público interno da disciplina. Algumas vezes os conceitos chegam mesmo a expressar, em disciplinas afins, significações que se contrapõem.

---

<sup>1</sup>In: LEVI-STRAUSS e ERIBON, 1990: 141.

As especificidades de abordagens do objeto de cada ciência, se necessárias ao aprofundamento do conhecimento e à superação das explicações simplificadoras, também podem levar, pela desconsideração de outras contribuições, à sua compartimentação em campos estanques. E aos pressupostos, no interesse da restrição, de quais seriam as abordagens exclusivas às áreas afins. Daí à reificação do próprio objeto, é um pequeno passo. Na análise do comportamento humano (social) temos diversos exemplos, como as explicações culturalistas, as sociologizadoras ou as psicologizantes - as diferentes formas de antropologismos, de acordo com Foulcault (1985:365).

Em artigo em que se refere à questão do comportamento individual desviante em sociedade, Gilberto Velho discute a necessidade de uma visão interdisciplinar nos estudos de qualquer realidade humana, pela impossibilidade de se desconsiderar as dimensões biopsicológica e sociocultural do comportamento humano. O autor critica o caráter fragmentado do conhecimento acadêmico das diferentes áreas das ciências sociais sobre o homem, ressaltando a origem comum dos psicologismos e sociologismos, que consideram as dimensões biológica, cultural e social do humano como estanques.

Velho relaciona a cultura e a evolução biológica, destacando o fato de não ser a primeira algo adicionado "a um animal acabado ou virtualmente acabado (mas) fundamental para a própria produção desse animal" (VELHO, 1977:20).

Propugnando pela necessidade de uma flexibilização do uso dos conceitos, no sentido de acabar com a ruptura indivíduo/sociedade ou cultura, estabelecendo um ponto de

encontro entre as tradições psicológicas e socioculturais, o autor ressalta:

"A cultura não é, em nenhum momento, uma entidade acabada, mas sim uma linguagem permanentemente acionada e modificada por pessoas que não só desempenham 'papéis' específicos mas que têm experiências existenciais particulares. A estrutura social por sua vez, não é homogênea em si mesma mas deve ser uma forma de representar a ação social de atores diferentemente e desigualmente situados no processo social. Estrutura social tout court, pouco pode valer se não for utilizada com a preocupação de perceber não só a continuidade da vida social mas a sua permanente e ininterrupta transformação" (Idem: 21).

Este trabalho de tese se propõe a analisar sujeitos vivenciando um processo específico de transformações sociais, num espaço geográfico definido. Realiza-se, portanto, no ponto de encontro entre o psicológico e o sociocultural, pressupondo o recurso à multi e interdisciplinaridade, inquestionavelmente aceita e valorizada na prática, mas difícil de praticar na academia.

#### A Interdisciplinaridade, uma Questão Epistemológica

Como questão preliminar ao levantamento das categorias teóricas utilizadas para proceder à análise dos dados empíricos e, anteriormente, para definir o próprio objeto e a metodologia da pesquisa, coloca-se assim a questão epistêmica da interdisciplinaridade. Mais especificamente, dos pré-conceitos e limitações das diferentes áreas do saber sobre as disciplinas afins, aquelas com as quais repartem (ou disputam?) o objeto.

Temos aqui o caso da psicologia - tão marcada, nas ciências sociais, pelas psicologizações do sócio-cultural. E tão

mal entendida, pelos reducionismos que as outras disciplinas lhe acrescentam e impõem, além dos que ela própria se coloca.

Por ser extremamente dividida, a psicologia tem correntes fundamentalmente divergentes, que negam o estatuto de ciência umas às outras e nem mesmo concordam sobre o que deva ser o objeto da disciplina.

Buscando formas "objetivas" de explicar o psicológico, fator que a marcou desde o seu início como disciplina formal, a psicologia, nas suas tendências mais científicas como o behaviorismo americano, acaba até por descartar o estudo da subjetividade como objeto de ciência. Para ter este estatuto, seu objeto seria apenas o estudo do comportamento, a atividade objetivada.

Em outras versões, a psicologia se recusa a tratar do não psicológico - o social, o cultural, o biológico, etc - como se o homem fosse constituído de compartimentos estanques, onde estas diferentes dimensões estariam contidas, limitadas, sendo viável estudá-las separadamente, cada ciência dona exclusiva de seu próprio objeto - puro, descontaminado, acabado.

As versões clínicas da psicologia, ou estariam fortemente marcadas pela causação biológica dos problemas psíquicos, ou seriam jogadas, pelas suas correntes científicas, na vala comum das meras interpretações - não ciência, portanto.

Como resultado do processo de intensa especialização divisionista, temos psicologias de diversos matizes, algumas estruturais, outras evolucionistas, ou funcionalistas, organicistas, holistas, mecanicistas, hermenêuticas, dialéticas,

etc, com a possibilidade de várias combinações. Temos os muitos ramos de psicologia (humana): as experimentais (em várias versões, já que algumas se atrevem a montar experimentos para avaliar subjetividade), as cognitivas (algumas "científicas", outras nem tanto), as diferenciais, da educação, da aprendizagem, escolar, do desenvolvimento, da terceira idade, psicologias clínicas, organizacionais, etc. E até uma psicologia social.

A extrema fragmentação da psicologia que, embora pela análise a partir das divergentes concepções sobre o objeto da disciplina possa nos dar a percepção de um homem em pedaços, se não logrou na prática fragmentar o homem, conseguiu compartimentar a si própria. E nas academias temos muitas vezes, salas vizinhas cujos ocupantes têm concepções tão divergentes que até os impedem de dialogar, podendo gerar uma diferenciação que às vezes acaba, pelas vias ideológicas, instituindo a desigualdade entre os "pares", já que algumas correntes de pensamento são consideradas melhores, ou mais científicas, ou mais filosóficas, ou não alienadas, etc. Como as hierarquias de poder funcionam também, na vida acadêmica, as conseqüências práticas podem se fazer sentir, quando da aprovação de projetos, da distribuição de verbas para equipamentos, pesquisa, ensino, extensão, pessoal, etc.

Estes processos não são exclusivos da psicologia, ou estranhos a outras disciplinas acadêmicas. E a psicologia não foi a única, dentre as disciplinas da área das ciências humanas-sociais, a ter sofrido os revezes de uma subordinação idealizada aos modelos exatos, objetivos, das ciências físicas, matemáticas

e naturais. A busca do cientificismo nestes moldes foi bastante geral e resultou no início de estruturação formal das disciplinas humanas-sociais, com o estabelecimento de métodos objetivos de estudos de cada uma e as primeiras delimitações de seus objetos. Num determinado momento, pareceu apenas que a psicologia, pela própria simbiose entre os fenômenos biológicos e psíquicos, havia descoberto a chave para a análise científica experimental dos fatos subjetivos, abrindo a possibilidade para que todas pudessem ingressar no rol das ciências inquestionáveis, exatas.

Não foi por acaso, portanto, que algumas figuras proeminentes das ciências sociais, como Dürkheim, Boas, Malinowsky, Rivers, fizeram estágios no laboratório de psicologia experimental de Leipzig na Alemanha, com Wundt. (2)

As expectativas não se realizaram mas o cientificismo persistiu em diferentes versões, nas várias disciplinas.

Continua a questão da interrelação entre as ciências da área. A questão das ciências sociais, ou humanas-sociais, ou sociais-humanas.

- E existe, porventura, o humano não social? (Se mesmo no plano biológico, a sobrevivência do homem está condicionada aos cuidados do grupo por um longo período?)

O que procuro estranhar é o fato de se ter diferenciado uma psicologia social como ramo da disciplina.

Um ramo que, se desde o início esteve ligado, no melhor das tradições germânica e francesa, às grandes questões filosóficas sobre a natureza humana, discutindo as relações entre biologia/psiquismo/sociedade (ou

indivíduo/natureza/cultura), estruturou-se na tradição anglo-americana, a partir de experimentos com grupos sociais, ou indivíduos nos grupos, ficando muito impregnada dessa postura.

E por que existe uma psicologia social, existindo por consequência, psicologias não sociais, o lugar da disciplina não ficou tão tranquila e inquestionavelmente assegurado entre as ciências sociais. Diz-se ciências sociais e psicologia e não psicologia como ciência social.

E, no entanto, o psiquismo humano é cultural.

Algumas correntes teóricas da psicologia concebem o desenvolvimento psíquico como um processo de introjeção dos valores e códigos culturais, ou como um processo de internalização cognitiva da realidade física e social, ou ainda, como uma aquisição dos condicionantes impostos pelo meio. Em todas estas concepções, em que pesem suas diferenças significativas, o desenvolvimento implica num processo de socialização do sujeito, em que o meio sociocultural, externo, vai-se tornando parte do psiquismo individual.

Outras teorias concebem o desenvolvimento numa direção inversa, como um processo de individualização de formas históricas e culturais de representação, por um sujeito que nasce como membro de uma tradição histórico-social. Dos dois grupos de teorias, não perdendo de vista as especificidades de cada uma e as profundas divergências entre elas, ressalta um aspecto fundamental, em que não há discordância: a irreversibilidade da consideração do social no tratamento das questões psíquicas. Em outras palavras, o sociocultural como constituinte do psicológico. E a psicologia como ciência social.

"Tenho procurado mostrar que toda a psicologia é social ..." (VELHO, op.cit.:27).

Nesta perspectiva interdisciplinar, de inclusão da psicologia entre as ciências sociais em relação e diálogo permanentes com as demais, foi realizada a pesquisa, procurando compreender as novas formas de inserção na sociedade urbana ou urbanizada, dos sujeitos originários das comunidades agrícolas-pesqueiras, que tiveram suas perspectivas tradicionais de trabalho desagregadas e transformadas.

#### As Categorias de Análise

As categorias teóricas fundamentais de análise, utilizadas para apreender as transformações subjetivas interrelacionadas às mudanças nas condições concretas de vida dos sujeitos-objeto da pesquisa, são as de identidade e trabalho.

Como pano de fundo, nesta tentativa de dar conta de um objeto inteiro em seu contexto social, estão as categorias de sujeito e cultura. E ainda, como necessária a qualquer análise da inserção de sujeitos em sociedades de classes, a concepção teórica de diferenciação social.

A questão da educação formal é colocada na análise da escola como instituição social de intermediação entre o sujeito e o trabalho.

## Sujeito e Cultura

Iniciando com as questões subjacentes, a escolha da categoria sujeito e não indivíduo, tem algum significado.(3)

Sujeito e cultura são conceitos imbricados, que se referem a fenômenos que existem em mútua relação. Isto está expresso na questão colocada por Carlos R. Brandão:

"De que maneira e através de que processos sujeitos biológicos transformam-se em pessoas, ou seja, em 'seres coletivos' em sua individualidade; únicos, mas, sem muitas diferenças uns dos outros, capazes de expressarem com os gestos de suas vidas a ordem social e simbólica dos seus mundos de cultura?" (BRANDÃO, 1986: 15)

Gilberto Velho também o expressou na sua concepção de que cultura é uma linguagem permanentemente acionada e modificada por pessoas que vivem suas experiências existenciais particulares no desempenho de papéis específicos e variados (conf. p. 6).

A categoria cultura, sintetizada por Roque Larraia, em sua trajetória desde momentos históricos anteriores à primeira formulação do conceito por Tylor, em 1871, e em seus desenvolvimentos posteriores no interior dos diferentes paradigmas da antropologia, resume os desdobramentos e a amplitude de que se vão revestindo as concepções teóricas, à medida em que incorporam as polêmicas de cada matriz disciplinar.(4)

Este autor dá a dimensão da interdependência dos fenômenos expressos pelos dois conceitos:

"... uma compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana."  
(LARAIA, 1986: 65)

No artigo "Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível", Manuela Carneiro da Cunha problematiza e procura flexibilizar o conceito de cultura, despojando-o do peso constituinte do qual foi revestido, destacando o fato de ser a cultura "algo constantemente reelaborado".

"... a cultura não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventado, recomposto, investido de novos significados ..."  
(CARNEIRO DA CUNHA, 1987: 101)

As categorias teóricas sujeito e cultura remetem a questões filosóficas, como as discussões sobre os determinantes internos e externos, inatos e adquiridos, do comportamento e do desenvolvimento humano.

E polêmica clássica e mesmo que as versões interacionistas tenham se imposto como as mais plausíveis, não obstante a sobrevivência das tendências deterministas no interior das diferentes disciplinas, temos que falar em interacionismos, pois eles são concebidos em diversas nuances.

Existem na psicologia as mais variadas formas de considerar as influências sócio-culturais, desde as teorias que negam sua relevância, até aquelas que as admitem como constituintes do psiquismo individual.

"... o sujeito transformado em pessoa é, ele mesmo, uma expressão individualizada da estrutura de símbolos do mundo social onde vive". (BRANDÃO, op. cit.: 15)

Esta colocação explica o fato de contribuições muito relevantes para o tratamento do tema terem sido dadas, na psicologia, pelas teorias do desenvolvimento cognitivo.

Entre elas existem dois grupos distintos de teorias. No primeiro estão as que concebem o desenvolvimento como um processo de socialização.

Na concepção de Piaget<sup>(5)</sup>, representante deste grupo, o psiquismo se estrutura num lento processo maturacional de equilibração, em que o sujeito constrói a si próprio, em interação com o mundo fora dele através, de início, dos movimentos e sensações, internalizando o real e transformando o mundo concreto em imagens, pensamento, linguagem. Passando, numa sucessão de estágios progressivos, do registro sensório-motor, para o registro das representações, do simbólico.

Do individual - domínio da psicologia - para o coletivo - domínio das ciências sociais.

Para o segundo grupo de teorias interacionistas do desenvolvimento o psiquismo é, desde suas origens, sociocultural. Não se torna social pela internalização do real mas, num sentido inverso, do social, coletivo, emerge o individual. Não existe um domínio do psicológico inicial que passaria para o domínio do histórico-social posteriormente, mas o psicológico pertence, desde sempre, ao domínio do sociocultural (a psicologia como ciência social).

Estas contribuições se constituem em fundamentação teórica importante para este trabalho de tese, já que busco trazer à tona as ligações entre antropologia e psicologia através de concepções harmônicas e fecundantes entre si, sobre o

desenvolvimento e o comportamento humano (sujeito e cultura).

Como representativo deste segundo grupo de teóricos interacionistas do desenvolvimento, temos Lev S. Vygotsky<sup>(6)</sup> para quem a trajetória do desenvolvimento se dá sempre no sentido do social para o individual. "A estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social". (VYGOSTKY, 1984: 33)

Todo o processo intrapessoal é resultante de um processo interpessoal. As funções mentais são, para este autor, relações sociais internalizadas. Todas as funções mentais superiores são o resultado, mediado e internalizado, da interação social.

Desde o início da vida da criança, suas atividades adquirem um sentido próprio num sistema de relações sociais. Há uma ligação entre a história dos signos e o desenvolvimento dos comportamentos da criança que utiliza, em relação a si mesma, as formas de comportamento que os outros utilizaram inicialmente com ela. Desta maneira, vai dominando e internalizando os comportamentos sociais.

O sujeito se desenvolve, não a partir de um psiquismo pré-existente, mas se constrói absorvendo e processando a cultura. Os objetos culturais são inseparáveis dos fatos psíquicos. O sujeito é cultural.

Vygotsky relaciona o uso de instrumentos no trabalho com o uso dos signos. Numa analogia entre filogênese e ontogênese, ele analisa os instrumentos e os signos no seu caráter de mediação, para explicar a expansão dos limites do conhecimento, através da integração dos símbolos culturais à

consciência humana.

A palavra, em sua materialidade, é um signo. Pela utilização do sistema de signos, há uma reestruturação psicológica que possibilita novas formas de comportamento, numa transformação qualitativa.

As mudanças qualitativas mais importantes do desenvolvimento cognitivo, estão relacionadas à introdução de formas histórico-culturais nesse processo. A linguagem tem um papel fundamental na organização das funções psicológicas superiores. Através dela, a criança domina o meio e domina seu próprio comportamento. A atividade simbólica tem uma função organizadora específica, que produz formas fundamentalmente novas de comportamento.

"O momento de maior significação no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente divergentes de desenvolvimento, convergem." (Idem: 27)

As teorias representadas aqui por Vygotsky, trabalham com os pressupostos da concepção marxista de homem. (7)

O homem como um ser ativo, que se constrói como sujeito construindo a consciência de si e da realidade como o concreto pensado, na interação com outros homens, através do trabalho e da comunicação social.

"La verdadera explicación de la conciencia" ... "se alla" ... "en las condiciones y modos sociales de esa actividad que crea su necesidad, o sea, en la actividad laboral." (LEONTIEV, 1978<sub>a</sub>: 26)

Chegamos assim, a uma das categorias fundamentais para a análise de nosso objeto de pesquisa para esta tese,

## Trabalho

Em apresentação d'O Capital em edição brasileira, Jacob Gorender, referindo-se à construção interdisciplinar da obra de Marx, ressalta a sua contribuição à antropologia nos seguintes termos:

"Do ponto de vista da Antropologia, o que sobreleva é a relação do homem com a natureza por meio do trabalho e a humanização sob o aspecto de autocriação do homem no processo de transformação da natureza pelo trabalho. As mudanças nas formas de trabalho constituem os indicadores básicos da mudança das relações de produção e das formas sociais em geral do intercurso humano. O trabalho é, portanto, o fundamento antropológico das relações econômicas e sociais em geral. Ou seja, em resumo, o que Marx propõe é a Antropologia do homo faber". (GORENDER, 1983: XXV)

No texto em que propõe a reconstrução do materialismo histórico, considerando-o como uma teoria da evolução social, de que a teoria do desenvolvimento capitalista seria apenas parte, Habermas toma os conceitos de "trabalho social" e "história do gênero" como fundamentos para a análise da obra de Marx. Relacionando evolução da espécie e evolução humana através dos pressupostos da teoria marxiana, o autor concebe como fundadores do homem e da sociedade, na longa escalada evolutiva dos primatas aos hominídeos e ao homem primitivo, o trabalho e a linguagem.

"Podemos assumir que somente nas estruturas de trabalho e linguagem completaram-se os desenvolvimentos que levaram à forma de reprodução da vida especificamente humana e, com isso, à condição que serve como ponto de partida da evolução social. Trabalho e linguagem são anteriores ao homem e à sociedade". (HABERMAS,

1990: 118)

As sociedades são classificadas por Marx de acordo com seus modos de produção. O conceito de modo de produção inclui as concepções de forças produtivas (o grau de desenvolvimento dessas forças) e de relações de produção (as formas de relações sociais de trabalho).

Trilhou-se um longo caminho na divisão do trabalho social para se chegar à organização do modo de produção capitalista, com a propriedade primitiva dos meios de produção e o trabalho livre.(8)

As teorias econômicas modernas dão muita ênfase à descrição e avaliação dos processos de trabalho. Assim, o trabalho é classificado de várias maneiras, de acordo com o seu produto, ou com a destinação da produção, ou com as relações de produção, o tipo de mão-de-obra empregada, etc: trabalho produtivo/trabalho improdutivo; manual/intelectual; qualificado/não qualificado, entre outros.

Nas sociedades atuais, temos o trabalhador cada vez mais dependente das relações de trabalho assalariado. Segundo Braverman, aquele trabalho que é precedido de um contrato ou acordo que estabelece as condições de venda da força de trabalho pelo trabalhador e sua compra pelo empregador.

"A produção capitalista exige intercâmbio de relações, mercadorias e dinheiro, mas sua diferença específica é a compra e venda de força de trabalho"  
(BRAVERMAN, 1977: 54)

Alguns fenômenos marcam as sociedades capitalistas subdesenvolvidas do terceiro mundo: o grande incremento

populacional; conseqüentemente, a forte pressão sobre os mercados de trabalho pela população jovem; o abandono do trabalho agrícola em função dos desdobramentos da complexa questão fundiária (cuja origem está na propriedade privada da terra, com os movimentos de concentração de sua posse, e seu parcelamento, a industrialização e mecanização da produção agrícola, etc); o êxodo rural determinando o afluxo de migrantes para a cidade, com o inchamento dos centros urbanos (o fenômeno das megalópolis, rodeadas por periferias desassistidas sempre em expansão), entre outros.

Por detrás de todos estes problemas estão as características e contradições inerentes ao modo de produção capitalista e às feições que seu desenvolvimento tem assumido nas economias do terceiro mundo, cuja análise transcende aos propósitos e ambições deste trabalho.

Mas é nesse quadro, numa cidade de porte médio de um país subdesenvolvido, que se movimentam os sujeitos objeto de minha pesquisa, no percurso do mundo rural ao mundo urbano, atrás de novas oportunidades de trabalho, oportunidades que não mais existem nas comunidades litorâneas e que são esperanças e promessas do mundo urbano.

A partir da reflexão sobre trabalho, destaco os conceitos de identidade e diferenciação social como necessários para tentar compreender a trajetória dos sujeitos na dinâmica do processo de transformação social.

Identidade como uma categoria fundamental à análise de sujeitos que constroem a consciência de si como indivíduos e como grupo, nas relações sociais.

Diferenciação social como uma categoria complementar e indispensável para a análise da realidade dinâmica em que estão inseridos os sujeitos que se adaptam a novas formas de atividades para prover sua reprodução social e material, na sociedade marcada pela divisão do trabalho e pela extrema desigualdade na valoração das forças produtivas, distribuídas entre os diferentes tipos de atividades.

Estivemos falando do humano. Da articulação sujeito-sociedade-cultura.

De que maneira, ou através de que processos, seres biológicos se transformam em seres coletivos, capazes de expressar a ordem social e simbólica de seus mundos culturais, nas palavras de Carlos Rodrigues Brandão.

Em termos de filogênese, os autores que analisam o longo processo do desenvolvimento da espécie humana, relacionam a hominização com a vivência coletiva (o que não basta para explicá-la já que outras espécies animais vivem em bandos organizados) e com o desenvolvimento de uma comunicação através da linguagem simbólica entre os membros de grupos, numa organização social das atividades produtivas especial (porque fundada em normas sociais, de acordo com Habermas), para tirar da natureza os bens materiais necessários à reprodução do grupo.

Em termos de ontogênese, através dos psicólogos interacionistas do desenvolvimento temos a visão do homem como um ser ativo, herdeiro de uma tradição histórico-cultural ao nascer, que na interação vai apreendendo os significados que os outros sujeitos de seu grupo atribuem a seus gestos, posturas, sons e, nesse processo desenvolve o pensamento, passando do

registro da ação e da simples expressão (inteligência prática), para o registro do simbólico, o social/humano transformado. Um ser coletivo que se vai individualizando na vida de relação, vivenciando e expressando a ordem social e simbólica de seu mundo cultural.

Brandão (op. cit.) se fundamenta em Marcel Mauss para fazer uma síntese retrospectiva de como se foi estruturando e desenvolvendo a noção de pessoa tal como a concebemos hoje, com toda a carga de individualidade de que está investida nas sociedades modernas (como as classificou Dumont na obra "O Individualismo").

## Identidade

As concepções de pessoa, de sujeito se construindo ativamente na interação com o mundo humano de relações e representações sociais (o mundo organizado pela linguagem e normas sociais para o trabalho), trazem embutida a questão da identidade. Um ser que, no convívio com outros sujeitos, constrói a consciência da realidade física e social e a consciência de si como sujeito. Que vai se individualizando à medida em que se diferencia dos outros sujeitos (à medida em que se percebe como um "eu", enquanto vai percebendo os outros como "não eu"). Identidade é um conceito de interesse multidisciplinar, relevante para as ciências sociais (no desvendamento da articulação sujeito-sociedade-cultura).

Vamos analisar alguns aspectos das implicações do tema identidade para a psicologia e a antropologia procurando relacionar suas versões (levando em conta que as duas disciplinas não têm visões homogêneas sobre o assunto) para mostrar que, ao contrário de divergirem, elas convergem. Em outras palavras, os processos socioculturais de caracterização dos grupos coletivos, não são opostos, em suas direções, aos processos de individualização dos sujeitos.

Para a antropologia que tem por objeto a observação do "outro", que estuda as organizações sociais humanas em suas especificidades culturais, a identidade cultural é de interesse privilegiado e o tema está intimamente ligado ao de etnia.

Para a psicologia, a identidade é a continuidade do processo de individuação do sujeito que toma consciência de si como um ser singular, à medida em que conhece o outro. O tema está ligado à questão da consciência (conhecimento, memória), além de estar associado à prática clínica.

O seminário sobre identidade realizado na Ecole des Hautes Etudes, College de France, em 1974-75, organizado por Jean-Marie Benoist e dirigido por Claude Lévi-Strauss, constituiu-se numa discussão já clássica na antropologia sobre a questão da identidade, e evidenciou tanto a interdisciplinaridade do tema, quanto a polissemia do conceito. A variedade de interpretações, enfatizando aspectos diferentes como definidores de identidade, segundo os diferentes autores, demonstrou a controvérsia do assunto, mostrando que a questão da identidade não é um falso problema, conforme colocara Lévi-Strauss na abertura do seminário.

Uma noção muito discutida na antropologia brasileira e introduzida pelos estudos de etnia de Roberto Cardoso de Oliveira, inspirado em Frederik Barth, é a de "identidade contrastiva"

"A identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, isto é, à base da qual esta se define. Implícita a afirmação do nós diante dos outros. Quando uma pessoa ou um grupo se afirma como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com que se defrontam. É uma identidade que surge por oposição. Ela não se afirma isoladamente". (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976: 5)

O autor analisa a identidade étnica como contrastiva, explicando o etnocentrismo e a ligação entre identidade étnica e valor "... através dos nossos valores não julgamos apenas os valores dos outros, mas os outros" (Ibidem: 6). Ele dialoga com Erikson, autor que percebeu esta relação entre identidade e valor em seus estudos sobre a confusão individual e a ordem social, no desenvolvimento do adolescente.

Uma questão importante ressaltada por Cardoso de Oliveira, a respeito de identidade nos seus estudos de integração de grupos indígenas à sociedade nacional, em zonas que caracterizou como de fricção interétnica<sup>(9)</sup>, foi a da manipulação da identidade indígena e da nova identidade nacional pejorativa de caboclo, pelos membros dos grupos em confronto, conforme as conveniências situacionais. Manuela Carneiro da Cunha (1985) também destaca este aspecto, em seu estudo sobre ex-escravos negos que retornaram do Brasil para a África e estabeleceram, pela manipulação de identidades, o monopólio do comércio com a Bahia.

Cardoso de Oliveira analisa a diferença entre os enfoques da psicologia e da antropologia sobre identidade, com base na diferenciação estabelecida por Erikson entre identidade e identificação. Considera que esta é pertinente à psicologia, ao tratamento do indivíduo, mas não adequada ao tratamento de uma identidade coletiva, cultural, como a identidade étnica, que ele concebe como um "precipitado" de identificações étnicas com propriedades próprias, não necessariamente as mesmas encontradas nos indivíduos.

O autor refere como naturais essas diferenças entre a visão antropológica e a visão psicológica de identidade. Penso, no entanto, que a caracterização da identidade cultural como contrastiva é tão fecunda para a antropologia como para a psicologia, definindo tanto o processo de constituição de uma identidade de grupo, coletiva, cultural, quanto a forma como se processa a constituição da identidade individual do sujeito, na relação sociocultural, como construção da consciência de si no contraste com os outros. As noções de "não eu" e "eu" sendo construídas paralelamente pelo sujeito cognoscente.

Distinguindo o interesse teórico pela trajetória biopsicológica da identificação, do interesse em compreender os mapas socioculturais que traçam os caminhos dessa trajetória para os indivíduos, Carlos R. Brandão afirma ser tarefa muito difícil separar a dimensão individual da construção e do exercício cotidiano da identidade, de suas dimensões sociais e socialmente simbólicas. Penso que não é o caso de separar, mas aceitar a similitude e o imbricamento do processo. As palavras seguintes do autor corroboram esta concepção:

"... as identidades são representações inevitavelmente marcadas pelo confronto com o outro; por se ter de estar em contacto, por ser obrigado a se opor, a dominar ou ser dominado, a tornar-se mais ou menos livre, a poder ou não construir por conta própria o seu mundo de símbolos e, no seu interior, aqueles que qualificam e identificam a pessoa, o grupo, a minoria, a raça, o povo. Identidades são, mais do que isto, não apenas o produto inevitável da oposição por contraste, mas o próprio reconhecimento social da diferença. A construção das imagens com que sujeitos e povos se percebem passa pelo emaranhado de suas culturas, nos pontos de intersecção com as vidas individuais". (BRANDÃO, op. cit.: 42)

O autor reforça sua colocação, citando Erikson, citação que reproduzo em parte:

"... estamos tratando de um processo 'localizado' no âmbito do indivíduo e, entretanto, também no núcleo central de sua cultura coletiva, um processo que estabelece, de fato, a identidade dessas duas identidades". (ERIKSON, 1972: 21)

Erikson concebe o desenvolvimento da identidade do ego, como resultante da superação de uma crise individual específica da adolescência. Uma "crise de identidade", em que o adolescente precisa se livrar de suas antigas identificações infantis com os pais, para se tornar adulto, pela constituição de seus próprios valores, sua identidade individual própria.

O autor estabelece assim, diferença entre identificação e identidade, considerando, no que chama de cronograma psicossocial, a introjeção, inicialmente, e a identificação, em seguida, como passos anteriores à formação de identidade, pelos quais "o ego se desenvolve numa interação cada vez mais madura com os modelos existentes" (Ibidem: 159).

"... a formação de identidade começa onde a utilidade da identificação acaba. Surge do repúdio seletivo e da assimilação mútua de identificações da infância e da absorção destas numa nova configuração, a qual, por seu turno, depende do processo pelo qual uma sociedade (...) identifica o indivíduo jovem ..." (Ibidem: 160).

Assim, as identificações são momentos anteriores e partes componentes da identidade, não são a identidade. (10)

Renato Mezan procurou mostrar a utilidade da psicanálise para compreender a interação entre psíquico e cultural no processo de formação da identidade.

"A identidade situa-se no ponto de cruzamento entre algo que vem de nós (o equipamento psíquico com o qual nascemos) e algo que vem de fora, isto é, da realidade externa. E, como dizia Freud em Totem e Tabu, na realidade externa o que existe é a sociedade humana, com as suas instituições e as suas normas". (MEZAN, 1987: 44)

Afirmando que a identidade não é algo natural, já que o sujeito pode perdê-la em determinados quadros patológicos, o autor coloca como resposta da psicanálise à questão sobre a sua procedência:

"(a) identidade vem: ... do processo a que chamamos identificação. E este processo de identificação resulta na constituição, dentro de cada um de nós, de um eu, isto é, de uma parte nossa que vai nos parecer a única, porque é apenas dela que temos consciência". (Ibidem: 45)

Com o apelo a estes dois psicanalistas pretendo mostrar que mesmo para uma versão da psicologia tida, simplificadamente, como determinista (o determinismo genético das pulsões psíquicas), a questão da constituição de um psiquismo como unidade diferenciada, inclui necessariamente a consideração do sociocultural (como seu componente, inclusive). Mostrar também que a distinção entre identidade e identificação não é isenta de divergências também na psicologia ou na psicanálise.

Jürgen Habermas considera que as pessoas produzem e conservam a identidade. Não é algo que lhes é meramente atribuído. E nesse processo de produção da identidade há um imbricamento do pessoal e do sociocultural.

Habermas diferencia uma identidade "natural", acoplada ao organismo, de uma identidade "constituída por papéis e mediatizada simbolicamente". Para ele a criança se torna pessoa na medida em que vai apreendendo a se localizar no seu mundo social, incorporando "as universalidades simbólicas dos papéis" e "as normas de ação dos grupos".

Uma identidade bem-sucedida do Eu (...) significa a capacidade peculiar de sujeitos capazes de falar e agir, permanecerem idênticos a si mesmos, inclusive nas mudanças profundas da estrutura da personalidade, com as quais eles reagem a situações contraditórias. Os sinais de auto-identificação, todavia, devem ser reconhecidos intersubjetivamente, a fim de poder ser fundada a identidade de uma pessoa. Distinguir a si mesmo dos outros deve ser algo reconhecido por esses outros. A unidade simbólica da personalidade, produzida e mantida através da auto-identificação, apóia-se, por sua vez, no fato de se estar inserido na realidade simbólica de um grupo, na possibilidade de se localizar no mundo desse grupo. Uma identidade de grupo que vá além das biografias individuais, portanto, é condição para a identidade da pessoa singular<sup>4</sup>. (HABERMAS, 1990: 78-79)

Carlos R. Brandão refere identidade aos nomes sociais dos tipos de pessoas, indicadores, por sua vez, dos status e papéis atribuídos aos sujeitos nos grupos sociais. (11)

A categoria identidade remete aos temas da semelhança e da diferença, à articulação entre igualdade e alteridade; contempla também a articulação entre as dimensões individual e sociocultural do sujeito; contém as idéias de consciência, memória, continuidade.

Não é somente através dos nomes que as pessoas dão testemunho de sua identidade, mas através de sua atividade, dos

papéis que desempenham.

Antonio Ciampa ressalta a importância da atividade-trabalho com relação à identidade, afirmando que o indivíduo precisa se tornar verbo para se identificar.

"Descobrimos que a noção de uma personagem substancial, traduzível por proposições substantivas, oculta de fato a noção de uma personagem ativa, traduzível por proposições verbais.

O indivíduo não mais é algo: ele é o que faz". (CIAMPA, 1987: 135)

Os sujeitos que pesquisei para elaborar minha dissertação de mestrado, usavam o trabalho como definidor importante da identidade. Eles se identificavam pelo substantivo, pelo nome, e complementavam sua identificação pelo verbo, pela atividade, conforme destacara Ciampa.

Analisei suas identificações, relacionando-as aos conceitos de trabalho acessório e trabalho principal, de Kaustky. (12)

Meus informantes me afirmavam que seus pais haviam sido lavradores, enquanto eles próprios se identificavam como pescadores. O que me chamou a atenção naquela oportunidade foi terem me relatado que seus pais também costumavam pescar diariamente, e eles mantinham em geral a lavoura "para o gasto", como diziam. Assim, a pesca, de trabalho acessório, tinha se tornado, naquela localidade, a atividade da qual dependiam principalmente para prover a subsistência da família.

"Podemos perceber, através destes fatos, que a maioria dos informantes, quando adultos, já tinha na pesca o seu trabalho principal e que sua auto-identificação está estreitamente relacionada a atividade econômica mais importante exercida por eles". (LAGO, 1983: 58)

Foi este dado, evidenciado pela pesquisa anterior, que me despertou o desejo de analisar mais detidamente a questão da identidade relacionada ao trabalho. Meu interesse é tentar compreender esta articulação dinâmica, viva, nas circunstâncias atuais, de modificação ou perda das referências de identidade antigas com a desagregação das formas tradicionais de trabalho no meio rural, determinando a necessidade de buscar novas atividades no meio urbano.

De acordo com Habermas,

"... pessoas singulares, que (...) podem dizer 'Eu' de si mesmas. Porque a produzem e a conservam, (...) elas têm uma identidade: uma identidade do Eu que não lhes é meramente atribuída. Isso se manifesta sobretudo em situações críticas, quando uma pessoa é confrontada com exigências que estão em contradição com expectativas surgidas ao mesmo tempo e igualmente legítimas ou também com as estruturas de expectativas experimentadas e assumidas no passado. Tais conflitos podem surgir da perda imprevista de ligações de inserção social, assim como do ingresso inesperado em novas posições e esferas existenciais ..." (HABERMAS, op. cit.: 78)

Este estudo, que se fundamenta na concepção de sujeito cultural que constrói a consciência de si, sua identidade contrastiva, no mundo de relações sociais fundadas na divisão do trabalho, tem, em consequência, como categorias básicas para a análise do objeto pesquisado, trabalho e identidade. Na realidade, faz um recorte no tema identidade, analisando-a enquanto referida ao trabalho: a auto-identificação dos sujeitos em relação às atividades que exercem para produzir sua sobrevivência. A identidade tornada verbo, como disse Ciampa.

A identificação é aqui tomada como parte constitutiva e componente da identidade, e a identidade como sendo construída pelo contraste entre eu e não eu. Desta maneira não enfatizo as

diferenças entre identidade pessoal, do sujeito, e identidade cultural, coletiva, do grupo. Ao contrário, procuro tomá-las como processos que se constituem de forma semelhante.

Há um componente de irredutibilidade nas concepções antigas e modernas da teoria da identidade, conforme destaca Guillermo Ruben(13).

Mas a identidade, como os significantes simbólicos culturais (e como as organizações sociais e os sujeitos, que constituem culturas e identidades como suas representações simbólicas), não é algo posto, acabado, mas, parafraseando Manuela C. da Cunha, algo "constantemente recomposto, investido de novos significados" e de novas identificações, na dinâmica dos processos psico-sócio-culturais.(14)

### Diferenciação Social

Uma última concepção teórica em que devo me deter se refere à questão da diferenciação social, complementar mas necessária à análise de sujeitos inseridos (e se constituindo) na dinâmica das organizações sociais.

O capitalismo produz diferenciação social.(15)

Pela sua própria lógica e organização, o modo de produção capitalista, baseado na separação entre capital (detentor dos meios de produção) e trabalho (com a força de trabalho transformada em mercadoria para ser vendida) e tendo como motivação intrínseca a acumulação do capital, pressupõe a divisão da sociedade em classes sociais diferenciadas e

antagônicas.

Os sujeitos se distribuem desigualmente entre as atividades produtivas e o trabalho é valorizado diferencialmente, como as demais mercadorias (o mercado é também mercado de trabalho).

Na separação entre capital e trabalho e na valoração desigual da força de trabalho, estão postas as condições para a diferenciação e hierarquização dos sujeitos sociais. Não se trata apenas da diferenciação entre capitalista e trabalhador industrial (burguesia e proletariado), mas da hierarquização e diferenciação do próprio trabalhador, pela valoração desigual do trabalho.

Para entrar na questão da diferenciação social, deparamos com a inevitabilidade da consideração do conceito de classe social e com as dificuldades de sua aplicação em sociedades cujos padrões de desenvolvimento fogem ao clássico modelo inglês de transformação do modo de produção feudal em modo de produção capitalista, conforme Marx o concebeu.

A aplicação de teorias a diferentes sociedades, com processos específicos de transformação, em momentos diversos de evolução de seus modos de produção, envolve o risco de se procurar amoldar a realidade ao modelo teórico, sem dar conta de todos os fenômenos que deveriam ser analisados, ou distorcendo sua interpretação. Corre-se também o risco de desvirtuar os conceitos, aplicando-os na interpretação de acontecimentos que divergem daqueles fenômenos de cujas análises os conceitos se originaram. (16)

A aplicabilidade do conceito de classe social tem sido problemática tanto nos estudos sobre a diferenciação nas sociedades rurais do Brasil, quanto nas análises de centros urbanos.

Senti esta dificuldade quando realizei a primeira pesquisa numa comunidade da Ilha de Santa Catarina, e precisei distinguir a população originária do local, da população de veranistas.

No trabalho referido, considerei que os veranistas e turistas poderiam ser caracterizados (a grosso modo) como pertencentes à pequena burguesia, enquanto os habitantes da comunidade, como vivendo em condições inferiores de assalariamento, muitos nos limites do sub-assalariamento, sendo que as situações de dominação que se evidenciavam entre as duas populações (com os moradores permanentes sempre em desvantagem), deveriam ser consideradas como situações de conflito entre classes sociais. Esta caracterização, no entanto, não entrou numa análise mais precisa da diferenciação entre os habitantes originais da comunidade, bem como na análise da diferenciação entre os veranistas.(17)

A questão é muito complexa.

No modelo clássico, Marx analisa a transformação dos trabalhadores rurais (os servos da gleba), pela expulsão da terra, em trabalhadores assalariados nas indústrias capitalistas. A formação do proletariado, classe dominada, da qual o capitalista, classe dominante, extrai a mais-valia(18), para a acumulação do capital.

A análise do campesinato sempre se constituiu em dificuldade para a teoria.(19)

Uma interpretação já clássica do processo de diferenciação em sociedades rurais foi produzida por Lênin (1974) que, em seu estudo do desenvolvimento do capitalismo na Rússia, analisou a diferenciação do campesinato em camponeses ricos, médios e pobres, mostrando como tendiam a se inserir, conforme suas origens e as transformações do campo, nas classes burguesa e proletária.

Shanin (1980), em estudos mais recentes, considerando outros países, demonstra como a transformação do campesinato pode se fazer por várias vias e não somente pela diferenciação e inserção dos camponeses nas classes sociais antagônicas, burguesia e proletariado. Para ele, explicando inclusive o processo de "recamponesação" que houve em alguns países, podem ocorrer diferentes formas de transformação do campesinato, às vezes dentro de uma mesma sociedade. Se o processo de diferenciação foi importante na transformação capitalista da agricultura, não foi exclusivo e nem sempre significou a proletarianização do camponês pela crescente acumulação de capital nas mãos dos ricos empresários rurais e urbanos, com a consequente expansão das indústrias e a oferta de empregos para o campesinato empobrecido. Como geralmente a acumulação da mais-valia ocorre fora da aldeia e das cidades interioranas, na metrópole, o que acontece não é a proletarianização do camponês, mas sim o processo de sua crescente pauperização, expresso pelos fenômenos do êxodo rural, das favelas, da população excedente, do sub-emprego rural e urbano, etc. Sob certas condições, de

acordo com Shanin, os camponeses não desaparecem, não se diferenciam em capitalistas e proletários, nem são simplesmente pauperizados, mas persistem, vinculando-se gradualmente à economia circundante, sendo, no entanto, marginalizados, à medida em que decai a importância da agricultura camponesa dentro da economia nacional. Constituem uma espécie de "acumulação primitiva" permanente, segundo o autor. A limitação fundamental de muitos trabalhos sobre o campesinato deriva, para Shanin, do fato de desconsiderarem a crescente intervenção do Estado na economia, pressupondo uma economia de mercado livre.

Todas estas considerações são exemplos dos complicadores que surgem ao se estudar um modo não capitalista de produção que, no entanto, convive com o sistema capitalista servindo à acumulação, e ao se tentar enquadrá-lo nos conceitos classificatórios da teoria.

Muitos autores têm se preocupado com questões epistemológicas e as relações teoria-práxis. Sobre a utilização do conceito de classe no estudo das sociedades modernas, algumas reflexões são importantes aqui.

David Harvey considera que três tipos de forças atuam na estruturação das classes sociais no capitalismo: uma força primária, básica, decorrente da relação capital-trabalho, que gera a estrutura dicotômica de classes, burguesia e proletariado; uma força residual, originada de formas anteriores de organização social, ou da relação entre um modo dominante e modos subordinados de produção (a sobrevivência ou dinamização do campesinato em alguns países capitalistas, seria um exemplo); e forças derivativas. Estas forças derivativas emergem,

"devido às necessidades de preservar os processos de acumulação do capital através de inovações tecnológicas e controlar as mudanças na organização social. Tais forças geram: 1- fragmentação das classes capitalista e proletária devido à divisão do trabalho e especialização funcional; 2 - classes distintas de consumo visando uma demanda variável e contínua; 3 - aparecimento de uma classe média burocrata, trabalhando na esfera do Estado e grandes empresas, devido à necessidade de se organizar a produção, circulação, distribuição e consumo". (CORREA, 1988: 61-2)\*

Harvey explica ainda como gerados também pelas forças derivativas da estruturação de classes na sociedade capitalista, os desvios de consciência de classe, pela internalização da ideologia da classe dominante, além do controle à mobilidade social através da criação de barreiras, para evitar a instabilidade que as transformações podem produzir. Como ressalta Corrêa:

"na medida em que estas forças atuam intensamente e durante um longo período de tempo, geram uma marcante fragmentação da estrutura social, ao mesmo tempo em que se verifica crescente concentração de atividades e população na cidade". (Idem: 62)

José Alvaro Moisés (1978) realizou um estudo sobre movimentos sociais urbanos ocorridos no estado de São Paulo e cujos protagonistas foram "as classes populares" conforme as caracterizou.

---

\*Lobato Corrêa faz uma síntese das concepções de HARVEY, David no artigo "Class structure in a capitalistic society and the theory of residencial differentiation." In: PEEL, CHISHOLM e HAGGETT (orgs.) Processes in physical and human geography. London, Heinemann, 1975.

Neste trabalho o autor cita Francisco Weffort, que utiliza a noção de "classes populares para designar a todos os setores sociais assalariados, semi-assalariados ou não assalariados, cujos níveis de consumo estão próximos aos mínimos necessários para a subsistência" (MOISES, 1978: 9). Em seguida o autor define o que ele próprio entende por classes populares:

"... quando tratamos de classes populares em geral, o que está em jogo é o conjunto dos setores sociais que vivem da venda de sua força de trabalho e que, como tal, integram o exército industrial de reserva, de que o empregador pode lançar mão para se apropriar da mais-valia que é produzida pelos operários industriais. A classe operária" ... "para existir, ela tem que se reproduzir e a sua reprodução só pode se dar em determinadas condições históricas. Ora, é notório que essas condições históricas incluem a constituição, pelo capital, de uma série de frações sociais que realizam trabalho improdutivo, mas sem as quais o capital não se viabiliza em sua reprodução, pois deixaria de ter à sua disposição a própria classe operária (que depende, para sua reprodução, daquelas frações 'improdutivas')" (Idem: 9-10).

O autor distingue aqui a classe operária de classe popular, mas enfatiza que as duas vendem sua força de trabalho. Enquanto que, da compra da força de trabalho do proletariado o capitalista tira a mais-valia, que permite a acumulação do capital e caracteriza este trabalho como produtivo<sup>(20)</sup>, do trabalho comprado às classes populares o capitalista não extrai diretamente a mais-valia. E, portanto, um trabalho improdutivo mas, como enfatiza Moisés, necessário à reprodução da própria classe operária que, em países como o Brasil, de acordo com o autor, depende para seu processo de constituição estrutural (como, de resto, o próprio capitalismo), de uma intensa mobilidade entre frações de classe.

Utilizando o referencial teórico gramsciano para análise de seu objeto, o autor se refere a classes trabalhadoras ou classes subalternas para significar o conjunto dos

trabalhadores urbanos.

O que não impede que em determinado momento da análise, procurando especificar as situações em que as classes populares se manifestam (e provavelmente pela intensa mobilidade entre frações de classe que ressaltou), inclua nesta categoria tanto o contingente de operários industriais, como os trabalhadores "assalariados engajados no chamado 'setor de serviços' que, tanto quanto os primeiros, nada mais têm, senão a sua força de trabalho para oferecer no mercado de trabalho" (Idem: 31).

Ao analisar a produção intelectual do país sobre classes sociais, Moisés identifica uma inter-dependência (não mecânica ou determinista, conforme enfatiza) entre discurso intelectual e discurso ou ação política.

Se, num primeiro momento toda referência às classes trabalhadoras era claramente discriminatória, elitista e autoritária, num segundo momento, mesmo entre os intelectuais de esquerda, as classes populares eram definidas negativamente, pela sua falta de organização, falta de consciência social, pela sua dependência das políticas populistas, sua heterogeneidade, etc.

O problema destes estudos, segundo o autor, constituiu em se aterem à análise estrutural das classes sociais, por um compromisso dogmático com a teoria clássica. Análises "estruturistas", como as caracterizou (Ibidem: 77). Só mais recentemente as classes trabalhadoras passam a ser vistas a partir das práticas em que se constituíram, como agentes ativos de sua própria história, nos movimentos populares dos quais foram atores, nas lutas políticas que protagonizaram.

Analisando o processo histórico de diferenciação das classes no Brasil (um país que, após a 2ª Guerra Mundial, passou por um processo acelerado de industrialização e urbanização, marcado pela proeminência do Estado sobre a sociedade civil), o autor assinala a emergência de camadas médias, entre as elites e as classes subalternas, formadas por profissionais liberais e pelos contingentes chamados a atuar nos aparelhos burocráticos do Estado.

O autor refere as origens das camadas médias e seu papel nas transformações econômicas e políticas do desenvolvimento do país, enquanto analisa o crescimento do poder e autonomia do Estado (a vigência de uma verdadeira "ideologia do Estado").

Eunice Durham criticou a forma como certos conceitos, e entre eles o de classe social, são utilizados pela antropologia brasileira, através do que caracterizou como "deslizes semânticos". Segundo a autora existe na verdade, a ausência do conceito de classe na produção antropológica recente sobre sociedades complexas pois, mesmo que se mencione a luta de classes ou não se ignore a estrutura de classes da sociedade brasileira, o conceito não é utilizado como "instrumento para delimitação dos objetos empíricos da investigação" (DURHAM, 1986: 27). Na realidade, o conceito de classes é despolitizado pelos antropólogos, à medida em que é feita uma valorização de sua dimensão simbólica, numa clara tendência culturalista, segundo a autora. Para os trabalhos de antropologia,

... o que é mais especificamente relevante é antes a estratificação dos segmentos sociais e a percepção dessa estratificação por parte da população. Por isso mesmo,

os termos clássicos da conceituação marxista, como burguesia e proletariado, são substituídos por termos descritivos como 'classes populares', 'classes trabalhadoras' ou 'camadas médias'. Preserva-se, desse modo, uma referência à problemática das classes sem entretanto enfrentar o problema da relevância específica dos resultados da pesquisa para essa problemática" (Idem: 27-8).

Durham ressalta que essa dificuldade com o conceito não é exclusiva da antropologia e que ela só tem estado ausente dos estudos que se ocupam especificamente de operários industriais.

Embora a autora esteja preocupada, em seu artigo, com aspectos epistêmicos da produção antropológica acadêmica, que se despolitiza na teoria, segundo ela, à medida em que se politiza em campo, pela identificação dos antropólogos com os sujeitos-objeto de suas pesquisas, penso que, mesmo que possa ter razão no que afirma, a causa do problema, com relação ao emprego do conceito de classe social, deva ser deslocada. Se o conceito só tem sido utilizado na dimensão que lhe conferiu a teoria clássica com relação aos estudos sobre proletariado, talvez seus "desvios semânticos" quando empregado na análise do conjunto (ou frações) de trabalhadores urbanos em sociedades complexas, se deva ao fato de não estar dando conta de todas as nuances dessa complexidade.

Relacionadas às sociedades européias de séculos passados, em cuja análise Marx desenvolveu sua teoria, as sociedades do terceiro mundo que se industrializam neste século, apresentam significativas diferenças.

Em primeiro lugar, a inexistência de uma economia de mercado livre, pela crescente intervenção do Estado na economia.

Acompanhando o crescimento do poder do Estado, o aumento do aparato burocrático nos diferentes níveis da administração pública, com as agências da burocracia localizadas em geral nos centros urbanos.

O fenômeno da urbanização em proporções inusitadas, com a especialização funcional, a diversificação dos serviços e a grande concentração de trabalhadores nas cidades.

Como fator relevante, o chamado "desenvolvimento desigual" do capitalismo do terceiro mundo, com a sobrevivência de modos de produção tradicionais, subordinados ao modo dominante de produção e a manutenção de formas arcaicas de relações de trabalho.

A transformação multilinear da economia agrária, com variadas formas de inserção dos trabalhadores rurais no modo de produção capitalista.

O extraordinário avanço tecnológico e suas conseqüências para países que apresentam, em geral, expressivo aumento demográfico, com forte migração das populações do campo para as cidades.

A intensa mobilidade horizontal entre as atividades em diferentes setores da economia, com grande instabilidade de emprego para as classes subalternas especialmente, pela baixa qualificação da mão-de-obra.

Como resultado de todos esses "complicadores" (e em virtude das próprias forças de estruturação do capitalismo, segundo Harvey), ocorre uma extrema fragmentação das classes sociais. Atestam essa fragmentação, tanto o crescimento das "camadas médias" entre a burguesia e o proletariado, como a

grande mobilidade das classes trabalhadoras entre as atividades industriais e a prestação de serviços na diversificação das funções urbanas, seja no mercado formal de mão-de-obra, ou informal.

A questão da consciência de classe como fator estrutural importante na própria constituição das classes sociais, parece ser uma dificuldade relevante para a aplicação do conceito de classe ao estudo de sociedades complexas atuais, que fogem aos moldes característicos das sociedades analisadas pela teoria clássica, apresentando expressivos contingentes de "camadas médias" e de "trabalhadores subalternos" que desempenham "serviços" na multiplicidade de funções urbanas.

As considerações negativas sobre as camadas populares na produção intelectual do país, analisada por José A. Moisés e outros autores, falam da heterogeneidade destes trabalhadores, sua insuficiente organização política, sua manipulação por parte das elites dirigentes, o problema de suas identificações flutuantes. Com as camadas médias as ambiguidades de identificações estão ainda mais marcadas, por uma ideologia de ascensão social. Todos estes aspectos se constituem em entraves para o desenvolvimento de uma consciência de classe por parte destes contingentes da população, e concorrem para dificultar a sua caracterização numa análise marxista.

Por outro lado, é impossível desconsiderá-los ou tentar enquadrá-los dicotomicamente, como componentes da burguesia ou do proletariado. Ou ainda, como "não classe".

Por todas estas questões, acredito que as concepções inspiradas em Gramsci de classes populares, classes

trabalhadoras e camadas médias, possam ser usadas sem despolitizar o conceito de classe social. Ao contrário, elas servem para marcar as especificidades dessas massas heterogêneas de trabalhadores que desempenham serviços em diferentes setores da economia (formal ou informal), recebendo salários que as colocam, muitas vezes em níveis próximos da sobrevivência (classes populares), enquanto a outros, permitem viver com graus relativos de conforto, ou desfrutando de bens que os aproximam dos padrões próprios da burguesia (camadas médias).

## QUESTÕES METODOLÓGICAS

Para estudar aspectos subjetivos, como os efeitos psicológicos da inserção do sujeito na sociedade em transformação, segui o modelo antropológico de pesquisa, já utilizado no trabalho de dissertação de mestrado.

Enquanto as correntes cientificistas das ciências humanas sociais procuram a objetividade, a imparcialidade da análise da realidade pelo distanciamento, a abordagem antropológica está marcada pelo profundo envolvimento do pesquisador com seu objeto de estudo.

O método antropológico vai além da observação das instituições e das práticas dos agentes sociais. Como "observação participante", leva o pesquisador a se deter na escuta da voz do outro, procurando penetrar no mundo de suas representações, no seu universo simbólico.

Além de não evitar a consideração dos dados subjetivos, a antropologia assume a subjetividade, tanto dos sujeitos pesquisados quanto do pesquisador, como parte da análise. (21)

Esta "marca distintiva" da abordagem antropológica da realidade social, torna mais explícita a dificuldade de analisar uma sociedade complexa em processo rápido e intenso de transformação. Não mudanças gradativas, inerentes à dinâmica do processo social, em que novas práticas e valores vão sendo introduzidos ou se desenvolvendo com vagar, provocando adaptações graduais e não traumáticas, mas transformações determinadas por contato intrusivo, brusco, intenso, provocando

choques culturais e a desestruturação das atividades produtivas e da vida material.

Felo envolvimento com o objeto, o método antropológico, desenvolvido a partir do estudo de sociedades de constituições e graus de complexidade menores, não evita os perigos de parcialidade e homogeneização nas pesquisas realizadas em sociedades capitalistas atuais, complexas e altamente diferenciadas.

Nos países do terceiro mundo as desigualdades são de tal ordem, que tornam temerárias as tentativas de uma análise abrangente. Isto porque, em função das desigualdades, as pessoas que convivem num mesmo espaço, na realidade habitam mundos paralelos em termos de oportunidades, expectativas e valores.

A articulação destes universos é tão difícil na análise teórica, quanto é complexa na prática. O pesquisador corre o risco de generalizar para toda a sociedade, ou maximizar, tanto a constituição física, quanto o mundo de valores e representações de uma determinada classe ou grupo, na medida de seu maior envolvimento ou identificação com os sujeitos que o constituem.

Atenta a essas dificuldades no sentido de procurar superá-las ou minimizá-las, fui para campo munida da experiência anterior de pesquisa com histórias de vida.

Realizei entrevistas gravadas que situaria entre o depoimento e a história de vida. Isto porque os informantes se estenderam livremente à respeito de suas vidas, embora seus relatos tenham se norteado por duas perguntas que fiz inicialmente, solicitando que me contassem suas experiências

escolares e de trabalho. Expliquei porque desejava e como utilizaria suas informações, mostrando o trabalho de mestrado e falando de sua continuidade.

As entrevistas foram realizadas durante todo o ano de 1989 e continuaram até março de 1990.

Esta pesquisa é também um estudo de caso, embora não se restrinja apenas a uma das comunidades da Ilha de Santa Catarina, já que o processo de transformação está ocorrendo em todo o seu litoral.

Procurei entrevistar homens e mulheres, profissionais de diferentes áreas, empregados e autônomos, descendentes de pescadores e lavradores, alguns deles tendo sido pescadores também. Fui buscá-los em várias comunidades da Ilha, bem como no centro e bairros de Florianópolis.

Comecei entrevistando netos do meu primeiro informante na pesquisa para a dissertação de mestrado. Mais precisamente iniciei o trabalho de campo com um dos meninos (agora moço) que entrevistara naquela ocasião, e cujas aspirações a respeito de estudo e profissão me despertaram o interesse pelo tema que procuro desenvolver agora.

A partir daí, busquei a geração intermediária, dos pais desses jovens, que tinham realmente vivido os dois momentos da transformação social: a vida na comunidade rural em sua infância e juventude e agora, quando adultos, a vida urbana, na própria localidade ou na cidade de Florianópolis.

Os contatos iniciais foram com conhecidos e como vinha, além disso, recomendada pelas pessoas que entrevistara anteriormente, tive facilidade em obter novos informantes.

Nesse tipo de "coleta de dados", os primeiros sujeitos entrevistados vão indicando outros, que por sua vez fazem novas indicações e assim por diante.

Consegui obter, em geral, os relatos das pessoas que tive interesse em entrevistar, embora nem sempre tenha sido fácil encontrá-las. Os imprevistos começaram a surgir com os profissionais mais velhos (a geração intermediária), que tinham dificuldade em marcar um horário para as entrevistas, entre seus afazeres. Mas houve somente uma recusa, de antiga professora de Canasvieiras, argumentando que preferia evitar relembrar o passado, pois isto a emocionava muito.

Procurei entrevistar também pessoas conhecidas, atenta aos critérios: local de origem, descendência, profissão e nível de escolaridade.

Interessavam-me tanto as pessoas que haviam estudado e eram aparentemente bem sucedidas no trabalho, como aquelas que haviam estudado pouco e eram bem sucedidas profissionalmente, e aquelas que, com bom nível de escolaridade ou não, tinham dificuldades profissionais, trabalhando em funções subalternas, ou no setor informal, ou ainda, estando desempregadas.

Procurei entrevistar também homens que continuam vivendo da pesca e professoras que atuaram nas antigas escolas das comunidades litorâneas.

As entrevistas foram realizadas em sua maioria, nas casas de meus informantes. Algumas foram concedidas em seus próprios locais de trabalho, em meio aos afazeres do pedreiro, ou na mesa do bar atendido pela entrevistada, procurando evitar seus ruídos normais, ou ainda, na beira do mar, com os

informantes lavando as redes de pesca, esperando os camaradas para iniciar a pescaria e gravando, nesses casos, tanto as suas falas, como o barulho das ondas. Três informantes preferiram vir até a minha casa para prestar seus depoimentos.

Assim como as profissões dos sujeitos pesquisados foram as mais diversas, seu nível de escolaridade também variou muito, indo desde a alfabetização ou semi-alfabetização (alguns cursaram um ou dois anos do primeiro grau), até o mestrado e doutorado.

Foram entrevistadas ao todo 22 pessoas.

Mantive, durante toda esta etapa, um diário de campo onde anotava as circunstâncias do trabalho e as observações que fazia, as associações que me ocorressem, etc.

A revisão bibliográfica, iniciada enquanto cursava os últimos créditos do doutorado, foi sendo feita de maneira intermitente, conforme a fase de andamento da pesquisa e paralelamente à transcrição e análise inicial das entrevistas.

Numa outra etapa do trabalho, pesquisei dados sobre turismo, população e atividade econômica de Florianópolis, em repartições públicas e privadas como: PROTUR, Prefeitura Municipal (no Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis e Secretaria de Turismo), Secretaria de Planejamento do Estado, Departamento Estadual de Geografia e Estatística, Centrais Elétricas de Santa Catarina.

Num determinado momento da reflexão sobre a estrutura do trabalho que deveria escrever, ficou clara a necessidade de dividir a tese em partes distintas: uma que trataria dos dados empíricos obtidos com as entrevistas e observação dos sujeitos

objeto da pesquisa e a outra, inicial, referente ao local da pesquisa - a Ilha, suas características físico-espaciais e a dinâmica de seu processo de transformação.

Além de me rodear de mapas da Ilha fiz várias excursões pelas localidades litorâneas, fotografando os lugares que procurei descrever.

Estive atenta às notícias dos jornais sobre a gente, a cidade, seus arredores, a Ilha toda.

Durante todo este tempo andei muito pela cidade, retomando um contato mais estreito com ela, observando-a e observando as pessoas que a habitam, nela trabalham, convivem, alegram-se, sofrem. As pessoas que nela vivem.

Minha relação com a cidade se renovou e fortaleceu. Percebi que o "envolvimento" com os sujeitos objeto da pesquisa se estendia também para o espaço físico, este cenário dinâmico onde se movem os atores sociais.

"Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal" ... "Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico". (TUAN, 1980:5)

Assim, a topofilia, este envolvimento afetivo com a Ilha de Santa Catarina, suas praias, lagoas, seus verdes, seus caminhos, a cidade de Florianópolis, os flamboyans, as paineiras, o mar ..., tornou-se outro dado subjetivo a ser considerado como parte desta situação de pesquisa.

A história de vida, que se vale da entrevista para obter o relato oral do informante, com um mínimo de interferência do pesquisador, expressa a essência da abordagem

antropológica, no estar atento ao outro, deixar-se envolver por ele, calar a própria voz para escutar a sua, procurar desvendar sua visão de mundo através dessa escuta e observação atentas. É uma técnica que utiliza a fala como instrumento de pesquisa.

Algumas considerações a respeito das falas parecem caber aqui.

Primeiro, o fato dos trabalhos acadêmicos poderem ser redigidos atualmente de uma maneira mais pessoal, sem aquela forma de correspondência oficial, em que o pesquisador utiliza a primeira pessoa do plural para se referir a si próprio, buscando, pelo distanciamento na redação, a neutralidade, a objetividade (a supressão da subjetividade), é importante para este trabalho.

A antropologia e a psicologia, a despeito de suas correntes cientificistas, pela natureza mesma de seus objetos não sustentam uma postura distanciada e neutra.

Com relação à fala dos entrevistados, há uma tradição nos trabalhos que utilizam método antropológico, de reproduzir literalmente na redação a linguagem do informante, com todas as suas características, seus erros, fusões de sílabas, omissões de letras, etc. No entanto e de acordo com a mesma tradição, a fala do entrevistador é reproduzida literariamente, na forma gramatical correta, como se ele se expressasse assim no cotidiano, sem vícios de linguagem, sem omissões de letras no final das palavras, como se sua fala fosse de antologia gramatical.

Este assunto já foi abordado em algumas defesas de tese a que assisti, mas sempre por examinador de outra área e

não por antropólogos, para quem a questão parece ser pacífica. Penso que o antropólogo deveria despertar para o possível etnocentrismo embutido nesta postura. Poderia evitá-lo, não corrigindo a linguagem dos entrevistados, mas deixando de corrigir, no relatório escrito, a sua própria fala, reproduzindo-a com suas características discursivas, seus vícios, regionalismos e os erros gramaticais que porventura pratique.

Finalmente, com relação à fala das pessoas entrevistadas para esta pesquisa, devo salientar que a linguagem do florianopolitano descendente dos açorianos, é muito característica. O ilhéu fala chiado e "cantando", com uma entonação ondulante de frase. Também costuma falar muito rápido, o que contribui para dificultar a compreensão do que diz, por parte das pessoas desacostumadas à comunicação com ele. Seu chiado, bastante pronunciado, resulta do fato dele acrescentar ch ao som do s (tresch e não três). Além das expressões características, tem um modo específico de conjugar o tempo passado na 2ª pessoa do singular. Ao invés de dizer fizeste, cantaste, ouviste, o ilhéu diz tu fizesse, cantasse, ouvisse. É a forma popular e costumeira de falar, mesmo entre pessoas instruídas.

É um linguajar bem típico, que utiliza expressões portuguesas antigas, não usadas no resto do país.

Como todos os modos regionais característicos de linguagem, a fala do florianopolitano se constitui em parte da identidade cultural da população da Ilha de Santa Catarina.

É um traço distintivo de identidade a ser exibido com orgulho ou a ser disfarçado com vergonha, conforme seus portadores sejam aceitos e valorizados ou, ao contrário, denegridos, como acontece muito com as populações de origem rural e pobre.

Tendo procurado tornar claros todos os meus envolvimento com o objeto de estudo, presentes na própria opção por uma determinada metodologia de pesquisa, ressalvo que a única objetividade que persigo é a análise correta e útil da realidade diferenciada (humana-social e ambiente) com a qual convivo.

## NOTAS

- 1 Conceção utilizada no sentido que lhe confere Roberto Cardoso de Oliveira

"Para mim, uma matriz disciplinar é a articulação sistemática de um conjunto de paradigmas, à condição de coexistirem no tempo, mantendo-se todos e cada um ativos e relativamente eficientes". (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1985: 193).

O autor distingue paradigma de matriz disciplinar, ressaltando a diferença entre as ciências naturais e a antropologia social, no sentido de que nas primeiras, os paradigmas se sucedem num processo contínuo de substituição, enquanto na antropologia (e eu generalizaria para as demais matrizes disciplinares das ciências sociais) diferentes paradigmas costumam conviver simultaneamente.

- 2 Adam Kuper, no livro Antropólogos e Antropologia, chama a atenção para este dado da biografia dos autores citados, atribuindo-lhe significado importante na busca de métodos objetivos e de estatuto científico para as jovens ciências sociais.

- 3 A categoria indivíduo remete à psicologia, que tem por objeto o seu estudo: como se constitui subjetiva e objetivamente, de que forma se comporta, como conhece e se relaciona com o mundo de outros seres vivos e objetos. Remete também a uma forma de vida cada vez mais individualista (no sentido de referida ao próprio sujeito e seus interesses, e não ao coletivo), típica das grandes metrópoles da sociedade pós-revolução industrial. Louis Dumont (1985) caracteriza como definidora das sociedades modernas, em comparação às tradicionais, a ideologia do individualismo. Gilberto Velho, em diferentes textos em que analisa a questão da individualidade (1983, 1986, 1987), enfatiza ser conveniente falar de individualismos, já que são várias as suas versões. No artigo "Individualismos e Desmapeamento: Antropologia e Psicanálise" (1983), Velho distingue duas concepções de indivíduos: na tradição da sociologia compreensiva alemã, em que o indivíduo é a unidade universal, e que pressupõe uma relação constituinte e indissolúvel entre o particular e o geral (o indivíduo e o todo social), e na tradição da sociologia francesa, em que a idéia de indivíduo traz imbricada a concepção de particular e único. O conceito de indivíduo parece ter perdido a conotação de unidade universal e está impregnado da característica de "ser único". Além disso, a própria designação tem embutida a idéia de ser indivisível. A linha de psicologia que utilizo como referencial maior para pensar o humano,

concebe o sujeito como uma unidade diferenciada. Por estas razões, procuro evitar o uso do termo indivíduo.

A categoria sujeito envolve múltiplas e variadas concepções.

O sujeito epistêmico, abstrato, de Piaget, pouco tem a ver com o sujeito sociológico na concepção marxista (por exemplo), que se auto-constrói no social. Ou com o sujeito do discurso, na lingüística. Ou, ainda, com o sujeito psicanalítico, que não exclue o inconsciente. Apesar dessa polissemia, utilizo o termo por maior aproximação pessoal com as concepções marxista e psicanalítica de sujeito.

- 4 No livro Cultura: um conceito antropológico, em face da amplitude da categoria cultura, e concordando com Geertz, que vê como um tema importante e atual da disciplina, delimitar e tornar teoricamente mais eficiente o conceito, Roque Laraia traz a contribuição de Roger Keesing que, em seu artigo "Theories of Culture", classifica as teorias antropológicas modernas em dois grandes grupos, conforme a concepção de cultura. A cultura é vista, no primeiro grupo, como um sistema adaptativo. No segundo, estão reunidas as diferentes teorias idealistas de cultura. Sem fechar a questão do conceito, o autor procura demonstrar como a cultura opera.
- 5 Para este trabalho, ressalto o aspecto que interessa na teoria de Piaget, qual seja, a forma como o sociocultural é concebido como componente do processo de desenvolvimento. A sua versão interacionista do desenvolvimento cognitivo. Procurando me redimir pela simplificação e empobrecimento de uma contribuição teórica complexa e elaborada, com desdobramentos tão importantes para a ação pedagógica, remeto à fecunda obra de Jean Piaget, cuja maioria dos títulos está traduzida para o português.
- 6 Outros autores são importantes para compreender o desenvolvimento cognitivo como um processo dialético de individuação através da interação social. Remeto às obras de Alexis Leontiev, "O desenvolvimento do psiquismo" e Henri Wallon, "Do ato ao pensamento", especialmente.
- 7 Uma observação de caráter epistemológico: se até pouco tempo atrás era difícil realizar um trabalho acadêmico sem utilizar as categorias do materialismo dialético para a análise da realidade social nos nossos jovens cursos de pós-graduação, recentemente, com as mudanças políticas que ocorrem no leste europeu, parece que caímos na tendência oposta. Como ressalta com lucidez Maria Célia Paoli

"... a demolição do velho e a construção do novo se deve menos ao movimento interno das categorias de análise e muito mais à emergência concreta dos movimentos sociais, de suas demandas e suas práticas políticas ..." (PAOLI, 1987: 55)

Os movimentos sociais naqueles países e as mudanças políticas que provocam, parecem ter posto em xeque todo o

quadro teórico marxista e agora se deve justificar a utilização de seus conceitos. Corre-se o risco, ainda, de jogar fora a criança junto à água do banho ...

8 Conforme destaca Hugo Lovisoló:

"'Trabalho livre' ou 'trabalhador livre' é uma relação social na qual: a) os trabalhadores estão separados de suas condições de produção e reprodução; b) sua vinculação aos meios de produção realiza-se no mercado, no qual sua força de trabalho é uma mercadoria; c) a extração da mais-valia aparece como sendo produzida pelos mecanismos de mercado". (LOVISOLÓ, 1989: 50)

9 Se, num primeiro momento, os fenômenos étnicos foram estudados pelo autor ao nível das relações sociais, o desenvolvimento da noção de fricção interétnica, apontando para os aspectos conflitantes dessas relações, dirigia a análise para a dinâmica do contato interétnico, chamando a atenção para "... a dimensão ideológica daquelas relações, ou seja, suas próprias representações" (CARDOSO DE OLIVEIRA, op. cit.: XIV)

10 Na concepção do matemático Jean Petitot, um dos participantes do seminário dirigido por Lévi-Strauss, a distinção entre identificação e identidade estaria na intersecção entre desejo e realidade, na existência de uma área de coincidência entre identificação, o que se deseja ser, e identidade, o que se é.

11 Citando Ralph Linton, Brandão esclarece:

"... o papel 'representa o aspecto dinâmico do status. O indivíduo é socialmente investido num status e o ocupa em relação a outros status. Ao efetuar os direitos e deveres que constituem os status, está desempenhando um papel'. (LINTON, 1962: 133-134). A idéia de que não só os status e papéis, mas as identidades, precisam ser compreendidas através da gramática das relações de direitos e deveres foi desenvolvida por Ward Goodenough ..." (BRANDÃO, op. cit.: 36)

12 Fundamentada no estudo de Kautsky sobre a questão agrária na Alemanha, resumi suas concepções:

"De acordo com Kautsky, a perda e o parcelamento da terra ameaça de desagregação a pequena exploração camponesa. Num primeiro momento, a família do camponês busca, numa atividade suplementar ou trabalho acessório, manter a condição camponesa. O trabalho acessório, se ajuda, de início a manter esta condição, passa a exigir a maior parte da energia da família, levando ao descuido com o cultivo da propriedade e à sua conseqüente redução, seja por venda ou arrendamento. Desta forma, o camponês vai se tornando cada vez mais dependente do trabalho acessório e chega um momento em que este se constitui na principal fonte de subsistência da família". (LAGO, 1983: 14)

13 Analisando a categoria identidade em suas formulações clássicas, nas obras de Hegel e George Mead e no pensamento social contemporâneo, Guillermo Ruben procura definir as continuidades e diferenças fundamentais nas concepções de identidade nas duas versões. Destaca como dissemelhança a descentralização da figura do "outro" efetuada pelas teorias contemporâneas e, como continuidade, a noção de

irredutibilidade presente tanto na teoria clássica como nas atuais:

"... dentro da teoria da identidade, a idéia de irredutibilidade funciona estabelecendo, simultaneamente, a marca e os limites, socialmente elaborados, que permitem a reprodução da sociedade, evitando a cisão entre esta e o indivíduo, ou seja, a desagregação social. A irredutibilidade funciona como marca no sentido da dimensão etnográfica (do real), elaborada social e historicamente e retida no interior do grupo, consciente ou inconscientemente. Tratar-se-ia de algo como a representação coletiva (no sentido de Durkheim), escolhida e privilegiada pelo grupo para ser empregada como marca distintiva". (RUBEN, 1988: 88)

- 14 Os sujeitos que pesquisei estão vivendo situações de mudanças sociais rápidas e violentas, de choques culturais entre modos de vida tradicionais e novos modo de viver, em sociedades urbanizadas. Como o trabalho é fator de suma importância na estruturação de modos de vida característicos e as formas de trabalho estão mudando nas sociedade que estudo, relacionei trabalho e identidade nesta pesquisa. De maneira alguma pretendi estabelecer uma relação determinante entre as duas categorias. A questão da identidade é tão abrangente e complexa que julguei conveniente, do ponto de vista metodológico, abordá-la através deste recorte: analisando a identidade via trabalho. Mais precisamente, dentre a dinâmica das identificações em que se estruturam, constroem, reconstroem, as identidades, resolvi analisar as identificações profissionais (tradicionais e novas), nesta tentativa de estudar os sujeitos no processo de transformação social.
- 15 Não é o caso de discutir aqui outras estruturas sociais e sistemas econômicos, ideológicos, políticos, religiosos, do presente ou do passado, que igualmente produzem ou produziram diferenciação e desigualdade social, mas de analisar a realidade social na qual se movimentam os sujeitos objeto desta pesquisa.
- 16 Corroborando estas afirmações, temos a clássica divergência teórica entre autores marxistas, sobre a evolução do modo capitalista de produção no Brasil, alguns concebendo o país como feudal em seu período colonial, e outros opondo-se a esta interpretação. Caio Prado Jr. (1978) por exemplo, faz uma análise do desenvolvimento econômico do país em suas relações com a evolução do capitalismo internacional, posicionando-se contrário às chamadas interpretações dualistas da economia nacional, que concebem um Brasil agrário arcaico, convivendo com um Brasil industrial moderno e servindo de entrave ao seu desenvolvimento. Outro exemplo mais recente da discordância entre autores que seguem o paradigma dialético, está expresso no artigo de Luis Alfredo Galvão (1974), em que critica a utilização de conceitos marxistas feita por Francisco de Oliveira (1973). Em sua análise, fundamentada na evolução interna do modo de produção capitalista no Brasil, Francisco de Oliveira se opõe também às interpretações dualistas do

desenvolvimento econômico do país. Mas, de acordo com Galvão, além de utilizar mal conceitos dialéticos, como o de "acumulação primitiva", por exemplo, usa concepções desenvolvidas pela economia burguesa, como a classificação das atividades econômicas nos setores primário, secundário e terciário, concebida por Colin Clark, que não caberiam numa análise dialética.

- 17 No entanto, uma análise mais cuidada é necessária, para compreender a inserção dos sujeitos na dinâmica social. A população estudada, dos habitantes originais das comunidades litorâneas que, em face do processo de urbanização das praias, migra para a cidade ou, permanecendo nos balneários não pode continuar mantendo a sua atividade econômica tradicional, atualmente sobrevive, em geral, prestando serviços nas mais diferentes atividades, em troca de remuneração mensal. Da mesma forma, grande parte dos veranistas também vive de salários. São professores, médicos, dentistas, advogados, profissionais liberais ou funcionários públicos, além de comerciantes, empresários, etc. Os seus níveis de renda são os mais variáveis. Com relação aos turistas, os níveis de renda também são muito diferenciados, assim como as atividades econômicas que exercem. Temos os turistas de elite, que passam temporadas em hotéis e alugam mansões ou apartamentos de luxo, enquanto temos aqueles que alugam imóveis mais baratos, como temos os que veraneiam em campings, e até aqueles que simplesmente acampam em locais sem infraestrutura nem maiores despesas. Como enquadrá-los numa mesma classe social? Com relação aos moradores permanentes, as diferenças podem não ser tão marcantes, mas ocorrem também. Embora todos participem de uma vida comunitária, com valores culturais próprios, existe uma diferenciação social já de início. Possivelmente ligada à distribuição das terras, em relação à sua quantidade, à sua qualidade, ao empreendimento agrícola familiar, além de outros possíveis fatores. Em Canasvieiras, por exemplo, os proprietários de terras habitavam as encostas, onde plantavam. Os pobres, não proprietários, construíam casas nos terrenos de marinha, nas baixadas, perto da praia, e plantavam nas terras comunitárias entre a praia e as encostas, os "campos" de uso comum, posteriormente apropriados por particulares (LAGO, 1983). O que verificamos já na pesquisa anterior, é que esta diferenciação social esteve bastante ligada à atividade comercial, como também à posse de aparelhos de pesca, propiciada pelo sucesso do empreendimento agrícola, em alguns casos e, em grande parte deles, pela renda da pescaria sazonal "embarcada" no Rio Grande do Sul. O favorecimento político também não foi estranho a este processo de diferenciação social, durante todo o tempo em que vem se desenvolvendo. As diferenças de nível econômico entre os habitantes originários das localidades litorâneas, no entanto, não costumavam se traduzir em diferenças marcantes de modo de vida, como no mundo urbano e no mundo

rural do latifúndio, em que se diferenciam verdadeiras subculturas com valores e comportamentos próprios, determinando nítida segregação social. Na pescaria, os proprietários de aparelhos de pesca artesanal trabalhavam junto aos camaradas. Na agricultura, o dono de terras trabalhava com a família, sendo rara a figura do empregado (agregado). O "pombeiro" (vendedor ambulante) batalhava como intermediário, almejando tornar-se dono de venda. As atividades se diversificavam e, segundo os informantes, os mais "intimidadores" (trabalhadores) obtinham maior sucesso. Todos frequentavam a mesma escola, a mesma igreja, a mesma festa, partilhando o lazer, como partilhavam o trabalho. As propriedades particulares eram somente as terras de lavoura, as casas, os instrumentos de trabalho, os aparelhos de pesca, os animais, os engenhos. Mas, tanto nos engenhos como na pesca, o trabalho era comunitário, e o intercâmbio laboral, através do sistema de partilha, de arrendamento, esteve sempre presente na vida das comunidades. O que caracterizou a economia das comunidades pesqueiras anteriormente, foi a escassez da moeda, o sistema de troca, o pagamento em produto, com a produção para a subsistência propiciando certa autonomia em relação ao comércio (à venda). Economia camponesa, enfim. Os proprietários de terras, redes, barcos, animais, não dispunham também de moeda. As pessoas que tiveram mais acesso à moeda sonante foram, em geral, os comerciantes. Como generalizar, enquadrando todos os habitantes das antigas comunidades pesqueiras em uma determinada classe social? Por outro lado, como diferenciá-los em classes?

18 Mais-valia - No texto em que trata do cálculo do valor do trabalho como mercadoria, Marx explica como as horas de sobretrabalho se traduzem em uma mais-valia e em um sobreproduto. Relaciona diretamente o lucro do capitalista à expropriação de um sobretempo de trabalho, realizado pelo trabalhador e não remunerado. "A taxa de mais-valia dependerá" ... "da proporção existente entre a parte da jornada que o operário tem que trabalhar para reproduzir o valor da força de trabalho e o sobretempo ou sobretrabalho realizado para o capitalista" (MARX, 1982: 164).

19 A ortodoxia marxista, tomando o campesinato como formação econômica pré-capitalista, concebe que os camponeses, no sistema capitalista, pela perda e expulsão das terras, devam se transformar invariavelmente em proletários, em classe revolucionária, consciente, ativa na evolução do capitalismo para o comunismo. Foi a base do processo de "descampesinação" empreendido pelos comunistas russos, após a revolução de 1917 naquele país. Deveria haver uma transformação forçada dessa formação econômica, para dar curso à concepção evolucionista (unilinear), da transformação do modo de produção capitalista em modo comunista de produção.

Como o campesinato não tem apresentado esta tendência irreversível ao desaparecimento, com o camponês se transformando em proletário (segundo a lógica do modelo visto pelos marxistas ortodoxos) mas, ao contrário, em

muitos países persiste convivendo com o sistema capitalista, foram necessárias novas análises, novos estudos de caso, novas interpretações teóricas, para dar conta da realidade concreta.

## 20 Trabalho produtivo nas palavras de Marx:

"Como o fim imediato e o produto por excelência da produção capitalista é a mais-valia, temos que só é trabalho produtivo aquele trabalho - e só é trabalhador produtivo aquele que emprega a força de trabalho - que diretamente produza mais-valia, portanto, só o trabalho que seja consumido diretamente no processo de produção com vistas à valorização do capital (...) É produtivo o trabalhador que executa trabalho produtivo, e é produtivo o trabalho que gera diretamente mais-valia, isto é, que valoriza o capital". (MARX, 1978: 70-71)

## 21 Nas palavras de Da Matta:

"Afiml, tudo é fundado na alteridade em Antropologia: pois só existe antropólogo quando há um nativo transformado em informante. E só há dados quando há um processo de empatia correndo lado a lado". (DA MATTA, 1978: 34)

"É preciso cruzar os caminhos da empatia e da humildade" ... "(Antropologia Social) uma ciência interpretativa, destinada antes de tudo a confrontar subjetividades e delas tratar. De fato, neste plano não seria exagero afirmar que a Antropologia é um mecanismo dos mais importantes para deslocar nossa própria subjetividade" ... "É a admissão-romantismo e anthropological blues aparte - de que o homem não se enxerga sozinho. E que ele precisa do outro como seu espelho e seu guia". (Idem: 35)

SEGUNDA PARTE

O CENARIO E A DINAMICA SOCIAL

## C A P I T U L O 2

### O LOCAL DA PESQUISA

Capital do Estado de Santa Catarina, na região sul do Brasil, Florianópolis foi chamada de Nossa Senhora do Desterro ao tempo de sua criação e povoamento pelos vicentistas, no século XVII. Está localizada na Ilha de Santa Catarina e no continente fronteiriço, ao qual se liga por um sistema de pontes.

No século XVIII, quando Desterro recebeu um significativo contingente de colonos provenientes dos Açores, a situação da Província Cisplatina não estava definida e as fronteiras meridionais eram objeto de disputa entre Portugal e Espanha.

A estratégia de Portugal para manter o território, foi acelerar a ocupação do litoral e criar um sistema de defesa marítima que incluía a Ilha de Santa Catarina, onde se localizava o último e principal porto de desembarque do sul, antes do Prata.

Os colonos açorianos tinham, assim, as funções de ocupar a Ilha e produzir alimentos para abastecer as fortalezas nela contruídas para a defesa do território. Esses colonizadores, diferentemente do que ocorria na época com a colonização portuguesa em outras regiões do país, com produção voltada para o comércio de exportação em grandes latifúndios, desenvolveram um modo de produção agrícola em regime de pequena propriedade, com mão-de-obra familiar. Plantavam para a subsistência, comercializando eventualmente parte da produção e desenvolviam atividades artesanais. Caracterizavam-se, desse modo, como camponeses

e tinham na pesca seu trabalho acessório (BECK, 1979 e LAGO, 1983).

Os açorianos desenvolveram, na Ilha de Santa Catarina, um modo de viver característico, que perdurou em suas freguesias até meados do século XX.

A cidade de Desterro havia sido, no passado, um porto de relativa importância comercial e estratégica. Com a mudança das embarcações a vela para as máquinas a vapor e, posteriormente, máquinas movidas a óleo, tendo como consequência o aumento do calado dos navios, a atividade portuária comercial de Florianópolis foi perdendo importância. A medida em que o trânsito comercial por terra foi adquirindo maior significação no país, a capital de Santa Catarina foi ficando isolada dos estados da região sul e até das cidades do interior do próprio estado, pela deficiência de seu sistema rodoviário. A falta de uma estrutura econômica industrial, somada a este fator, determinou o aspecto de relativa estagnação que Florianópolis apresentou por várias décadas.

Alguns autores que estudaram o assunto ressaltam que, apesar de sua feição estacionária, a capital de Santa Catarina, como polo administrativo, beneficiava-se economicamente do desenvolvimento de outras regiões do estado. Enfatizam, no entanto, que estes benefícios não chegavam às comunidades da Ilha, havendo uma clara dicotomia entre seus núcleos de colonização rural e o centro urbano. Para Cardoso (1960) as condições rurais não mudaram muito no decorrer do século XIX e até meados do século XX.

Entre as décadas de 1950-1960, com a implantação de rodovias federais e estaduais, o relativo isolamento de Florianópolis foi quebrado.

De acordo com Lago (1968), as oportunidades decorrentes do próprio papel político da cidade, propiciaram os fatores que deram condições para o seu desenvolvimento, angariando recursos e financiamentos do governo federal para obras de base, com a construção de rodovias e o fornecimento de energia. As feições culturais da cidade foram se modificando, tendo contribuído expressivamente para isso, a criação da Universidade Federal de Santa Catarina. Outras instituições do governo federal tiveram muita importância no incremento da atividade econômica de Florianópolis, como a localização nesta capital da sede das Centrais Elétricas do Sul do Brasil (ELETROSUL), a incorporação do sistema telefônico do estado ao sistema nacional de telecomunicações, etc.

Assim, a cidade dinamizou suas funções político-administrativas e tiveram grande desenvolvimento o comércio, os serviços bancários e o setor da construção civil.

Florianópolis é hoje uma cidade de porte médio, que se expandiu, emendando com os municípios vizinhos de São José, Palhoça e Biguaçu, formando com eles o que os urbanistas chamam de área de conurbação(1). Se a considerarmos isoladamente, tem cerca de 250.000 habitantes. No entanto, se considerarmos os municípios vizinhos em que ela se prolonga, e cuja população em grande parte desenvolve sua atividade econômica na capital, teremos mais de 450.000 habitantes (conforme projeções demográficas elaboradas pela Secretaria de Estado de Coordenação Geral e

Planejamento, em Números de Santa Catarina 1987).

O setor de maior expressão no emprego de mão-de-obra em Florianópolis, é o de serviços.

Apesar dos incentivos oficiais para o desenvolvimento das atividades industriais no município, estas não têm um papel de destaque na sua economia. Excluindo o incremento de indústrias voltadas para o mercado interno, como confecção, alimento e mobiliário, a atividade industrial que possui significado expressivo em Florianópolis é a da construção civil.

Uma cidade situada numa bela ilha, de paisagem diversificada, com vegetação abundante, duas lagoas de águas mansas, inúmeros morros, contornada por dezenas de praias, algumas de mar calmo e tépido, outras de águas frias e revoltas, quase sempre límpidas e azuis, e se estendendo por um continente igualmente belo e recortado por praias, tem uma inclinação natural para as atividades turísticas.

A ampliação dos serviços de eletrificação, captação e distribuição de água e a implantação de um sistema viário moderno, ligando as localidades litorâneas ao centro da cidade, tornou as praias da Ilha acessíveis aos turistas. É grande a atração que elas exercem sobre os veranistas da capital, do interior do estado e dos estados e países vizinhos do sul.

Quando as estradas, os turistas, o progresso e a urbanização chegam às comunidades litorâneas, o resultado é a transformação de seu modo de vida tradicional. Mudanças nas atividades econômicas e transformações sócio-culturais.

- Onde estão e como são estas comunidades?

## Um Passeio pela Ilha

Para fazer uma descrição da Ilha de Santa Catarina, podemos buscar inspiração nos relatos dos antigos viajantes, ou na obra do escritor Virgílio Várzea (nascido numa das freguesias litorâneas), e circundá-la num aprazível passeio, que agora pode ser feito por carro e não em carroças, a cavalo ou a pé, como acontecia em outras épocas.

O trajeto poderia começar no coração (centro) de Florianópolis. A cidade se irradiou a partir de duas pontas de terra que se estendem da Ilha e do Continente e quase se tocam, formando um estreito que separa as duas baías de águas mansas e tépidas, com bonitas praias de areia grossa. Estas pontas, vistas no mapa, lembram pela sua forma, duas cabeças de cães. Neste estreito (que deu nome ao bairro continental mais antigo e populoso da cidade) estão construídas a ponte Hercílio Luz (com mais de 50 anos, agora fechada ao tráfego motorizado por não oferecer condições de segurança) e duas pontes mais modernas, de concreto, uma delas inaugurada recentemente, aliviando o trânsito dos veículos nas horas de "rush", já que grande parte da população estudantil e trabalhadora da capital mora nos bairros e municípios vizinhos do continente.

Do local onde se erguem as pontes, vê-se, de um lado, a Baía Sul, embelezada, na sua margem insular, pelos mastros da marina do Clube Veleiros da Ilha e com o mar vez por outra coelhado de velas, nas competições deste esporte. No lado direito

se estende a Baía Norte, orlada por larga avenida, onde se erguem modernos edifícios. E o local de maior valorização imobiliária da cidade, que os florianopolitanos se comprazem em comparar à Avenida Atlântica, no Rio, numa de suas tentativas de identificação com os cariocas.

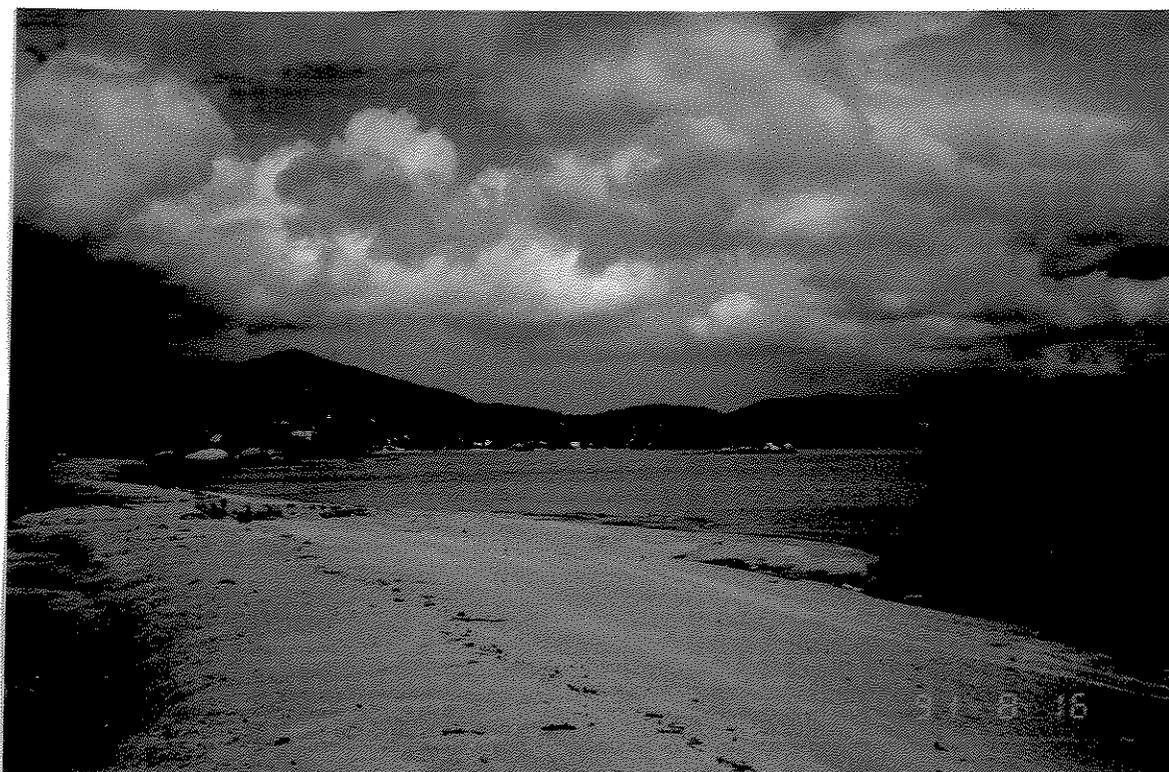
As duas baías sofreram processo de aterramento e hoje não mais existe o porto que recebia antigamente os navios da Marinha Mercante. Seguindo a Avenida Beira Mar Norte, com designações diferentes a cada trecho, no afã de homenagear sempre mais políticos e figuras influentes, caso que se repete com várias ruas da cidade, percorre-se toda a extensão da antiga Praia de Fora, com sua feição urbana moderna de agora.

Tomando a estrada que leva ao litoral no primeiro trecho da Av. Beira Mar, e passando ao lado do Cemitério das Três Pontas, no bairro do Itacorubi, chega-se ao Saco Grande que apresenta as margens da estrada ocupadas por estabelecimentos de destinação diversificada (lazer, empresas, comércio) e uma praia, no seu trecho litorâneo. É uma região periférica da cidade que recentemente está tendo rápida ocupação.

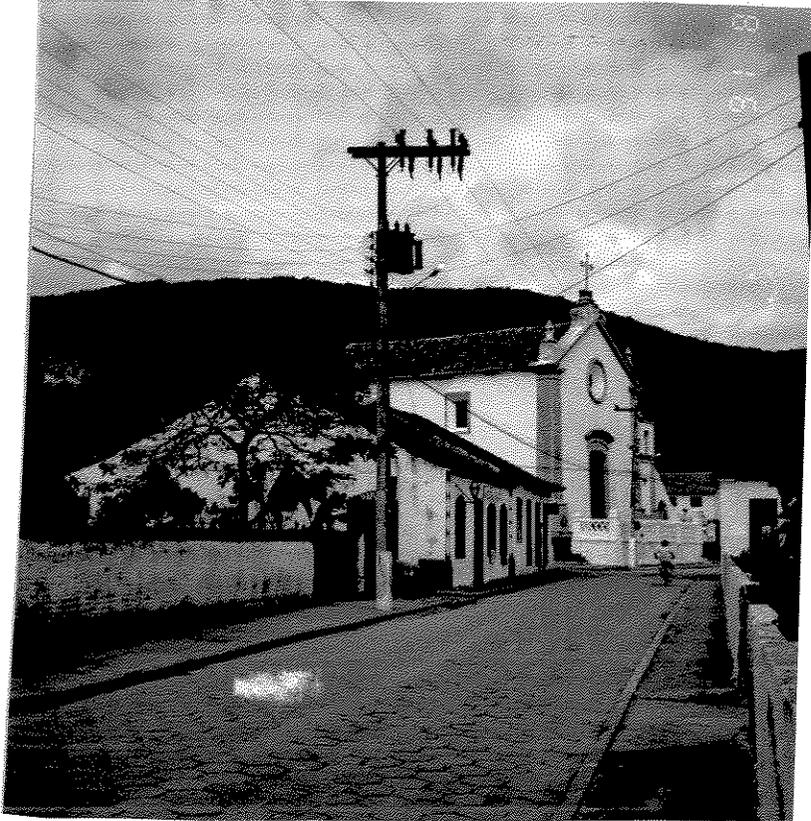


Continuando o trajeto, pode-se adentrar, ao lado esquerdo, pela estradinha que dá acesso à aprazível praia de Cacupé e seguindo por este caminho tortuoso, chegar à antiga localidade de Santo Antônio de Lisboa, com sua igreja, a praia Comprida, a pracinha, as casas coloniais e as poucas ruelas que conservam o calçamento original. Santo Antônio pode ser atingido com mais conforto pela estrada asfaltada e por suas condições de acessibilidade, ligadas à calma de lugarejo e beleza da paisagem é um dos locais procurados por novos moradores, que desejam fugir da agitação do centro urbano.

Praia de Cacupé



## Santo Antonio de Lisboa



Atravessando Santo Antonio de Lisboa e seguindo à beira do mar, chega-se à Sambaquí, onde ainda se encontram algumas poucas casas antigas, em estilo colonial açoriano. Para continuar o passeio, deve-se retornar de Sambaquí a Santo António, e retomar a estrada que liga o centro da cidade às principais praias.

Sambaquí



As praias de baía, tanto ao norte como ao sul, não são as preferidas pelos turistas e, desta forma, a pressão imobiliária não é tão forte sobre elas. São procuradas, em geral, pelos veranistas de classe média da própria cidade, que nelas constroem suas casas, convivendo com os moradores antigos. Não sofrem, assim, ainda, um processo tão violento de descaracterização.

A partir daí, as águas marinhas começam a apresentar diferenças das praias mais protegidas das baías, tornando-se menos tépidas e mais revoltas, embora não sejam tão frias, de ondas tão fortes e nem haja repuxo tão violento, como acontece com as praias de mar aberto, na face leste da Ilha.

Adentrando novamente à esquerda, chega-se à Praia da Daniela, com sua larga faixa de areia e a bela visão da Ilha de Anhatomirim. Ela não se constituía em freguesia anteriormente, razão porque agora é uma das praias que abrigam somente veranistas.

A Daniela limita com a Praia do Forte que termina, ao norte, na Ponta Grossa, onde se erguem as ruínas de uma das antigas fortalezas coloniais, que, em conjunto com o Forte de Santa Cruz, na Ilha de Anhatomirim, protegiam a cidade de Destêrro do acesso de embarcações inimigas (o que não impediu que ela fosse tomada pelos espanhóis, no século XVIII, por um curto período de tempo, até ser devolvida à coroa portuguesa, pela assinatura do tratado de Santo Ildefonso).

A praia seguinte é a de Jurerê, que possui um balneário mais antigo convivendo com a comunidade tradicional, ao lado de um moderno e ambicioso empreendimento de empresários gaúchos,

com residências de alto padrão, infra-estrutura de ruas, avenidas, arborização, clube, supermercado.



Jurerê, divisa com Canasvieiras



Continuando o percurso na direção norte, chegamos à Canasvieiras, a primeira praia da Ilha a sofrer o processo urbanizador de transformação em balneário.

Em Canasvieiras temos a "rua velha", com as casas dos antigos moradores (já agora convivendo com residências de veranistas, à medida em que escasseiam os terrenos mais próximos ao mar), e a avenida central, cheia de bares, restaurantes e estabelecimentos comerciais, cortada pelas ruas onde os veranistas construíram suas casas.



De alguns anos para cá as residências estão competindo, em termos de construção, com os prédios de particulares e os conjuntos de apartamentos, para venda e aluguel. Contrastando com a calma e solidão que imperam nas demais estações do ano, a vida de Canasvieiras no verão é bastante movimentada e barulhenta.

ta.

Limitando com Canasvieiras, está a Praia de Cachoeira do Bom Jesus e, mais adiante, a Praia de Ponta das Canas, tradicional colônia de pescadores.

Ponta das Canas



Com suas águas menos frias e ondas mais suaves que aquelas de mar grosso, estas praias de areias brancas são as mais procuradas pelos turistas argentinos que chegam ao Brasil nas férias de verão. Em continuidade com elas, a Praia da Lagoinha no extremo norte da Ilha, é reduto de argentinos, donos da maior parte das residências ali existentes e do hotel que nela construíram. São comuns as pousadas, hotéis, restaurantes, imobiliárias, etc., exploradas por argentinos também em Cachoeira e Ponta das Canas. Estas praias apresentam algumas características próprias, como as canchas de tênis nas residências e hotéis, pa-

ra atender aos gostos do turista portenho.

Depois da Lagoinha está a Ponta do Rapa, de onde se deve retornar, agora pelo litoral leste da Ilha, voltado para o mar aberto, com suas praias mais perigosas, com repuchos, correntes de águas frias, ondas altas e fortes - o mar grosso.

Tem-se, de início, a Praia Brava, que, deserta até há poucos anos atrás, foi palco de um grande empreendimento imobiliário e hoje abriga vários conjuntos de edifícios nos terrenos de baixada à beira-mar e algumas casas luxuosas de veraneio nas encostas.



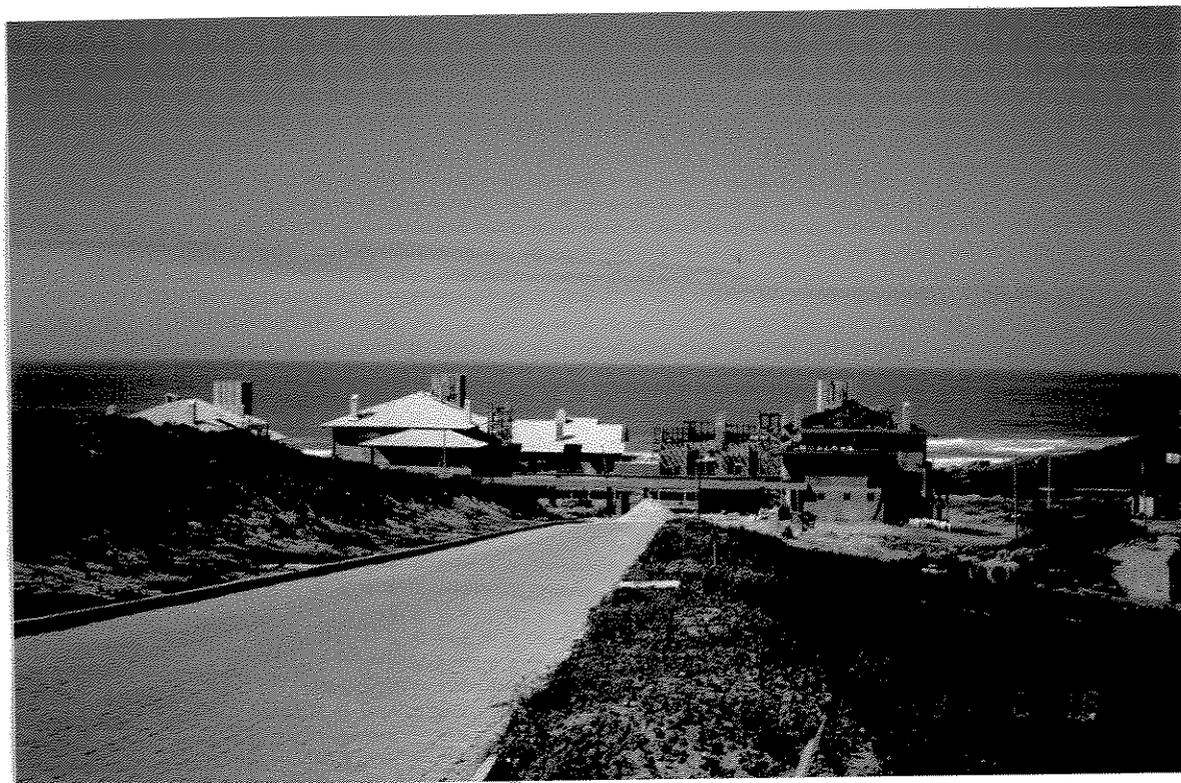
Mais adiante se encontra a Praia dos Ingleses, antiga colônia de pescadores que está sendo vítima de um processo agressivo de urbanização, com a construção de inúmeros hotéis e conjuntos de apartamentos na beira da praia, sem cuidado em man-

ter uma distancia adequada do mar, em ruas estreitas e mal traçadas, numa ocupação pouco ordenada.

Praia dos Ingleses



Continuando pelo litoral, em uma estrada secundária, chega-se à belíssima Praia do Santinho que termina, ao sul, num morro de presépio. Até recentemente ocupada apenas pela população rural, está em pleno processo de transformação, com a construção de muitas residências e o lançamento, através de cuidada campanha publicitária, de um grande empreendimento imobiliário, com apartamentos de padrão elevado, para população de alta renda.



Retornando aos Ingleses, toma-se outra estrada e passando pela localidade de Rio Vermelho, pode-se chegar à longa orla da Praia de Moçambique, ( ou Praia Grande), muito bonita e ainda pouco habitada, em cuja extremidade está a Barra da Lagoa. A praia de Moçambique está preservada pelo poder municipal e é ainda um local deserto, sem residências.

## Moçambique



O Rio Vermelho, com feições rurais ainda bem marcadas, foi um local onde se concentrava grande número de engenhos de farinha de mandioca, hoje já raros. Neste ano (1991) está se completando



o asfaltamento da estrada que corta a vila, ligando-a aos Ingleses e à Barra. Como consequência, já começou a corrida para a compra de seus terrenos, ainda acessíveis, mas se valorizando rapidamente. Dá para perceber o início do processo de aceleração das transformações nesta localidade, acompanhando os classificados dos jornais locais, na parte referentes aos negócios imobiliários.

A Barra da Lagoa é uma antiga comunidade de pescadores da Ilha. Sua transformação se evidencia pela proliferação dos bares e restaurantes que oferecem frutos do mar, à beira da praia. As ruelas são estreitas e sinuosas e nelas se confundem as casas dos veranistas com as dos antigos habitantes, mais rústicas. É um dos locais procurados para moradia por jovens preocupados com a qualidade de vida. Apesar da ocupação sem o mínimo planejamento, é uma localidade muito bonita, contornada pelo braço de água que liga a Lagoa da Conceição ao mar.

Barra da Lagoa

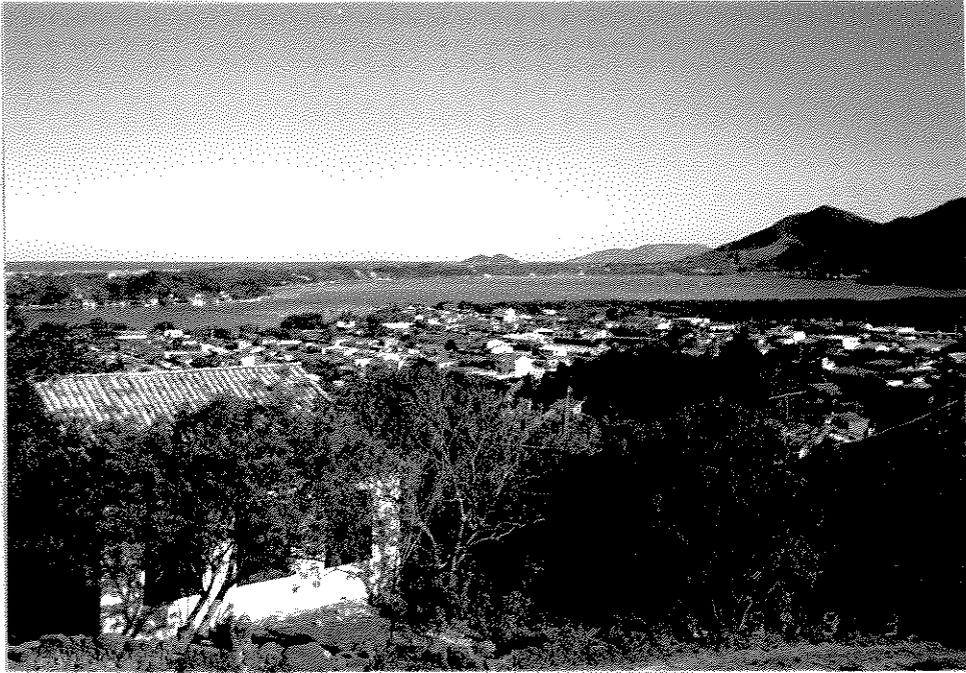


Para continuar o passeio pela Ilha, deve-se subir um morro íngreme ao topo do qual se descortina uma paisagem deslumbrante, em qualquer ângulo que se olhe. Atrás, vê-se a pitoresca vila da Barra, à direita e à frente se vislumbra parte da belíssima Lagoa da Conceição, um dos orgulhos maiores dos ilhéus e indubitavelmente um de seus cartões postais preferidos. Seguindo um pouco à frente têm-se, à esquerda, a Praia Mole, de areias fofas e mar revolto, procurada pelos jovens surfistas e de frequência mais elitizada, à medida em que a Praia da Joaquina se populariza. Da Praia Mole, andando a pé, pode-se ter acesso à Praia da Galheta, pequena e protegida.

Praia Mole e Galheta ao fundo



Retornando à estrada e seguindo mais adiante, chega-se ao outro lado do topo do morro, deparando-se com a Lagoa da Conceição em todo o seu esplendor de águas, dunas, vegetação.



Ao pé do morro, tomando à esquerda pela estrada que margeia os cômodos de areia, vai-se à Joaquina, praia de mar

Praia da Joaquina ao fundo, vista da Lagoa



bravo e gelado, limitada de um lado por uma ponta de terra que forma um bonito costão e estendendo-se, à direita, numa orla de areia e oceano (que se funde na Praia do Campeche, bem adiante). É uma praia conhecida, já que nela se realizam competições de surf, a nível nacional e internacional. Possui hotel, bares, restaurantes e uma rua transversa à estrada de asfalto, o conhecido "beco dos surfistas", onde moram adeptos desse esporte.

Retornando pelo mesmo caminho, chega-se à Lagoa da Conceição, numa das pontas de sua praia de águas tépidas e mansas, cuja beira se vai contornar. A Lagoa possui uma das igrejas mais antigas da Ilha, incrustada no morro que a separa do bairro de Itacorubi, na cidade (e como ela, antiga freguesia de Des-terro). É rodeada por restaurantes especializados em frutos do mar, que funcionam durante todo o ano e são pontos de frequência obrigatória para os visitantes da cidade. A beira da Praia da Lagoa existem pequenos postos de venda de rendas da Ilha, os fa-



mosos artesanatos de "bilros" e "tramóias", tecidos pelas suas rendeiras, uma das atividades açorianas tradicionais. A Lagoa é uma localidade antiga, dedicada anteriormente à pesca e lavoura, com recantos e comunidades ainda preservados, como a Costa da Lagoa, de difícil acesso por terra. Hoje está voltada para a atividade comercial e os produtos do mar que são oferecidos em seus restaurantes, já não são totalmente produzidos em suas águas.



Felo fato de ser tão bonita e estar tão próxima do centro da cidade, ela sofreu maior impacto de urbanização. De início, era procurada para residência por jovens em busca de formas alternativas de vida. Com a construção de um moderno clube de lazer, com projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer, rodeado de boas residências, vendidas para pessoas de classe média alta, foram se

implantando novos núcleos de moradia para profissionais da cidade. Nela habitam, assim, pessoas provenientes de diferentes categorias sociais, convivendo com os antigos moradores, aqueles que ainda permanecem. É preferida, em geral, por famílias de jovens, preocupados com uma vida mais sadia, em maior contato com a natureza. Estudantes e professores universitários costumam buscar seus recantos aprazíveis para moradia.

A pressão imobiliária, desta forma, é aí muito intensa, com fortes consequências para seus habitantes originais.

Contornando o bolsão sul da Lagoa por qualquer de suas margens, tem-se acesso à grande extensão da Praia do Campeche, com a ilha do mesmo nome à frente, embelezando ainda mais a paisagem.



Campeche era, até há pouco tempo, uma das comunidades agrícolas-pesqueiras típicas da Ilha, localizada numa de suas partes mais planas, com grande extensão (para os padrões ilhéus) de terras de plantio e pasto para gado. Hoje está sendo intensiva e desordenadamente ocupada.

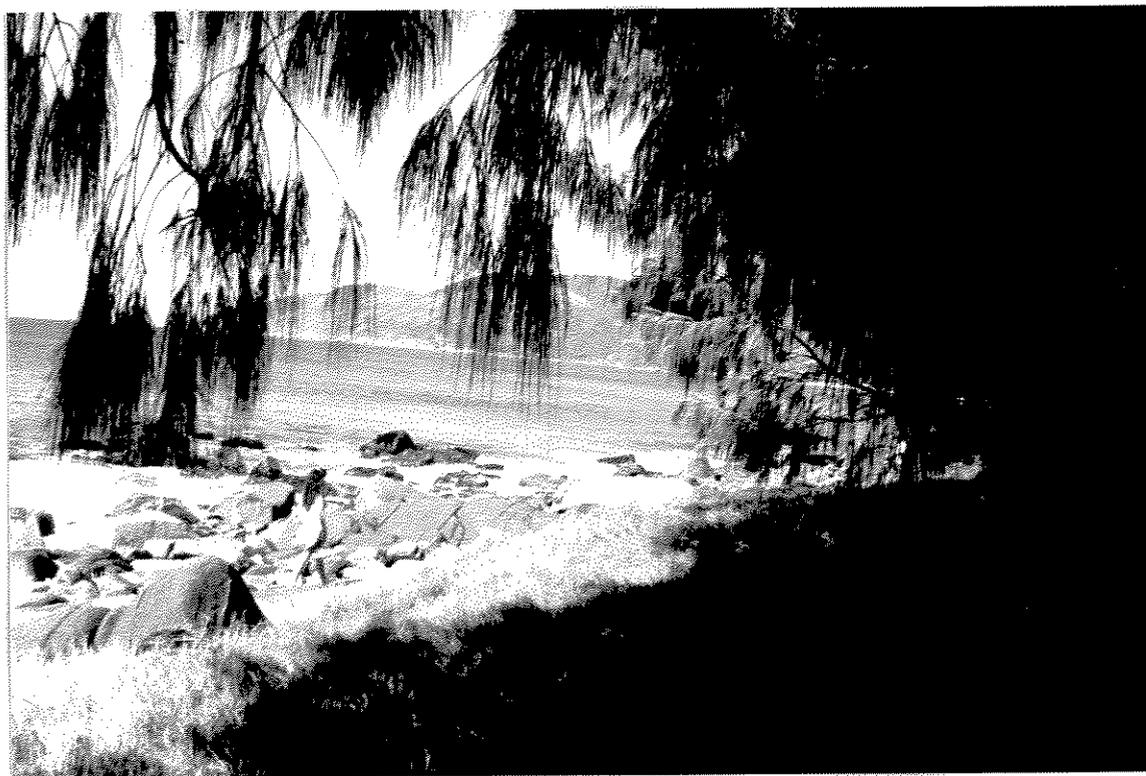
Retornando à estrada que se dirige ao sul, e entrando à esquerda no próximo trevo, chegamos ao Morro das Pedras, com sua casa para retiros religiosos (desde o último verão voltada também para hospedagem de turistas), de onde se descortina uma vista magnífica: à esquerda o mar aberto parecendo uma saia azul ondulando suas barras de rendas brancas, até terminar adiante no bonito morro da Praia da Armação; à direita, a Lagoa do Peri, rodeada por um parque municipal de preservação da natureza; em frente, a estrada dividindo a vegetação e dando acesso a outras praias e localidades.



A Praia da Armação ainda abriga pescadores, mas também se urbaniza. Seu morro, como o do Santinho, parece um presépio, verde e bucólico. Aliás, este morro é a Ilha das Campanhas, que só se liga à praia por uma língua de areia e pedra quando a maré está baixa.

Separada da Armação pela Ilha das Campanhas está a linda praia do Matadeiro, de difícil acesso. Até aí já existem casas de veraneio.

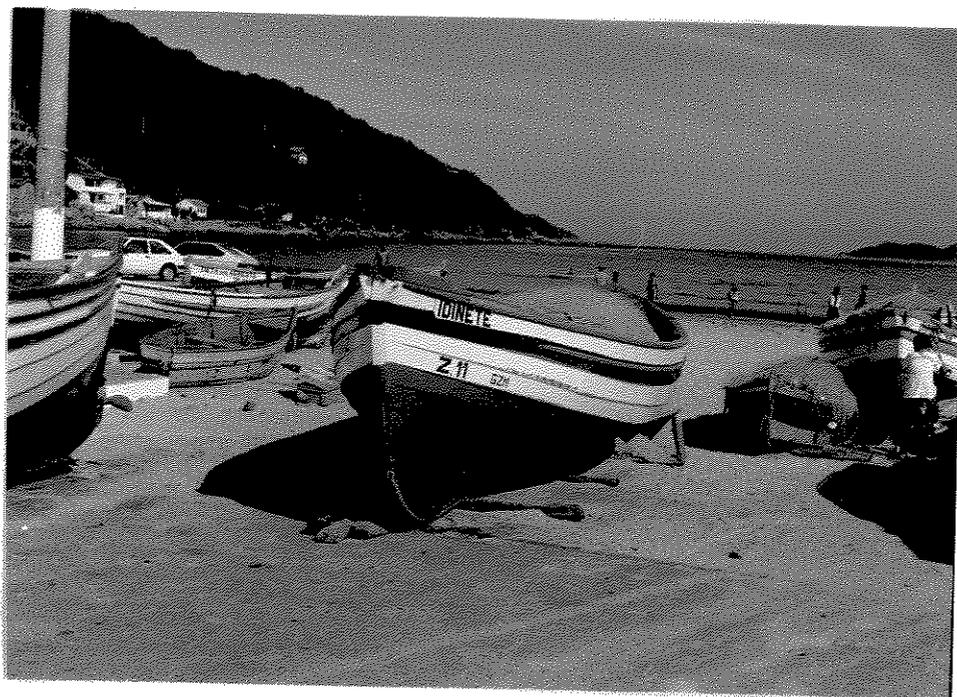
Ilha das Campanhas e Costão do Matadeiro, vitor do Morro das Pedras



Para se chegar à praia seguinte, a bela Lagoinha do Leste, deve-se dar uma boa caminhada em terreno íngreme e elevado.

Na continuidade do passeio, precisa-se retornar pela Armação, retomando a estrada de acesso às principais praias, para chegar até o Pântano do Sul.

Pântano do Sul é uma colônia de pescadores que procura manter as tradições, apesar de já ter tido uma área de terras loteada e ocupada por veranistas, um pouco afastada da comunidade dos moradores originais. É um local pitoresco, onde o vento sul, frio e úmido, bate com intensidade. O peixe aí ainda é abundante, e a vida gira em torno da pescaria .



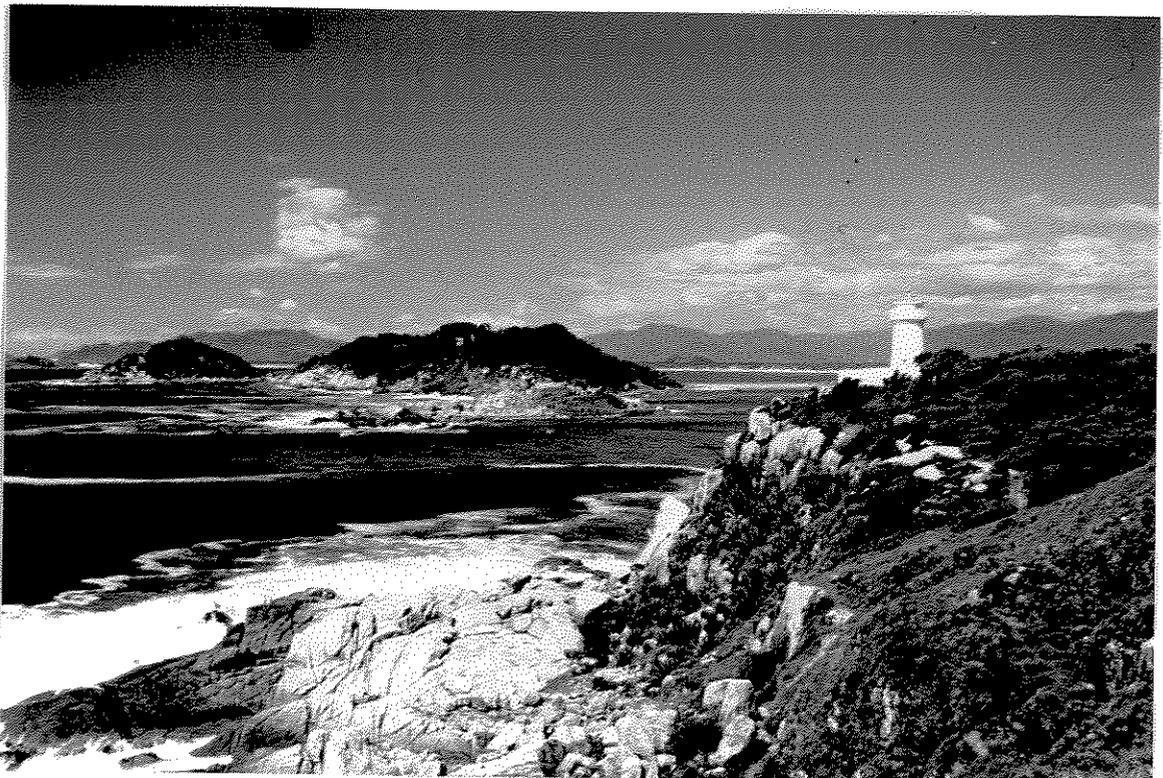
Para alcançar os bonitos recantos do extremo sul da Ilha, Praia da Solidão, Praia dos Naufragados, com a ilha fronteira que abrigou uma das Fortalezas antigas, o acesso é acidentado.

A partir deste ponto, começa o retorno para o local de partida, na face oeste da Ilha, fronteira ao continente e formando com ele a Baía Sul.

Praia da Solidão

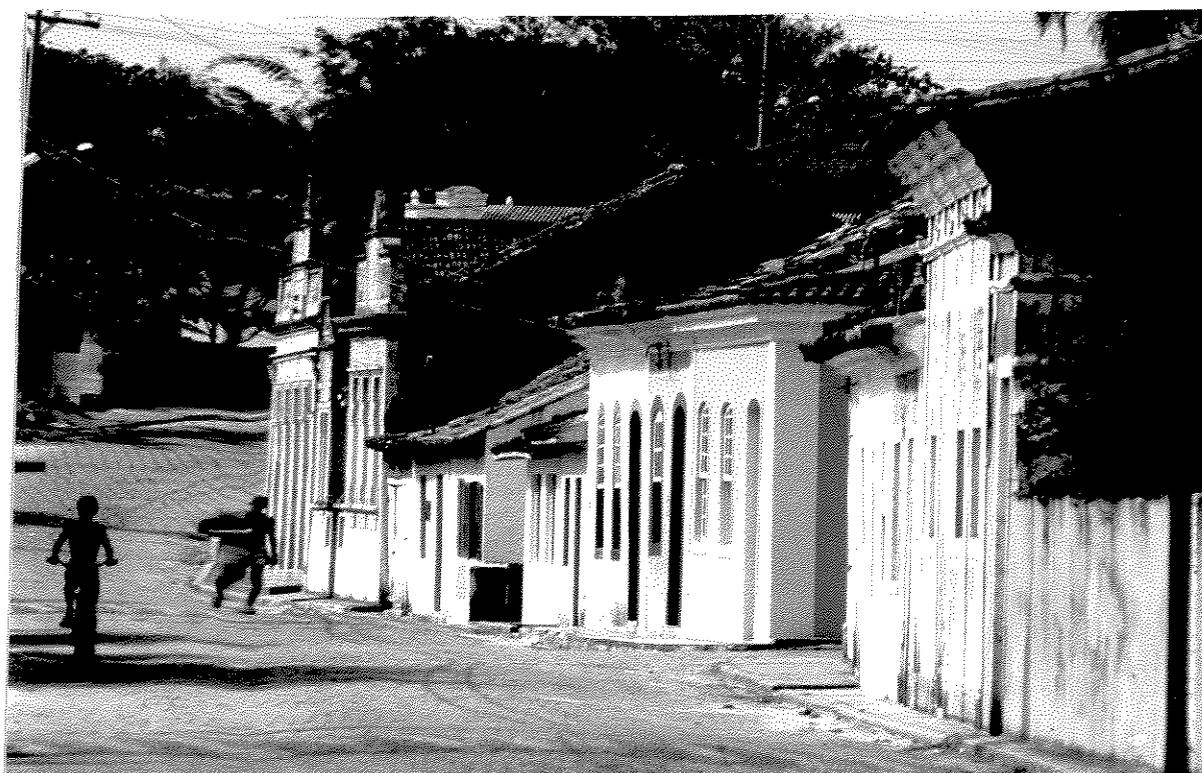


Nafragados



Agora há uma sucessão de pequenas praias e comunidades: Praia da Caiera, Praia Grande, Praia da Tapera, a Ponta de Caiacangaçú, com a Praia de Fora e a Praia da Ponta. São lugares onde os moradores antigos permanecem e as residências de veraneio são ainda esparsas.

Prossegue-se no trajeto, passando pela Costeira do Ribeirão da Ilha e alcançando a localidade do Ribeirão, mais adiante. Na orla do mar, entre os dois lugarejos, erguem-se casas de veraneio, à beira da estrada. O Ribeirão da Ilha é um dos locais de povoamento antigo e possui um belo casario açoriano e uma igreja bem preservada em frente à praça. E todo um traçado colonial que aí sobrevive. Se se acrescentar à beleza da arquitetura, a generosidade da natureza, pode-se entender a magia do local. A ocupação urbana não é agressiva, não fere a paisagem, parece adaptar-se ao modo de vida local, convivendo com a tradição .



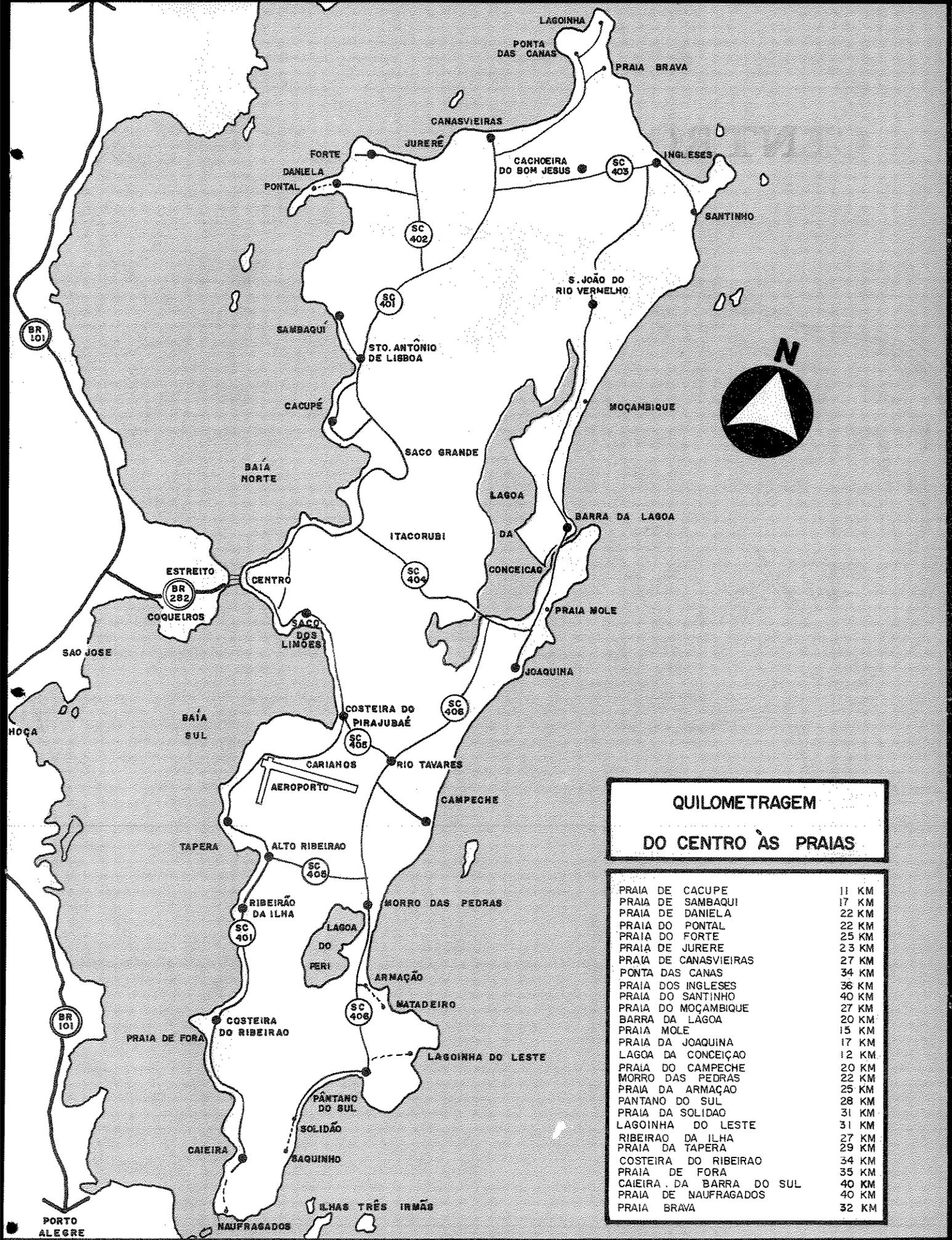
A seguir se alcança a Tapera do Caiacanga, onde se localiza o complexo da base aérea de Florianópolis, e, mais adiante, o Aeroporto Hercílio Luz. Daí se segue até o litoral da Costeira do Pirajubaé, e se chega ao Saco dos Limões.(2)

Saco dos Limões



Enquanto as antigas freguesias mais distantes do centro e populosas se tornaram distritos da cidade, as mais próximas foram incorporadas a ela como bairros periféricos. São os casos da Costeira do Pirajubaé, Saco dos Limões, Pantanal, Córrego Grande, Trindade, Itacorubi, Saco Grande, etc.

Passando pelo Saco dos Limões, se tem acesso ao aterro da Baía Sul e se alcança o local onde se iniciou o percurso.

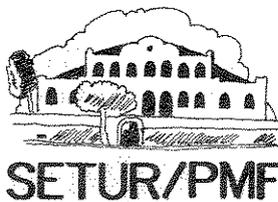


**QUILOMETRAGEM  
DO CENTRO ÀS PRAIAS**

PRAIA DE CACUPÉ	11 KM
PRAIA DE SAMBAQUI	17 KM
PRAIA DE DANIELA	22 KM
PRAIA DO PONTAL	22 KM
PRAIA DO FORTE	25 KM
PRAIA DE JURERE	23 KM
PRAIA DE CANASVIEIRAS	27 KM
PONTA DAS CANAS	34 KM
PRAIA DOS INGLESES	36 KM
PRAIA DO SANTINHO	40 KM
PRAIA DO MOÇAMBIQUE	27 KM
BARRA DA LAGOA	20 KM
PRAIA MOLE	15 KM
PRAIA DA JOAQUINA	17 KM
LAGOA DA CONCEIÇÃO	12 KM
PRAIA DO CAMPECHE	20 KM
MORRO DAS PEDRAS	22 KM
PRAIA DA ARMAÇÃO	25 KM
PANTANO DO SUL	28 KM
PRAIA DA SOLIDÃO	31 KM
LAGOINHA DO LESTE	31 KM
RIBEIRÃO DA ILHA	27 KM
PRAIA DA TAPERA	29 KM
COSTEIRA DO RIBEIRÃO	34 KM
PRAIA DE FORA	35 KM
CAIEIRA DA BARRA DO SUL	40 KM
PRAIA DE NAUFRAGADOS	40 KM
PRAIA BRAVA	32 KM

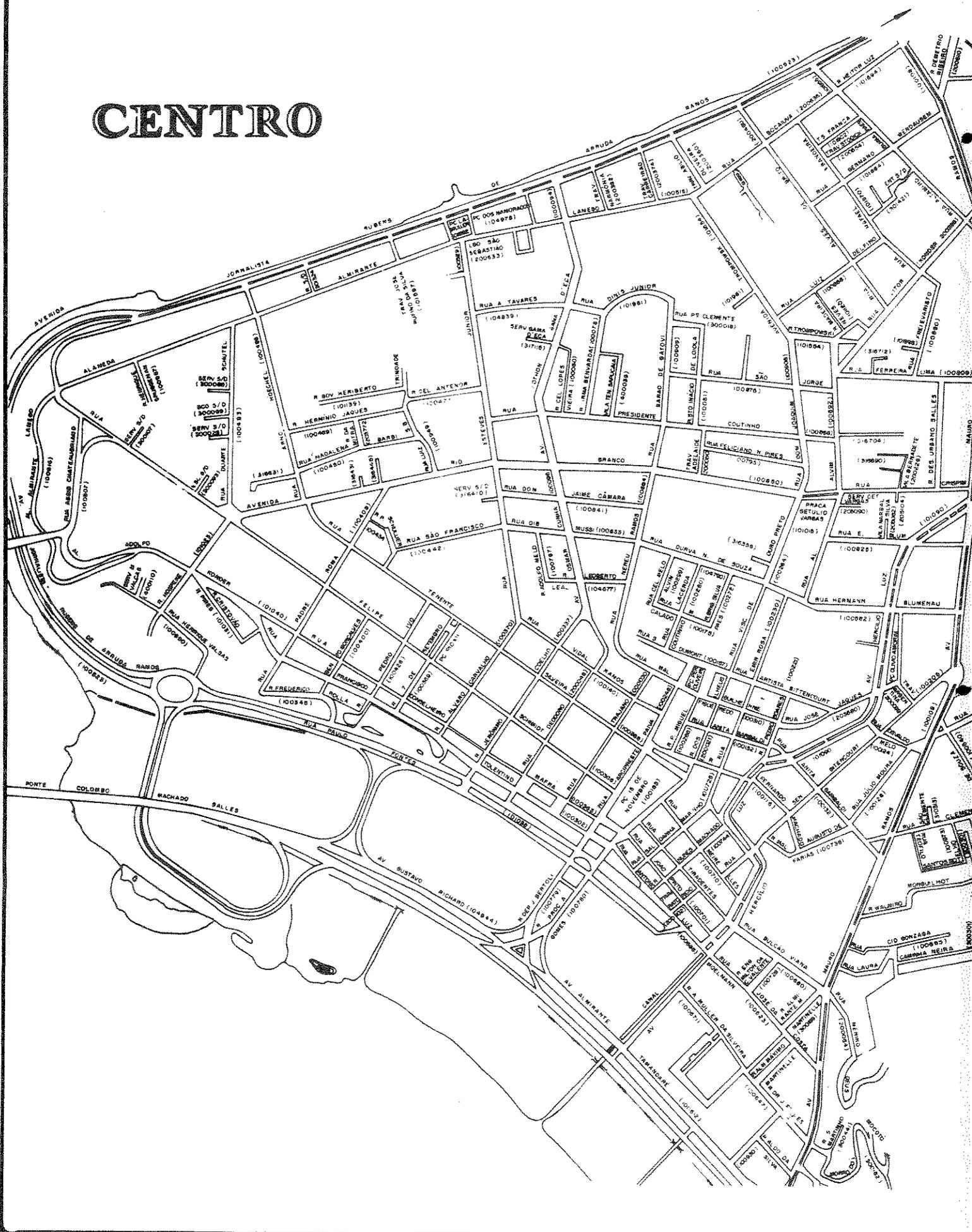


**PROTUR**  
FUNDAÇÃO PROTURISMO DE FLORIANÓPOLIS



**MAPA TURÍSTICO DE  
FLORIANÓPOLIS**

# CENTRO



**PROTUR**  
FUNDAÇÃO PRÓ-TURISMO DE FLORIANÓPOLIS



**SETUR/PMF**

**PLANTA DE FLORIANÓPOLIS**

NOTAS

- 1 Conurbação - Conceito que designa a área formada por uma cidade como núcleo central irradiador de influências e seus subúrbios, ou outros municípios com os quais se emenda, sem no entanto se confundir, numa interrelação espacial contínua, com relativo grau de interdependência.
  
- 2 As fotos das praias de Moçambique, Mole e Galheta, Joaquina, Solidão, bem como as da rendeira e dos pescadores da Lagoa, do Costão do Matadeiro e do Ribeirão da Ilha, foram feitas pelo fotógrafo Vitor Carson.  
As belas fotos aéreas das praias de Jurerê Internacional, Jurerê, Canasvieiras, Ponta das Canas, Brava e Barra da Lagoa, foram feitas pelo geógrafo Marcelo Vieira Nascimento, que gentilmente me cedeu seus negativos para este trabalho. O negativo da praia de Naufragados me foi cedido pelo fotógrafo Flávio Vidigal.

## C A P Í T U L O 3

### O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

#### Urbanização

"...O homem, desde o princípio conjectural do primeiro capítulo da Bíblia, tem criado, e continua criando, universos paralelos aos que nos dão os dias e as noites."

Jorge Luis Borges

A realidade da vida na Ilha não é tão idílica como a paisagem. Não o é, pelo menos, para todos os seus habitantes, e está longe de ser parasidiaca para as populações que deixam as praias em busca de ocupações que lhes permitam sobreviver, substituindo as formas tradicionais de trabalho que perderam.

O estudo da ocupação do espaço pelo homem, o espaço humanizado, cultural, mostra um verdadeiro "mapa", uma radiografia da diferenciação social. Os privilégios de classe, a discriminação de parte da população, estão perfeitamente retratados na ocupação do espaço. Nas áreas rurais estão mapeadas as estruturas fundiárias das diferentes regiões. Na ocupação dos espaços urbanos, as desigualdades sociais se refletem concretamente.

"...o espaço dos países subdesenvolvidos é marcado pelas enormes diferenças de renda na sociedade". (SANTOS, 1979:15)

"A segregação residencial é uma expressão espacial das classes sociais" (CORREA, 1988:61)

A cidade possui áreas especializadas de ocupação, que refletem a divisão social do trabalho (administração pública, comércio, indústria, residências, culto, lazer etc).

A gênese das cidades se deu em torno de uma área central, e sua ocupação reproduzia a divisão do trabalho e a diferenciação social, resultante dessa divisão. Assim, as atividades econômicas e sociais das elites detentoras do poder, como também suas residências, convergiam para o "centro" das cidades, áreas privilegiadas, de fácil acesso, concentradoras de comércio e serviços, além de merecedoras das atenções da administração pública, através de obras de infra-estrutura e melhoria urbana. As zonas periféricas, de acesso mais difícil, relegadas pelo poder público, destinavam-se aos serviços e residências para as classes trabalhadoras.

Com o desenvolvimento tecnológico da era moderna, que resultou na melhoria e difusão das vias de acesso e dos meios de transporte e comunicação, houve uma tendência à descentralização e muitas zonas periféricas passaram a ser ocupadas pelas elites e pelas camadas médias da população, como também se destinaram a sediar atividades econômicas que antes se concentravam nas áreas urbanas centrais.

Com a proximidade resultante da facilidade de acesso, muitas áreas periféricas das cidades vão sendo "recuperadas" às classes trabalhadoras, para residência das camadas privilegiadas da população, enquanto seus habitantes anteriores vão sendo empurrados para regiões mais distantes (quantitativa e qualitativamente, em quilômetros e em dificuldade de acesso, de serviços de transporte, comércio, e na ausência dos benefícios urbanos de

água, luz, esgotos, etc).

Alguns urbanistas distinguem formas diferentes de segregação residencial, como ressalta Correa (op. cit.):

"a auto-segregação e a segregação imposta, a primeira referindo-se à segregação da classe dominante, e a segunda dos grupos sociais cujas opções de como e onde morar são pequenas ou nulas". (Idem :64)

As favelas que proliferam nos morros que circundam alguns centros urbanos e nas periferias próximas das áreas centrais, constituem-se em formas de resistência das camadas populares, assim como o são os cortiços centrais das grandes cidades.

"E na produção da favela, em terrenos públicos ou privados invadidos, que os grupos excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentemente e a despeito dos outros agentes. A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência. Resistência e sobrevivência às adversidades impostas aos grupos sociais recém-expulsos do campo ou provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito à cidade". (Idem:28-9)

As periferias das cidades habitadas pelas populações de status social mais elevado, constituem-se em áreas nobres, enquanto as periferias destinadas às camadas populares se constituem, em geral, em zonas deterioradas pela falta de urbanização adequada. As melhorias só são introduzidas através de muita luta e pressão, e frequentemente com fins eleitoreiros.

Na topologia das cidades estão retratadas a diferenciação social e a segregação residencial, não só pelas áreas de ocupação privilegiada, como pela densidade demográfica das áreas ocupadas.

Assim como no campo, onde coexistem o latifúndio e o minifúndio, nas cidades a densidade de habitantes das áreas populares, tanto considerando o tamanho dos terrenos, quanto o número de moradores por residência, é muito maior que aquela das áreas ocupadas pelas camadas médias da população, que por sua vez, é maior do que as habitadas pelas elites burguesas. A relação metro quadrado/habitante é, assim, diretamente proporcional ao nível de renda da população.

Florianópolis, que teve uma feição de cidade estagnada por várias décadas, com o declínio da viação marítima e a insuficiência de vias de acesso por terra, conforme já foi mencionado, há algum tempo é palco de um processo de dinamização (por razões também já mencionadas) que se acelera gradativamente. A descentralização da cidade é facilmente perceptível. Alguns dos bairros que se constituíram em freguesias da Ilha no passado, e que foram incorporados como periferias do centro urbano, eram, no início, habitados pela população ainda voltada para atividades rurais e pelas classes trabalhadoras, que não encontravam condições para residir nas áreas centrais. Muitos desses bairros estão sendo "recuperados" às classes populares, no processo de descentralização.

Foi o que aconteceu com a Trindade, após a implantação do campus da Universidade Federal. Os bairros vizinhos, Carvoeira, Pantanal, Córrego Grande, tiveram seu processo de renovação acelerado pela construção da sede da Eletrosul, próxima à Universidade. O bairro do Itacorubi também se transforma, com a instalação aí das sedes da Telesc, da Universidade Estadual, além de importantes órgãos de administração, como Celesc, Fiesc,

Acarpesc, Prodasc.

Todos estes locais passaram a ser procurados para moradia pelas camadas médias da população (os gestores e funcionários dos órgãos públicos aí localizados) e seus antigos habitantes vão sendo empurrados para áreas mais distantes da Ilha, ou para o Continente.

Alguns dos morros da cidade, tradicionais redutos da população favelada (migrantes, subempregados, desempregados), também sofreram processo de renovação e hoje abrigam as aprazíveis residências burguesas, com boas vias de acesso, oferecendo, além da proximidade do centro, o privilégio da paisagem.

Ainda permanecem como bairros populares a Costeira, o Saco Grande, o Saco dos Limões. Os dois últimos, no entanto, estão infiltrados por residências de alto padrão e o mesmo começa a acontecer com a Costeira do Pirajubaé. O Saco Grande abriga habitações populares ao longo da estrada antiga, mas a moderna via de acesso às valorizadas praias do norte está tendo uma ocupação intensa, rápida e diversificada, com depósitos, estabelecimentos comerciais e de lazer, além das residências.

A população de baixa renda ocupa os morros que não sofreram ainda a "recuperação", as praias do sul, onde o processo de renovação apenas se inicia (com a exceção do Campeche), as localidades mais interioranas, como Ratonés, Vargem Grande, Vargem Pequena, Rio Tavares, ou de difícil acesso, como a Costa da Lagoa. Fora disso, ocorrem algumas "invasões", em geral em terrenos de mangue ou morro, e ao longo das vias de acesso. Constituiu-se num caso à parte, a invasão dos terrenos "nobres" do aterro da Beira Mar Norte, perto da residência oficial do gover-

nador do Estado.

Nas praias ou bairros periféricos que se renovam, permanecem vizinhando com os novos moradores, as casas de antigos habitantes pertencentes às classes subalternas. Nos locais ocupados por moradias populares, na deflagração do processo de renovação, constroem-se algumas residências diferenciadas, pertencentes à população de renda mais elevada. No primeiro caso, as habitações populares ficam enquistadas entre as moradias burguesas, enquanto no segundo, estas moradias é que se constituem em quistos no bairro popular. Sabe-se, no entanto, que, enquanto os quistos burgueses tendem a se desenvolver, os populares tendem à extirpação, por força do poder econômico.

Devido à forte pressão do setor imobiliário, os terrenos dos habitantes originais das áreas renovadas se convertem, de valor de uso, em valor de troca<sup>(1)</sup>. Só que a troca é desvantajosa para eles, pois suas condições de moradia vão piorando gradativamente.

A propriedade pode ser transformada, pela venda, em recurso não renovável, com as pessoas se descapitalizando e empobrecendo, à medida em que vão se desfazendo de suas terras e suas casas.<sup>(2)</sup>

A expansão urbana em um ambiente insular das proporções da Ilha de Santa Catarina, tem limites próximos e bem marcados pelo contorno das águas que o circundam. A ocupação de seus morros, o desmatamento, a morte das nascentes, o aterramento dos mangues, a poluição das lagoas, dos rios, do mar, constituem-se em impactos capazes de provocar intensa e rápida degradação do meio ambiente.

Florianópolis se expande pela ilha e pelo continente. A população de baixa renda, se ainda habita alguns morros, alguns bairros periféricos, as comunidades do interior, ou convive com os novos moradores nas localidades litorâneas, habita, em grande parte, no continente, em conjuntos habitacionais, favelas ou bairros populares, que vão se alastrando pelas regiões cada vez mais distantes, já que o processo de renovação urbana também se fez e continua ocorrendo com os bairros do continente. As classes trabalhadoras vão sendo empurradas para os municípios da Grande Florianópolis, São José e Palhoça principalmente, cujo crescimento demográfico é significativo.

São considerações a respeito da dinâmica da urbanização de Florianópolis, com seus bairros periféricos.

Com relação à urbanização das praias da Ilha de Santa Catarina, o processo adquire feições peculiares. É uma urbanização ligada ao fenômeno do turismo.

## Turismo

"Ólha! Eu acho que o grande atrativo turístico é a nossa cultura, é a nossa beleza natural e é essa atividade artesanal que a gente tem aí, né, que são os engenhos..." (Trecho de entrevista)

As antigas localidades litorâneas da Ilha de Santa Catarina têm sofrido o impacto de frentes de expansão capitalista (BECK, 1979 e LAGO, 1983) representadas, nos limites do mar, pela pesca industrial e, nos limites de terra, pelo processo de urbanização ou, mais especificamente, pelo turismo.

O turismo, que frequentemente promove urbanização com características próprias, transcende o fenômeno da urbanização.

A prática do turismo decorre do rompimento do processo contínuo de trabalho, promovido pela revolução tecno-industrial, com a liberação de um tempo de lazer para grandes contingentes da massa de trabalhadores. No mundo moderno, com sociedades altamente diferenciadas, existem milhares de pessoas marginalizadas pelo processo produtivo, que, por não terem acesso ao trabalho remunerado, tendo sido separadas de seus meios de produção, labutam pela sobrevivência em condições de extrema instabilidade, não tendo acesso aos benefícios da tecnologia, ou ao lazer. Da mesma forma, existem ainda trabalhadores submetidos a uma jornada de labor contínuo, como muitos camponeses, com intervalos apenas para a recuperação das energias fisiológicas e eventuais festividades. Apesar disso, o turismo deixou de ser, no mundo contemporâneo, monopólio das elites, para se transformar num fenômeno de massas. Mas a participação no turismo é diferenciada, tendo uma escalada descendente, da burguesia para as camadas médias da população e destas, às classes populares (LAGO

P, 1990).

O turismo é fenômeno controverso, provocador de posições radicalizadas e polêmicas, seja à nível empírico, nas percepções dos habitantes das localidades que ele modifica, dos empresários que o promovem e das populações que dele usufruem (SOUZA, 1989) ou, a nível teórico, na visão dos diferentes estudiosos e planejadores da urbanização.

Assim, tanto pode ser considerado como panacéia para todos os males de regiões subdesenvolvidas e sem outros recursos para a dinamização econômica, numa concepção desenvolvimentista, ou, numa visão voltada para os problemas da preservação de ambientes (geográficos, sociais, culturais), como potencialmente causador de extremos malefícios.

Do ponto de vista econômico, é considerado como uma nova indústria, capaz de absorver grandes contingentes de mão-de-obra, uma "indústria sem chaminés", e, por isso, não poluidora.

Do ponto de vista ecológico, ao contrário, existe a preocupação em mostrar justamente os riscos da poluição e degradação dos ambientes submetidos, periódica ou permanentemente, ao uso intenso por grande número de pessoas. A população turística tem a característica de ser essencialmente consumidora, o que se traduz em geral por um aquecimento das transações comerciais e pelo aumento da oferta de empregos nos estabelecimentos que prestam os serviços usufruídos por ela. Mas consome também os serviços de infra-estrutura urbana, que recebem uma sobrecarga com o aumento do fluxo de habitantes, para a qual nem sempre as estruturas municipais estão preparadas. O uso intensivo dos ser-

viços de água, energia, esgotos ou de coleta de lixo, etc, pode gerar problemas graves de poluição.

Conforme muitos estudiosos, não há uma indústria de turismo, há sim, um processo de urbanização fundamentado nas necessidades básicas de alimentação e abrigo para as populações que se deslocam até os espaços turísticos, e que resulta em atividades cujos produtos ( a comida e a hospedagem), são consumidos por estas populações.

O afluxo de turistas para uma determinada região pressupõe a produção de instalações complementares no local e o grande desenvolvimento da indústria da construção civil, resultante da expansão urbana que o turismo estimula, dinamizador do comércio de material industrializado e gerador de empregos para a mão-de-obra pouco qualificada, pode ter como contrapartida o uso agressivo e desordenado do solo, ou a expulsão dos moradores tradicionais das localidades turísticas.

As consequências para a opção de determinada região pelo turismo, podem ser positivas ou negativas e são de ordem econômica, ecológica, social e cultural.

O turismo se desenvolve a partir de determinados atrativos que algumas regiões podem oferecer. Assim como as cidades antigas, os monumentos históricos e artísticos, testemunhas da tradição do passado, constituem-se em atrações turísticas de certas regiões, outras são atrativas pelas belezas de suas paisagens naturais, aliadas a características climáticas, enquanto outras ainda se distinguem pelos aspectos culturais diferenciados de suas populações.

As pessoas que possuem tempo livre para o lazer e reservas económicas que lhes possibilitem o acesso às regiões turísticas e ao consumo do que elas oferecem, buscam na atividade turística, a quebra da rotina do trabalho e do cotidiano. Procuram o típico, o diferente.

Os elementos que atraem os fluxos turísticos se constituem, pela valorização social, em recursos económicos de determinadas regiões. Mas são recursos que possuem uma característica importante: não são renováveis. De sua proteção depende a própria continuidade da atividade turística.

A necessidade da preservação dos monumentos que o passado legou à humanidade, testemunhas de sua história, é inquestionável e tacitamente aceita por todos.

Quando o recurso sobre o qual se desenvolve a atividade turística é a paisagem, o problema se torna mais complexo. A própria urbanização que o turismo promove, com a construção das instalações necessárias ao lazer, o uso dos recursos, a concentração demográfica, constitui-se em ameaça de agressões à paisagem. Os ambientes litorâneos são particularmente suscetíveis e necessitam de proteção especial.

"... una característica que deve tenerse en cuenta es que se trata de un recurso que configura un medio eco geográfico frágil, lo que implica que aún cuando no se agote, si que puede destruirse en cuanto recurso de ocio". (SANCHEZ, 1985:107)

Com relação à cultura tradicional das populações que habitam originariamente as regiões onde se desenvolve o turismo, a complexidade do problema se avoluma. A questão envolve outros aspectos, extravasando o da simples preservação de um recurso não renovável, no interesse da continuidade da própria atividade

econômica. Dizer que os usos, hábitos, costumes, rituais, artefatos, valores culturais, enfim, devam ser preservados como recursos turísticos, é argumento que só pode ser elaborado por interlocutores com visão apenas economicista e desenvolvimentista dos processos sociais. O problema transcende o fato econômico e tem dimensões éticas, filosóficas, sociais, psíquicas, jurídicas, etc. O direito à sobrevivência cultural é objeto nuclear e formador da própria antropologia. É tão fundamental como o direito à vida, à sobrevivência individual e das espécies. É estranho que ele precise ser afirmado, demonstrado, ou possa ser questionado.

Na transformação de uma região em espaço de lazer, em geral a burguesia atua como frente pioneira de expansão, alargando e rompendo fronteiras, adentrando com seus modos de vida e estruturas urbanos, os espaços vazios ou as regiões ocupadas por populações rurais.

Numa etapa inicial, a ocupação do terreno tem por finalidade, geralmente, a construção de uma segunda residência, a residência de férias, de lazer, para os moradores que habitam nos centros urbanos próximos e desfrutam de condições econômicas privilegiadas. Esta segunda residência tem, nesta fase, valor de uso.

Após a ocupação da área pelas elites urbanas, com a implantação das obras de infra-estrutura que elas têm o poder de viabilizar, com a melhoria e o encurtamento das vias de acesso, a região começa a ser procurada pelas camadas médias e, num momento posterior, pelas classes populares. A popularização do espaço turístico vai empurrando as elites burguesas para novos lo-

cais, novas fronteiras. É o fenômeno da auto-segregação, já referido, que utiliza o encarecimento do preço dos imóveis no interesse do uso exclusivo do espaço.

No processo de transformação e massificação dos espaços turísticos, os terrenos e habitações passam a ter valor de troca, tornando-se mercadorias de venda ou aluguel, com a interferência de agentes imobiliários intermediários.

A ocupação dos espaços é diferenciada e assim como ocorre a popularização de algumas regiões, acontece também a recuperação de outras, com a segregação de espaços, mesmo daqueles que, como as praias, são concebidos como espaços livres, de uso comum.

O grande capital, que muitas vezes toma a iniciativa na transformação de uma região em espaço turístico, em função de seus atrativos potenciais, outras vezes entra no processo quando o turismo já se tornou uma perspectiva viável para determinada região.

O turismo que está se desenvolvendo em Florianópolis, como alternativa de diversificação econômica, baseia-se nas belezas de sua natureza litorânea insular.

A região sul do país tem estações climáticas definidas. O verão é bastante quente, porém curto. O inconveniente climático fica por conta das chuvas, abundantes nesta época. Como as pessoas costumam aliar modernamente, mar com calor e sol, a temporada em que há intensa atividade turística na Ilha de Santa Catarina, corresponde aos meses das férias de verão.

A administração municipal de Florianópolis e o governo do estado, procuram planejar a atividade turística na região.

Através do IPUF (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis), tem havido, desde o início da década de 80 o estudo do fluxo turístico da cidade, nas diversas estações do ano, com a elaboração de relatórios e planos de desenvolvimento turístico para a região. Estes planos consideram como período correspondente à alta estação, os meses de janeiro e fevereiro, à segunda estação, o mês de julho e à baixa estação, os meses de março a junho e agosto a dezembro. Fazem o controle das pessoas que visitam Florianópolis, através de enquetes sobre os motivos da escolha do local para turismo, tempo de permanência, tipos de hospedagem, montante de gastos, opiniões sobre a cidade e a temporada, etc. Consideram que "turista é toda a pessoa que permanece na região entre uma e noventa noites" (HEINRICHS, 1982:10). A definição inclui os turistas de negócios mas analisa em separado os itinerantes, pessoas que visitam a região sem pernoitar.

Estes relatórios e planos tentam direcionar os empreendimentos turísticos, de acordo com uma classificação elaborada pelo órgão sobre a "vocaçao" de cada balneário e comunidade litorânea, e se preocupam com os impactos da atividade turística.

"... o turismo não planejado pode provocar a destruição do privilegiado sistema natural e dos atributos sócio-culturais, que constituem um grande patrimônio para ele".  
(Idem:7)

Buscam planejar a atividade turística, mas além das contradições internas que em geral existem nestes órgãos que se pretendem técnicos e são submetidos a decisões políticas, os planejamentos divulgados pelo IPUF causam muitas polêmicas em setores externos. Internamente, mesmo que os funcionários do órgão tenham formações acadêmicas condizentes com seus objetivos

(arquitetura, geografia, etc), seus dirigentes são nomeados em confiança pelos prefeitos, e estas escolhas não estão condicionadas à formação profissional das pessoas indicadas para a função. Externamente, os planejamentos urbanísticos, as recomendações e interferências em tombamentos (tanto arquitetônicos quanto do espaço geográfico) e nos gabaritos de construções, têm colocado o órgão como alvo de ataques de agentes dos empreendimentos econômicos que se sentem atrapalhados ou ameaçados pelas decisões técnicas. São comuns as críticas ao IPUF nos jornais da cidade. As comunidades também têm questionado suas decisões e recomendações.

Está acontecendo um fenômeno interessante em Florianópolis. A cidade tem sido escolhida para residência, como já foi mencionado, por jovens que se preocupam com a qualidade de vida e buscam um lugar mais tranquilo para viver, longe da poluição, burburinho e stress das metrópoles. Há um grande incremento da população da Ilha por imigração, também de outros estados. Começou com a Universidade Federal que, de início, recrutou vários de seus quadros no Rio Grande do Sul e hoje ainda atrai muitos jovens de outros locais, interessados em trabalhar ou estudar numa cidade de vida mais calma, em contato com uma natureza prodigiosa.

Não são raros os profissionais, artesãos e estudantes oriundos dos países vizinhos da América Latina.

Muitos jovens que vem do interior do Estado para cursar a universidade, optam por permanecer residindo na Ilha.

Com isso, há um incremento demográfico, com todos os riscos de degradação do ambiente urbano que a pressão populacio-

nal intensa traz embutida. Inclusive, aumenta a demanda por empregos, que a cidade tem pouco a oferecer. É grande o número de profissionais recém-formados, arquitetos, médicos, jornalistas, etc, à procura de emprego. E a oferta de trabalho aos profissionais é limitada.

Os jovens desejam, em geral, morar nas localidades litorâneas. Há, como possível desdobramento, o risco do choque cultural ( que de resto, está presente na própria urbanização, no turismo e na entrada dos veículos de comunicação de massa nas sociedades rurícolas)(3).

Se a fixação de residência em Florianópolis pode causar problemas sociais ( econômicos, demográficos, culturais), há também como característica desta população de jovens ( estudantes, ou com formação universitária) maior conscientização ecológica, que acaba se difundindo pelas comunidades que eles escolhem para viver. Hoje várias localidades da Ilha têm formado associações atentas para a proteção dos interesses comunitários e ecológicos. As decisões políticas, as recomendações, os planejamentos, têm sido discutidos e avaliados pelas comunidades.

As associações preservacionistas não têm conseguido, em geral, vencer as lutas em que se empenham contra o capital. Mas os defensores do capitalismo desenvolvimentista demonstram (pelos artigos que assinam diariamente nos periódicos), que o IPUF incomoda, as organizações comunitárias incomodam, as associações ecológicas incomodam, mesmo, como é o caso das últimas, com acesso limitado aos jornais.

O modelo inicial da ocupação das praias da Ilha de Santa Catarina, com a transformação das comunidades litorâneas

em balneários, foi o comum, com a construção de uma segunda residência para moradores de Florianópolis, principalmente.

Este processo começou há poucas décadas, e foi se acelerando gradativamente.

Paulo Lago, em estudo realizado entre 1969 e 1970 sobre a situação e perspectivas do turismo em Santa Catarina, atesta a incipiência do fenômeno naquela época, com alguns dados interessantes. Comentando que o município de Florianópolis, dotado de excepcionais requisitos quanto à paisagem natural costeira, estava assistindo à valorização dos terrenos de praia, com a entrada de algumas empresas loteadoras, especialmente na área de Canasvieiras, Jurerê e Lagoa da Conceição, o autor se referia à distância entre a capital de Santa Catarina, os centros dos estados vizinhos e as cidades catarinenses do interior, como entrave ao desenvolvimento turístico de Florianópolis, já que tornava mais acessíveis pela BR 101, principal rodovia à época, os balneários dos municípios do vale do rio Itajaí, como Camboriú, Piçarras, Barra Velha, etc.

Quanto à Ilha o diagnóstico referia que

"A ocupação das praias mais importantes no momento não foi ainda acompanhada de realizações expressivas quanto à implantação de aparelho receptivo, à exceção da Lagoa da Conceição, mesmo assim em função de serviços de restaurantes" (LAGO, 1970: 50)

Citando a existência em Canasvieiras de antigo hotel com restaurante e a construção de um clube social naquele balneário, ressaltava que o Iate Clube projetado para a Lagoa da Conceição, seria o empreendimento turístico que funcionaria como marco inicial de sua ocupação.

Afirmava por fim, que

"A receptividade dos turistas nas praias de Florianópolis é permitida pelos serviços inerentes localizados principalmente no centro urbano, e a acomodação tem sido possibilitada pelas unidades residenciais nelas construídas. As praias da Ilha de Santa Catarina são esmagadoramente objetos de ocupação pelos próprios residentes na capital. A aquisição de terrenos, entre as diversas imobiliárias que operam no setor, acusa um percentual de 88% de compradores residentes em Florianópolis, 8% de compradores de outros Estados e 4% de compradores de áreas do Interior". (Idem: 50-51)

As praias do norte foram, de início, as mais valorizadas, por certo pelas suas condições naturais e maior facilidade de acesso, apesar das estradas precárias. Sua ocupação pelas elites da capital, no entanto, facilitou a implantação de alguns serviços de infra-estrutura e a construção da rodovia, principal fator do desenvolvimento turístico da área, com a instalação dos serviços complementares inerentes a esta atividade, e o consequente crescimento da pressão imobiliária nos seus balneários.

A medida em que as praias mais procuradas iam sendo densamente ocupadas e aumentava a valorização de suas terras, a ocupação turística ia se estendendo pelas localidades mais próximas, com terrenos a preços mais acessíveis. Ocorreram loteamentos destinados às camadas médias, como o da praia da Daniela, por exemplo. Os movimentos de ocupação urbana se voltaram também, como alternativa, para as localidades do leste e sul da Ilha.

As comunidades litorâneas mais próximas do centro da cidade foram procuradas não somente para veraneio, mas para residência permanente, em função da oferta e preços de terrenos, da apazibilidade do local etc, e sempre na dependência da melhoria das estradas de acesso.

A entrada do grande capital se deu mais recentemente e se evidencia mais claramente nos empreendimentos de Jurere Internacional e Praia Brava, destinados à ocupação seletiva de elites urbanas. Estes grandes empreendimentos turísticos procuraram ocupar os balneários que ainda apresentavam largas extensões de terras vazias, onde não precisaram se envolver com os problemas de compras de múltiplos proprietários, desapropriações, etc.

A origem do capital investido nestas praias é tanto externa quanto de grupos político-econômicos poderosos da própria cidade.

Outras praias, como a dos Ingleses, apresentam também um desenvolvimento vertical recente e intenso, de caráter empresarial, mas a sua densidade é expressiva e não oferece muitas alternativas de grandes áreas vazias. Sua ocupação é bastante desordenada.

Nos locais em que o processo de urbanização iniciou mais tardiamente, este tem sido, em geral, mais intenso, mais rápido, agressivo, e de caráter declaradamente mercantilista.

Existem grandes projetos empresariais para as praias do Santinho e da Barra da Lagoa, por exemplo. Esta última está sob a ameaça da construção de uma grande marina, exatamente no local de desembocadura das águas da Lagoa da Conceição, em direção ao mar. É um empreendimento que está sendo muito discutido pelos grupos ecológicos e pelos conselhos comunitários e associações de moradores das duas localidades.

E parte de um depoimento:

"E a proposta da USATI, do grupo Porto Belo ... era não permitir que essa área da frente fosse usada pelos pescadores. Era proibir que o pescador encostasse o barco ali na frente. Eu disse: 'Oh, César! Eu acho o seguinte, eu acho que o grande atrativo do teu hotel aqui vai ser o cara chegar com o peixe aqui na frente, né? Tu não tá fazendo um troço a nível internacional? O turista vai vê chegar o bote aqui cheio de peixe, o pescador com aquela linguagem típica e aquela... você tem que mantê isso'. Mas o cara tem uma visão muito elitista da coisa ... e o pior de tudo, que eu soube agora, é o seguinte, que implica em alguns canais artificiais, essa coisa toda, né?"

"... e aonde entra o peixe pra Lagoa. O grande prejudicado eu acredito, que não vai ser nem o pessoal da Barra da Lagoa, eu acho que o grande prejudicado é o pessoal da Costa da Lagoa, que vive da lagoa. O pessoal da Barra vive do mar, né, o canal ali é para ele só uma circulação, entende, mas o pessoal da Costa, como é que vai. .. eu te pergunto..."

O processo que ocorreu em relação às praias do norte está se repetindo com relação ao litoral sul. A população original vai sofrendo a pressão do setor imobiliário e tende a ficar confinada nos espaços mais distantes da praia. Depois de ter perdido o acesso ao mar, é pressionada (ou seduzida?) a vender as terras de lavoura. Muitos acabam por se desfazer das casas, indo morar em localidades mais interioranas, ou nas periferias urbanas, após terem vivenciado as contingências que os levaram a abandonar as atividades tradicionais.

Outro trecho do depoimento:

"... os velhos tão morrendo, que pesca, tá certo? Os novos não têm onde morar na praia... Se o cara não mora na praia, ele não tem onde continuar. E além disso, o êxodo desse pessoal pra cidade, tá trazendo uma série de transtornos, porque o pessoal que vem da Serra, com o êxodo rural, o pessoal se localiza na periferia da, que geralmente nos morros, e na estrada da cidade. Mas o pessoal da praia, tá pegando os mangues da cidade. E o mangue do Rio Tavares... eu me lembro quando fizeram a primeira casa no mangue do Rio Tavares... hoje é uma cidade e cheia de problemas, sem escola, sem posto de saúde, sem saneamento básico... Esse pessoal tá vindo da Armação, tá vindo do Pântano do Sul, tá vindo do Ribeirão..."

Para tentar compreender qualquer aspecto da transformação de Florianópolis, não se pode deixar de considerar o fator político.

É um assunto que, pela sua importância, merece uma análise em separado, mas é impossível tratar da questão da ocupação dos terrenos nas praias, sem considerá-lo. A obtenção ou a compra de concessão das terras de marinha, o uso das terras comunais, seu apossamento, distribuição ou compra por particulares, a simples venda de terrenos por seus donos originais para pessoas que com eles iniciaram empresas imobiliárias, tudo é perpassado pela política partidária (e a maneira florianopolitana de fazer política)

Em pesquisa anterior, já referida, em que estudei a transformação da localidade de Canasvieiras em balneário, tive a atenção voltada para a importância que os antigos moradores da comunidade davam aos laços com as pessoas influentes na cidade, donos de segunda residência naquela praia, e aos quais faziam questão de servir, mesmo como caseiros. Trabalho que muitas vezes não se justificava, pela posição que o morador ocupava na comunidade, pelas suas posses, ou pelo pequeno salário que recebia. Percebi que a relação mantida com o político, o comerciante, o empresário, o funcionário público, era importante para o habitante da praia, na medida em que lhe proporcionava segurança, fazia com que se sentisse defendido caso houvesse necessidade de lidar com a burocracia, as instituições, o poder da cidade e de sua gente. Comparei a função dessas relações com as do compadrio para as sociedades tradicionais. Aliás, elas tendiam a se tornar relações de compadrio.

Também me despertou atenção a forma como os antigos habitantes da praia consideravam o governo, num misto de impotência e fatalismo, como um poder externo e abstrato, contra cu-

jas decisões seria inútil se insurgirem. Aspecto que ficou bastante evidenciado nas narrativas a respeito da construção, pelo Estado, de uma colônia agrícola penitenciária nos campos utilizados tradicionalmente pelos moradores de Canasvieiras como terras de uso comum. Este fato é interessante porque eles sentiam os efeitos do poder político na própria pele, através das relações que mantinham com o intendente. A filiação aos partidos políticos, PSD e UDN, dividia as comunidades da Ilha entre governo e oposição, separando as pessoas que, em cada gestão, poderiam usufruir de vantagens e proteção, daquelas que poderiam ser vítimas de arbitrariedades, em função da força dos intendentes, os representantes do governo municipal nas comunidades da Ilha de Santa Catarina. Estes eram escolhidos entre os correligionários e cabos eleitorais das oligarquias que dominavam a política do estado e se alternavam no poder, elegendo os governadores e prefeitos (ou mesmo nomeando-os, ao tempo dos governos militares).

Campos (1989) fez um estudo das terras comunais na Ilha, considerando sua existência e utilização como característica sócio-espacial e cultural da própria formação social açoriana, fundamentada, de acordo com ele, na pequena produção mercantil. Através da análise de documentos históricos e legais referentes às terras comunais, além de entrevistas com pessoas que delas se utilizaram no passado, o autor acompanhou o processo de transformação destes campos de uso coletivo e variado (extração de lenha e madeira, pastagem para gado, agricultura, etc) em propriedade privada ou estatal, cerceada ao uso comunal. Ficou claramente desvendado em sua análise, o papel que o favorecimen-

to político desempenhou nesse processo<sup>(4)</sup>.

Para o desenvolvimento da atividade turística em qualquer região, são necessárias obras de infra-estrutura e a construção de instalações complementares, que atendam às necessidades de hospedagem e alimentação dos turistas. Nas praias da Ilha de Santa Catarina que, pela extensão do território insular, são próximas umas das outras e próximas do centro da cidade, uma boa estrada tem sido o suficiente para o desenvolvimento turístico, especialmente nos lugares onde já existe uma comunidade de habitantes tradicionais.

As máquinas que abrem as estradas trazendo o turismo até estas localidades, fazem terraplanagem no meio geográfico, enquanto a urbanização pode ser o agente de uma verdadeira terraplanagem cultural para suas populações.

O sociólogo tunisiano Abdelwahab Bouhdiba, em artigo no qual analisa os efeitos do turismo de massas sobre as tradições culturais da população da Tunísia, ressalta que "o turismo introduz o comportamento de uma sociedade de desperdício em uma sociedade habituada à frugalidade" (BOUHDI-BA, 1981: 7). Ressalvando que, mesmo que a atividade turística seja apenas um fator de precipitação de um processo de mudanças sociais já em andamento, e que a geração de novas necessidades, novos padrões de comportamento, novas concepções de vida, sejam consequências inevitáveis do desenvolvimento de qualquer região, alerta para o fato do turismo acelerar a pressão de forças sociais contraditórias e o choque cultural entre sociedades tradicionais e grupos urbanos oriundos de sociedades consumistas.

<sup>4</sup>A produção econômica tradicional girava em torno da família, e a maior parte do trabalho eram serviços para os quais não havia retribuição pecuniária (...) Em vez de uma

sociedade assentada em serviços prestados mutuamente, temos agora uma sociedade cada vez mais dominada pela moeda, onde tudo leva uma etiqueta de preço". (Idem: ibidem)

Os ilhéus preocupados com a descaracterização da cidade e das praias, seu desenvolvimento rápido e desordenado, alertam para o fato de se estar vendendo, alienando a própria Ilha.

Procurando corroborar esta visão de como tem se processado a ocupação da Ilha de Santa Catarina, elaborei uma tabela a partir de dados referentes à fevereiro, março e abril de 1991 fornecidos pela CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina), sobre o número de residências de veraneio, em relação às residências permanentes nas localidades litorâneas da Ilha.

Tabela 1 - Número de residências de veraneio em relação ao número total de residências nas localidades litorâneas da Ilha de Santa Catarina, em fevereiro de 1991

LOCALIDADE	RESIDENCIAS DE VERANISTAS	TOTAL DE RESIDENCIAS	PERCENTUAL DE RESIDENCIAS DE VERANEIO
Cacupé	37	166	22,28
Santo Antonio de Lisboa	34	233	14,59
Sambaqui	50	245	20,40
Daniela	543	611	88,87
Jurerê: Internac.	140	219	63,92
Jurerê	313	669	46,78
Praia do Forte	14	70	20,00
Canasvieiras	1365	1982	68,86
Cachoeiro de Bom Jesus	232	737	31,47
Ponta das Canas	462	848	54,48
Lagoinha	95	344	27,61
Praia Brava	162	179	90,50
Inglezes	950	2388	41,58
Santinho	174	629	27,66
Barra da Lagoa	273	1119	24,39
Praia Mole	10	105	9,52
Joaquina	15	62	24,19
Lagoa: Centro	187	844	22,15
LIC	16	235	6,80
Costa da Lagoa	26	123	21,13
Canto da Lagoa	76	314	24,20
Campeche	209	1182	17,68
Morro das Pedras	89	512	17,38
Armação	261	809	32,26
Matadeiro	39	57	68,42
Pântano do Sul:	169	511	33,07
Pântano	48	292	16,43
Açores (Lot.)	71	134	52,98
Praia das Paca	50	85	58,82
Ribeirão	331	1305	25,36
Tapera	110	746	14,24

Fonte: Dados fornecidos pelo Setor de Faturamento da CELESC - Agência Florianópolis.

Podemos ver, pela relação entre moradias de veraneio e número total de residências, quais as praias que já se transformaram em balneários e aquelas em que o processo apenas se inicia, ou está avançado em seu andamento.

E necessário esclarecer que os hotéis e demais estabelecimentos de hospedagem, são classificados pela CELESC como

consumidores comerciais de energia elétrica. Assim, os dados da tabela se referem somente às residências, não dando conta portanto, do número de estabelecimentos voltados para a exploração da atividade turística.

As casas de veranistas, por sua vez, são ocupadas tanto como segunda residência pelas famílias dos proprietários (e quase sempre acrescida de hóspedes), como são alugadas por parte ou pela totalidade da temporada de verão. Não é possível, por isso, separar as residências que têm valor de uso, daquelas cuja destinação é econômica, com valor de troca. Sabe-se, no entanto, que é grande o número de proprietários que, em face das ofertas vantajosas estão, cada vez mais, destinando suas moradias para aluguel na alta temporada, especialmente nos balneários mais procurados.

Está se tornando também comum o aluguel das residências de moradores permanentes, que passam a residir com parentes, ou se mudam para habitações improvisadas nos próprios terrenos, durante o verão.

Além disso, cresce o número de casas que, sendo alugadas em dólares na temporada, são oferecidas para aluguel por preços mais acessíveis durante o ano, através de contratos especiais de locação, com garantia de serem desocupadas no verão. São aluguéis mais baratos que os do centro e bairros da cidade e levam muita gente (estudantes, especialmente, e pessoas de menor poder aquisitivo) a residir nas praias durante o ano, com problemas de deslocamento e moradia nos meses de veraneio.

O Diagnóstico Municipal da SEPLAN, oferece os dados referentes ao número e tipo de estabelecimentos de hospedagem de

Florianópolis em 1989:

TABELA 2 - Número de estabelecimentos de hospedagem e classificação - 1989

CLASSIFICAÇÃO ESTABELECIMENTO	NAO CLASSIFICADO	*	**	***	****	*****	TOTAIS
Hotel	30	01	10	11	03	01	56
Camping	14	-	-	-	-	-	14
Outros (Albergue)	04	-	-	-	-	-	04
TOTAIS	48	01	10	11	03	01	74

Fonte: SANTUR.

Estes dados são referente há 2 anos passados e o setor possui muito dinamismo.

Segundo notícia do jornal O Estado de 18/11/90, em caderno destinado ao turismo, seis hotéis da Praia dos Ingleses formaram uma associação pró-turismo para divulgar aquele balneário por ocasião da última temporada.

Para dar conta do número de turistas que passa pela Ilha na alta temporada e durante todo o ano, existem os dados pesquisados pela Secretaria de Turismo da Prefeitura de Florianópolis, SETUR, pela SANTUR (Santa Catarina Turismo S.A., ligada à administração estadual) e pela PROTUR (associação de empresários da livre iniciativa, interessada em promover e incentivar o turismo na cidade).

Os números fornecidos pela SANTUR dão conta da quantidade de turistas que visitou Florianópolis desde meados da década passada, de 15 de dezembro a 28 de fevereiro, e do montante de dinheiro que circulou na cidade em função da atividade turística.

TABELA 3 - Movimento de turistas e receita gerada pela Atividade Turística em Florianópolis, de 1986 a 1991, durante a Alta Estação

ANO	MOVIMENTO DE TURISTAS	INCREMENTO DO MOVIMENTO TURISTICO	RECEITA GERADA	
			R\$	US\$
1986	199.500		430.144.259,49	35.578.516,09
1987	208.845	+ 4,68%	2.120.983.316,10	129.962.213,00
1988	274.752	+31,56%	4.349.666.627,94	37.611.478,51
1989	345.336	+25,69%	143.673.382,24	143.673.382,24
1990	302.657	-12,36%	2.420.578.333,87	138.715.090,77
1991	330.589	+ 9,23%	17.663.427.602,66	84.920.325,01

Fonte: Assessoria de Planejamento da SANTUR - Santa Catarina Turismo S.A.

Os dados referentes às receitas geradas pela atividade turística anualmente em Florianópolis são importantes, pois atestam a transformação das antigas comunidades agrícolas e pesqueiras da Ilha em locais de veraneio, onde circula muito dinheiro, mudando a produção econômica tradicional que girava em torno da família, numa sociedade assentada na mutualidade dos serviços, para uma sociedade cada vez mais dominada pela moeda, de acordo com as palavras de Bouhdiba (conf. p.38).

Os números são esclarecedores para a análise de muitos fatos e diferenças encontradas entre a pesquisa que realizei em Canasvieiras em 1981-82 e a realizada agora, em 1989-90, em várias localidades da Ilha.

Por exemplo, naquela época entrevistei um senhor que caracterizei como, talvez, o último pescador da praia de Canasvieiras.

\*É mais moço que os demais informantes e procura viver da pescaria. Não tem terras para plantar e sua casa foi erguida no terreno do irmão mais velho. Possui um ran

cho de pesca na praia, mas está em litígio com o veranista que construiu casa atrás do terreno do rancho. Para sobreviver, também toma conta de algumas casas no balneário e se dedica a muitos biscates - trabalho braçal, como define, principalmente no verão, quando a pesca se torna quase impossível. É auxiliado pelos 2 filhos (17 e 18 anos) em todas as atividades que empreende. Tem comprador certo para o peixe. Neste verão (82), construiu um puxado no seu rancho de pesca - é um bar para vender refrigerantes na praia. No verão passado levava um bujão de gás, armava um toldo de lona e cozinhava milho verde para vender aos banhistas. Um de seus irmãos continua com a venda do milho, nesta temporada. Como vemos, este pescador procura sobreviver com a pescaria, mas necessita também de outras atividades para manter a família ..." (LAGO, 1983: 87-8)

No trabalho de campo para a elaboração desta tese, procurei a família deste informante e obtive entrevista com uma de suas filhas, que me relatou suas experiências de estudo e trabalho, informando também sobre as atividades dos familiares. Seu pai não é mais pescador. A família tem como atividade econômica principal a exploração do bar no antigo rancho de pesca à beira da praia, durante o verão. Todos, pais e filhos, trabalham no bar na temporada. Durante os meses de março a dezembro, os filhos procuram outras ocupações (empregados nas casas de comércio na cidade, cobrador de ônibus, etc), retornando em geral ao bar, no verão. O pai aposentou-se como pescador e vive da exploração do bar na temporada. Inclusive, já arrendou o ponto, no verão de 89, fato do qual se arrependeu bastante, porque naquele ano a atividade turística foi muito expressiva na Ilha, com a chegada de muitos argentinos, inclusive.

Todos estes dados atestam ainda um outro fato, a sazonalidade do trabalho na Ilha de Santa Catarina nas ocupações ligadas à atividade turística e, em consequência, a grande rotatividade de empregos para um parte significativa de sua população.

Tratemos então de alguns

## Aspectos do Perfil Sócio-Econômico de Florianópolis

Florianópolis é caracterizada como uma cidade terciária(5), já que é no setor de serviços que se concentram as faces mais dinâmicas da sua atividade econômica.

Como centro administrativo do governo estadual, Florianópolis agrega a maioria das sedes dos órgãos públicos neste âmbito. De acordo com depoimento do então Secretário Estadual de Administração, publicado no Jornal O Estado de 16/08/90, a microrregião da Grande Florianópolis concentra 29.202 servidores, cerca de 34% do total de 85.561 funcionários públicos estaduais. A eles são acrescentados os servidores municipais e aqueles que trabalham nos órgãos públicos federais.

A função de capital que Florianópolis possui, não a restringe a gerar empregos apenas diretamente, com a formação do quadro de funcionários públicos, mas estimula indiretamente setores intermediário, como os serviços bancários. Uma grande variedade de agências de bancos está instalada na cidade, funcionando também como entidades repassadoras de recursos financeiros a agências do interior do estado. Além disso, é na capital que se localiza a sede do BESC, a organização bancária oficial do estado, intermediária de todas as suas transações econômicas.

Todos estes órgãos e empreendimentos dinamizam as atividades comerciais da cidade.

Instituições públicas, como por exemplo a UFSC, a Eletrosul, a Telesc, são integradas por grande número de profissionais de qualidades específicas, o que facilita empreendimentos,

inclusive no setor secundário da economia, como os estabelecimentos ligados à indústria da informática, de montagem de equipamentos elétricos, eletrônicos e mecânicos. São atividades industriais que, todavia, abrem a oferta para ocupações terciárias, induzindo a serviços comerciais, de assistência técnica.

Florianópolis é uma cidade que se volta cada vez mais para a atividade turística. A função turística não se antagoniza com a função de capital. Ao contrário, elas se ajustam na medida em que os empreendimentos turísticos são facilitados por operações de empréstimos financeiros obtidos na densa rede bancária, e por investimentos públicos orientados para a adequação da infra-estrutura, como abastecimento de água, luz, energia, rodovias, etc. As resultantes mais expressivas da combinação destas funções, em termos de influências no perfil sócio-econômico da cidade, residem no movimento imobiliário, na indústria da construção civil e no comércio de materiais de construção.

A abertura de loteamentos em balneários e a venda de lotes é acionada por um número expressivo de estabelecimentos, que também operam nos loteamentos e na comercialização de terrenos urbanos.

A indústria de construção se desenvolveu como resposta a estes impulsos, atraindo mão-de-obra dos arredores, de outras regiões do estado e dos estados vizinhos. Os imigrantes, operários da construção civil, são oriundos principalmente das atividades primárias.

De acordo com reportagem do Diário Catarinense de 11/11/90, baseada em dados fornecidos pela Prefeitura, pelo Centro de Atendimento ao Migrante (Caprom) e pelo Sistema Nacional

de Empregos (SINE), o êxodo rural é o responsável mais direto pela migração para as periferias dos centros urbanos do estado. Em Florianópolis, naquela data, havia um afluxo de 50 a 70 pessoas por mês, migrantes procedentes principalmente das regiões do planalto serrano e do oeste do estado. Pelas informações fornecidas pelo coordenador do SINE, de cada 10 pessoas que procuravam o órgão em busca de encaminhamento às oportunidades de emprego, 6 tinham vindo recentemente de outras cidades catarinenses, onde trabalhavam quase sempre na agricultura.

O comércio de materiais de construção adquiriu dimensões representativas, formando-se uma rede de grandes estabelecimentos que foram se esparramando por muitas áreas da cidade, pelo continente, estendendo-se a São José e mais recentemente pela Ilha, atingindo os balneários.

Atualmente, em virtude dos efeitos da política econômica do governo federal, o tripé representado pela comercialização imobiliária, pela construção civil e pelo comércio de materiais de construção, tem sofrido profundos abalos, com forte retração destas atividades no espaço urbano. A expansão turística, no entanto, amortece relativamente o impacto da recessão no setor, com a manutenção de um certo ritmo de construções e comercialização de imóveis nos balneários da Ilha.

Vários órgãos fornecem dados importantes para proceder a análise do perfil sócio-econômico da cidade, fundamentados em pesquisas próprias e a partir dos censos realizados pela Fundação IBGE. O Diagnóstico Municipal de Florianópolis, elaborado pelas Secretaria de Estado de Coordenação Geral e Planejamento (SEPLAN) e Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo, com a

participação do Centro de Apoio à Pequena e Média Empresa de Santa Catarina, em 1990, fornece dados recentes sobre aspectos sociais e econômicos da cidade.

Para a análise dos processos sociais através dos dados estatísticos, costuma-se deparar, no entanto, com algumas dificuldades. Estas se tornam agravadas quando se trata de um município como Florianópolis, que é núcleo central de uma área caracterizada como de conurbação.

É difícil fazer a separação dos dados estatísticos dos municípios da área conurbada, por inúmeros fatores (alguns dos quais já mencionados). A chamada região da Grande Florianópolis (GranFpolis) agrega ainda outras unidades municipais ao campo de influência mais direta da capital, além dos municípios de São José, Palhoça e Biguaçu, que formam com ela a área conurbada.

A conurbação implica na intensificação de relações espaciais que se tornam expressivas em alguns aspectos e menos evidentes em outros. É expressivo, por exemplo, o movimento pendular, que identifica as áreas centrais de Florianópolis como espaços de chegada de contingentes de funcionários, trabalhadores, estudantes, clientes, e as áreas do continente e das cidades vizinhas, como espaços de saída destes contingentes que diariamente atravessam as pontes, ora predominantemente em direção ao centro da cidade, ora em direção às áreas que lhe são periféricas, no continente.

Menos evidente por exemplo, seria um quadro estatístico do perfil sócio-econômico de Florianópolis baseado apenas na condição domiciliar de sua força de trabalho. Ele excluiria uma quantidade não desprezível da população economicamente ativa

que, trabalhando em setores funcionais na cidade, reside nos municípios vizinhos. Por outro lado, nos espaços urbanos dos municípios da área conurbada ocorre, paralelamente, a absorção de força de trabalho residente em Florianópolis. Este fato é mais pronunciado com relação à São José que vem registrando um aumento significativo das atividades secundárias, desde que foi escolhido para comportar o distrito industrial idealizado para a Região da Grande Florianópolis, e passou a implantá-lo. Em decorrência do incremento das atividades industriais, tem havido também em São José um expressivo aumento do setor comercial. Todos estes fatores, aliados à proximidade com Florianópolis tem propiciado o significativo incremento populacional e imobiliário de São José. Estes movimentos se estendem pela BR 101 atingindo Palhoça, ao sul, e Biguaçu, ao norte.

Deve-se destacar, também, o fato de que os empreendimentos imobiliários destinados ao atendimento da população de baixa renda têm se localizado preferencialmente nos municípios contínuos à Florianópolis.

A tabela a seguir, constante do Diagnóstico Municipal de Florianópolis, fornece dados populacionais que merecem alguma reflexão

TABELA 04 - Distribuição da população municipal

ANO	1970		1980		1989		Taxa Média Geométrica de Crescimento Anual	
	%		%		%		70/80	80/89
URBANA	121.026	87,49	161.777	86,11	196.884	84,53	2,94	2,16
RURAL	17.311	12,51	26.098	13,89	35.886	15,47	4,19	3,60
TOTAL	138.337		187.871		231.970		3,11	2,37

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de SC, 1970 e 1980.  
Estimativa SEPLAN/SC - 1989.

Com uma população estimada em 231.970 habitantes para 1989, o município de Florianópolis é, sem dúvida, francamente "urbano", pois deste total de habitantes, mais de 84,5% residia na cidade e apenas cerca de 15% se dispersava pelas áreas rurais. No entanto, entre os extremos de 1970, 1980 e 1989, a distribuição domiciliar acusou um ligeiro aumento dos percentuais relativos à população rural.

Não se trata de um processo de êxodo da população urbana em direção a espaços rurais, pela oferta de oportunidades de trabalho nas atividades primárias. Em verdade, verifica-se uma procura acentuada por residência permanente nos balneários, atendidos por serviços de infra-estrutura (luz, água, rodovias, transporte e equipamentos comerciais). São ambientes capazes de atrair moradores, por estarem equipados com condições de amenidades encontradas habitualmente nas cidades oferecendo, além disso, um contato mais estreito com a natureza litorânea. A estes fatores se acresce a possibilidade de compra de terrenos por preços mais acessíveis (pelo menos nos balneários ainda não dominados pelo grande capital), além dos aluguéis mais baratos na antessafra das estações de veraneio. Mas as pessoas que buscam as áreas rurais continuam, em geral, mantendo seus vínculos empregatícios no espaço urbano, sobretudo no setor terciário.

Nos muitos balneários da Ilha de Santa Catarina, em decorrência do aumento da ocupação permanente de moradias, ocorre também um aumento de diversas atividades como as de natureza comercial e prestação de serviços. A dinamização da construção civil, seja para residências permanentes ou para servir aos turistas, estimula a permanência em moradias próprias nas locali-

dades do litoral e interioranas, dos operários ligados ao setor de construção.

Assim, a tabela em análise supõe uma tendência de ruralização que, de fato, não existe. O equívoco decorre do pressuposto de que, em áreas consideradas rurais predominam as atividades primárias. Os balneários da Ilha tanto absorvem elementos locais da força de trabalho voltada tradicionalmente para a pesca e a lavoura em atividades terciárias, como tendem a absorver como moradores permanentes, trabalhadores do setor terciário, que antes residiam no espaço urbano de Florianópolis e dos municípios da área de conurbação, sobretudo.

Confirmando esta interpretação, a análise da tabela com os números referentes à evolução da estrutura fundiária da Ilha desde a década de 70, no Diagnóstico Municipal de Florianópolis, ressalta:

"... observa-se que, tanto o número de estabelecimentos quanto o volume da área ocupada, diminuíram acentuadamente. Daí pode-se concluir que boa parte das perdas dessas áreas está sendo absorvida pelas propriedades de tamanho maior e pelos inúmeros loteamentos que estão surgindo em toda extensão municipal." (SEPLAN, 1990: 14)

A análise da tabela que apresenta os dados sobre a distribuição da força de trabalho pelos tipos de atividade econômica, também reforça estas considerações.

TABELA 05 - Evolução da população economicamente Ativa - PEA(6)

ANO	1970		1980		1989	
SETOR	%		%		%	
Primário	3.490	8,6	1.869	2,6	2.570	2,9
Secundário	6.826	16,9	12.985	18,1	15.739	18,2
Terciário	30.169	74,5	56.551	79,1	68.545	78,9
TOTAL	40.485		71.405		86.854	

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de S.C. - 1970 e 1980.  
Estimativas CEAG/SC - 1989.

Em 1970 a população economicamente ativa de Florianópolis já indicava franca predominância das atividades terciárias. Com um percentual de 74,5% de sua PEA ligada ao setor de serviços, Florianópolis passou a ser representada, segundo as estimativas para 1989, por um contingente de 79% da mão-de-obra ligada ao referido setor.

A PEA voltada para atividades primárias, que atingia 8,6% em 1970, decresceu para 2,9% em 1989, resultado que se contrapõe à hipótese de ruralização do município, considerando-se o aumento de domicílios em áreas rurais no mesmo período.

Pode-se observar de 1970 a 1989, um ligeiro aumento da representatividade do setor industrial, cuja PEA cresceu de 6.826 para 15.739, elevando-se percentualmente, de 16,9% para 18,2% do total da força de trabalho. Este aumento de atividades no setor secundário não indica uma caminhada da economia de Florianópolis em direção à industrialização. Indica, sim, o aumento de impulsos de vários setores, no sentido de incentivar atividades capazes de absorver a mão-de-obra que chega anualmente ao mercado de trabalho (crescimento vegetativo da população, imigração) e a mão-de-obra ociosa durante o período intermediário

entre uma e outra estação de veraneio. Tais impulsos viabilizam especialmente a indústria do vestuário e a indústria da informática, incentivadas por iniciativas da Prefeitura do município e pela demanda de recursos humanos de alto nível, no caso da informática, reunidos em torno da universidade.

Além disso, vêm emergindo algumas atividades de transformação, em função do desenvolvimento de um mercado urbano de dimensões razoáveis. São as indústrias de alimentos, madeira, fundição que, todavia, são mais dinamizadas nos municípios de São José, Palhoça e Biguaçu.

A informação não contida nas tabelas, diz respeito ao avanço da economia informal, impulsionada em grande parte pelo turismo. O fenômeno da terciarização deve ser considerado também em função dessa expansão da atividade informal.

O montante de pessoas ocupadas na economia informal ainda não foi devidamente aferido em Florianópolis, mas é admitido como significativo, considerando-se inclusive suas fortes ligações com o crescimento do movimento turístico. Como existem os integrantes permanentes da informalidade econômica, existem aqueles que respondem pela demanda de serviços que cresce brusca e expressivamente nos meses de alta estação, fato que caracteriza uma grande mobilidade em busca de ocupações na cidade, mobilidade também entre os vários setores da economia, especialmente nas atividades que não exigem qualificação.

Esta intensa mobilidade e instabilidade ocupacional foi um dos dados que mais se destacou nos depoimentos que obtive com os jovens oriundos das localidades pesqueiras.

## NOTAS

- 1 "Valor de Uso e Valor de Troca - Conceitos clássicos da economia política que foram retrabalhados por Marx enriquecendo-os. Cada mercadoria tem, na sociedade capitalista, um duplo aspecto no que se refere ao valor. Possui um valor de uso e um valor de troca. O primeiro está relacionado à esfera do consumo e o segundo à da circulação. Estes dois conceitos, no entanto, estão dialeticamente relacionados entre si: é somente através da troca no mercado que uma mercadoria realiza plenamente seu valor de uso. Ver sobre o assunto David Harvey, A Justiça Social e a Cidade, que discute os conceitos, aplicando-os à terra urbana." (CORREA: 1988: 83)  
Com relação à discussão do problema referido à terra rural no Brasil, conferir em Expropriação e Violência, de José de Souza Martins, as concepções de "terra de negócio" e "terra de trabalho".
- 2 O depoimento de um dos informantes, que conta a trajetória da família, vinda da comunidade litorânea para a cidade, ilustra o processo de migração rural-urbana, em meio ao processo urbano de descentralização.

R. Ai minha mãe faleceu e meu pai ficou sozinho, né... ai ele ficou apavorado porque...Ele pegou e deu os quatro filhos... e eu, meu pai me deu para um senhor lá do Canto, perto da praia do Santinho. Me deu prá ele, depois de lá, ele se mandou aqui prá... Carvoeira, né, que ele comprou um terreno grande aqui. E eu vim morar prá cá com ele.

P. Que idade o senhor tinha quando veio prá cá?

R. Eu tinha três anos.

P. E quando sua mãe morreu o senhor tinha dois?

R. Tinha dois, dois ano..é. Daí nós viemos aqui prá Carvoeira, que ele comprou um terreno ali.

P. Quê que ele fazia, esse senhor, lá no Santinho?

R. Lá no Santinho ele pescava, né, vivia de pescaria, mas só que... só que ele era um senhor que tinha bastante condições, porque ele tinha um terreno muito grande, tinha... tinha parelha de rede, né...canoa. Então ele vivia da pescaria, né. Depois ele vendeu... Ai ele tinha uma casa muito bonita, vendeu lá por causa do problema de doença dessa minha mãe de criação. Ai ele vendeu e veio aqui prá Carvoeira... ai...

P. E aqui, do quê ele vivia?

R. E aqui ele começou a trabalhá no Estado, né. Pegou um serviço no Estado. E... depois com o problema novamente da minha mãe lá, ele vendeu o terreno todo que ele tinha ali. Acabou tudo que tinha... Ele acabou com tudo.

P. Por causa da doença?

R. Por causa da doença da minha mãe. Essa minha mãe de criação, né. Daí ele vendeu o terreno todo prá uma senhora, a dona Inês, na época ele vendeu esse terreno por seis cruzados. Que naquela época era seis mil, né. Vendeu, aí fomos morar lá prá Costeira... na Costeira.....

.....

P. Comprou na Costeira?

R. Comprou uma casinha na Costeira. Lá na Costeira ele começou a trabalhá no...naquela avenida Jorge Lacerda, que era pelo Estado também. Entendeu? Ele começou a trabalhar lá.

P. E o trabalho dele pelo Estado era sempre assim?

R. E, era só em serviço pesado. E, lá nessa época que ele era pontador. A senhora conhece ponteiro? E ele fazia furo nas pedras. Ele era pontador. E aí ele trabalhou uns quatro anos nesse serviço lá, depois dele sentir as vista, ficou quase cego das vista, né. Aí na época eu... o nosso governador era o Jorge Lacerda. E aí teve uma enrolação lá da avenida, e aí o Jorge Lacerda foi lá onde ele tava trabalhando e aí viu ele naquela situação que ele era bem velhinho... ele tava quase cego, daí pegou e falou prá ele que... que ele não era homem de trabalhar naquele serviço. Não tinha condição pra'quele serviço. Ele pegou, pediu prum senhor lá que o nome dele era Roseiro, o nome do chefe do meu pai, prá tirá ele que ele não tinha condição prá trabalhá naquele serviço que é um serviço muito pesado prá ele. Então ele tirou meu pai de lá e pôs num serviço mais leve, trabalhar num negócio de... assim fora. Fazendo entrega de ponteiros pros...

P. Ele ganhava salário?

R. Salário mínimo, né. Ele ganhava salário mínimo.

P. Ele vendeu tudo e foi ganhá salário mínimo na cidade?

R. E, ele vendeu tudo que tinha e começou lá, a trabalhá lá só prá ganhá um salário mínimo, né.

P. E eram muitos filhos. Ele tinha quantos filhos?

R. Não, e aí... ele tinha... tinha outra irmã, outra irmã de criação, né. Que ele tinha essa filha que ele tinha, também era filha dele de criação, também.....

.....

.....Meu pai vendeu essa outra casa de baixo que ele tinha, que ele tinha botado lá, né. Aí comprou uma casinha em cima, do seu Lino. Lá na Costeira mesmo. Eu sei que esse senhor hoje em dia é morto, ele vendeu essa casinha pro velho, mas ele vendeu a casa e não passou, passou escritura da casa assim, por conta própria, né. Ele não passou em cartório. Eu sei que no final meu pai ficou sem nada. Porque até a própria casa de cima que ele comprou, aí o homem, houve uma encrenca lá com meu pai lá, aí botaram em questão que o home que vendeu a casa, pôs uma casa e um terreno no nome do outro, daí meu pai ficou na rua. Ficou meu pai, ficou eu praticamente e a... minha mãe de criação, né.

P. Que era doente, o quê que ela tinha, seu Odilo?

R. Ela tinha bronquite, é...asma, é. Aí ele ficou na rua. Aí, dali, tinha um senhor que se dava muito com meu pai ele morava aqui na Alvaro de Carvalho, era tenente, né. Tenente Ernesto. E ele tinha duas casas em Barreiros. Ele conhecia muito meu pai, aí falou, aí falou... com meu pai, se ele não queria deixar eu ir prá casa dele, lá na Alvaro de Carvalho. E o meu pai ia pra casa dele lá em Barreiros cuidar, cuidar do terreno dele, que ele dava uma casinha pro meu pai morar, entendeu? Daí o meu pai aceitou. Ele pegou e foi. E eu fiquei morando na casa desse senhor. Então meu pai...lá ele tinha casa...era uma chácara, né...Nessa época que meu pai foi prá lá, meu pai já tinha se aposentado...pelo problema da vista.....

.....  
.....Daí eu saí de lá, daí viemo s'mbora, meu pai também saiu do sítio dele.

P. Não gostou de ficar lá?

R. Não gostou lá. Minha mãe não gostou lá, que era assim beira de praia. E aí pegou, de lá ele veio morar ali no morro da Lagoa, aonde é a casa do... era a casa do João. Logo assim que sobe o morro ali, né. Tem uma casinha de material ali, né. Nós morava ali.

P. Morava ali cuidando do terreno? Caseiro?

R.E cuidava do terreno, é isso...

### 3 São trechos de uma entrevista:

"...Ali é um bico. E o professor, inclusive em Florianópolis é uma coisa de louco, a maioria não tem vínculo, nem compromisso com a terra. Vem muita gente de fora passar temporada de verão aqui, principalmente moças, daí gosta.

-Ah! Que coisa boa. Vou morar na Armação, na Barra. Como é que eu faço?

-Faz concurso pra professora que tu passa e fica aqui.

Daí ela faz e passa. Hoje a maioria, quarenta por cento dos professores da prefeitura, são gaúchos, paranaenses".

"... o interior da ilha sofreu uma alteração muito grande de invasão de estrangeiros, né? Hoje setenta por cento da população da Lagoa não é nativo. E por incrível que pareça, dos setenta, mais de cinquenta não são de Santa Catarina".

"... Agora, na realidade, houve um processo de aculturação desse pessoal. Esse pessoal, por exemplo, o problema da maconha, eu quando era guri, eu não sabia lá o que era maconha. Hoje a gurizada da Lagoa, nativa, todo mundo fuma maconha. E isso foi influência do pessoal da cidade. Do pessoal da cidade, pessoal de fora. Então eu acho que teve as benesses, as coisas boas, e teve também o preço que nós pagamos por isso tudo".

"... quando começou o turismo, o veranista da Lagoa ... foi um processo que descaracterizou muito a cultura, né, isso uma invasão total...".

"... um dia ali, aquelas senhoras do Retiro, tão apavorada. Um outro dia conversei com elas, elas não tão acostumada com esse tipo de coisa, não. Essas pessoas mais velhas... porque elas dormiam oito, dez horas da noite, sem movimento, a gaiivota é que fazia barulho de manhã, pra se acordar. Hoje essas pessoas..."

"Então esse pessoal mais idoso tá passando, olha! É uma encrenca. Eu conversei muito com esse pessoal e a gente sente assim... entende, é... tem pessoas dessas até meio traumatizada".

### 4 Campos relata como se deu a apropriação pelo Estado, em Canasvieiras (através da compra a particulares que delas haviam se apossado) das terras comunais em que foi construída a Colônia Penal Agrícola, das terras usadas mais recentemente para a implantação de um centro de Treinamento Fazendário e daquelas adquiridas por um dos antigos governadores, pertencente à oligarquia do PSD, após sucessivas vendas, e que hoje abriga uma fazenda com poucas cabeças de gado.

Analisa o processo de privatização dos campos de Jurerê (e Daniela) através de cessão, pelo Estado, da área a particular que faleceu sem ter regularizado a situação escriturária, o que levou à disputa pelas terras entre o advogado da viúva, pertencente à UDN, e o maior chefe político de Florianópolis, líder do PSD.

"Entretanto, após 1945, com a redemocratização, o poder político alternava-se entre UDN e PSD. Por conseguinte, o domínio do campo também alternava-se, consoante o partido (...). A utilização das áreas comuns de Jurerê deixava de ser aberta e livre. O direito de uso tornara-se restrito a quem pertencesse ou simpatizasse com o partido político do momento, sendo o seu uso, praticamente negado aos que fossem da oposição, embora alguns conseguissem utilizá-lo, mas pagando. Seu Deca Bastião conta, por exemplo,

que tinha uma área de cerca de 1000 m<sup>2</sup> na qual contruira engenho e outras benfeitorias: fui forçado a sair pelo pessoal da UDN! Eles derrubaram as cercas, o engenho e tiraram o sítio, isto porque negara-se a mudar de partido. Chegou mesmo a ser preso por continuar tirando lenha no campo, fato que ocorreu não só com ele, mas com todos aqueles que eram do partido oposicionista. Confirma ainda que se estivesse no poder o PSD, as mesmas arbitrariedades sofridas por ele, eram cometidas com as pessoas do partido opositor".(CAMPOS, 1989:182-3)

Continuando o relato, o autor afirma que por volta de 1956 o líder político do PSD se apropriou do campo e tornou-se o principal acionista da Imobiliária Jurerê, responsável pelos primeiros loteamentos naquela praia que, mais tarde, através de venda ao Grupo Habitasul, serviu de base à implantação do Jurerê Internacional.

Por enquanto foram construídos, nesse empreendimento turístico, junto às residências de alto padrão, dois prédios que obedecem ao gabarito de três andares, estipulado para as praias. Este grupo empresarial, no entanto, obteve aprovação para construir um hotel de 12 andares, através da composição de forças políticas do legislativo municipal em determinado momento, e tendo por detrás a figura referida do influente líder político que vendeu a área para os empresários gaúchos. Embora os movimentos ecológicos populares e os partidos de oposição tenham conseguido fazer revogar as medidas legais que permitiram tal agressão modernizadora ao ambiente litorâneo, a licença já obtida permite que o hotel seja construído, à conveniência da empresa proprietária. Estes casos são exemplares da interferência e manipulação do poder político na transformação das comunidades da Ilha de Santa Catarina, para servir aos interesses econômicos em jogo.

- 5 Apesar da polêmica que o assunto possa continuar gerando entre os teóricos marxistas sobre o emprego de conceitos concebidos fora da teoria (cf. nota 15 à p. ), penso que a divisão das atividades econômicas conforme a classificação de Colin Clark em setores primário, secundário e terciário da economia, referidos respectivamente às atividades agrícolas, industriais e de prestação de serviços, é de inegável utilidade para a análise das chamadas sociedades complexas, urbanizadas e burocráticas.
- 6 PEA - A população economicamente ativa compreende as pessoas de 10 anos ou mais que, durante os doze meses anteriores à data do Censo, tenham exercido trabalho remunerado em dinheiro e/ou produtos ou mercadorias, inclusive as licenciadas com remuneração e as sem remuneração que trabalham habitualmente 15 horas ou mais por semana numa atividade econômica. Para o detalhamento do assunto, conferir p. 87-8 do Anuário Estatístico do Brasil - 1990 - IBGE.

T E R C E I R A   P A R T E

OS SUJEITOS NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

## C A P I T U L O    4

### FAZERES E SABERES DO PASSADO (A Primeira Geração)

"... através do conhecimento que tem da natureza que explora para sobreviver e do seu trabalho no mar, o homem se apropria, de determinadas maneiras, dos ambientes produtivos e do mundo em que vive. Essa apropriação se realiza no processo de trabalho e o ultrapassa, pois inspira também modos de ser e de estabelecer relações sociais, de constituir família, de organizar o trabalho". (MALDONADO, 1986: 7)

Para tentar compreender as mudanças que ocorreram nos processos de trabalho das populações litorâneas da Ilha de Santa Catarina, temos que partir da consideração de suas condições tradicionais de vida. Sobre o assunto já foram produzidos inúmeros estudos que podem subsidiar esta visão do passado, além das etnografias que tem sido desenvolvidas mais recentemente, utilizando bastante os depoimentos de memória de velhos trabalhadores.

Segundo os estudiosos<sup>(1)</sup> desde a chegada dos vicentistas e mais tarde, com a imigração açoriana do século XVIII, o povoamento e colonização da Ilha de Santa Catarina esteve voltado para a atividade agrícola. E pelas circunstâncias que se estabeleceram a partir dos primórdios da colonização, desenvolveu-se aqui uma agricultura orientada para a produção de alimentos em regime de pequena propriedade, trabalhada em geral por mão-de-obra familiar<sup>(2)</sup>.

"(Os colonos) ... dedicaram-se à produção de alimentos em pequenos lotes, utilizando predominantemente, força de trabalho familiar. Reproduzindo a economia, a organização social, a língua, as festas e as tradições açorianas deram um caráter específico a esta parte do litoral que, mesmo duzentos anos depois, guarda carac-

terísticas próprias, principalmente na área rural". (BECK, 1989b: 8)

De acordo com esta autora, no primeiro século da colonização açoriana, a atividade predominante da população da Ilha era a agricultura, sendo a pesca praticada de forma subsidiária. Só a partir da segunda metade do século XIX houve uma diversificação das atividades econômicas, e a pesca começou a assumir maior relevância pelas perspectivas comerciais que oferecia, tendo desempenhado um papel decisivo na inserção gradativa das comunidades litorâneas em uma economia monetizada. "Nesse momento a agricultura se tornou uma atividade subsidiária da pesca" (Idem: 9) (3).

Segundo Anamaria Beck (op. cit.), à medida em que a pesca ia assumindo uma maior importância na economia das populações do litoral, foi se estabelecendo de forma mais marcada a divisão sazonal e sexual do trabalho. Sexual por ser a pesca uma atividade tradicionalmente masculina, onde é comum a interdição da mulher ao espaço e instrumentos de trabalho, e sazonal porque a pesca na Ilha se concentrou, inicial e principalmente, na apreensão da tainha, que ocorre entre maio e agosto, quando o peixe migra do extremo sul para a desova, passando pelo litoral de Santa Catarina e indo até o Cabo Frio, de onde retorna ao sul (CASCAES, 1978).

Em Virgílio Várzea (1984) e Franklin Cascaes (op. cit.) encontramos pormenorizadas e belíssimas descrições da pesca da tainha, desde os papéis desempenhados pelos membros das famílias e da comunidade em relação a todas as etapas da atividade pesqueira, a feitura e tipos de instrumentos de trabalho, a organização e as relações sociais de produção, além da descrição de

todas as fases do processo de trabalho no mar, em terra, a partilha do peixe entre dono de rede, camaradas e ajudantes, a comercialização, o tratamento do pescado na residência do pescador. A solidariedade do pescador com os pobres na praia, a camaradagem entre os companheiros de pesca, o aspecto comunitário de todo o processo, que terminava com um "caldo de peixe" como ceia dos participantes da salga, na casa dos pescadores a quem coubera uma quantidade de peixe que precisava ou podia ser conservada para consumo posterior (geralmente, os donos de rede)(4).

A análise dos trabalhos que estudam a pesca artesanal, ressalta aspectos como o conhecimento do mar, do tempo, das espécies de pescado e de seu comportamento; o controle de todo o processo de produção do peixe por parte dos pescadores; a perecibilidade do produto, determinando em geral sua comercialização em condições desvantajosas para os produtores, nos termos definidos pelos intermediários; a divisão do trabalho, com a importância do mestre de pesca (que em geral é o dono da rede), as funções do vigia (que localiza de terra os cardumes no mar, dando aviso aos pescadores para iniciarem o cerco do peixe), dos camaradas de rede, dos ajudantes na praia. (os meninos que se iniciam na pescaria); o recrutamento informal dos camaradas, sem vínculos empregatícios e através de laços de afetividade (a parentela, a vizinhança, o compadrio, a amizade); o fato dos pescadores produzirem a sobrevivência num meio instável, cujas forças naturais não são controláveis pelo homem, o que torna a atividade perigosa; o meio como território teoricamente livre, comum, indivisível (e, portanto, potencialmente competitivo).(5)

Todos estes fatores contribuiriam para desenvolver, como próprias da identidade cultural (e naturalmente, psicológica, individual) do pescador, características como a valorização da independência, da autonomia, a desconfiança em relação às pessoas de fora da comunidade, o conservadorismo, com resistência às mudanças e à incorporação de novas tecnologias, etc.

Maldonado (1986) e Diegues (1989) objetam a uma relação mecânica e constituinte entre os fatores, complexificando a questão

"Os homens ao longo da história, ao explorar, gerir e imaginar o mar e seus recursos, elaboram diversos modos de apropriação social, econômica e cultural, ligados ao ambiente marinho. As práticas socioculturais da gente do mar dão ao ambiente marítimo uma dimensão antropológica e são marcadas pelas propriedades naturais socializadas. Essas práticas, no entanto, não são generalizáveis e dependentes exclusivamente do meio 'natural' socializado, mas também das formas de organização da produção ..." (DIEGUES, op. cit.: 4)

Este autor (op. cit.) distingue "comunidades marítimas", as comunidades humanas que vivem do mundo do mar em oposição ao mundo da terra, de outras comunidades litorâneas que vivem também da terra, como é o caso dos pescadores-lavradores. Para ele, o viver exclusivamente do mar é fator fundamental (embora não necessariamente determinante) no desenvolvimento de uma "cultura marítima" e os conceitos que a antropologia utiliza para analisar as sociedades camponesas não são facilmente aplicáveis à realidade social marítima e às práticas de sua gente. Somente uma parte das comunidades litorâneas se transformam, segundo o autor, em comunidades marítimas, não sendo este o caso, em geral, daquelas que combinam pesca e agricultura, vivendo tanto do mar quanto da terra.

As comunidades de origem dos sujeitos que pesquiso eram comunidades litorâneas que tiravam seu sustento da lavoura e da pesca.

Sobre o trabalho agrícola tradicional, temos também abundantes e ricos relatos.

Os colonos açorianos desenvolveram uma agricultura de subsistência em meio a condições adversas. Tamanho dos lotes, terreno arenoso levando ao cultivo de muitas espécies nas encostas, a requisição de lavradores para servirem como soldados nas Fortalezas, o confisco de parte da produção agrícola para o sustento das forças militares, entre outras.

Sobre o assunto, reporto às obras dos estudiosos já citados na nota 1 deste capítulo. É muito importante também o material deixado por Franklin Cascaes que, tendo vivido uma infância em meio às fainas da lavoura e da pescaria, nas primeiras décadas deste século, pretendeu, com o trabalho de pesquisa que desenvolveu por toda a Ilha, testemunhar um modo de vida que desaparecia, dedicando-se a colher e deixar registrados os fazeres e a simbologia do ilhéu, seus cantos, suas festas, suas crenças, seus mitos, seu trabalho, artesanato, etc.(6)

De acordo com estas fontes, pouco tempo bastou para que os camponeses das comunidades da Ilha de Santa Catarina se tornassem auto-suficientes, produzindo quase tudo de que necessitavam para a sobrevivência. Além da lavoura e da pesca, dedicavam-se também à produção artesanal dos instrumentos de trabalho, dos utensílios domésticos, à tecitura de rendas e dos fios para roupas, redes, etc.

Os habitantes das comunidades rurais da Ilha tinham dificuldade de acesso ao centro da cidade por terra e dependiam bastante dos barcos para levar ao mercado urbano o pescado e os produtos agrícolas que comercializavam.

A divisão sazonal e sexual do trabalho, maximizada quando da dedicação das comunidades litorâneas à pesca como atividade principal, já existia enquanto elas eram predominantemente agrárias. Este fato é bastante analisado pelos estudos de sociedades rurais e camponesas, já que os cultivos agrícolas obedecem aos ciclos anuais. Inúmeros estudos referentes ao meio rural se ocupam da divisão sexual do trabalho na agricultura. (7)

Conforme ressalta Anamaria Beck, todas as decisões relacionadas ao trabalho na pesca (atividade eminentemente masculina na Ilha de Santa Catarina) e na lavoura, eram de competência do homem (o dono da rede na primeira, o chefe da família na segunda).

As lavouras se localizavam distantes das casas, em geral, nas encostas.

O trabalho na roça era encargo dos homens, auxiliado pelos filhos. O cuidado com os animais de grande porte, cuja criação nunca teve muita expressividade na Ilha (conf. VARZEA, op. cit.: 180), era também atividade masculina.

Embora todos os filhos (meninos e meninas) e mesmo a mulher, pudessem trabalhar na lavoura, seu labor era considerado uma "ajuda". Esta feição continuou a caracterizar o trabalho feminino no decorrer do processo de transformações na economia das comunidades da Ilha (BECK, 1989a).

A mulher se encarregava de todas as tarefas domésticas, da horta e da criação das aves, além dos cuidados com os filhos.

As crianças ajudavam na roça e as meninas auxiliavam também as mães no serviço doméstico.

O trabalho acessório das mulheres era o artesanato da renda, no qual iniciavam as meninas a partir de até 6 anos de idade (BECK, 1983).

Os homens tinham como trabalho acessório a pesca e os meninos desde cedo começavam a participar da pescaria, como ajudantes.

Além da pesca nas praias das próprias comunidades, tem sido comum e tradicional o deslocamento dos homens da Ilha de Santa Catarina para a participação na "pesca embarcada", nos litorais de Rio Grande e Santos. (8)

Cleide Albuquerque estudou a articulação da vida local de uma comunidade de pescadores da Ilha com o mercado de trabalho regional, defendendo a idéia de que

"... essa população é bastante articulada com outras regiões principalmente através da pescaria embarcada. Por isso a tradição não decorre de isolamento e sim de ligação com outras áreas mais modernizadas. Ela é sim uma decorrência do entrosamento da mão-de-obra em outras economias". (ALBUQUERQUE, 1983: 57)

De acordo com Carmem Rial (1988: 69-73), a saída dos homens para a pesca embarcada significava a "grande aventura coletiva" que promovia a ligação das comunidades litorâneas com o "mundo de fora" mais distante, e foi através dela que Santos e Rio Grande, duas cidades longínquas, se tornaram muitas vezes

mais próximas e familiares para suas populações, que cidades de Santa Catarina e alguns lugarejos da própria Ilha.

A participação na atividade de pescador embarcado propiciou, frequentemente, a capitalização necessária para a aquisição de terras aos lavradores das comunidades litorâneas, num primeiro momento, e para a compra dos barcos e das redes aos seus pescadores, num momento posterior. A ausência dos homens anulava, por prolongados períodos, a divisão sexual e familiar do trabalho, ficando a mulher e os filhos menores responsáveis por todas as tarefas da lavoura, do quintal e da casa, o cuidado com os animais de grande porte e com a criação doméstica, o dentro e o fora, o público e o privado (LAGO, 1983).

O cultivo da mandioca, herdado dos indígenas, habitantes originários da Ilha, logo se constituiu na produção agrícola de maior significado para os colonos açorianos, seguido da cana-de-açúcar e, mais tarde, do café. A mandioca era processada em engenhos para a produção da farinha e da mesma forma a cana, com a qual produziam o açúcar mascavo e a aguardente. Assim, os engenhos eram parte da paisagem cultural do mundo agrícola da Ilha, tendo perdurado em atividade até bem pouco tempo atrás.<sup>(9)</sup>

As condições de vida do ilhéu habitante do meio rural se mantiveram as mesmas até meados deste século.

<sup>9</sup>Os processos e instrumentos agrícolas usados pelos lavradores da Ilha ainda são os mesmos que se empregavam há um século ou mais, e a exploração de certos produtos igualmente a mesma ... (VARZEA, op. cit.: 179)

Desta forma, os depoimentos de informantes idosos, que têm alimentado as inúmeras etnografias produzidas sobre as comu-

nidades litorâneas da Ilha de Santa Catarina, são de grande utilidade para ajudar a apreender os modos tradicionais de vida de suas populações. (10)

Em função das feições estacionárias que as comunidades da Ilha de Santa Catarina e a própria cidade de Florianópolis apresentaram por várias décadas, devidas ao seu relativo isolamento rodoviário e à decadência do porto marítimo, encontramos, nos relatos de memória de velhos ilhéus, situações muito similares às descritas pelos historiadores, referentes ao passado.

Uma forma de analisar as transformações que se processam num meio social em determinado tempo, é a de estabelecer comparação entre as condições de vida de suas populações, através da sucessão de gerações.

Com relação aos informantes da pesquisa atual, tenho basicamente o depoimentos de duas gerações, que corresponderiam, uma, aos filhos de meus primeiros informantes (LAGO, 1989) e a outra, a seus netos. A segunda geração, de filhos das pessoas idosas entrevistadas inicialmente, que chamo de geração intermediária, está entre os 40 e tantos, 50 e 60 anos de idade. A terceira geração, de netos dos primeiros informantes e filhos da geração intermediária, possui idades entre 20 e 30 e tantos anos.

Se a primeira geração informou a respeito das condições tradicionais de vida, que perduraram por sua infância e juventude, a geração intermediária falou da mesma situação enquanto rememorava a sua infância na localidade litorânea, antes da década de 50. Foram os informantes que, de maneira geral, sofreram mais intensamente o processo de transformação econômico-

social da Ilha. As pessoas mais moças desta geração, nascidas entre 1940 e 1950, já encontraram situações muito modificadas, mais próximas daquelas vividas pela terceira geração. Isto dependeu diretamente do nível de isolamento e urbanização das comunidades litorâneas de que eram originárias porque, conforme já descrevi, o processo de ocupação das praias por habitantes das cidades foi desigual em termos temporais.

Comentando, em meados da década de 80, as transformações que ocorreram na Ilha de Santa Catarina em relação às paisagens e aos costumes descritos por Virgílio Várzea, Victor Peluso Jr. observou que os pescadores que se mantinham isolados conservavam ainda seu modo de vida tradicional, o mesmo não acontecendo com aqueles que viviam nas áreas invadidas pela gente da cidade, sofrendo a influência da vida urbana. Quanto à agricultura, o autor comparou os níveis de produção de alguns cultivos, como mandioca, feijão, milho, cana, café, de acordo com os números dos Censos Agrícolas de 1940 e 1980, demonstrando a decadência desta atividade e observando que apenas a pecuária progrediu, em função dos trabalhos de drenagem dos campos do norte da Ilha efetuados pelo poder público. Estes campos, no entanto, não mais pertenciam à gente de colonização açoriana.

Como o próprio autor destacou, as linhas de ônibus facilitam o domínio urbano por toda a Ilha, fato que, acrescido à difusão dos veículos de comunicação de massa, torna a existência de comunidades isoladas algo de fictício.

"A agricultura, da mesma forma que a pesca, subsiste na Ilha de Santa Catarina, mas a sociedade tradicional que envolvia as suas atividades em hábitos transmitidos de geração em geração, desarticulou-se em face da invasão de novas técnicas e da infiltração de cidadãos em todos os lugares da zona rural". (PELUSO JR.,

1984: 241)

Para compreender as mudanças identitárias no processo de transformação das formas tradicionais de produção material, considerando a escola como instância de intermediação aos novos tipos de atividade econômica que o meio urbano oferece, pretendi, após ter realizado a análise das entrevistas, dedicar um capítulo em separado deste estudo a cada um dos tópicos, escola e trabalho, já que reproduziam o trajeto dos sujeitos na sociedade em transformação e na pressuposta construção de novas identificações profissionais.

No momento de redigir o capítulo referente à escola, fundamentada numa análise mais detida das entrevistas realizadas, para só depois me dedicar à descrição das condições e transformações das formas de trabalho, o intento se mostrou inadequado, porque muito diverso da realidade dos sujeitos que entrevistei.

Nas localidades de origem de meus informantes, o estudo e o trabalho não são atividades que se sucedem em diferentes etapas da vida. O trabalho não é, como para a maioria dos jovens e crianças pertencentes às camadas médias urbanas e para os filhos da burguesia, um momento posterior ao tempo da escola, vista como a fornecedora formal do instrumental simbólico e técnico necessário ao desenvolvimento das atividades profissionais futuras.

Na realidade, para os sujeitos que entrevistei, o trabalho antecedeu ao estudo na sociedade rural e independentemente da diferenciação social já existente entre eles. Como referi na

primeira parte desta tese, colhi depoimentos tanto de pessoas semi-alfabetizadas como de pessoas com nível de mestrado e doutorado. Profissionalmente, são empresários, professores, trabalhadores no comércio, em empresas privadas, funcionários públicos, autônomos, biscateiros. Mas todos eles, sem exceção, relataram uma infância de trabalho, antes, durante a frequência à escola e, naturalmente, depois que a deixaram, tendo ou não concluído seus cursos. E muitos deles, tendo deixado de estudar para trabalhar.

Cabe aqui ressaltar a observação de Carlos R. Brandão, a respeito de filhos de operários que estudou em pequeno município mineiro:

"... o rapaz ou a moça se reconhecem como trabalhadores que ainda estudam, mais do que como estudantes que já trabalham". (BRANDÃO, 1989: 101)

Em texto em que discorre sobre a valorização da escola e do trabalho na vida rural, José de Souza Martins destaca também o fato de ser a escolarização de nível primário nas cidades, uma etapa infantil anterior à do prosseguimento dos estudos ou à do ingresso do sujeito no mercado de trabalho, dependendo de sua posição de classe. No meio rural, entretanto,

"... a concomitância da escolarização com o trabalho produtivo (...) não é apenas um aspecto distintivo da inserção da escola na vida de sua população. É imposição, igualmente, das condições de existência e das representações que as integram coerentemente num modo de vida". (MARTINS, 1975: 85)

Comparando o significado da escola nos ambientes rural e urbano, Martins ressaltava a valorização da atividade escolar na representação de seus usuários do meio agrícola, como "equiva-

lente" de trabalho (e não pela escola em si). Os modos de vida na cidade e na roça correspondem a linguagens diferentes e a escola, segundo o autor, adquire importância por si própria para os agricultores quando mudam suas condições de vida, pela penetração do capitalismo no campo, e eles sentem necessidade de dominar o código da linguagem urbana. Por estar comprometida com os valores e o modo de vida urbano, a escola é a negação do rural e sua eficácia depende da transformação da sociedade agrária pela integração com o mundo urbano, quando os produtos agrícolas se transformam em mercadorias e o trabalho, que era útil, torna-se social e abstrato. Para Martins, nesta negação do mundo rural e inadequação da mensagem da escola ao modo de vida agrário, deveriam ser buscadas as causas da evasão escolar e da repetência, muitas vezes expressivas no meio rural, que têm sido vistas tradicionalmente como desinteresse dos agricultores pela escolarização.

Eunice Durham (1984), analisando o processo de migração de trabalhadores rurais para a cidade, refere-se a este desinteresse, ou minimização da importância da escolaridade dos filhos nas sociedades agrícolas tradicionais. No entanto, conforme percebeu quando procurou interpretar as motivações para a migração entre os sujeitos que estudou, o trabalhador rural coloca como uma das vantagens da vida urbana, a possibilidade de maiores oportunidades de estudo para os filhos.

As pesquisas de Zeila Demartini (1985, 1988) com professores e populações do meio rural, contestam a interpretação comum em grande parte dos trabalhos sobre sociedades rurais no Brasil, a respeito deste pretenso desinteresse dos trabalhadores

agricolas pela escolarização dos seus filhos, considerando os sacrifícios que eram capazes de fazer para manter os filhos na escola, a constante luta por escolas, etc. A procura de oportunidades de estudo para os filhos como uma das motivações para a migração rural-urbana só reforça esta visão, desmistificando as concepções aceitas anteriormente e por muito tempo inquestionadas.

Segundo a autora, a necessidade de utilização do trabalho das crianças na lavoura, não seria determinação direta dos seus baixos níveis de escolaridade no meio rural, estando as causas deste problema mais ligadas às deficiências da rede escolar e às condições sociais das famílias dos menores trabalhadores.

"... a nosso ver, eram as posições dos pais na estrutura sócio-econômica, juntamente com as condições oriundas da amplitude e qualidade da oferta educacional, que explicariam, em última análise, os diversos níveis de escolarização encontrados no meio rural". (DEMARTINI, 1988: 47)

Na realidade, esta explicação de indiferença, desinteresse pela educação no campo, encobre problemas estruturais mais complexos do país: a desigualdade social e a própria organização histórica do sistema de ensino, que daí decorreu.

Assim como a diferenciação social tem sido determinante fundamental de acesso à educação formal para a sociedade brasileira como um todo, no campo ou na cidade, as oportunidades escolares no meio rural têm sido tradicionalmente mais reduzidas, quantitativa e qualitativamente.(11)

Corroborando as análises de Demartini, quando convidados a avaliar as mudanças que têm ocorrido na Ilha de Santa Ca-

tarina, os habitantes antigos das comunidades rurais costumam ressaltar como uma das vantagens da urbanização no presente, o acesso à escola, tanto pela implantação ou ampliação das instituições locais, como pela facilidade de transporte às escolas da cidade.

O estudo da migração dos habitantes de uma localidade pesqueira da Ilha para a cidade (CORDOVA, 1986), também assinou como motivação importante para este movimento de mudança do rural ao urbano, a busca de maiores oportunidades escolares para os filhos dos migrantes.

As pessoas idosas cujas histórias de vida colhi anteriormente, pais e avós das duas gerações de informantes que entrevistei agora, tinham apenas nível primário inicial de escolaridade. Em geral, sua frequência à escola correspondia a 1, 2 ou, mais raramente, 3 anos de estudo. Conforme seus testemunhos:

"- O meu irmão sabe lê bem, a minha irmã sabe lê bea, mas não tem curso de qualidade nenhuma ... naquele tempo não tinha ... Sei lê um pouquinho, mas também não tive curso nenhum. Chegava no 1º, 2º ano, pronto, acabava ..." (Pescador aposentado)

"- Estudo naquele tempo era fraco, aqui. Só o primário" (Pescador aposentado)

"- Naquela época ... estudavam só até o 3º ano ..." (Professora aposentada)

As únicas exceções, por terem frequentado a escola por mais tempo, foram as duas professoras que entrevistei, e que completaram o curso primário, realizando especialização para o magistério através de cursos de treinamento, ministrados pelo setor de educação do governo.

Uma delas trabalhou como doméstica na cidade para dar continuidade aos estudos, conseguindo a habilitação de professora não titulada, conforme seu relato. Este nível, de professora não titulada, correspondia ao curso primário completo (4 primeiras séries do primeiro grau atual), com treinamento para o exercício do magistério em cursos breves e intensivos, ao final dos quais prestavam um exame que as habilitava a lecionarem em escolas rurais.

Os integrantes dessa primeira geração cujos depoimentos colhi, ainda permaneciam na localidade litorânea dedicando-se à pescaria e, mais raramente, à lavoura. Muitos deles, no entanto, já somavam às atividades tradicionais e aos vencimentos que recebiam como aposentados na pesca ou na agricultura, o pagamento por serviços prestados aos veranistas, como caseiros, vigias, jardineiros, etc. Alguns se dedicavam ao comércio na própria localidade.

Mas era evidente o êxodo de moradores para Florianópolis, suas periferias, ou cidades mais distantes, como Santos, por exemplo. Eles iam em busca de oportunidades de trabalho, já que não estava sendo possível manterem suas condições de camponeses na comunidade de origem, que se urbanizava.

## NOTAS

- 1 Conferir, entre outros, Virgílio Várzea - Santa Catarina - a Ilha; Osvaldo R. Cabral - Os Açorianos e História de Santa Catarina; Paulo Fernando Lago - Santa Catarina, a Terra, o Homem e a Economia e Santa Catarina, Dimensões e Perspectivas; Walter F. Piazza - Santa Catarina: Sua História; Silvío Coelho dos Santos - Nova História de Santa Catarina.
- 2 De acordo com BECK (1979) e LAGO (1983), o projeto de colonização açoriana da Ilha de Santa Catarina, implantado pela Coroa Portuguesa no Brasil colonial, constituiu-se, bem antes da imigração estrangeira do sul do país no século XIX, num núcleo de economia camponesa, como exceção ao modelo colonial da grande exploração agrícola, de estrutura latifundiária em sistema mercantilista voltado para a exportação.
- 3 Na dissertação de mestrado (LAGO, 1983: 55-59), faço uma análise dessa trajetória e discuto a agricultura e a pesca se alternando como trabalho principal e trabalho acessório em diferentes momentos do ciclo de vida familiar de meus velhos informantes.
- 4 Simone Maldonado (1986) faz um estudo resumido e pormenorizado dos pescadores do mar e, referindo-se a obras de outros autores sobre o assunto em várias partes do mundo, ressalta que alguns destes estudos evidenciam a existência de tensões e dificuldades na tomada de decisões na pesca artesanal, reforçadas pelo recrutamento informal e afetivo dos camaradas. A autora refere-se à "caldeirada" do Algarve como um exemplo de utilização dos ritos sociais como forma de resolver conflitos interpessoais que tendem a ocorrer entre os membros de uma tripulação. Mesmo que o "caldo de peixe", da maneira como foi descrito por Virgílio Várzea (op. cit.: 169-70) não tivesse esta função de aplacar conflitos, até porque era feito no âmbito da unidade familiar e reúne apenas os participantes do processo de conservação do peixe excedente do consumo imediato e da comercialização, não se destinando aos camaradas participantes da pescaria, resalto o aspecto importante do prato como ligado à identidade cultural do pescador (a exemplo de seu linguajar e outras manifestações), além de sua ligação inquestionável com a produção da sobrevivência através do pescado. O "caldo de peixe" como a comida tradicional do ilhéu, adaptação da culinária dos Açores aos produtos pesqueiros da Ilha (como também o pirão de farinha de mandioca, a sequência de camarões, etc.).
- 5 Carmem S. Rial (1988) relata a forma como os pescadores das duas redes do Campeche dividem o mar para a pescaria, po-

dendo perseguir até outras praias o cardume cujo cerco iniciou no seu espaço, mas só invadindo o mar de outras redes neste caso, num pacto informalmente aceito e respeitado por todos os pescadores artesanais. (Não é o caso da convivência com a pesca industrial, conforme o testemunho dos pescadores).

- 6 Os escritos e as obras de Franklin Cascaes pertencem ao acervo do Museu de Antropologia da UFSC, que faz montagens periódicas para exposição com suas esculturas, reproduzindo todas as etapas da produção da subsistência através da pesca, ou da lavoura; reproduzindo as danças, as cantigas de roda das crianças, as festas, os trabalhos de artesanatos, as habitações, os utensílios das casas, do quintal, dos engenhos, dos ranchos de pesca; o lazer, as figuras mitológicas, etc. É uma verdadeira etnografia esculpida no barro e desenhada a bico de pena.
  
- 7 Sobre o assunto, conferir o artigo de Afrânio Garcia Jr. e Beatriz Heredia, "Trabalho Familiar e Campesinato" (1971), no qual procuram demonstrar que a divisão sexual do trabalho em sociedades camponesas é mais racionalmente explicável se formos além das justificativas que separam trabalho pesado (dos homens) de trabalho leve (mulheres) e considerarmos a oposição casa x roçado (dentro x fora) em que a mulher fica encarregada do serviço na casa - unidade de consumo, e o homem se encarrega do serviço na lavoura - unidade de produção.  
Sobre a divisão do trabalho por gênero nas comunidades da Ilha de Santa Catarina, destaco os estudos de Anamaria Beck, especialmente: BECK et alii (1982) "Um trabalhinho à toa: a produção e a comercialização da renda-de-bilro e suas implicações para a economia familiar"; BECK (1983) "Roça, pesca e renda: trabalho feminino e reprodução familiar"; (1989) "Pertence à mulher: mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do litoral de Santa Catarina". Conferir também LAGO (1986) "Trabalho feminino, trabalho improdutivo?"
  
- 8 O significado destes trabalhos acessórios na preservação e transformação do campesinato da Ilha, tem sido bastante analisado. Sobre a importância da renda-de-bilro para a economia familiar, conferir BECK et alii (1983) e BECK (1983, 1989b). Sobre o papel econômico da atividade de pescador embarcado, conferir BECK (1979) e LAGO (1983), entre outros.
  
- 9 Hoje em dia são muito raros os engenhos que continuam ativos, mesmo em São João do Rio Vermelho, uma localidade famosa pela produção de mandioca e pela faina da "farinhada". Uma das modificações mais evidentes da paisagem do litoral, com as transformações aceleradas que a urbanização e o turismo têm provocado nas últimas décadas, é justamente o desaparecimento dos engenhos de farinha de mandioca, abundantes no passado. Com eles, desaparece toda uma organização de trabalho, um "fazer" coletivo, com a participação de to-

dos, homens, mulheres e crianças, em meio a cantigas, jogos, histórias. Desaparece toda uma complexa manifestação da cultura dos descendentes de açorianos.

Sobre os engenhos e a farinhada existe uma boa produção etnográfica, desde os relatos dos antigos viajantes, às poéticas descrições de Virgílio Várzea (op. cit.) e Franklin Cascaes (Caruso, 1989). Conferir o acervo de Cascaes no Museu de Antropologia da UFSC, e os Anais do Museu, entre outros.

- 10 No entanto, estes depoimentos devem ser analisados com cuidado. As pessoas fazem um exercício de rememoração do passado, lembrando uma época em que eram jovens ou adultos produtivos. Os homens, como atuantes chefes da família que deles dependia, com responsabilidade sobre os seus e também o controle das decisões familiares. As mulheres, responsáveis pela casa e pelos afazeres domésticos, envolvidas com a educação e cuidados das crianças, em contato estreito e constante com os filhos, pequenos e dependentes. Ambos, no auge de sua força e desempenho físico. Necessários à família. Esse olhar para atrás, para os anos da juventude, pelos velhos que já não possuem mais a mesma disposição física, a mesma força, cujo poder de decisão sobre a família se reduz, com os filhos se ausentando e constituindo seus próprios núcleos familiares, estes velhos que se percebem como menos produtivos ou independentes, cujo futuro é o agora, com a perspectiva da deteriorização das condições fisiológicas, tendem, por todos estes motivos, a idealizar a vida que passou. Assim, os depoimentos que colhemos são representações muitas vezes idealizadas do passado, onde os problemas, as dificuldades, os conflitos, foram minimizados ou esquecidos, através de mecanismos psicológicos de defesa normais e comuns ao ser humano.
- 11 Mesmo uma análise superficial, sem cuidar dos problemas da evolução das filosofias de educação fundamentadoras das políticas educacionais aplicadas à formação das novas gerações no país, demonstra o fato. A própria persistência de escolas isoladas em comunidades não expressivamente distantes ou inacessíveis, como acontece na Ilha de Santa Catarina, é reveladora da diferença do tratamento dispensado pelo poder público às populações rurais e urbanas, no que se refere à educação formal.

## C A P I T U L O 5

### O ONTEM E O HOJE (A Segunda Geração)

Das 11 pessoas entrevistadas que reuni, com certa arbitrariedade, como representantes de uma geração e cujas idades vão dos 64 aos 42 anos, só quatro permaneceram morando nas localidades litorâneas de origem. Um quinto informante voltou para o litoral, depois de ter residido na cidade por muitos anos. Dos quatro que permaneceram, apenas um vive somente do trabalho tradicional como pescador. Outro, que também pesca, é funcionário da Prefeitura há bastante tempo.

No que se refere à esta geração intermediária, a situação escolar é muito semelhante àquela que me foi relatada anteriormente: a maioria dos sujeitos possui nível primário inicial de escolaridade. Os motivos disto também são similares aos alegados pela geração anterior: além da reduzida oferta da rede escolar rural, em quantidade e qualidade, a dificuldade em conciliar estudo e trabalho, especialmente naqueles casos em que se tornava necessária a ocupação de toda a mão-de-obra familiar na produção da subsistência da unidade doméstica.

#### Os Que Ficaram

- a) Fazer a vida ...  
Eles acham que alugam o mar também ...

Um dos informantes (55 anos) que permaneceu morando na localidade litorânea de origem e que me prestou depoimento para esta pesquisa, foi pescador artesanal desde criança e continua sobrevivendo apenas da atividade tradicional, o que já é raro nas praias que, como a sua, transformaram-se em balneários.

Seus avós paternos vieram da Alemanha e se estabeleceram em colônia no Alto Biguaçu, onde casaram e tiveram os filhos, trabalhando com lavoura. Mais tarde se mudaram para a Ilha do Francês em Canasvieiras, como proprietários, vivendo da agricultura e da pesca, antes de retornarem ao continente, onde compraram terras e continuaram com o trabalho de plantação. Seu pai, após ter trabalhado na lavoura em vários locais, veio viver com a mulher, descendente de açorianos, na Ilha do Francês, como caseiro dos novos proprietários, até comprar terras em Canasvieiras, onde passou a viver tendo a pesca como trabalho principal. Ele escalava e salgava o peixe, para vender no Continente, em embarcações que alugava. Era também carpinteiro, mas o único ofício que ensinou aos filhos foi a pesca.

O informante relata sua vivência de mar desde pequeno, como ajudante, mas ajudante que preferia pescar com os mais velhos e não com outras crianças. Usava a rede que chamavam de "cai-cai", uma rede de malha fina que vai sendo estendida à medida em que se recolhe a rede de arrastão, para pegar os peixes que conseguem escapar do arrasto, pulando da rede grande. É uma pesca que, de acordo com ele, dava muito resultado, no tempo em que o peixe era abundante. Mais tarde, passou a pescar com espinhel, o tipo de pesca praticado pelo pai.

Quando mais velho, seu pai foi pescador embarcado nas costas de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, até Uruguai e Argentina porque, de acordo com o entrevistado "era uma pesca que tinha mais proteção, por causa do frio, da chuva ... nessas embarcações grandes, que oferecem mais conforto".

Ainda muito jovem, com 15, 16 anos, o informante começou a participar da pesca sazonal, no Rio Grande do Sul. Com o produto deste trabalho comprou apetrechos de pesca e embarcação, passando a pescar como dono de rede, em sociedade com o irmão, na localidade de origem.

Na última vez em que pescou no estado vizinho, foi como proprietário, levando a equipe de pesca e toda a aparelhagem em caminhão fretado. No entanto, teve prejuízo com o empreendimento, porque a renúncia de Jânio Quadros à presidência da República criou uma situação de instabilidade política, com repercussões muito especiais no Rio Grande do Sul, o que fez com que os camaradas de sua rede retornassem à Ilha de qualquer maneira, com medo de revolução, deixando-o sozinho e sem condições de reunir uma outra equipe para dar continuidade ao trabalho.

De qualquer forma, este informante diz que consegue se manter e à esposa (o filho único já não depende dele) com a pesca até hoje porque fez um bom estoque de material de pescaria, com o produto de seu trabalho no Rio Grande (fios de nylon para confecção e manutenção de redes, cordas, bóias, etc). Pensa que seria difícil continuar com a atividade, se tivesse que comprar este material agora.

Com o produto de seu trabalho na pesca ele comprou o terreno e construiu a casa onde mora.

Sobre a pesca artesanal hoje, seu testemunho, junto a outros que tenho colhido desde a década passada, dá contornos humanos à drástica diminuição da importância desta atividade em termos de participação proporcional na produção do pescado em Santa Catarina.(1)

Ele considera que tem sido penoso se manter com pescaria, mesmo sendo dono de rede, pela escassez do peixe e pela dificuldade em recrutar camaradas.

Mostra a sua equipe, que é quase toda composta de homens na sua faixa de idade, a maioria moradores de outros locais (como Rationes) ou bairros da cidade (como Agronômica, Saco Grande), em geral aposentados que complementam seus salários com a pesca, vindos de ônibus ou em caminhões de comerciantes que se deslocam para as praias para comprar o pescado que vão revender depois.

Seu relato e o de outros pescadores revela que, além da complementação da renda, estes camaradas procuram, com a participação na pescaria, o suprimento do peixe na alimentação das famílias.(2)

Para manter os camaradas de sua equipe, o informante revela que modificou o sistema de partilha da produção. Assim, quando a quantidade de peixe coletada é pequena ele desiste da sua parte, tirando apenas o que necessita para o consumo imediato, deixando que os camaradas dividam a produção entre si. Só faz a divisão nos moldes tradicionais (metade da produção, mais um quinhão de camarada), quando a quantidade de pescado é grande e justifica a comercialização do produto (100 Kg para cima).

A respeito das relações de trabalho, confirma que os donos de rede não têm encargos trabalhistas com os camaradas "o único compromisso que a gente tem com eles é de dividir a produção. Chega na praia, eles têm a metade". Só teve compromissos quando levou a tripulação para pescar no Rio Grande do Sul, com "ordem de embarcado".

"Mas aqui não ... simplesmente, eles vêm prestá um serviço independente, sabe? .. o seguro que eles têm é a respeito do trabalho deles ..."

Sobre a comercialização do peixe, falou das facilidades atuais.

"No passado se apanhava muito peixe ... mas não tinha comércio ... agora tem bastante comércio, mas não tem muito peixe".

Ponderando sobre o problema da diminuição dos cardumes, acredita que se deve à sobrepesca, pela expansão da pesca industrial.

"É muito barco, sabe. Pescam muito aí, de qualquer maneira. Pescaram fora de época ... tudo vale, tudo ... empresa de pesca com 10 barco, pescando só prá farinha e adubo. Então prejudicou".

O informante fala ainda das dificuldades enfrentadas pelos pescadores com a expansão do turismo nas praias.

"... esse ano, mês de fevereiro, eu não pude lançá a rede no mar, sabe. Porque veio os argentinos, principalmente ... eles têm toda a liberdade. Ancoraram umas 8 lancha no lugar onde eu pesco ... onde eu lanço, lançava a rede, ancoraram 8 lanchas lá ... eles não entendem as coisas ... a gente pede prá tirá, eles tiram ... vão lá, dão uma volta ... eles alugam a casa por 4, 5.000 dólares e acham que alugam o mar também, e ficam com o direito de ancorá a lancha ali. E deixam aquelas prancha no fundo, quando vão embora ... aquelas prancha de cimento, concreto, no fundo, com arame ... quando vai se passá a rede, prende naquilo ali, rompe a rede. Outro dia tive um problema com a prancha, rasgou a rede umas 4 vezes. Uma rede muito cara ... que é tudo caríssimo ... rasgô umas 4 vezes, no fim, então, a prancha veio. Eu consegui tirá 3 prancha que eles deixaram no fundo ... no lugar

aonde eu lanço a rede ... os lugar de lanceá ..."

Como os outros pescadores, ele tem levado o problema para os responsáveis na Colônia de Pesca e na SUDEPE, para os políticos e autoridades que têm casas na praia e são conhecidos seus, mas até agora não tem havido providências, muito menos solução. Falando da importância da implantação dos ranchos de pesca na praia pela prefeitura para garantir o acesso ao mar pelos pescadores, ele reivindica um local reservado à pesca, onde as lanchas não possam ancorar.

" ... uma solução seria uma providência ... pra que pudesse então, eles ter um lugar. Porque tem, lá no canto, um lugar mais calmo, e que poderia se ancorado essas lancha. Eles têm um carro, uma maneira de se locomovê ... ou então afastá da costa, é uma solução prática ..."

Este pescador fala bastante da família de origem, da mãe que, mesmo sendo analfabeta, dava muita importância ao estudo dos filhos, do qual se encarregava financeiramente, criando aves cujos ovos comercializava para vestir as crianças, comprar-lhes material escolar e uniformes.

Ele faz um relato muito rico de sua vida escolar na praia e da relação com a professora, cujo interesse pelo aprendizado dos alunos, cuja capacidade de manter a disciplina e ensinar bem a crianças de vários níveis de escolaridade, conservando-as atentas, sem se descuidar de nenhuma, ele até hoje admira. Estudou sempre com a mesma professora até o 3º ano, que era o que a escola isolada oferecia em Canasvieiras no seu tempo de infância. O informante me forneceu o endereço desta senhora, residente no centro de Florianópolis, insistindo para que eu a

entrevistasse. (Foi a professora que procurei e terminou se recusando a me prestar depoimento). Ele relata também como ela perdeu seu cargo de professora na localidade, por questões de política, com a troca de partidos no governo do estado e na prefeitura municipal, resultando na troca de intendente na praia e no remanejamento dos funcionários públicos ...

A mãe do entrevistado queria que ele continuasse os estudos e, convidado por conhecidos da família que moravam no centro, mudou-se para a cidade e ingressou na Escola Industrial (de ensino profissionalizante, hoje Escola Técnica Federal). Não conseguiu, no entanto, completar o ano escolar, pois ficou doente, com saudades de casa e da família.

"Adoeci, eu me preocupei muito. E era muito ligado com minha mãe. Por incrível que pareça, muito ligado. Acho que aquilo me prejudicou, me fez medo. Longe da família mudou a vida ... mudou completamente ..."

Desta forma, voltou para casa e continuou pescando.

Seu filho completou o 1º grau na escola de Canasvieiras e depois, por incentivo de um veranista de quem era caseiro, foi estudar na cidade, tirando o 2º grau no curso de contabilidade da Academia São Marcos (escola privada, que mantém também cursos noturnos).

"A escola, ele pagava com o trabalho de caseiro, então já ajudava nessa parte. E os livros e o uniforme, passagem, essas coisas, então tinha que lutar, sabe. E eu procurá pescá mais, forçar mais aí, pra podê mantê ..."

Com esse diploma, o filho conseguiu emprego em empresas, numa das quais permanece há cerca de 15 anos. Deseja continuar os estudos pra progredir mais no trabalho, onde já tem car-

go de chefia. No entanto, fez várias tentativas e não conseguiu aprovação no vestibular da UFSC. Como já tem família, o estudo vai ficando cada vez mais distante.

Sobre o trabalho do filho, o entrevistado diz que nunca teve vontade que ele fosse pescador, atividade que está ficando muito difícil.

"... não queremos até que a nossa família continue assim, sabe, na pesca. Por causa que tá havendo uma grande destruição dos cardume ..."

Considera que as pessoas estão dependendo cada vez mais do estudo para trabalhar.

Ele sempre morou na praia e comentando as transformações no modo de viver de seus habitantes, exprime melhor do que ninguém as mudanças ocorridas nas localidades litorâneas, em função do turismo e da urbanização.

"... ninguém mais quer viver aquela vida do passado, era de mais sacrifício. Hoje tem mais facilidade ... algum problema de saúde, hoje tem facilidade, tem ônibus a toda hora. É mais fácil conseguir emprego ... mais fácil de se conseguir as coisas ... Naquele tempo tinha mais tranquilidade ... era muito despreocupada a coisa ... hoje dificultou ... Mas a gente pensa que facilitou também muita coisa. Maneira de estudar, que naquele tempo não se conseguia. Hoje as crianças vão, conseguem estudar, conseguem manter uma vida mais fácil ... Agora, tem esse problema sério, esse problema de droga, essas coisas que entrou ... Era mais fácil de se criar um filho dentro daquele respeito, daquele amor, daquela consideração ... Hoje, com esses problemas tão difícil. É lamentável, né. Ver um jovem se perder aí, um pai que tinha um filho, se perder aí, nessas drogas. Perde o amor, a consideração, não reconhece o pai. Se eu, quando era pequeno não podia sair de perto da minha mãe ficava doente, a senhora vê, hoje é uma separação ... muitos vão entrando nesse caminho, infelizmente. E tá trazendo um prejuízo muito grande, porque a criança não vai estudar, não vai fazer a vida. Quando chega na época de começar a pensar, a fazer a vida dele, a estudar, ele entra nesse caminho da droga ... Esses assaltos, também, tá aparecendo até isso agora, aí ..."

b)

Lutar com a vida ... Tapear a vida ...

Outro dos informantes (48 anos) que permanece residindo na localidade em que se criou, relata, a respeito da vida de seu pai e da sua, a mobilidade entre comunidades próximas, em busca de condições de habitação e subsistência.

Desde pequeno trabalhou na lavoura e na pescaria. O pai tinha lavoura, mas na pesca trabalhou sempre em rede alheia, como ajudante e camarada.

Como estas atividades nunca deram muito ganho, conforme diz, logo passou a complementá-las com "serviços de empreitada", limpeza de jardins, aterramento de ruas, de terrenos, etc. Trabalhavam, ele e os irmãos, com a carroça e o carro de boi que o pai possuía.

Com 18 anos foi para Santos trabalhar na padaria de um cunhado. Ficava algum tempo e voltava, retornando depois. Trazia dinheiro para o pai, que era doente. Como o cunhado nunca assinou sua carteira profissional, ele desistiu deste serviço e retornou definitivamente à praia, onde continuou com pescaria e empreitada. Por intermédio do intendente, conseguiu ser admitido como empregado da prefeitura, trabalhando na manutenção das ruas da localidade (na estrada, capinando, conforme fala). Há algum tempo deixou o trabalho nas ruas por motivo de doença e ficou prestando serviço de vigia, na escola municipal.

"trabalhei toda vida, até trabalhei como fiscal de turma, um tempo aí. Mas sempre só no salário. Só no salário, só ... a pessoa que trabalha, que trabalha, que lutava como a gente, que lutou toda a vida, eles nunca deram valor. Aqui tem mais valor, como diz a moda, o outro que pode mais um pouco, né. E até hoje eu tou aí na prefeitura, lutando, trabalhando à noite, perdendo noite ..."

Fazem 22 anos que é funcionário municipal, mas continuou realizando outros tipos de trabalho: pesca, empreitada, caseiro de veranistas, etc. Não tem terra para plantar, mas procura ter sempre uma vaca de leite, que deixa amarrada em locais onde possa pastar.

"Eu venho trazer ela cá prá essas beiradinha aí. Eu vou amarrando, como a senhora viu agora. Trouxe um baldezinho prá dar água, essas coisas. Vou lá, peço uma aguinha pro vizinho, dou água pro animal, quando chegar de noite então, eu levo prá casa".

Há mais ou menos um ano comprou canoa e rede, com a ajuda dos dois filhos mais velhos, e continua pescando em companhia de um deles. Gosta muito de pescar.

"... eu adoro, pescaria eu adoro ... é porque é muito animado, né. Que quando a gente começa a matar um peixinho, a gente anima mesmo. Aí é que dá vontade da gente pescá mais ... com a turma aí, já viu, né. As brincadeiras, um diz uma coisa, outro já fala outra. E o tempo vai passando ..."

Mas afirma que não dá para viver só dessa atividade.

"E, continuo pescando porque é o nosso ramo aqui, diz a moda ... eu não vou esperar só pelo salário da prefeitura, porque não dá prá comer. Então tem que matá um peixinho pra comê. O dia que a gente mata mais um pouquinho, a gente vende".

A casa que construiu junto às dos irmãos em terreno herdado do pai, foi feita com economia de muitos anos, muita empreitada e o auxílio da mulher, que faz pastéis para os filhos venderem na localidade.

Sobre escolaridade, seu relato é semelhante aos anteriores. Estudou pouco, saiu da escola no segundo ano, frequen-

tando o 1<sup>o</sup> ano "forte" em escola isolada da localidade.

"Eu desisti, dessa época, porque pra nós era muito ruim, eu não sabia se havia de trabalhá ou se havia de estudá. Nós não ... naquela época, a gente não tinha possibilidade prá estudá, meu pai não podia. Eu, principalmente, também não podia aguentá com o estudo. Então, foi quando a gente desistiu do estudo ..."

Tem 8 filhos. Os mais velhos desistiram de estudar. Um deles, que entrevistei também, é pescador mas tem necessidade de procurar outras atividades para se manter e à família, que está começando a formar. O segundo é cobrador de ônibus. Uma das moças trabalha como doméstica na cidade.

Ele gostaria que os filhos todos estudassem.

"É a coisa que eu mais conselho dó prá eles estudá ... porque eu não tive o estudo que eles têm. Hoje eles tem tudo na mão. O grupo bem pertinho da porta. O estudo é bom, tem de tudo. Naquela época nós não tinha nada, nem merenda escolar, ninguém tinha nada. Exatamente. Eles agora têm tudo ... quanto mais eles estudá, melhor é. Hoje em dia tá ruim de serviço. Porque já quem estuda bem, mesmo, já tão aí desempregado. Tem muita gente desempregada ..."

Sobre os filhos que desistiram de estudar, ele afirma

"Eu dei o estudo prá eles, né, mas eles não quiseram. O quê que eu vou fazer? Não posso obrigá ... eu disse, então não quer estudá, meu filho, então vamo trabalhá. Vamo lutá com a vida".

E para lutar com a vida, eles vão fazendo o que podem, aproveitando as oportunidades que surgem, realizando todo o tipo de empreitada. Isso, até para aqueles que recebem salário mínimo e que, de acordo com o informante, são ainda privilegiados, razão porque está se esforçando para conseguir empregar o filho no local onde trabalha.

"... não compensa trabalhar pelo salário no centro. Ainda quem ... um cara que pega um servicinho aqui, que mora aqui, que tem a casa dele aqui, pelo salário aqui, tá com tudo, porque se ele trabalha um meio período, ou à noite, prá fazê outros biscate, prá tapear a vida, porque senão não dá".

Falando sobre a pesca o informante, que me deu seu depoimento na beira da praia, enquanto limpava e consertava a rede, teve bastante a dizer. Contou da dificuldade em arranjar camaradas (embora seu aparelho de pesca seja pequeno), enfatizando o aspecto de ser esta atividade hoje um trabalho complementar.

Elogia o prefeito que, por reivindicação da associação de moradores, construiu um rancho de barcos na beira do mar, lastimando que a mudança política na prefeitura tenha tido como resultado a suspensão da construção do outro rancho prometido, na ponta oposta da praia.

Queixa-se, como outros pescadores, da falta de fiscalização na praia, para possibilitar e proteger a pesca.

"... já falei com o dono da Caça e Pesca ... o fiscal ... prá fundir as lancha, por exemplo, num local. Prá não estorvá a gente, assim, quando vai pescá ... e não tem jeito. Que hoje em dia, o que fala mesmo a verdade, é o dinheiro. Não adianta, que o pobre não tem mais vez".

Referiu-se, como os demais, às dificuldades de convivência com os turistas, no que diz respeito à atividade da pesca.

"Aqui, no verão, eles vem, colocam tudo quanto é lancha, aqui. Lancha dessas voadeiras, prá passeá ... deixam os ferro, deixam tudo aqui. A gente qué cercá na beira da praia, não dá. Que no verão passado, ainda fui cercá ali, chegou ali o cara, jogou a lancha em cima da minha rede, me rasgou a rede toda ... não me pagou, ainda quis brigá comigo ... e quase de noite, que eu deixei o dia todo prá eles passeá, já fui prá rede quase à noite, e eles ainda vieram em cima da minha rede e ainda cortaram a rede toda e no fim, ainda quiseram vir brigá comigo".

Sobre o turismo, como a maioria dos informantes, suas opiniões não são apenas negativas.

"... ficou bom pelo um lado e ficou ruim pelo outro. Ficou bom porque, por exemplo, eles .. não vou falar tão ruim da moda deles, que eles trazem, muito dinheiro também, prá gente ganhá aqui. Dá muita limpeza de jardim, essas coisa, tudo bem. Mas sobre pesca, prá nós não prestó ... No verão sempre dá mais peixe, e ninguém pode pescá. Vem muita turma, vem gaúcho, vem paulista, vem esses gringo todo e cada um já traz a sua voadeira ..."

Quando relata sobre os danos que os barcos sofriam quando ficavam ao relento, sem local para construir um rancho de pesca na beira da praia, possibilitando aos pescadores o acesso ao mar, fala também do choque com o pessoal de fora.

"... estragava tudo, roubavam, cortavam a rede. Inclusive até botá fogo ... só gente de fora ... turista, é, maconheiro ... essas coisa que vem ali. É o que mais dá aqui no verão, é maconheiro. Isso aí não falta ..."

E dessa forma ela vai vivendo na localidade litorânea transformada, nesta época em que "pobre não tem mais vez", dividindo-se entre muitas atividades, esperando a aposentadoria, lutando para "tapear a vida ..."

c)

Eu sempre me prestigiei ...

O estudo naquela época era assim ... era serviço, era serviço ...

Um dos informantes do grupo mais jovem (46 anos) da segunda geração que permaneceu residindo e trabalhando na localidade litorânea de origem, apresenta uma biografia de muito esforço, muito trabalho pesado (bruto, como ele fala) para ter uma vida de mais conforto, para adquirir alguma coisa.

"... eu acho que aqui em Canasvieiras, e nem só em Canasvieira, em outros lugar aí, é bem poucos a fazê o que eu fiz. Tem que tê vontade. Tem que tê vontade e tem que tê paciência, né, porque hoje em dia, prá gente adquiri alguma coisinha, trabalhando vamo dizê assim, no pesado, no bruto, assim, não é fácil ..."

Seu pai tinha terreno onde plantava e também era dono de rede. Os filhos, desde pequenos ajudavam na lavoura e na pesca.

"Todos nós ali já começava a trabalhar, já. Tinha que trabalhar, né. O estudo de meu pai naquela época era assim ... era serviço, era serviço".

Sobre escola, sua história acompanha os outros relatos, apesar dele ser de outra década.

"Eu estudei até a 4ª série naquela época numa escolinha lá no Canto do Lamin ... no final de Canasvieiras ali ... uns 5 quilômetros ... uma casinha antiga, e nós estudava lá, então meu estudo foi até a 3ª, 4ª série. Mas é o estudo daquela época, né? Estudinho fraco ..."

P. O senhor ia bem na escola?

R. ... ah, eu era muito inteligente. Inclusive o inspetor, que naquela época tinha inspetor ... ele me convidou até prá me batizar, com a minha própria professora, que era a dona Tílinha ... qualquer coisinha que ele perguntava, o único que levantava o dedo era eu, já tava de pé na classe ... eu já respondia ... nunca rodei ... gostava (de estudar). Só porque não tive oportunidade ... Não tinha (escola). Era muito atrasado, naquela época, agora não".

Ele se espanta com o fato de agora ter escola para dar continuidade aos estudos na praia e muitos dos jovens não aproveitarem.

"... se eu pudesse, vamo dizê assim, com 18 a 19 anos eu tinha ... eu fazia o meu estudo na ilha, prá mim era muito melhor. Eu me safava mais desse serviço pesado, né?"

Como os meninos das gerações anteriores à sua, ele estudava num período e trabalhava no outro. Na pesca, como ajudante, seu quinhão era 1/3 do que ganhava o camarada.

"... olha, eu toda vida sempre me prestigiei. Eu nunca tive medo de serviço. Toda a vida eu trabalhei e tinha orgulho, assim, de ganhá dinheiro ... pra manter em casa, assim".

Quando moço, por muito tempo esteve pescando no Rio Grande, na rede de um cunhado, porque a pescaria na praia de origem já era muito fraquinha, conforme informa. Antes de noivar o dinheiro que ganhava na pesca era "pro monte" (3)

"... eu ajudava em casa dos meus pais. Meu dinheiro era tudo deles. Porque a gente via que ... ali tinha que ajudá em casa. Naquela época ... até 18 anos, 19 ano, ali a gente ajudava em casa".

Depois que casou ficou trabalhando em pescaria na praia e, como ganhava muito pouco e queria construir sua casa para "não dar trabalho" na residência dos pais ou dos sogros, ele procurou outra ocupação.

"... aí fui trabalhá de servente ... aquele prédio fui eu que fiz. Ajudei a fazer, aliás ... eu trabalhei 2 meis de servente ... com 2 meis de servente, ele (o contratante) me botou já a trabalhá de meia colher. Ele convidava a turma prá trabalhá aos domingo ... que ele tava com pressa da obra ... então ... domingo, sábado, feriado, ele convidava os outro pra trabalhá e eles não queria, então ele me convidava e eu ia trabalhá. Então, ele me dava uma chance prá mim ... e ganhava o preço do servente, mas eu não queria sabê, eu queria aprendê. E ... eu aprendi na prática, na minha vontade. Até os rapaze lá, os pedreiro, os servente lá ficavam xingando comigo, xingavam né, porque aí eu tava tirando as vez deles. Mas eu dizia assim ... dizia assim, não tem problema, eu quero aprendê ..."

Assim, trabalhando, ele aprendeu o ofício de pedreiro e começou a pegar serviço por conta própria, muros, calçadas, garagens, churraqueiras, etc. O pai o auxiliava com o trabalho

em madeira (e ele aprendia).

"E dali, eu andava de bicicletinha carregando uma cera, balde, essas coisas assim, e fui trabalhando. Trabalhava sábado, domingo, feriado".

Depois passou a construir casas, pequenas de início e, por fim, contratava até a construção de prédios.

"... aí Canasvieiras foi movimentando, os turistas foram chegando, então as obras foram crescendo, né. Aí eu fui pegando muitas obras ... então, eu fui obrigado a botar gente prá trabalhá ... teve época de tê 22 empregados. Aí fui obrigado a registrá uma firma ... tive 4 ano de firma registrada ..."

P. Tem sempre um engenheiro responsável?

R. Tem um engenheiro responsável e eu aprendi planta, né, e eu sei aonde desfazer dos desenho que o engenheiro faz, a planta, né. Eu aprendi tudo ... na prática, é. Inclusive eu tenho umas quantas casinhas aqui em Canasvieiras, que foi eu que fiz o desenho ... foi, de rascunho e tudo, é. E fiz muita casa aqui em Canasvieira só com o meu rascunho mesmo, sem levar na prefeitura, porque tem uns quanto fazendo aí, que não é aprovado pela prefeitura.

P. ... e nunca embargaram as obras?

R. Não, eles embargam os donos pagam ... as multa, e depois vai tudo direitinho ...

P. Aí tinha que pegá a assinatura de engenheiro?

R. E claro, exato ... E também já fiz muita com assinatura de engenheiro, autorizada pela prefeitura".

Ele é dono de uma parelha de pesca. Quando jovem, pescou como camarada na rede do futuro sogro, nos intervalos das pescarias no Rio Grande. Como este senhor vendeu seu equipamento de pesca quando se aposentou e "... ele é um homem que não pode vivê assim muito longe da praia ..." o informante fez um rancho<sup>(4)</sup> e comprou uma parelha, com a qual o sogro continua pescando e ele próprio também, nos intervalos de seus inúmeros afazeres.

Num determinado momento o informante achou que os lucros que estava obtendo com a empresa de construção, não correspondiam ao trabalho que estava tendo, com muitos encargos, dificuldades para recrutar e manter empregados, etc. Assim, ele resolveu dar baixa na firma e se voltar para o trabalho com aterramento de terrenos na praia, atividade que, exigindo menos ajudantes, dava um retorno mais seguro.

Assim, vendeu os veículos que havia adquirido, uma caminhonete e um automóvel, e comprou uma máquina retro-escavadeira para trabalhar com aterro.

"... Que aterro dava mais. E construção já tinha muita gente construindo, eles traziam gente de fora aí, que não sabem nada, mas botam prá cá, de meia-colher, então vai, né e tiram os lugares do pessoal daqui ... então eu comecei a trabalhar com aterro prá ganhá mais. E a gente sempre fica ganhando aonde dá mais, né? Aí, tudo bem, comecei a trabalhá. Depois eu comprei outro caminhão. Aí fiquei com dois caminhão e uma retro-escavadeira. Depois eu vi que precisava de um trator, aí comprei um trator. Aí, esse terreno aqui foi descavado ...".

O informante fala da inveja e "olho grande" de muita gente em Canasvieiras que "não trabalha e vivem prejudicando a vida das pessoas" e denunciaram suas atividades para a prefeitura, cuja fiscalização examinou o terreno de encosta, pertencente à família, do qual ele havia retirado aterro e apreendeu sua máquina.

"... vinte dias teve preso ali na prefeitura ali no Grupo ali, e eu fiquei aparaado. Mas eu, como isso tudo, eu não me intimidei. Eu arrumei um político, fui lá, tirei a máquina, comecei a trabalhá. Aí comprei um terreno, lá na Vargem Grande, prá tirá aterro, comprei. Terreno grande, comecei a tirá aterro lá.

P. E antes o senhor tirava daqui?

R. Antes eu tirava daqui, tirava lá dos Inglese. Mas nós só tirava de noite, de dia não podia tirá".

A seguir o entrevistado, que trabalhava com poucos empregados em sua empresa de aterros, relata um acidente que sofreu quando se encontrava sozinho trabalhando com uma caçamba já à noitinha, em que ficou com as mãos presas por muitas horas sem socorro, tendo necessidade de ser submetido a uma intervenção cirúrgica. Estes fatos o desanimaram bastante.

"Aí me aborreci e vendi tudo. Vendi caminhão, vendi terreno ... E fui trabalhá em construção outra vez, pescando e construindo ... Puz o dinheiro na poupança, naquela época tava dando 10%. Vamo dizê, a gente trabalhava com 8 milhões, né, naquela época era milhões, 8 milhões na estrada, se na poupança tava dando muito mais de que na estrada ... então eu vendi, naquela época. Mas depois não deu prá nada, porque esse plano cruzado não deu pé, né ... aí eu tive prejuízo ... Aí eu comecei com construção de novo, e pescando".

P. O senhor não quer fazer firma grande?

R. Não, não. Não quero.

P. Por que dá muita despesa?

R. E. E porque Canasvieira agora o pessoal não qué trabalhá. Não querem trabalhá, a rapaziada de hoje agora, já são outra rapaziada. Não são mais aqueles daquele tempo, que sempre tinha gente prá trabalhá. Em Canasvieira aqui, prá construção não dá. A não ser que a gente traga gente de fora, mas a gente de fora também é um perigo, vem prá cá já começa a mexê de um lado, a gente não tem mais confiança nas pessoa ... eu vou deixá de construí.

P. E daí, o quê que o senhor pretende?

R. Eu, se der certo, eu vou construí prá mim mesmo, né?".

O informante relata que, com o congelamento do plano cruzado ele foi tirando o dinheiro que pusera na poupança e construiu outra residência para si, no terreno que o sogro possui e que é herança de sua esposa, única filha, alugando na temporada a casa em que morava e construía anteriormente. Como o terreno é grande, ele pretende construir outros espaços para alugar só durante os meses de verão.

"... e pescá, e ... negociá. Porque eu gosto de trabalhá. Procurá essas coisa assim agora, que dá mais dinheiro e menos trabalho, né".

Queixa-se de estar trabalhando muito e "ganhando nada" como construtor pois, em época de muita inflação

"a gente contrata uma obra hoje pelo um preço, o mês que vem aquele preço não valeu nada, né ... só prá firma grande mesmo ..."

O informante é de opinião que, se tivesse continuado a estudar, teria tido outro tipo de atividade, contrapondo o trabalho manual, pesado, que sempre desempenhou, ao trabalho leve de quem tem melhor preparo escolar e, porisso, melhores oportunidades profissionais.

"O estudo dá muito mais chance prá pessoa ... o estudo hoje é que tá em primeiro lugar ... porque o estudo, a pessoa aprende tudo, se tendo boa vontade, se quizé trabalhá, até o próprio estudo ensina ele a fazê as coisas ..." (5)

Referindo-se ao fato de ter sempre trabalhado por conta própria, o entrevistado relata que inicialmente tentou muito conseguir um emprego de funcionário da prefeitura na localidade, pedindo a pessoas influentes e tendo inclusive, promessas de emprego do intendente local, que acabaram não se concretizando. Isto o levou a se virar sozinho, como diz. Quando chamei sua atenção para o fato de que as funções municipais na localidade costumam equivaler ao salário mínimo, ele ponderou:

"Não, daí não ... prá mim não valia a pena, não, porque era pouca coisa e ... não sei, só porque tava fixo ali, de carteira assinada, essas coisa, mas eu, pra mim, isso aí não voga nada, porque a gente também pode trabalhá por conta própria e fazê carteira, né. E, até que foi bom ..."

Sobre as transformações da localidade sua visão é muito ligada às oportunidades de trabalho.

"Aqui em Canasvieira ... que é um lugar de beira de praia, com turista, né, quando chega no verão aí, todo o mundo se vira. Que trabalha com um, trabalha com outro ... até aluguel de casa, eles ficam procurando casa prá alugar, e ganham 10%. No verão, um planta uma grama, ou cuida de um jardim ... eles tomam conta de casa aí. Sempre dá, serviço.

P. E o resto do ano?

R. E no inverno tem ... uns quantos aí que não querem nada, não. Ficam comendo o que ganharam no verão. E tem alguns não, que se viram doutro lado, vão plantar uma coisinha, ou pescar, né ... aqueles que têm mais vontade se viram, e os que têm menos vontade ... vão comer no inverno o que ganharam no verão ... tem muita gente malandragem aí. O lugarzinho é pequeno, sabe como é que é. Lugar em beira de praia, quando é turista, assim ... o pessoal não são muito trabalhados não".

Assim, este informante continuou vivendo na localidade litorânea em que nasceu e até se dedica a formas tradicionais de trabalho, mas sempre como uma atividade secundária. Ele foi aprendendo as condutas, atividades e valores do homem da cidade. Seu sogro não vendeu o terreno que não mais ocupava com lavoura, conforme ocorre normalmente nos balneários, por influência do informante. Ao invés de simplesmente vender as terras para outros que iriam usufruir de seu valor de troca, ele procurou capitalizar o terreno da família, de início montando uma empresa de aterros e agora, construindo residências destinadas ao aluguel por temporada. O informante foi se urbanizando, acompanhando a urbanização da localidade.



"Aprendi alguma coisa, sei escrevê alguma coisa e fazê o meu nome e qualquer coisa. Sou eleitor também, mas foi em casa."

O informante migrou do mundo rural para o centro urbano há 3 décadas atrás e só vê nesta mudança aspectos positivos, embora ela tenha resultado na venda da propriedade de sua família de origem, na praia, "por toda a irmandade", como diz. Grande quantidade de terras "... aquele campo todo de Jurerê até a Daniela ... vendemos por nada ... vendemos, eu vendi por 200 cruzeiros ..." Os impostos do terreno foram ficando pesados e todos os irmãos concordaram em vender, inclusive o que continuou morando na praia, em Jurerê.

Na universidade, trabalhou inicialmente por empreitada ganhando por semana, depois por mês e só mais tarde como contratado.

Assim, trouxe a família enquanto ainda realizava um trabalho pesado e sem garantias contratuais. (6)

A comparação que faz entre o trabalho no meio rural (onde pescava e era lavrador, criava animais, tinha engenho) e o trabalho na cidade, é interessante:

"... aqui pra mim é melhor porque eu saio da cama e meto o pé no sapato, né. Ando calçado o dia todo, não ando com a roupa suja, como a senhora tá vendo. E lá no sítio, não. Lá no sítio, como diz a moda, todo rasgado, roupa rasgada. Passava num pau dentro do mato, já tirava um pedaço da roupa, rasgava. Na pescaria, a pessoa andava encharcado, cheio de areia, de água salgada, né. Até tenho a marca prá senhora vê, ô ... da pescaria, da água salgada. Nunca criou cabelo, a água salgada, o salitre da água com aquela areia da praia, ela roçava assim na perna, então ficou isso aqui ..."

P. A sua família também queria vir?

R. Ah, tudo. Eles botaram até a mão pro céu, quando eu falei que vinha me empregá na cidade".

Na cidade os filhos cursaram o 1<sup>o</sup> grau completo e estão todos empregados em repartições públicas. Os dois homens fizeram curso de desenhista e um deles, que trabalha com computador, está continuando os estudos depois de adulto e com família constituída. A filha casou-se com um habitante de Canasvieiras e mora na praia mas trabalha na cidade, da mesma forma que seu marido.

Ele nunca se arrependeu da mudança e embora tenha ficado sem as terras que recebeu com os irmãos de herança dos pais, possui uma casa na cidade que pretende substituir por uma melhor, de alvenaria, e tem uma casa de praia em Canasvieiras, em terreno que a esposa herdou da família.

Ele aprecia muito o trabalho na universidade "pra mim é beleza ... foi aonde eu apurei um dinheirinho ... trabalho com bastante gente ... gosto da turma aqui. Todo o mundo gosta de mim ... sou uma pessoa que não gosta de dizer não ..."

Assim, espera a aposentadoria que está próxima, integrado ao modo urbano de vida. Integrado, portanto, às novas condições de vida das comunidades litorâneas urbanizadas.

e) Eu tinha me adocicado, sabe? Vinha de uma praia rendeira ...

Um dos informantes (56 anos) desta segunda geração, que saiu da praia já no final da infância para estudar no centro, em função da oferta apenas primária de escolaridade nas comunidades litorâneas, relata uma vida de conflitos entre o rural e o urbano. Uma longa história de buscas, de inaptações, de tentativas frustradas de retorno para a praia, de sonhos com um

lugar onde possa fazer o que gosta, onde possa continuar a tradição

"... filho de pescador, ele deve sê pescador ... quem é advogado, os filho deve sê advogado ... perto de general, tem que tá general ... acho que a tradição manda ..."

Assim, deseja trabalhar com pesca e lavoura, porque

"... uma coisa depende da outra ... a terra não dá tudo que a gente quer. O mar também é muito rico".

Seus conflitos, que estão ligados a problemas iniciais de relacionamento com o pai "... o maior ditador de todos os ditador do universo" nas suas palavras, e que o fizeram buscar a autoridade e a evitá-la, a desejar comandar, dificultando seu relacionamento com a própria família que formou, resultaram em fugas, desistências, buscas, que começaram nas suas primeiras experiências escolares na cidade e que o levaram a mudar constantemente de lugar, de trabalho, casa, numa gangorra entre o urbano e o rural para a qual arrastou os seus. Desta forma, dificultou a continuidade da escolarização dos filhos, três dos quais entrevistei agora, como representantes da 3ª geração.

Este informante, filho de professora de escola rural com quem estudou até o 3º ano primário, veio morar com parentes na cidade para cursar o 4º ano em grupo escolar, com antiga professora de sua mãe, a qual pretendia que ele ficasse melhor habilitado para continuar os estudos.

Suas primeiras experiências escolares foram negativas, já que ele não conseguia acompanhar os colegas, por não ter base

suficiente, com o aprendizado do meio rural. A mãe então o colocou numa escola particular no período da tarde, para ver se ele superava as deficiências de estudo com a frequência às duas instituições.

Ele se queixa que seu 3º ano foi muito fraco para acompanhar os estudos no centro e também de problemas de diferenciação social.

"... prá se ter um filho no estudo tem que dá todo o apoio. Se precisá do dinheiro prá jogá fora, tem que dá, senão dá o impacto ... Pobre não pode dá estudo prá filho, essa é que é a realidade ..."

Relata que teve um grande aborrecimento quando não pode acompanhar o desfile escolar no dia 7 de setembro, por não estar com o uniforme completo, e que isso, somado às dificuldades que estava sentindo, o levaram a desistir de estudar. Começou a gazejar as aulas até que a mãe o levou de volta para casa, onde ficou trabalhando com o pai na lavoura e de ajudante de pescaria, como já fizera anteriormente.

Nessa época tinha uns 13 anos e manifestou vontade de entrar para a Escola de Aprendizes de Marinheiro, sediada em Florianópolis. Após 3 anos de tentativas infrutíferas de admissão, conseguiu passar no exame de seleção à Marinha. Ai também teve dificuldades com os estudos e com a rigidez da vida militar. Após uma prova em que não se saiu bem, fugiu da escola, para onde foi recambiado preso, até que a mãe conseguiu que ele fosse desligado.

"... quem não tem preparação não adianta se metê, nem ir ... se não tem preparação lá detrás, não adianta entrá ... tem que se prepará primeiro ... Quer dizê, era muito esforço. Tinha que sê ginásio na escola de marinheiro ..."

Como não quis voltar para casa e o trabalho rural, em função dos desentendimentos com o pai, começou a viajar para participar da pesca sazonal no Rio Grande do Sul; tentou ser fuzileiro naval no Rio de Janeiro; serviu o exército em Florianópolis; casou; continuou pescando no Rio Grande, em Itajaí, nas praias da Ilha e arredores; entrou para a Polícia Militar onde permaneceu por 3 anos, sendo destacado para vários locais.

Teve sempre, conforme revelou, vontade de comandar, de ser alguém importante.

Relata também, além das fugas, uma longa vivência de brigas no trabalho da pesca no Rio Grande, que o levaram a mudar constantemente de embarcação (de parelha, como se diz). Na polícia também esteve metido em brigas, o que o levou a desistir de mais essa tentativa de se enquadrar na vida militar, na rigidez da hierarquia, da autoridade, possivelmente tentando resolver seus conflitos interiores, resultantes do difícil relacionamento e identificação com a figura paterna.

"... sempre teve desigualdade em casa de meu pai. eu puxei igualzinho a ele. Eu pego assim ... começo a olhá mal pros garoto. Até hoje eu não vivo com a mulher direito. Porque ela dá muita mima aos garotos. Não é que eu queira prevalecê dos garoto, mas eu quero que eles concordem ..."

Com a experiência que adquirira em manobra de embarcação, através do trabalho na pesca, fez exame para conseguir sua "carta de mestre de arraes", mas não obteve sucesso.

Um grande acontecimento de sua vida esteve relacionado a estudo. No início da década de 60, quando tinha cerca de 30 anos de idade, o informante fez um curso de treinamento minis-

trado pela SUDEPE em Florianópolis e conseguiu ter sua carta de mestre de arraes para este porto. Suas palavras para falar do curso são de entusiasmo.

"... foi aí que serviu prá desenvolvê a parte de pesca ... foi um álcool na minha cabeça ... quer dizê, me deixou desinibido, né? ... Aí eu fiquei bom demais, fiquei bom de pesca, fiquei bom de tudo".

"... faltava a explicação da prática que eu tinha adquirido até agora, né?"

Sobre um dos professores, seus elogios são também entusiasmados:

"Até hoje o homem mais inteligente que eu vi assim prá ensina toda e qualquer pessoa foi o Seixas Neto".

O informante teve também uma rápida passagem pela Petrobrás, manobrando embarcação no Rio Grande do Sul. Trabalho, conforme ele, muito arrojado, muito sacrificado, com a estatal exigindo demais dos empregados, estabelecendo controle até sobre sua vida social.

Com todas essas experiências e tentativas, não conseguiu se adequar ao trabalho no meio urbano, estando sempre em querela com as empresas que realizam serviços no porto, e que contratam irregularmente outros manobristas de embarcação, que não possuem a sua habilitação de mestre de arraes. Seus atritos são também por questões salariais, já que ele exige pagamentos de acordo com tabelas sindicais, que muitas firmas se recusam a pagar. Ele, por sua vez, prefere ficar desempregado a aceitar salário menor.

A casa, nas ocasiões em que ele se ausenta ou fica desempregado, é sustentada pelo trabalho irregular, de biscate,

dos filhos (isto desde pequenos). A mulher faz banana recheada para os meninos venderem. Eles pegam serviços de office-boy, empregados em oficinas, vendendo picolé nas praias, etc. As moças, antes de se casarem trabalharam em comércio, em casas de família. Esta luta pela sobrevivência impediu que estudassem. São todos inteligentes, mas só os menores continuam na escola.

"... digamos assim, todo o herdeiro da gente, a primeira coisa tem que ter trabalho, mas estudo primeiro, né? Estudá bastante, tal, prá depois, digamos assim, filho de rico ou de pobre, ele tem que estudá..."

P. E os seus, não estudaram por que?

R. Não, porque eu tive essa correria como eu falei, vou pro Rio Grande, vou prá aqui, vou prá ali ... estudaro pouco, né?"

A única que conseguiu completar o 2º grau foi a filha que ficou morando sempre na praia com os avós e tirou o curso de contabilidade em escola paga, no centro da cidade.

Além dos percalços em função de trabalho, o informante se encontrava, quando realizei a entrevista, envolvido em três processos judiciais por questões de terras. Na localidade de Ganchos lutava por reaver a posse do extenso terreno que pertencera à família da mulher e que havia sido apropriado, conforme ele, por forte empresa imobiliária. Na Ilha, ele brigava judicialmente por um terreno em Jurerê do qual tomara posse e conseguira o uso-capião. Finalmente, tentava embargar na justiça doações de terreno que seu pai fizera em Canasvieiras para 2 netos: a filha do próprio entrevistado, criada pelos avós, e um filho do irmão do informante, a quem os avós são muito ligados e que aproveitou a ajuda destes para estudar, concluindo curso universitário e fazendo carreira como professor da UFSC.

Assim, em meio a tanta busca, tanta contenda, ele já pensou em ir embora do país.

"Se eu puder ir do Brasil eu saio. Saio porque desistimulo. Tou com muita raiva do pessoal daqui de Santa Catarina. Uns juizes e tal, de direitos, desembargadores ... não têm sido sério, né?"

Mas na verdade, ele sonha em se estabelecer, quando obtiver seus direitos na justiça, num lugar onde possa seguir sua tradição.

Para sua localidade de origem, ele não pensa em retornar.

"... entre a palavra de meu pai e a minha sempre a dele prevalece mais com as pessoas, né"

Pensa numa praia do norte do país, mais preservada "... que aqui tem o nosso turismo e prá lá pro norte, não ...". Uma praia mansa, como a sua

"...(eu) vinha de uma praia rendeira, muito pacata, muito boa ..."

Um local onde possa viver da pesca e da lavoura, seguindo a tradição.

Sua Pasárgada particular, sem turismo, sem desapoio e discordâncias, com a família unida e podendo viver do trabalho tradicional.

f)

Só não gosto de ficá parado ...  
... Marajá é só prá eles ...

Outro dos homens da geração intermediária (54 anos) que saiu da praia com a família, onde trabalhava inicialmente na pescaria como camarada e na lavoura, ora com um, ora com outro como ele diz, em serviços de jornada, também relata, a respeito de estudo

"Andei na aula até 15 anos, posso dizê, mas entrei no primeiro, depois no segundo, depois fiquei naquela mesma e nunca passava ... todo o ano, mas nunca passava ...

P. O senhor tinha dificuldade como o estudo?

R. Não, faltava a aula. Numa hora dava calmaria e ia pescá, outra hora chegava em casa e o pai dizia 'não, vamo pro morro trabalhá, buscá feijão, ou buscá mandioca', né ..., então ia deixando a escola pra trás e aí fui aprendê mesmo um pouquinho, a fazê meu nome, a fazê uma conta, porque eu não sei lê ainda, mas esse negócio de conta eu faço bem, mesmo sendo de cabeça ... foi na escola de noite. Aí que veio aquela escola da noite, né, aí é que nós depois de velho, de 15 a 20 ano, é que fomos pra escola da noite, no Ribeirão, aí agarramo a aprendê, né. Aí todo o mundo daquela minha idade, quase todo o mundo aprendeu na escola da noite".

O testemunho desse informante fala da necessidade de trabalho contínuo para as famílias mais pobres, o trabalho por jornada "no tempo ruim, na lavoura e no tempo bom, na pescaria", que permite somente a sobrevivência. Conforme ele, o pai trabalhou a vida inteira em terreno alheio e nunca teve nada de seu "... nenhuma casa ele adquiriu pra ele, toda a vida trabalhou e não adquiriu nada".

Sua fala conta da importância da relação de camaradagem que se estabeleceu entre os alunos da escola noturna, dizendo que muitos iam à aula, que faziam questão de não perder, mais pela farra, não para valer, como ele diz, mas que acabaram aprendendo com uma professora que "era boa demais", pois não fazia

muitas exigências. Revela também os problemas de deficiência e inadequação da escola rural aos costumes e necessidades da população das comunidades praianas.

Tendo conseguido comprar rede e canoa com o produto da pescaria embarcada no Rio Grande, este informante se mudou para a cidade quando sua rede foi apreendida pelos fiscais da Caça e Pesca. Na cidade trabalhou como servente de pedreiro, jardineiro, vigia, etc. Conseguiu construir uma casinha em zona popular de bairro periférico que depois ficou muito valorizado e, após muitos anos de trabalho, comprou um veículo velho para frete e serviços de jardinagem. Posteriormente, por motivo de doença da mulher, retornou para o litoral, onde continua com seu serviço de "jornada", na praia, na cidade, em vários tipos de serviço ... Tem casa própria, que ele mesmo construiu no terreno dos sogros, mas para isso teve que vender o veículo e o imóvel na cidade. Ele considera que suas ofertas de trabalho no meio urbano eram bem melhores.

Em relação a seus pais, conseguiu ter uma vida melhor, já que adquiriu alguma coisa, como ele fala.

Mas seu jovem filho abandonou os estudos muito cedo, embora tivesse oferta de escola na cidade, onde viveu durante a infância e adolescência. É um moço excessivamente tímido que não quis estudar. Aprendeu a trabalhar com o pai, mas tem alguma dificuldade para estabelecer relações com pessoas estranhas ao círculo familiar, inclusive relações de trabalho.

O filho menor também tem muita resistência a frequentar a escola na praia.

Com a esposa "sofrendo dos nervos", já tendo havido necessidade de interná-la em hospital psiquiátrico, a solução foi o retorno ao litoral, na localidade onde habitam os pais da mulher. Onde a doença mental é ainda cuidada e aceita de forma mais natural pelos familiares e pela comunidade.

Toda a família depende apenas do trabalho do informante, ora como jardineiro, ora como pedreiro, ora pescando ... em qualquer tipo de empreitada que lhe apareça, num constante vai e vem entre a cidade e a praia.

g)

A gente era doutrinado prá trabalhá ...  
Vela ... aqueles pano prá ensacá o vento ...

Um daqueles informantes (51 anos) que reside hoje na cidade, é empresário e trabalha com pesca industrial, desenvolvendo também atividades comerciais na localidade de origem, em sociedade com familiares.

A respeito de estudo, seu relato não difere dos anteriores.

"... Eu sou de 38 ... naquela época, estudo era difícil, né? O sujeito não tinha transporte, não tinha nem condições".

Conta que o pai, dono de redes e embarcações para vários tipos de pesca e que mais tarde desenvolveu atividades comerciais e políticas, tendo sido intendente da localidade onde moravam, incentivava os filhos a estudarem. Afim de darem prosseguimento aos estudos, queria que viessem frequentar escolas na cidade para que tivessem uma vida menos trabalhosa do que a sua.

Mas os filhos, em número de nove e acostumados ao ambiente familiar, não acreditavam que pudessem se acostumar na cidade, nas casas dos outros, segundo o entrevistado.

"... então a gente se dedicava ao trabalho".

Quando lhe perguntei se não teve vontade de continuar os estudos, respondeu que

"... vontade até eu tinha, mas veja bem, como eu atuava no ramo pesca e setor pesca é todo imprevisível ... não tem horário de trabalho ... não dá como a gente tirá férias e, dizer assim, domingo não trabalho, ou sábado ... o setor pesca é oportunidade: o peixe chegou, tem que atacá. Tem que comercializá ele na hora e manipulá ... então, no meu setor pesca realmente, eu com vontade, mas não dava. Agora, sentia evidente necessidade de estudo, né? ... E veja bem, a gente também tinha o mercado bom, franco, prá ganhá dinheiro, então a gente mesmo via que tinha condições de adquirir, mesmo com a falta de estudo. E o que aconteceu comigo ... eu fiz um patrimônio mais o menos satisfatório prá família, prá mim e tal, sem o estudo. Também porque a época, a época era oportuna ... e que a gente era doutrinado prá trabalhá ..."

Sobre a falta do estudo, no entanto, diz que se resente de pequenas coisas que poderia corrigir, e do fato de depender de datilógrafos para cuidar de sua correspondência, de precisar de terceiros.

"Eu não sou um homem muito atualizado em leis ... você é uma professora, não tá na sua área, mas se você lê uma lei ministerial, do Ministério do Trabalho, você mais o menos tem noção da coisa como é que é ... e eu não tenho ... eu leio processo mas não tenho habilidade, muito, de distingui aquilo ali dentro ..."

Ao mesmo tempo, valoriza muito a prática.

"... isso aí, acho então que tem coisa que a faculdade não ensina muito ... tem coisas que só a prática ... que só a pessoa atuando dentro do trabalho é que aprende ..."

O informante contou toda a sua vida de trabalho, desde a função de ajudante na praia em pesca artesanal nas redes do pai, quando o quinhão que recebia era

"... prá fazê a graninha prá comprá as coisas da gente... no meu caso não havia necessidade... mas a gente aprendia a trabalhá..."

Seu relato mostra a diferença da situação econômica da família, em comparação com os outros meninos que precisavam trabalhar e cujos produtos da função de ajudante de pescaria eram importantes para a subsistência da unidade familiar, fosse em espécie ou em dinheiro.

O depoimento desse informante testemunha todo um processo de aproveitamento de oportunidades de trabalho, surgidas a partir das atividades iniciais de lavoura e, principalmente, de pesca, com a propriedade dos meios de produção.

Conta que seu pai foi nomeado intendente quando os representantes da UDN foram eleitos para o governo do estado e para a prefeitura, na década de 50. Nesta época o pai conseguiu financiamento para comprar um caminhão Ford, que não era ainda fabricado no país. Com ele, a família começou a fazer o transporte de pescadores para o Rio Grande do Sul, além de produtos comerciais, como a farinha de mandioca e o próprio peixe.

Seu relato conta da trajetória de um menino que começou trabalhando como ajudante de pesca, depois foi caminhoneiro e comerciante com os irmãos. Com a expansão de suas atividades no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, eles se estabeleceram como empresários com a compra de barcos equipados para a pesca industrial, a implantação de setores de armazenagem e industriali-

zação de peixe, e a aquisição de caminhões frigoríficos para o transporte e comercialização do pescado em praças mais distantes, como São Paulo e Rio de Janeiro.

"... de peixe eu já fiz tudo. Eu já fiz peixe salgado, já fiz congelado, já fiz filé, eu já tive indústria no Rio Grande... indústria completa que fazia tudo no peixe, inclusive farinha... e tínhamos o nosso entreposto, particular nosso, que era um entreposto só de recebê e só trabalhava com o peixe fresco, peixe em natura..."

Mais tarde os irmãos dividiram a sociedade "... porque nós era aqui de Santa Catarina, queria morar aqui em Florianópolis e tal, o nosso negócio era Rio Grande..." e ele continuou um tempo com o processamento industrial de pescado na Ilha.

Com as dificuldades por que passa o setor, ele foi diminuindo seus empreendimentos na pesca e diversificando suas atividades, voltando-se para o turismo (comércio, como ele diz).

Queixa-se da forma como foi feita a aplicação dos investimentos destinados à expansão da pesca industrial no estado de Santa Catarina, através da SUDEPE.

"... esse dinheiro foi tudo mal aplicado... porque não foi pego os honens de pesca, os homens prático... Quem pegou esse dinheiro foi o homem do tecido de São Paulo... e outras firma... tudo realmente pessoal que não era de pesca, então, começaram a fazer aquelas firmas faraônicas, aquelas firmas grande em lugares que não comportavam, entendesse?... Então, o governo da época não deu oportunidade, por exemplo, eu que tava na pesca e outros mais, não pegamos dinheiro... porque era burocrático o negócio... segundo informações que prá pegá dinheiro tinha que soltá propina lá dentro e tal, e a gente não tinha esse... quer dizer, esse jogo de cintura prá fazê esse tipo de negócio... então não se pegou dinheiro, então não deu prá ampliá aquilo..."

Assim, ele ficou somente com um barco de pesca, explorando apenas o setor de captura de pescado e, em sociedade com um irmão, dedicou-se à hotelaria com um estabelecimento na praia de origem, local onde está implantando também uma casa de comer-

cio de material de construção, que será gerenciada pelo filho mais velho.

"... porque realmente ficou assim, um ponto turístico, evoluiu, então a gente tá mais ... assim, olhando mais aquele lado, quer dizer, tá melhor hoje parece ... de que a gente fazé essas coisa de pesca e tal. E além de que a pesca, prá você tê uma idéia, ela baixou muito o nível de produção... Em 68, quando eu fiz esse barco ... que era puxado a rede tudo manual, o barco não tinha praticamente equipamento eletrônico nenhum ... o barco trazia, 45, 50 tonelada de pescado ... nós matava numa safra até 1.000 tonelada com um barquinho daquele, de peixe. Hoje nós temos barco só ... quer dizer, premera linha ... tudo feito mecanicamente ... a rede triplicou ... o barco tem uma autonomia de óleo, de combustível e de comida ... de tudo, três vezes mais de que um barco na época nossa. E hoje .. eu acho que pega aí ... faz a captura no máximo de 4, 5.000 toneladas de pescado. E nós pescava com um barco só, 1.000 tonelada. Então você vê que a curva da produção baixou totalmente, né.

P. Por causa da pesca predatória?

R. Olha! Eu até acredito. E a predatória sim ... Nós quando comercializava pescado em Rio Grande ... esses pescadores ... que nós levávamos daqui, que pescava lá em Rio Grande ... nós pescava só o peixe da pescaria artesanal ... nós comercializava só o peixe artesanal. Não havia pescaria de alto-mar quase ... Então, prá você tê uma idéia, hoje explora mais ou menos o Rio Grande ... umas 80, 100 parelhas ... e esse barco ... barco de tangonis ... ele tem um mastro central, sai dois mastro mais laterais, e cada ponta daquela ... trabalha com duas redes ... mais 100 barcos desse. Que trabalha 24 horas por dia ... essa pescaria ... ela explora todo o fundo do mar ... então esse peixe ... a anchova, que é peixe de cardume ... peixe que precisa de comidui, que precisa de alimentação, então ele vinha prá costa prá comê essas coisas que hoje os barco grande pegô. Entendeu? Então ... o peixe simplesmente sumiu. Eu acho que não foi muito por causa da matança, no caso da anchova não, eu acho que faltou alimento prá ele ... E aí os peixe sumiram ... Eu sou um preocupado em fazer investimento no setor pesca ... eu hoje não faço mais ... Quer dizer, vou doutriná meus filhos prá outros sistemas de comércio porque na pesca ... quem é que vai querer um barco sem peixe, sem produção, entendeu?"

Assim, quanto ao futuro dos filhos, acha muito importante que estudem. O mais velho, de 18 anos, que desistiu de estudar por um tempo, agora voltou para terminar o 2º grau, enquanto começa a trabalhar em comércio com o pai, pois já constituiu família. O informante, no entanto, faz uma ressalva:

"... eu acho que a pessoa deve ser autônoma ... trabalhá por conta própria. Isso adairo muito ... meus irmãos é tudo gente do sítio ... não se está milionário, mas se tem o suficiente ... O meu pai nunca trabalhou de empregado. E nós também nunca trabalhamos de empregado ... nenhum da família ... e todos teve êxito. Eu quero que eles estudem, não quero que sejam empregado. Gostaria muito, incentivo pra estudá, mas prá eles fazerem uma vida própria ... que ele seja ... seja engenheiro. Mas não prá sê engenheiro e fazê planta, pro outro fazê o prédio, prá explorá o negócio ... eu quero que ele seja engenheiro prá ele tê

uma base, prá ele fazê o projeto, mas prá ele fazê o prédio e vendê ... quer dizer, prá ele fazê uma empresa em cima desse estudo dele".

O informante, que teve o pai metido em política (o que só o prejudicava, no seu entender) e tem um parente na câmara municipal, foi candidato a vereador na juventude, por desejo do pai e não se elegeu. Hoje agradece. Sua opinião sobre políticos é bastante negativa e ele vota apenas em empresários, citando exemplos para afirmar que só estes são bons administradores. Os políticos, na sua opinião, só querem fazer carreira na política.

"... então tem que segurá o quadro de eleitor. E prá segurá o eleitorado é no cabide de emprego ... Eu acredito aqui em Florianópolis ... o que você terminou de falá ... que o nosso turismo tá desordenadamente, mas isso aí é a política. E porque o cara faz uma casa lá em cima numa lomba lá nos Ingleses, ou lá em Canasvieiras, mas não pode, é proibido, mas não tem problema. Ele vai arrumá um político, pro político dá um jeito do fiscal não embargá ele ..."

Sobre o desenvolvimento do turismo na Ilha, suas opiniões são apenas positivas, afirmando que a vida melhorou para todos os habitantes dos balneários, pelo aumento das ofertas de emprego, expansão das escolas, acesso às comodidades da vida urbana.

"... levou serviço prá todo mundo ... a vida assia geral, prá todo mundo melhoró ... todas as casas têm televisor, todas as casas têm luz elétrica ... ninguém planta mais nada, todo mundo é supermercado e feira ... pode crê que a vida melhorou prá todo mundo ... todo mundo tem um nível de estudo já mais ou menos elevado .. eu acho que a vida melhoró ... apesar da inflação, mas se tem tudo prá comprá. Na nossa época não tinha inflação, mas também não se comprava nada, que não havia nada ..."

h)

Antes eu era tudo ... hoje sou jardineiro ...

Outro dos informantes mais jovens (44 anos) da geração que considerei intermediária, cuja família migrou para a cidade

quando ele era ainda criança, conta uma história de vida que não difere muito daquela relatada por alguns dos sujeitos que ficaram nas localidades de origem, em termos de necessidade de trabalho contínuo, grande variação de atividades utilizando qualquer oportunidade de trabalho e deixando, em função disso, de aproveitar ofertas de estudo. Enfim, uma história de luta diária pela sobrevivência, em situação de instabilidade econômica.

Tendo migrado para a periferia da cidade, para bairros que eram rurais na sua infância e juventude, ele e a família viveram por muito tempo exatamente na intersecção entre o rural e o urbano, em termos de localização no espaço físico e em termos de atividades de subsistência. Ele faz parte da legião de trabalhadores autônomos que vivem de sua própria força física, sem seguridades trabalhistas, nos meandros menos favorecidos da chamada economia informal, prestando serviços por conta própria

Tomei a saga de sua família para ilustrar a diferenciação social na ocupação do espaço urbano, com as populações de baixa renda empurradas sempre mais para as periferias das cidades, valendo-me da parte de seu depoimento que conta a trajetória da migração familiar (conf. nota 2 do capítulo 3 dessa tese).

Sua história ilustra também a extrema vulnerabilidade dos habitantes de zonas rurais que, vivendo como camponeses donos de terras e benfeitorias, as quais têm para si apenas valor de uso, vão se desfazendo de seus bens e migram para as cidades, onde adquirem habitações nas periferias urbanas, com pequenos terrenos nos quais muitas vezes nem uma horta é possível desenvolver, e passam a viver como trabalhadores que dependem, em ge-

ral, de salários mínimos, tendo que comprar nas vendas todos os gêneros de subsistência que deixaram de produzir. As propriedades que vendem nos locais de origem, quase sempre por preços inferiores ao seu valor de mercado, no entanto, vão muitas vezes permitir a capitalização de comerciantes e empresários urbanos, ou urbanizados.

Sobre sua vida de trabalho este informante relata que, menino ainda, enquanto estudava, começou a cortar madeira nos morros da cidade para vender aos moradores da periferia, que naquela época ainda cozinhavam em fogão de lenha. Com o produto desse trabalho ele se vestia e ajudava o pai. Logo teve que desistir da escola para se dedicar apenas ao trabalho.

"... por motivos de situação financeira, que não podia dar estudo prá mim. E aí eu sai do meu estudo e comecei a trabalhar ...

P. E o senhor foi bem nos estudos, ou foi reprovado alguma vez?

R. Não, fui reprovado duas vezes. Porque eu não tinha boa memória, não tem, no estudo. Eu não sei se é por motivo de alimentação, não sei. Porque a gente passava muita situação difícil, né"

Quando a família ficou sem casa para morar (conf. nota citada), ele se empregou com um senhor, na cidade, para o trabalho doméstico. Fazia as compras, cuidava da criação de galinhas, cozinhava e cuidava de 2 meninos, além de estudar, terminando o 4º ano primário. Seu pai, que tinha vendido os bens que possuía na praia e viera para a cidade ganhar salário mínimo como empregado da prefeitura, serviço no qual já se aposentara, foi trabalhar como caseiro para a mesma pessoa, cuidando de uma granja no continente.

Depois disso, o informante acompanhou os pais que vieram morar no morro da Lagoa, como caseiros, e arranhou trabalho numa granja no Corrego Grande.

"... eu cuidava de 35 cabeças de gado ... ali nós fazia de tudo. Nós fazia plantação de milho, de feijão, amendoim ... de aveia, pro gado ... eu trabalhei bastante ... 9 anos no seu Acelon. Tirando leite ... eu tirava leite às 4 hora da manhã ... à tarde, às 4 hora, começava a tirar o leite ... eu vinha ... e saia às 4 horas da manhã ... a pé, é ... só ia à noite porque eu almoçava, eu jantava tudo com ele aqui, né. ele me tinha quase igual a um filho, né ..."

P. Ganhava salário?

R. Não senhora. Eu trabalhava ali por miccharia mesmo. Não ganhava nem meio salário. Mas só que eu trabalhava ali com ele mais pela comida, né, na época, né. E quando chegava o fim do mês, ele sempre me dava um trocado prá mim ..."

Quando deixou este serviço, o informante se empregou como servente de pedreiro, trabalhando na construção da universidade federal. Pela primeira vez teve carteira profissional assinada.

Mais tarde ele abandonou esse emprego para pescar na praia de Cacupé.

"Eu fui prá pescaria porque começaram a me botar na cabeça que a pescaria era ... dava mais dinheiro, não sei o que ... é, eu me iludi nessa daí. Eu vou aventurar a vida, né, vou vê se lá é melhor. Ai cheguei lá e comecei a pescá com o filho do seu Henrique .. nós pescava com rede de caçei. Largava a rede no mar e deixava a rede correndo na água, né, pegá camarão .. quando eu tava pescando com eles lá eu morava com um rapaz mesmo lá e ficava na casa do rapaz ... Ai pesquei uns tempos lá com eles, mas a pescaria foi um troço enganador, né? Que a pescaria tinha época que dava, época que não dava ... Nós ficava o dia todo no mar. Nós botava a rede prá pegá pescadinha, curvina, tinha muitas espécies de rede ... Fiquei pouco tempo lá, uns três ano ..."

Sobre estas ocupações, o informante fala do desgaste do trabalho.

"... porque o serviço de granja é o seguinte dona Mara, tanto faz chovê como, como dá sol. Não tem dia, nem hora pra pessoa trabalhá ... chegava quatro e meia,

quinze prás cinco ... eu ficava o dia todo".

"(construção) ... um troço muito pesado, serviço pesado ... sai porque tava ganhando muito pouco e o serviço era muito pesado e na época ali, hoje em dia é tudo fácil, tem máquina, esses negócio de subí, elevador, né? E na época não tinha, na época a gente botava o concreto dentro do carrinho e eles faziam uma rampa, a senhora conhece? Bem alto assim, e a pessoa tinha que subí e, até o primeiro andar em cima de carrinho, até em cima, cheio de concreto. E aquilo ali no verão, no sol quente, não era fácil ..."

"... a pescaria era ruim porque a pessoa saía de madrugada de casa, né, numa lancha, de canoa, e ia pescá ali pro mar. Então a gente saía de manhã e só voltava à noite. As pessoas saíam de manhã às vezes com um cafezinho, levava um lanchezinho e ficava o dia todo no mar pescando. Então só voltava oito, dez hora da noite. Depende da pescaria que dava ..."

Apos essas experiências, o informante foi trabalhar para uma firma privada que fornecia os serviços de vigilância para estabelecimentos bancários e comerciais da cidade. Exerceu a função de vigia noturno num mesmo banco por bastante tempo.(7) Nessa época já era casado e tinha o primeiro filho. Concomitantemente foi caseiro de uma residência e procurava também outros serviços para fazer. A esposa não trabalhava fora ainda.

"Trabalhei nove anos e seis meses, mas daí tive um ... acesso de esgotamento, né. Porque eu trabalhava à noite e quando chegava de dia eu ia fazê biscate.

P. Que biscate o senhor fazia?

R. Já ... no negócio de grama, né ... Eu trabalhava à noite no serviço da Orbram e de dia eu não tinha sono prá dormi, que dava o esgotamento de nervos, que eu trabalhava só à noite, né. E eu pegava e ia trabalhá de dia. E aí eu me senti mal, tava me dando umas tontura, eu peguei e abandonei o serviço ... e aí eu sai ..."

Aprendeu serviço de jardinagem ajudando o sogro quando fazia biscate e saiu do emprego porque já tinha pegado alguma freguesia, achando que podia trabalhar por conta própria.

Enquanto era vigia noturno da firma particular, alguns amigos o convidaram para trabalhar com eles na UFSC, na mesma

função.

"E na época não precisava de estudo. Eles tavam pegando assim a laço, não tem? Quem quizesse pegá, eles ... Depois fiquei pensando, eu sai ... porque ali na universidade antes ai, ganhava uma micharia, não era um serviço bom, hoje tá bem mais ... e na época a Orbram dava um pouquinho mais. E eu trabalhava há 3 ano na Orbram. Então eu fiquei cismando ... trabalhar no mesmo serviço e aqui eu trabalho dentro de casa, que era no BESC, né? Prá ir trabalha na universidade na rua, que eles davam ronda nos prédio, né ... hoje eu me arrependo, porque eu não sai da Orbram e não fui prá ali. Que hoje eu taria numa boa ...

P. E agora não tem mais oportunidade de entrá?

R. Só com curso.

P. Só com concurso?

R. E.

P. E o concurso exige o 1º grau?

R. Tem que fazê concurso ... ah, exige. Tão exigindo. Ah, isso aí, esse tempo aí quando abriu concurso eu tava doido prá ir. Mas o que adianta eu í, se eu tenho pouco estudo. Não adianta. Ir lá só prá fazê número, não adianta... então, se eu fosse pra'li, hoje eu tava bem, mas bem melhor eu tava ... seu Noemio, seu Waldemar e outros mais ali ... eles tão fazendo acima de 800 a 900 cruzados. E quase não trabalham, porque eles trabalham uma noite e folga otra. Qué dizé que trabalhando uma noite e folga outra, daí folga dois dia e uma noite, né? Eu não, prá ganhá 350, 400 cruzados que seja, eu tenho que trabalhá todo dia, que se eu não trabalhá, tô robado".

#### Ele lastima não ter estudado mais

"... eu na época queria, vamos supor, queria estudá, não tinha condições, que desde idade de 8 ano, 9 anos, já tava trabalhando ..."

"... os nossos pais antigamente não tinham de onde ganhar ... só viviam da pescaria. Ou quando não era da pescaria, era da roça. O que eles ganhavam era prá eles comê ..."

"... se eu tivesse o meu estudo, eu não tava sofrendo o que eu tô sofrendo ... eu andá com um carrinho de mão como eu ando todos os dias, andar de joelho na grama ... tô com o joelho aqui que tá .. tudo da triagem que eu pego ... esse problema da coluna que eu tenho ... e se eu tivesse o meu estudo ... eu podia fazê um curso em qualquer repartição aí e passá, né? Pegá um bom emprego ..."

O informante se preocupa com o filho, que repetiu uma série escolar.

"... porque eu dou de tudo prá ele, é o tenizinho nos pé novo, é roupinha boa prá ele. Material ... nunca faltô. E às vezes ele fica malandrando...  
... tem muitas pessoas aí que não tem condições de dar estudo pros filho. Porque quem vive de salário mínimo aí, pode dar estudo? Não pode nunca ...

P. Se bem que a escola é de graça, né?

R. Mas não dá, não dá. Eles pedem uniforme, tem que dá ... é 10, 12 caderno. E livro, caneta, penal, enfim tudo quanto é material eles pedem. Quanto é que não sai prá um pai que ganha 120 mil cruzados? Ainda se aquele material de final de ano que a gente desse quantasse toda vida, desse pro ano todo ... mas não dá ... a roupa, calçado ..."

Quando abandonou o emprego de vigia para trabalhar com jardinagem, a esposa, que já tinha dois filhos, começou a trabalhar na mesma firma, sendo mais tarde contratada pela Eletrosul. A família mora até hoje em casa alugada.

"... Nunca consegui. Sempre trabalhei, sempre trabalhei, sempre dando murro, nunca consegui fazê minha casinha. Porque é difícil ... por que a pessoa trabalha ... vamos supor a pessoa que ganha hoje em dia 400, 500 cruzado, pode fazê uma casa? De maneira nenhuma ... 400 cruzado é ... prá dois bifizinho mais ou menos pros filhos tapear o rango, como se diz na gíria, né?"

E assim ele vive, como trabalhador autônomo que atualmente nem está pagando a previdência.

"Eu só tenho INPS quando eu trabalhei na Orbram e quando eu trabalhei de servente. Daí prá cá não tenho mais... Olha, eu já não tô pagando o INPS por relaxamento meu ... às vezes eu fico pensando ... pagá ... pra quê? Quantas vezes a pessoa vai no INPS e o INPS não atende a pessoa ... vai numa semana prá se atendida na outra. Então se a gente tá doente a gente morre e eles não atendem ... só é vantagem no caso de aposentadoria, a pessoa fica velho e não pode mais trabalhá ... E a coisa que eu mais me preocupo é isso aí. Mas eu vou fazê, só obrigado a fazê, porque a gente não vai ficá novo toda a vida, né, e às vezes a pessoa não tá com a saúde toda vida nas mãos da gente, né? Que eu não se interessava muito em fazê INPS porque eu tinha uma saúde de ferro. Eu nunca sentia uma dor de cabeça, não sabia o que era dor de coluna, não sabia ... Andei sentindo foi de uns tempo prá cá ... isso é a velhice que tá chegando, né. Com 45, tenho 44 vou fazê 45 ..."

Com o produto do trabalho em jardinagem ele comprou 2 máquinas elétricas para cortar grama e recortar canteiros.

Quando lhe perguntei a respeito de como se considerava enquanto trabalhador, o informante respondeu:

"Olha, eu sou jardineiro. Antes eu era tudo. Hoje em dia eu me considero jardineiro porque é o serviço que eu venho me dedicando toda vida agora ... E eu acho que só se eu pegar um serviço muito bom pra eu sair desse serviço.

P. O senhor gosta?

R. Gosto ... eu gosto porque a gente fica conhecendo todas as pessoas, se dá com todas as pessoas. Eu fico pegando, eu pego amizade com todo mundo. Olha, com esse meu serviço aqui de jardinagem, eu conheço gente até lá em Canasvieiras. Conheço aqui no Pantanal, então a gente conhece muitas pessoas ... Ah, adoro. E gosto de pegar conhecimento. E eu me dou bem também, graças a Deus nunca ninguém falou de mim, porque eu sou uma boa pessoa. Acho eu. Às vezes não, posso não agradar a todos porque a gente, às vezes não dá conta do recado, né. Fazê eu faço, agora a pessoa tem que ter um pouquinho de calma... Então eu vou levando os meus fregueses assim, né. Que não adianta a pessoa se incomodar, não adianta. Não vai ganhar nada com isso ... E assim com meus fregueses. Eu digo que vou, não posso ir, aí os fregueses me pegam no pé, né. Mas eu chego lá bato um papozinho ... acerto tudo ... manero ..."

Ele tem dificuldade em arranjar ajudantes, o que lhe permitiria ampliar a rede de fregueses.

E assim, apesar dos problemas, ele vai "levando a vida" num dos bairros da cidade, falando nas vantagens de trabalhar por conta própria, tendo um serviço seu, onde os horários e as decisões são suas e onde consegue tirar uns "3 ou 4 salários. Se eu fosse trabalhado de empregado era com salário mínimo ..." Um serviço onde convive com as pessoas, como gosta.

## Os Que Continuaram Os Estudos

- i) Ir prá vida ...  
Curto muito a Ilha ... curto as pessoas, vivo aqui ...

Um dos informantes (44 anos) que fez curso universitário é político e já foi eleito vereador, deputado estadual e prefeito da capital.

Sua infância não diferiu em muito da relatada pelos demais entrevistados oriundos das localidades litorâneas, no que se refere a trabalho em criança e escolaridade inicial. A diferença ocorreu com relação às oportunidades de continuação dos estudos na cidade, e mais tarde, em termos de oportunidade de trabalho como funcionário público, no centro urbano.

Seu pai, pescador, dono de rede, terras, engenho, possuía também uma casa comercial e carreta com cavalos para o transporte de mercadorias da cidade, com que abastecia sua própria venda e outros estabelecimentos comerciais dos arredores, ocasião em que levava os produtos da localidade para vender no centro (peixe e camarão em especial). Isto lhe permitiu uma maior capitalização, em termos de localidade agrícola-pesqueira, e uma certa diferenciação social, que só a troca monetária poderia oferecer. Também pescava no Rio Grande do Sul, levando equipe e apetrechos de pesca por terra em veículo fretado, como outros donos de rede ilhéus eventualmente faziam. Acrescido a isso tudo (e pour cause!) era chefe político local de um dos partidos que se alternavam no poder, usufruindo assim de algumas facilidades que não eram acessíveis à maioria da população das localidades rurais da Ilha. Conseguiu comprar um caminhão, tornando-se

o proprietário do primeiro transporte coletivo da Lagoa. "Era aquelas caminhões de toldo, que levava o pessoal prá cidade".

Posteriormente, foi também dono de restaurante, atividade que mantém até hoje, junto com a da pesca.

O entrevistado relata:

"... Eu fui criado dentro de uma venda, né, e na venda a gente sabia tudo. Porque na época não tinha televisão, as pessoas no final da tarde, né, o dia começava a morrer, elas iam tudo prá venda e ali discutiam tudo, né. Contavam história da Lagoa, de assombração, de futrica e tudo isso que corria na comunidade ... quando acontecia um fato excepcional faziam um pasquim ... é aquela literatura de cordel, crítica, da época do Brasil Império ... que na Lagoa dava muito pasquim, essas coisas ..."

A avó materna do informante descendia dos colonizadores do local, que construíram a igreja da Lagoa da Conceição. Era professora, como também a mãe do entrevistado que, mesmo depois de casada continuou os estudos, indo de aranha (espécie de carroça de passeio) para a cidade, afim de completar seu curso (provavelmente a especialização que era ministrada pela secretaria estadual de educação, para titular professores rurais). Seu avô materno morava no Rio Vermelho e "... era uma espécie de curandeiro por livros ... era o médico do Rio Vermelho ...". A família do pai era de pescadores da Costa da Lagoa.

Quando o informante começou a estudar, sua mãe já não lecionava mais.

"... aqui tinha duas escolas. Tinha a escola municipal e a estadual. A estadual era isolada e funcionava numa sala da minha casa. Minha casa é uma casa grande, enorme, que era uma antiga venda, ali funcionava a escola. E eu estudava ali, mas eu era .. eu quando era guri, depois de juvenil eu ... aprontava muito. Eu fui expulso de duas escolas daqui da Lagoa. Era meio brigão, essas coisas. No final, eu estudava lá no Retiro, caminhava essa praia toda à pé prá chegá. Depois estudei no Silveira de Souza, na cidade.

P. Tudo isso curso primário?

R. Tudo primário ...

P. E aí, prá ir pro Silveira de Souza ... porque eu me lembro da Lagoa naquela época, mal dava prá passá condução, às vezes era só de jeep que a gente conseguia passá ...

R. Eu morava, eu morei ... em algumas casas da cidade, emprestada"

Seu pai tinha relações com pessoas influentes da cidade, em função de sua atuação política partidária. Estabeleceu também amizade com os primeiros veranistas da Lagoa. Assim, o entrevistado tanto esteve hospedado em casa de correligionário político de seu pai, como também residiu com família do partido da oposição, quando foi estudar na cidade.

"Eu morei na casa do Espiridião ... Morei na casa do Baldicero Filomeno ... Meu pai era da UDN ... eu não consegui entrá na UDN, eu já entrei direto no MDB. Mas o meu pai era da UDN. O Baldicero era do PSD, mas o meu pai era muito amigo dele, porque foi um dos primeiros veranistas aqui da praia, não é? O primeiro veranista aqui da Lagoa foi o Orlando Carioni, que também era da UDN ... Eu inclusive pegava ... porque eu ficava na cidade a semana inteira, na casa da dona Neca, que era outra senhora que era amiga da minha mãe, que morava na Rio Branco ... então eles vinham prá cá, o Carioni vinha prá cá no fim de semana, sábado e domingo ... Então eu pegava carona e ia com ele prá cidade ... porque era difícil você chegá na Lagoa. Inclusive quando chovia, não subia esse morro aqui. E depois eu fui interno no Catarinense. Fiquei interno, 4, 5 anos.

P. Todo o ginásio?

R. Fiz todo o ginásio ... Depois eu fiz científico no Instituto Estadual, fiz até o 2º científico ...

P. E aí ... indo e vindo?

R. ... Eu estudava e nós saíamos todo dia da Lagoa às 4 hora da manhã. Se acordava às 4 hora da manhã, subia o morro da Lagoa à pé e pegava o ônibus das cinco e meia do Itacorubi, do outro lado do morro. Era quando eu estudava no Instituto, se eu não me engano, que eu fazia isso ... Fiz um ano isso, mas ficou muito pesado. Depois eu fui morá em república, eu morei em república também ... então eu fiz até o 2º científico. Mas eu tinha algumas dificuldades ... em função da minha base ... se hoje um curso de ginásio não é bom, a escola do estado, você imagina na época, na Lagoa. Era deficiente. Então, eu tinha dificuldades sérias, até hoje tenho dificuldades em função do curso base que eu frequentei, né."

A vida estudantil do informante também esteve entremeadada com o trabalho e, como ele não esteve isento de conflitos sobre suas opções para o futuro, seus estudos não tiveram uma continuidade linear. (8)

Conforme relata, fez algumas viagens para o Rio Grande com a parelha levada por seu pai, participando da pesca sazonal como ajudante. Mais tarde o pai comprou um caminhão, com o qual fazia comércio de pescado entre São Paulo e Rio Grande, ocasião em que o informante fez algumas viagens e, como ele diz "... tinha um sonho da minha vida, que era ser motorista de caminhão". A mãe, no entanto queria que ele estudasse.

"... eu fui a primeira pessoa, junto com a minha irmã, que fiz curso universitário na Lagoa, exatamente por este destaque econômico do meu pai e por influência da minha mãe. Que o meu pai achava que ninguém tinha que estudar. Não é? Que você tinha que ir pra vida mesmo. Eu já fui motorista de caminhão, então ele queria que eu continuasse levando camarão daqui pra São Paulo, do Rio Grande, não é? E a minha mãe brigava muito, dizia que não era por aí ..."

No entanto só os dois filhos mais velhos continuaram estudando até o 3º grau. Os outros optaram pelo trabalho na praia, dedicando-se à atividades comerciais.

O informante relata que, num determinado momento deste conflito de escolha, tanto interno quanto familiar, ele fugiu de casa e foi pescar embarcado no Rio Grande onde ficou 6 meses, voltando depois arrependido para a família e retomando os estudos.

"Aí ... e eu queria fazer vestibular logo e resolvi fazer o ... Noventa e Nove, era no curso ... supletivo ... E aí eu fiz vestibular, aí eu matei ... os 3 anos de científico eu matei num ano, né? E fiz vestibular de direito e economia. Mas eu queria fazer era direito. Rodei em direito e passei em economia ... Aí fiz economia ..."

Nessa altura da entrevista o informante volta a falar sobre trabalho.

"... na época eu era funcionário ... eu arrumei um emprego no DENERU, Departamento Nacional de Endemias Rurais. Foi o primeiro emprego da minha vida, lá ... eu trabalhei muito aqui, meu pai tinha restaurante, eu trabalhava na venda, no restaurante, criava cavalo, eu cuidava ... mas o meu emprego .. eu devia tê, foi na época que eu fiz vestibular, uns 22, 23 anos por aí ... e eu fazia economia ... porque aí eu rodei nese ano, mas no outro eu fiz direito e passei. Então eu fazia economia das 7 às 11, trabalhava no meio-dia às 5 e a D. Maria Luíza ... que era uma das diretoras ... ela me dava uma regaliazinha prá mim sai antes das 6, prá mim pegá a aula da faculdade às 5, que o direito e às 5 ... Os 2 cursos na Federal. Na época era possível fazê isso ... Então quando chegou no 42º ano de economia, eu não gostava de economia, tinha problema sério de contabilidade, matemática eu não suportava, estatística, acabei trancando a matrícula no último ano ... depois me arrependi, mas tranquei a matrícula. E completei o direito. E na época eu já era muito ligado em política estudantil. Tinha duas atividades que eu era ligado, era a caça submarina que eu gostava muito de fazê, era muito ligado em mar, e política estudantil ... me envolvi em todos os movimentos estudantis daquela época, me envolvi em quase todos eles. Eu fui preso naquele 30º congresso da UNE em São Paulo ... Quando cheguei aqui me botaram prá rua da repartição né? E eu não consegui mais trabalhá em serviço público, né. (...) Aí depois ... eu quando fui prá rua da repartição, porque fui preso em São Paulo e não consegui emprego, eu vi que ... e vivia metido, fui preso várias vezes aqui, cada vez que chegava um presidente da revolução aqui, me prendiam ... uma vez eu tava na fila do DCE, e se eu não me engano era o Médici, não eu acho que era o ... que tava prá chegá aqui e aí o Vilela que era muito amigo do meu pai, que era polícia do DOPS me prendeu. Era um dia frio, eu tava de manga de camisa 'PÓ! Tu vai me botá no presídio 3 dias com esse frio ...' Disse 'Então, tu vai na Lagoa, pega uma blusa e volta.' 'Deixa comigo que eu volto' ... eu gostava de caça, então peguei uma espingarda, fui prá Costa da Lagoa, fiquei 3 dias lá e só voltei depois que o Costa e Silva tinha ido embora. E como na época eu vi que eu não ia conseguir emprego público e também eu tinha ... tinha algum problema com meu pai, eu não queria mais ficá em casa, era um cara meio livre, tal, achei que tinha que me virá sozinho né? O meu pai tinha restaurante ... tinha uma série de atividades ... os meus outros irmãos trabalhavam com ele, né, e eu achava que eu tinha que tocá a minha vida, então ... o meu pai tinha uns terrenos grandes, meu pai sempre teve muitas terras aqui, na época, que herdô do ... a minha mãe herdô da minha vó e depois ele comprou do meu avô, essas coisas, e eu tinha um terreno onde tem meu posto de gasolina ali e tinha um rapaz que trabalhava comigo que era viajante da Texaco e a gente foi prá ... Itajaí, e consegui fazê um posto de gasolina na época ... que era um péssimo negócio, né? ... Olha, tinha dia d'eu vendê 10 litros de gasolina o dia inteiro. Mas mantive o ponto, que hoje realmente é minha independência financeira. Hoje eu não preciso, graças a Deus, de tá ... posso perder uma eleição que eu não tô aí, por exemplo, eu sai da prefeitura, eu não tô precisando de emprego, tenho como vivê. Não sou um cara rico, mas a minha vida é modesta também e eu vivo perfeitamente com os meus negócios ali. A minha mulher que cuida de tudo, né? ... ela gosta, ela é professora também, é formada em direito, mas largou tudo e cuida do posto diretamente.

Quando perguntei a respeito de sua motivação para estudar, ele respondeu:

"Olha, você é sempre um pouco produto do meio, isso ninguém consegue tirá, né? A vida que eu tinha de bairro, de juventude, esse pessoal ninguém estudava, então eu era um pouco influenciado por esse pessoal ... Claro que depois, com a ascensão de meu pai ..., aí eu comecei a ter uma vinculação com o pessoal da cidade que vinha prá cá, tá certo? ... e esse pessoal estudava, então, mais por influência desse pessoal também, e por exigência da minha mãe, eu comecei ... Porque de repente o meu meio deixou de ser só esse meio da Lagoa, passou a ser outro meio. E eu comecei a estudar. Bem que algumas vezes com vontade e às vezes contra vontade ...

Como o informante fez carreira política, seu depoimento a respeito dessa atividade foi muito importante e rico. Talvez mais esclarecedor ainda, que os outros testemunhos que colhi. Ele já relatou a respeito do problema do pistolão político para conseguir emprego.

O entrevistado relata também como, tendo as 2 oligarquias que controlaram a UDN e o PSD no estado se reunido na Arena com a extinção dos antigos partidos, um grupo de políticos provindos da própria Arena e filiados ao PDS, com redutos eleitorais em outras regiões, tentou desarticular a estrutura de poder montada na Ilha através da escolha dos intendentes, que, depois de 64, pela ausência de eleições para o governo do estado inicialmente, e, em continuidade, pela nomeação dos prefeitos das capitais, estava se perpetuando. Nessa época houve um abalo no esquema do cacique político com maior poder de influência em Florianópolis, mas na troca de governantes as coisas voltaram à forma antiga, com a renomeação dos mesmos intendentes.

De acordo com o entrevistado, pertencente ao partido de oposição, quando eleito para a prefeitura ele conseguiu que-

brar esta estrutura, com a primeira eleição comunitária direta de intendentes.

O próximo prefeito (do PDS) no entanto, retornou ao antigo procedimento de escolha. Mas agora as comunidades já estão melhor organizadas e mais exigentes. Mesmo assim, na opinião do informante, houve um grande retrocesso, já que a eleição direta cria um compromisso com a comunidade que o intendente precisa ter. Ele compara a escolha de intendentes e de diretores de escolas por eleição direta, experiência que também implantou

"... quem organizou a eleição (de intendentes) foram os conselhos comunitários e associações de moradores ... foi uma coisa incrível, setenta por cento da população do interior da Ilha foram livremente, sem fiscalização de tribunal eleitoral, sem polícia pra fiscalizar ... quebrou esse negócio de PDS, MDB, PMDB, UDN, acabou, foi uma disputa de comunidade ... e o intendente ... ele tava atolado de compromisso ... cheio de compromisso. Entende, eu acho que a eleição direta de intendente é mais importante que a eleição de diretora de escola. Porque diretora de escola, eu também fiz a eleição direta. Mas é uma coisa de algum modo perigosa, né, porque você lida com educação. A mentalidade, a cabeça até da diretora, da professora, às vezes também não é a cabeça que deveria ser pra fazer uma eleição. Ela vincula, ela começa a agradar aluno para que o pai vote nela, agradar professor pra que o professor vote nela, então desvirtua um pouco a finalidade. Quanto o processo, eu acho que é interessante, só que a cabeça das pessoas é que não têm muito a ver com o processo. Então a educação às vezes, pode ser prejudicada ... Não é o caso do intendente, que é essencialmente administrativo ..."

Tive muito empenho em entrevistar este informante, pelo fato dele ter sido membro do legislativo e ter presidido o poder executivo municipal. Suas experiências, seus planos para o desenvolvimento da cidade, eram de bastante interesse para minha pesquisa. Ele discutira com as comunidades pesqueiras a necessidade (e começara a implantação) de ranchos para as embarcações de pesca na beira do mar, nos balneários. Fizera também um acordo com o governo do estado, para implantar o 2º grau em várias escolas municipais das localidades da Ilha, nas quais eram ofe-

recidas apenas as 8 séries do 1º grau. (9)

Quando prefeito, escolhera para a secretaria de educação uma professora que desenvolvera estudos de pós-graduação voltada para a questão da educação popular e que trabalhou no sentido de projetar e discutir uma proposta pedagógica para o município.

Para o informante, o grande problema do país, em termos políticos, é o problema da educação.

"Eu acho que o problema do Brasil tá exatamente na educação. Estamos conversando sobre o porque eu fui prefeito da cidade, porque a minha mãe me botou na escola. E hoje a grande maioria não tem oportunidade. O funil é grande ... Eu implantei o 2º grau no interior da Ilha à noite. Porque as escolas ficavam fechadas ... O estado entrou com a mão-de-obra e a prefeitura entrou com a estrutura. E a idéia era ir mais longe. A idéia era qualificar também mão-de-obra à noite ... Você pode abrir uma oficinazinha. Eu abri uma aqui na Trindade ... Ali funcionava curso de eletricista, encanador, jardineiro ... tinha um convênio com o SENAI e com o SENAC, na época ... Não continua ... Parou. Eles estão agora continuando com a costura profissional. Nós formamos 1.100 costureiras profissionais. Muitas inclusive abriram indústria de confecção. Eu acho que a coisa era acanhada, pequeninha, mas eu acho que era por aí que a coisa tinha que ir. E essa proposta se acabou. Por isso que eu digo que a minha preocupação com o governo, e isso não é uma crítica, é que o pessoal está mais numa macro administração. Eu acho que você pode até ter uma proposta maior, mas essas coisas pequenas são fundamentais que se mantenham ..."

O informante contou a respeito de suas ações políticas na prefeitura, no sentido de incentivar o desenvolvimento de atividades industriais, de que a cidade é carente, como o polo de informática e a indústria de vestuário, visando a ocupação da mão-de-obra. E a preocupação em qualificar as pessoas para estas atividades. Com relação à questão educacional, ele continua:

"Eu acho que é por aí. Essa do 2º grau eu acho uma beleza ... fui à formatura aqui, eu era patrono e ... tinha mais formando no 2º grau do que do 1º grau que tava formando. Eu me assustei. Até chamei a diretora e disse '... Quantas pessoas entraram aqui para formar essa turma?'. 'Entraram uns 40' '40 se formam 10?'. Tu vê que a evasão escolar é uma coisa ... Eu acho que a educação é a base ... Infelizmente eu não pude fazer mais em função da estrutura da prefeitura ... Eu acho

que o processo educacional não passa só pela intenção do prefeito, seja lá quem for o prefeito, nem por dinheiro, passa pela mentalidade do professor ... é que é uma luta desleal, que você tente educar de uma maneira acanhada nas escolas, com todas as dificuldades que o poder público oferece e os meios de comunicação de tiram ... descaracterizam você ... Então eu acho que o problema do Brasil é um problema sério, em função das dificuldades financeiras que não são canalizadas pelo setor mais importante, que é a educação ..."

O informante fez observações críticas sobre o escasso comprometimento de muitos professores municipais com a educação e com as localidades nas quais atuam (conf. nota 3, capítulo 3). Falou também a respeito do processo político, na questão dos governantes não darem continuidade às propostas e empreendimentos dos administradores a quem sucederam, mesmo que sejam do maior interesse público, por questões de diferenças partidárias.

Com relação ao processo de urbanização na Ilha, o informante falou detidamente de suas preocupações com a ocupação dos mangues e outros ambientes vulneráveis, suas lutas para tomar o casario antigo da cidade e limitar o gabarito das construções nas praias, ambos (arquitetura açoriana e balneários) violentamente agredidos pela especulação imobiliária. Partes de seu depoimento já foram citados neste trabalho (capítulo 3, item referente ao turismo). Manifestou igualmente suas preocupações com o choque cultural entre o rural e o urbano (nota 3, capítulo 3).

Na preservação de características culturais açorianas, falou da necessidade de colher os depoimentos dos velhos que têm muito a contar, preservando inclusive a memória da fala açoriana do ilhéu, que está se perdendo. "Eu tentei pela prefeitura fazer uma casa da memória ... lá na Fundação que a gente criou Franklin Cascaes ... que essas pessoas mais velhas vão morrendo e vão levar tudo com elas ..."

Interessaram-me sobremaneira suas colocações a respeito da preservação da atividade tradicional de pesca, na convivência das comunidades pesqueiras com a urbanização e o turismo.

No seu entender, o grande causador da queda acelerada da produção e da própria atividade da pesca artesanal, mesmo considerando a pressão sobre as espécies promovida pela pesca industrial, foi a perda das terras do pescador, a exemplo do que aconteceu com a lavoura. Ainda que se garanta seu acesso ao mar, o pescador não tem forma de continuar com sua atividade, se não puder ficar morando na praia, segundo ele.

"Sabe, eu acho que o fim da pesca artesanal não é a pesca industrial, que incomoda muito, o pessoal aqui não obedece sinalização, arrastam, entende? Não é o problema da previdência, que o pescador tá aí no segundo plano, por exemplo, o pescador armador, ele se aposenta com 25 anos de trabalho, o pescador tem que ter 65 anos de idade. Então há assim uma disparidade que prejudica a pesca artesanal, ela é a mais justa que existe, é a artesanal, porque se tu fores aqui na Barra da Lagoa quando chega uma rede ... ali ganha todo mundo. Ganha a velhinha que tá na praia, ganha o guri que ... A pesca embarcada não ganha. Só ganha o dono do barco e os 6 pescadores que estão lá fora. E o governo, por incrível que pareça, ele incentiva mais a industrial, que tá na mão de um grupo muito pequeno, né? ... E eu acho que o governo tem que incentivá isso aí, porque além da distribuição de renda é melhor, o governo não tem como empregá esse pessoal da praia, né? Não tem. Você, já pensou. Esse pessoal é não qualificado, não sabe fazê nada ... mas o que eu queria te dizê era o seguinte: o fim da pesca artesanal tem vários motivos, né, eu tentei até trazê 2 aqui, tem até outros motivos. Mas o maior motivo do fim da pesca artesanal é a especulação imobiliária ... sabes perfeitamente que cada pescador tem ... de 8 a 15 filhos ... não sei se é muito marisco ... E essa gurizada não tem mais onde morá nas praias ... Eles venderam tudo ... Eu te pergunto: essa gurizada vai morá aonde? ... E vai fazê o quê? Eles não sabem fazê nada. Então na realidade, você tinha que tê uma política habitacional prá pescador artesanal e isso era a coisa mais fácil de ser feita pelo seguinte, o que tem de terreno de marinha nessas praias aí. Tu olha do Pântano do Sul ... eu na época comprei uma briga com a Jat Engenharia sobre isso. Claro que entrei na justiça, tá na justiça prá sê decidido ... tentei acertá com o Amin na época que era governador, não consegui, e depois tentei acertá com o Pedro Ivo, também não consegui ... eu tentei na Barra da Lagoa, a Barra tem aquele terreno enorme do horto ali, e na época eu tentei convencê o Amin de que ele teria que liberá prá prefeitura, uma área de 300.000 m<sup>2</sup>, onde eu faria ali uma grande horta comunitária e faria uma área de uso comum dos pescadores e faria um ... conjunto habitacional prá 70 pescadores artesanais. Só moraria ali quem fosse pescador artesanal. Não é? Porque eles fazem as casas deles de, de madeira, eles só não têm onde fazê hoje ... que o que é caro hoje não é a casa, o que é caro é o terreno, né? Um terreno de praia hoje, tu sabe que ninguém mais pode comprá. Eu não posso, você tem dificuldade, tu imagine o pescador ... Nos Ingleses você consegue fazê um sistema

habitacional pra pescadores. Aquela zona ali do sitio do Capivari tem áreas enormes, né ... o governo tem que pegá e segurá ... A Barra da Lagoa, o estado tem terreno, no Pantano do Sul ... aquele terreno todo lá é da Marinha ... Então, isso é o que vai preservar a pesca artesanal: é mantê o filho do pescador na praia ... porque eles não têm mais onde morá na praia ... e vai trazer um problema sério de desemprego também ... e a pesca artesanal não é só sobrevivência financeira, como é atração turística ... Eu acho que o grande atrativo turístico é a nossa cultura ... e é essa atividade artesanal que a gente tem ..."

Inquiri também o informante sobre suas vivências de pessoa oriunda do meio rural, que conseguiu projeção na cidade. Comecei a entrevista dizendo que tinha muito interesse em seu depoimento, já que ele havia recuperado os "manezinhos da ilha", com sua eleição para prefeito da capital. (10)

"... tu me perguntasse no início aqui da entrevista, sobre esse negócio de manezinho, né, que na época era pejorativo, ... na época que eu era guri, você ia pra cidade, a grande maioria das pessoas não diziam que eram da Lagoa da Conceição ... por exemplo, eu tinha uma prima que ia, que saiu da Lagoa foi morá na cidade, deixava de conversar comigo na cidade, porque tinha vergonha de conversá com um cara da Lagoa, né? Mentiam dizendo 'Não, eu não sou da Lagoa', né? Hoje morá na Lagoa dá status ... não é verdade? Manezinho era um termo pejorativo de quem é 'Ah! Esse cara é matuto, é manezinho ...'. De repente se descobriu que isso era, era raízes ... E eu trabalhei muito isso durante a campanha, gozado. Enquanto que eles trabalhavam ... o Chiquinho, o competente ... engenheiro, eu trabalhava esse tipo ... lado mesmo de origem da Ilha, que tava na hora de alguém da Ilha, que tinha raízes profundas ser prefeito dessa cidade. E eu acho que isso pegou porque isso mexeu no brio ... do pessoal .. eu ia pro Pantano do Sul ... e contava essa história do debate, né ... que eles me chamavam de cheiro de peixe, e que eu tinha orgulho de tê cheiro de peixe ... porque a gente que tem cheiro de peixe sempre foi desprezado pelo pessoal da cidade, que só procuram a gente em época de eleição. Então tava na hora do pessoal de cheiro, que tinha cheiro de peixe, votá num cara que tem cheiro de peixe. Isso ...tu sabes que o MDB nunca ganhou no interior da Ilha, e eu ganhei em tudo quanto foi lugar do interior da ilha. E trabalhei muito esse discurso, até exagerado um pouco na linguagem ..."

"... quando eu fui receber o título Manezinho da Ilha e na época deram pro Amin e eu achei uma sacanagem. Não é que eu não goste dele, eu pessoalmente ... mas pra mim ele não é manezinho coisa nenhuma ... E i eu fui recebê, na hora que eu fui, recebi, eu disse '... eu cumprimento, mas pra ser manezinho tem que entender o que eu vou dizer agora: ..... E ninguém entendeu nada." (Sua fala açoriana cheia de expressões e muito rápida não deu para ser transcrita, era ininteligível)

Quando lhe perguntei se pensava que o estudo influenciou nas oportunidades que teve, o entrevistado ponderou.

"Eu acho que alguns fatores influenciaram na minha carreira política. Eu acho que o estudo foi um, graças a minha mãe, né? A minha mãe é que foi a grande resp ... porque era professora, porque sentiu a necessidade de estudar ... Outro, eu acho que foi a situação do meu pai. Eu acho que a contradição da sociedade de consumo, essa coisa toda, levou com que meu pai tivesse um destaque, porque foi o primeiro caminhão ... Isso destacou a família. Foi a maior venda da Lagoa, teve caminhão ... essa coisa toda. Isso fez com que facilitasse um pouco a minha vida. Agora eu creio que o resto ... porque essas oportunidades as pessoas não tinham, o pessoal da cidade não dá oportunidade, principalmente o pessoal político ... e a política é uma questão de espaço. Ninguém abre espaço pra ninguém ... Então, na realidade, o pessoal da cidade jamais ia me dar oportunidade, ou abrir espaço para um guri da Lagoa ser candidato à deputado estadual, prefeito ... Então eu acho que isso aí eu conquistei, entendes? Conquistei na câmara municipal, com o meu trabalho, com minhas críticas, com as minhas posições ... Eu acho que isso daí foi uma conquista unicamente minha, entende? Claro que facilitado pelos estudos que eu tive, facilitado pela educação do meu pai, pelas minhas posturas e facilitado pelo poder aquisitivo que o meu pai teve. Mas eu acho que foi um trabalho meu. E ... claro que deve ter o fator sorte que deve ter pesado, essa história toda, mas as pessoas do interior não têm essas oportunidades, principalmente no campo político, porque ninguém ... por exemplo, se eu fosse na do meu pai, eu ficaria provavelmente subordinado à hierarquia do partido e estava subordinado às diretrizes do pessoal da UDN ... eu tenho certeza que o Paulo Fontes ia preferir o filho dele ... o Bulcão ia preferir ... do que o ... filho do Andriano da Lagoa. Então eu acho que quando eu fui, disputei com os caras em igualdade de condições e comecei a tralhá o discurso do manezinho e puxar isso, foi uma coisa minha que ganhou espaço. Que de repente o pessoal do interior disse 'Vamos votá num cara que pelo menos é nosso, que tem uma vinculação maior do que o pessoal da cidade, que vem aqui e depois desaparece daqui.' E hoje você vê que a coisa tá mudando um pouco. Mas porque tá mudando? Porque mistura cidade e Lagoa, interior e cidade ... Porque é um momento diferente. Não é verdade? Hoje o pessoal da cidade mora na Lagoa e vice-versa, o pessoal do interior da Ilha mora na cidade e vice-versa. Mas na época ... Então hoje eu creio que os espaços são mais ou menos idênticos ... agora é outro momento, mas na minha época as oportunidades não tinham assim mesmo porque o pessoal ... do interior eram dependentes do pessoal da cidade, financeiramente, politicamente, culturalmente ... Eu me lembro bem, aqui na Lagoa o pessoal passava lá em casa, a dona ... pegava ovos da minha mãe ... sei lá, a gente era tratado de uma maneira diferente. Era manezinho, todo mundo era manezinho, tudo era matuto porque era do interior ..."

O informante já advogou e pensa que tem facilidade para o direito. A morosidade da justiça, no entanto, é uma coisa que o afasta da profissão. Como a maioria dos entrevistados dá muita importância à autonomia, a não ter amarras. Conforme ele mesmo falou durante a entrevista, os açorianos são trabalhadores mas não gostam de obedecer a horários, ordens, querem se sentir mais livres. (Realmente, "não ter patrão" é uma fala que se re-

pete como motivação e desejo em muitas das entrevistas).

De sua infância de roça, engenho, cuidado com animais, pesca, venda, restou a paixão pela vida do mar. Enquanto esteve desempregado e o seu posto de gasolina ainda não dava lucro, ele montou um restaurante em sociedade com a irmã, mas tirou seu sustento principalmente da pesca submarina, atividade que nunca abandonou.

Pensa em ter um barco no futuro para decidir-se à pesca em escala industrial, atuando no entanto como membro ativo da pescaria, ao contrário de outros pescadores industriais.

Seus filhos estudam e recebem outros reforços educacionais, como aulas de inglês, dança, esportes, a exemplo das crianças pertencentes às camadas privilegiadas da população das cidades.

Ele continuou morando sempre na Lagoa da Conceição mas como homem urbano, ao contrário do pai que, mesmo proprietário de um dos fortes restaurantes do local, continua com sua vida simples, andando pelas praias de pés descalços, pescando diariamente e parando nas vendas ao final do dia para um dedinho de prosa com os conhecidos.

j)

... Porque eu havia saído ... eu tinha que vencer ...

Entre os entrevistados desta segunda geração, apenas dois continuaram a estudar, completando a formação universitária. Pertencem, no entanto, à faixa dos mais jovens, que considerei (arbitrariamente, conforme adverti) como membros da gera-

ção intermediária, com idades entre 40 e 45 anos.

Um desses informantes (42 anos), professor universitário, chegou ao 4º grau de ensino, completando seus cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado, no exterior.

A respeito de sua vida na localidade litorânea de origem, onde o pai era pescador, dono de rede, e tinha um armazém, ele conta que a mãe era professora, vinda do continente, tendo cursado especialização para o magistério e ingressado na carreira ainda muito jovem, sendo lotada na comunidade pesqueira, onde começou a lecionar, casou-se e teve vários filhos, para os quais não desejava um futuro como pescadores, incentivando-os a estudarem.

De acordo com sua fala, o nível de instrução da mãe, correspondente mais ou menos ao ginásio da época, era bem mais elevado que o dos habitantes da comunidade "... e ela era realmente a doutora do lugar. Consultada inclusive na parte de orientação medicinal".

Num determinado momento de sua vida funcional ela precisou continuar os estudos para atender a exigências legais, completando o equivalente ao curso normal regional, e foi passar um ano com parentes em São José e Palhoça, para estudar, levando os filhos. Foi quando o informante ingressou no 1º ano escolar, fora da localidade de origem.

Ele conta das distâncias de trinta anos atrás entre as praias da Ilha e o centro da cidade e municípios vizinhos, que hoje estão emendados a ela, fazendo destes trajetos viagens que duravam cerca de 6, 7 horas. Fala também do significado, para as crianças, de saírem da praia e irem viver num outro local "... São José prá mim na época era um mundo, era uma cidade ... tinha todo aquele comportamento que você trazia de

área rural, era um choque nas outras cidades".

Quando retornaram para a localidade litorânea o irmão mais velho, que terminara a 4ª série primária, ficou residindo com os parentes para continuar os estudos no continente, já que na praia as escolas ofereciam só as 4 primeiras séries do 1º grau.

O informante e os outros irmãos continuaram os estudos, com a mãe como professora, em escola isolada do local. Ele relata detalhes de sua vida escolar e do trabalho da mãe.

"A escola era toda esburacada, de madeira, a parede ... eu me lembro que a parede era solta. A gente balançava a parede da frente ... Então ela dava aula pra 1ª, 2ª, 3ª, 4ª série, tudo numa sala só ... E era muita criança ... eles iam pra sala praticamente sem comer nada. E não tinham merenda na época. Mais tarde, eu me lembro depois da 3ª série em diante, aí começou a chegar merenda, resultado daquela 'Aliança para o Progresso' ... Mas era uma vida bastante dinâmica em termos de escola porque a minha mãe, ela apesar de ... de ter apenas o que hoje seria o 1º grau, ela era, ela tinha uma cultura geral muito boa ... Entende? E depois ... ela era muito criativa. Quer dizer, todo final de ano apesar de todo esforço, ela tinha que dar conta de tudo em casa e mais a escola, ainda todo final de ano nós tínhamos uma festa, com exposição de trabalhos escolares ... então a gente aprendeu uma série de coisas que hoje a escola com ... tendo professor por sala, por exemplo, por disciplina, não consegue fazer ... por exemplo, nós tínhamos aula de arte, sem saber que era aula de arte ... Tudo fazia parte e era uma coisa só. Então no final do ano nós tínhamos, normalmente os meninos construíam objetos de barro como animais etc ... cerâmica, além de móveis, né, feito de compensado, um trabalho de serra, tudo isso era ensinado. E tinha o bordado, tinha o tricô ... então era uma exposição com centenas de trabalhos. E toda a comunidade participava porque era um dia de festa, era dia de exame final, quer dizer, havia o exame com inspeção de fora, né, vinha sempre um inspetor, depois havia uma festa ..."

Quando o informante terminou o 4º ano na localidade, tentou o exame de admissão ao ginásio no Instituto Estadual de Educação, mas não conseguiu uma vaga. Em seguida resolveu ser padre, influenciado pela figura de um padre jovem que foi trabalhar na comunidade. A mãe o incentivou porque desejava que ele saísse para continuar os estudos.

Como o internato no seminário era pago, o informante conseguiu, com idade entre 13 ou 14 anos, uma bolsa de estudos junto à secretaria de educação, por sua própria iniciativa.

Outro depoimento importante que este entrevistado ofereceu, foi a respeito da diferenciação social já existente nessas localidades rurais, social e culturalmente mais homogêneas que os aglomerados urbanos.

"... a parte financeira era difícil prá todo mundo. Mesmo assim nós estávamos acima da média ... então a idéia da minha mãe era de que a gente saísse, tivesse oportunidade".

"Eu tinha muito problema de relacionamento com a gurizada local ... o seguinte, é, o que eu falei, a formação familiar, tinha muita influência nisso aí. Ehh, nós estamos acima da média local em termos econômicos, econômicos-sociais, e da gente ... tinha coisinhas, por exemplo, pequenas, que não fazem significado hoje, mas o fato da gente poder todas as, todos os meses vir ao centro. As outras crianças ficavam ... invejavam isso. É interessante porque vir dos Ingleses pro centro era uma coisa extraordinária, e aqueles que podiam vir, né, provocavam sem querer inveja nas demais crianças que não podiam vir ... Se aparecer com um brinquedo diferente, de com ... a oportunidade de comer um sonho por exemplo, sonho era uma coisa extraordinária, ou uma maçã. Tudo isso fazia com que a ... depois houvesse atritos. Bom! E eu ... a gente tinha oportunidade de vir passar uma semana, duas semanas na casa de parentes aqui no centro, então quando a gente chegava lá, quer dizer, chegava possivelmente exibido com aquilo, aí a exibição gerava problema. Era coisas assim ... Meu pai tinha canoa e redes. A maioria das pessoas não tinham, evidente ... poucas pessoas tinham ... Uma época nós tivemos uma venda, um armazém até relativamente forte ..."

Quando o informante conta sobre suas atividades na infância e o esforço que teve que fazer para estudar, pode-se perceber que esta diferenciação social nas localidades litorâneas de características rurais é muito sutil e bem diversa da que presenciamos nas cidades, dependendo mesmo de pequenas coisas, como poder comer um sonho, uma maçã ou ir passear na cidade ...

"... como criança a gente sempre trabalhava. Na pesca, porque tem uma parte da atividade de pesca, por exemplo como fazer cabo que se chama, é o cabo da rede que vai chegando na praia, a gente vai fazendo os rolos de cabo. Normalmente é criança que faz isso e depois ganha um pouco de peixe ... ajudar a colocar a ca-

noa prá cima, a canoa prá baixo, recolher a rede, porque colocar a rede no varal é feito pelo pessoal que pesca, os camaradas, a rede chega pesada, molhada e eles colocam, depois prá recolher já é mais difícil juntar o pessoal, então a gurizada da casa ia ajudar. E a remendar a rede ... A gente ajudava a botar espinhel nos balaaios ... na época da, de tingir a rede com casca de ... das árvores do mangue, né, carregar água, ajudar a botar a rede dentro daquela tintura ... desfiar os fios que vinha, se comprava fio, o gerbo, era um fio que vinha, era de pneu, o tal de nylon, né, que antes era usado barbante, que era algodão. Prá rede de tainha era o barbante, aí o gerbo apareceu prá outro tipo de pesca e esse fio era tirado de mantas de emborrachados que vinham das fábricas, restos e eles vendiam pro pessoal da pesca. Então a gente tirava fio por fio, emendava tudo, depois embrulhava prá pessoas fazerem as redes ... Ou então ir comprar cortiça ... raiz de árvore de mangue, que era utilizada na época, mais tarde é que apareceu o sintético. E que mais ... o chumbo era feito, bom! Quer dizer, a atividade de pesca não se resumia somente em ir pescar, tinha um monte de coisas, inclusive as mulheres faziam, a minha mãe por exemplo, ela fazia os chumbos .. costurava os chumbos, feito de tecidos ... de sacos de areia ... e a mãe fazia os chumbos, que eram de tecido de saco de trigo, ela costurava, deixava a boca e a gente ... nós tínhamos que ir no combro, combro é dunas ... ou cômodo ... e tirar areia, aquela areia grossa que o vento deixava por cima, né, essa era areia mais fina ... e a gente tinha que encher e socar bem duro, depois a minha mãe acabava com a agulha ... eram parte da pesca ... mas que eram domesticamente elaboradas. E ainda, por exemplo, a minha mãe apesar de ela não aceitar, que ela não tinha, não havia absorvido esse tipo de coisa, mas o meu pai acreditava em benzedura, então uma das atividades da minha mãe, era mensalmente ir até a benzedeira levar os chumbos das rede prá benzer, prá que tivesse sorte na pesca ...

Além da ajuda na pescaria ... no caso do peixe seco também tinha que virar o peixe, duas vezes por dia ... também no momento do preparo do peixe, a gente tinha que ir buscar água, quer dizer eram coisas periféricas diria, partindo da principal, mas que eram necessárias e que eram feitas pelas crianças, prá economizar despesa com mão-de-obra, né, porque quem preparava o peixe era um grupo de mulheres contratadas especificamente prá aquilo, então elas trabalhavam noite e dia, porque senão o peixe ia apodrecer, tinha que entrar na salmoura. A gente tinha além desse trabalho ligado à pesca, um outro tipo de trabalho e que era mais ligado à casa em si, por exemplo, horta, a gente ajudava na horta ... A minha mãe tinha horta, o meu avô tinha e a gente ajudava. E evidente que isso implicava em preparar o terreno, em plantar, em buscar água na fonte, porque tinha uma única fonte ali prá toda uma comunidade muito grande ... a criação de galinha, de marreco e pato ... Outra atividade que se tinha era buscar lenha no morro ... a gente ia na base de duas vezes por semana buscar molhos de lenha ... um grupo de pessoas, né, cinco, seis crianças com um, dois adultos ... e a gente passava, vamos dizer, uma tarde inteira catando lenha, fazendo os molhos e trazendo prá casa. Ah, por exemplo, era comum quando os homens iam para o Rio Grande, comprarem uma carrada de lenha ... mas normalmente isso aí não era suficiente e a gente acabava indo no morro, tendo que buscar muita lenha ... uma outra coisa que se fazia ... eu pessoalmente mais outras crianças da comunidade ... tinha peixe demais, então a gente pegava um balaio enchia de peixe seco, colocava um bambú de ponta a ponta e a gente saía vendendo pelas casas ... a gente vendia peixe seco ou então também a gente vendia banana. Banana crua. As vendas tinham banana, né, era uma fruta muito presente lá, então eles, a fruta quando amadurecia muito prá não apodrecer os proprietários de venda pagavam a gente prá sair vendendo nas casas ... Eu e meu irmão, por exemplo, tínhamos uma outra coisa que nós fazíamos às vezes que era ir comprar laranja, principalmente as tangerinas ... em Aranhas, onde algumas pessoas tinham chácaras ... a gente enchia cestos e saía vendendo nas casas .. eu ... participava dos lances de peixe ... quando lanceava a gente participava como ajudante, até mesmo puxando a rede ou fazendo cabo e a gente ti-

nha direito a meio quinhão. Então ... era levar prá casa ou vender, né?

P. Mesmo que a ... o barco e a rede fossem de teu pai?

R. Ah, sim! Mesmo que fossem ... aí do dono que não desse o quinhão ... Aliás, o pai gostava que a gente fosse que era prá incentivar o gosto pela coisa e tal, né?

P. Aí vocês vendiam?

R. Ah, a gente vendia porque peixe prá casa nós tínhamos, né? Agora, quando o pai viajava era uma dificuldade, nós tínhamos que ir atrás do peixe ... Aí trabalhava na rede dos outros ... como ajudante e muitas vezes se comprava o peixe.

P. E lá era fácil de vender peixe prá outras pessoas?

R. Não tão fácil assim, mas normalmente se vendia ... o pessoal do Rio Vermelho que ia prá lá, esse pessoal não pescava, ia mais buscar o peixe ... mesmo em Aranhas, porque nos Ingleses tem o seguinte, o pessoal do sítio de Capivari e Aranhas eram mais voltados para a agricultura ... o pessoal mais ligado à pesca era o da praia, embora o pessoal de Aranhas e Sítio também pescassem, mas eles pescavam mais a pesca sazonal, época de tainha, de safra de tainha, da anchova ... mas eles gastavam diria, mais tempo na agricultura. Agora com o decorrer do tempo, os filhos foram saindo mais da agricultura e entrando mais na pesca e hoje a agricultura nos Ingleses é restrita, é quase nada ... E outra coisa, que mesmo filhos de pescadores na época da fabricação da farinha ou da colheita do amendoim, as crianças iam ajudar a colher o amendoim ou então iam pros engenhos raspar mandioca, então se ganhava um pouco de farinha, o beiju, coisa desse tipo ..."

Como se vê, uma vida trabalhosa também para as crianças.

Prosseguindo com o relato de sua vida escolar, o informante conta que estudou 2 anos no seminário e desistindo de ser padre, voltou para a praia onde ficou pescando com o pai, vindo depois morar na casa de parentes no centro da cidade para continuar os estudos no Instituto de Educação. Quando terminou o ginásio, ingressou no 2º grau, voltando a morar na praia.

"Só que era muito difícil a situação porque eu me acordava às quatro e meia da manhã prá pegar o ônibus às cinco e meia, chegar com um atraso de 15 minutos ainda na aula. Levava 3 horas, em média. Era muito difícil. E tinha dias que a gente chegava no centro tão massacrado, que em vez de ir prá aula, matava aula, ficava zanzando pela cidade ... a gente que eu digo, era eu, porque não tinha mais ninguém que estudava, que estivesse estudando na época. Antes de mim ... somente um outro indivíduo conseguiu sair para estudar ... Eu vim então nessa situação e só o ... ônibus só voltaria pros Ingleses às três e meia da tarde e che-

garia às sete, sete e meia ... não tinha luz elétrica, né, na época. Então era fazer deveres, tudo isso era muito difícil ... O almoço, eu tomava um café na padaria Brasília, o que era também uma agressão porque ... no sentido de que eu estava acostumado a um almoço, vamos dizer, substancial, a uma comida salgada ao meio dia ... então aquilo era um sofrimento, né ... Tudo isso contribuía e o problema maior era ficar andando pela cidade do meio dia até às três e meia ... biblioteca, lê jornal, tudo isso eu fazia um pouco, mas cansava também, todo dia aquilo".

Nessa época o entrevistado prestou serviço militar, ingressando na Aeronáutica onde permaneceu por mais de 1 ano, interrompendo o curso porque não quis estudar à noite. Quando terminou o serviço militar ele ficou desempregado por uns tempos, trabalhou na pesca, teve uma breve experiência como radialista e depois conseguiu emprego como bancário no centro da cidade, vindo morar novamente com os tios, antes de se instalar numa pensão. O informante relata que as estadas na casa destes parentes foram importantes porque o tio tinha uma biblioteca muito boa, o que o levou a ler bastante enquanto lá residiu. Durante este tempo continuou os estudos, ingressando num curso supletivo em escola privada, no qual completou o 2º grau, o que lhe permitiu se inscrever para o vestibular na universidade.

\*P. ... por que tu resolveste estudar geografia?

R. ... eu cheguei no balcão da faculdade e fiz a seguinte pergunta: 'Qual curso ...', que eu tava indeciso em parte por causa do problema do banco, que eu sabia que ia ter problemas, eu não sabia como sobreviver e eu cheguei no balcão e disse 'Qual é o curso que tem o maior número de vagas e o menor número de candidatos?' Eles disseram 'Geografia'. 'Põe meu nome aí. Agora'. Depois eu conversei com o prof. Peluso e ele disse que o meu trabalho de exame havia sido muito bom. Eu tinha um nível de conhecimento geral muito bom, eu lia muito. Bom! E fiquei na geografia ..."

No banco, onde ele ingressara inicialmente como office-boy e trabalhava em período integral, a direção estava recusando aos funcionários a possibilidade de conciliarem as obriga-

ções funcionais com os estudos universitários, que exigiam meio período diário.

"... mas no banco eu consegui, por exemplo, eu era muito esforçado e chegou um momento que eu assambarquei muitos setores de trabalho dentro do banco, muitas carteiras, o comum era ter um chefe de carteira com um auxiliar, eu no momento estava com duas carteiras sob o meu controle ... era possivelmente um indivíduo dentro do banco, dos funcionários subalternos, que tinha o maior número de encargos ... eu estava numa situação tal, que eles não tinham ninguém pra se substituir ... e eu disse para o diretor que eu não queria dispensar nem o banco, nem a universidade. Primeiro que eu queria fazer a universidade e segundo porque eu precisava do banco pra poder sobreviver".

Assim, o informante conseguiu continuar com as duas atividades, trabalho e estudo, recebendo ordenado integral, já que se comprometera a dar conta do serviço na instituição.

Na universidade ele se envolveu com política estudantil, assumindo inclusive a presidência de diretório acadêmico durante algum tempo.

Mais tarde ele abandonou o banco para engajar-se no Projeto Rondon, passando uma temporada no nordeste do país, como estagiário da universidade. Quando retornou estava desempregado e começou a trabalhar em jornal, escrevendo artigos sobre turismo.

"... jornal de turismo, tal ... tentei outras coisas, quis desistir da universidade uma época, vender coisas ... um emaranhado total, a gente não sabia exatamente pra onde ia e terminei a universidade ... bom! Nesse período eu trabalhei ... trabalho de campo, né? ... Foi aí que eu fiquei mais envolvido com a experiência de formação, vamos dizer, de pesquisa, tal, foi nessa oportunidade ..."

Tendo se entrosado nos trabalhos de pesquisa de alguns dos professores de seu curso, o informante ao completar a universidade, candidatou-se a uma bolsa para mestrado nos Estados Unidos. Quando retornou conseguiu emprego nas fundações educa-

cionais de Joinville e Tubarão, onde atuou como professor universitário e pesquisador por algum tempo. Nesse período foi convidado pelo BNH para coordenar uma pesquisa com temática semelhante à de sua tese de mestrado. Mais tarde fez concurso de ingresso para a UFSC onde trabalha em tempo integral, tendo voltado à mesma universidade americana para a realização de seu doutoramento. Neste meio tempo constituiu família, casando com uma moça de sua localidade de origem.

O informante faz uma avaliação positiva de seu aprendizado escolar. No grupo escolar do continente, melhor aparelhado que as escolas da praia, com salas específicas e professora responsável por cada série de ensino, merenda escolar, etc. A experiência de estudar com a mãe

"... tinha duas situações ... uma boa e outra não tão boa ... uma porque nós tínhamos assistência dela depois em casa e a outra nem tão boa no sentido de que, como era filho ela dizia que a gente tinha que ... servir de exemplo. Então de vez em quando a gente levava um puxão de orelha ... tal. Ela não batia nos outros, mas na gente ela batia. Tinha que servir de exemplo. Tinha que ir pra aula afinado, quer dizer, isso ajudou também, né ... Agora, as condições ... eram muito precárias ... a escola ... apesar de tudo isso ... dentro da sala de aula era muito dinâmica a coisa, que a minha mãe integrava ... além do ensino vamos dizer, da língua portuguesa, da matemática, de geografia e história, o básico, ela tinha ... atividades artísticas, né, e isso contribuía muito pra o interesse das crianças na aula, né? Contes, histórias ... nós tínhamos teatro ... declamar poesia, então isso era uma coisa boa, mais tarde inclusive eu tive dois concursos de poesia aí no Instituto Estadual, era público, me sai bem ... com medalhas, medalha de ouro ..."

Sobre o seminário em que foi interno, o entrevistado ressalta a excelência do ensino, a integração com formação musical, esportes, o que fez com que sentisse uma queda do nível escolar quando veio para o Instituto Estadual de Educação. Fala também de seu desinteresse nessa época, de sua malandragem para estudar, o que o levou a desistir por uns tempos, com a desculpa

do serviço militar.

"P. Pensavas em voltar depois?

R. Pensando em voltar. Ah, sim! Eu não admitia, eu não admitia a idéia de ficar vamos dizer como entre aspas, ignorante, né. Primeiro porque eu havia saldo dos Ingleses eu tinha de vencer, sabe, havia um problema, vamos dizer, de orgulho, de afirmação, não sei, e não querer também voltar prá vida de lá".

O informante julga que suas opções foram também muito influenciadas pela família da mãe, com várias tias professoras, pela comparação que ele próprio fazia, desde criança, entre as pessoas que estudaram e aquelas que não haviam estudado, como seu próprio pai, cujo nível de instrução era o 2º ano primário e que, mesmo tendo herdado os bens do avô que viera de Ganchos, possuía salga de peixe, canoa, redes e casa comercial, sendo ambos, portanto, proprietários, levaram vida de muito trabalho.

"Porque eu também comparava a situação econômica deles, por exemplo com os irmãos e irmãs do meu pai, uns haviam estudado e tinham uma situação melhor e outros que não haviam estudado tinham situação pior ..."

A universidade foi para o informante uma experiência rica,

"... porque foi uma oportunidade de me manifestar de várias formas, em termos de rebeldia política na época, né, em termos de aprendizado em si ... em termos de relacionamento com outras pessoas, em termos de oportunidade que eu tive de liderar certas coisas e em termos do aprendizado em si ... evidentemente que a abertura da mente para outras coisas ..."

Quanto à realização profissional, o entrevistado se considera hoje mais identificado com seu papel de pesquisador, acreditando que não tem o mesmo entusiasmo do início em sua função de professor, enquanto que na atividade de pesquisa seu in-

teresse cresceu, já que não se dedica mais a fazer pesquisas encomendadas, mas se envolve com temas de sua própria escolha.

## Algumas Considerações a Partir da (Re)Leitura das Entrevistas

### Sobre Trabalho ...

A abordagem que tento, em que privilegiei dois temas, trabalho e escola, para analisar os sujeitos no processo de transformação social, está toda ela atravessada por um eixo temporal, um antes e um depois, a mudança que se processa na realidade concreta, resultando em mudanças a nível do imaginário. Resultando na reformulação das construções simbólicas com que os sujeitos representam a realidade e constroem suas identidades. O que torna importante analisar as categorias que utilizam para construir novas representações também do trabalho e do estudo.

Com o avanço da urbanização, do turismo e da pesca industrial, o trabalho tradicional, a lavoura e a pesca, é confrontado (diretamente) com outras formas de trabalho. As influências vindas de fora, estabelecendo pressão sobre os espaços, a terra e o mar, tornam as atividades tradicionais mais difíceis. O trabalho também muda. Analisando as falas dos entrevistados, se não conseguimos extrair delas categorias únicas, podemos perceber que ressaltam representações (coletivas) com as quais (re)constroem a realidade em transformação.

A mais presente, de consenso, é a que representa o trabalho tradicional como pesado, em oposição à novas opções de atividades, vistas como trabalho leve, mais fácil.

Outras representações são também muito presentes.

Em relação à grande instabilidade do trabalho na lavoura e na pesca<sup>(11)</sup> dependentes ambos das forças da natureza que não são controláveis pelo homem, especialmente no caso da pesca, em que se acrescenta o perigo (o imponderável, o verdadeiramente incontrolável) o trabalho estável, com um ganho fixo ao final de cada mês (mesmo que este seja o salário mínimo), com folgas semanais, férias e aposentadoria, apresenta-se como muito atrativo. Tão desejável que alguns chegam a se desfazer de seus bens e migram para a cidade atrás de um emprego. Ganhar salário, ter INPS, aposentadoria por tempo de serviço, é uma forte aspiração. Ser funcionário público é um trabalho idealizado para muitos.

A contradição, no entanto, está sempre presente.

Os que são funcionários públicos, ganhando só o salário durante toda a vida funcional, percebem que não dá para se manter apenas com este ganho e buscam, na atividade tradicional, a complementação indispensável para o sustento da família. Mesmo que tenham que se deslocar da cidade para as praias em busca do peixe, como nos mostraram as primeiras entrevistas. A aspiração da estabilidade no trabalho, no entanto, continua se impondo, fazendo com que desejem para os filhos a mesma situação (entrevista b), vendo na combinação das duas atividades (tradicional e nova) a forma ideal de sobreviver nos balneários.

Do trabalho tradicional, essencialmente comunitário (como o trabalho no mar, entre camaradas, ou nos engenhos, ou na lavoura, trabalhada pela família, ou ainda na renda, tecida em rodas de vizinhas nos quintais das casas ou nos umbrais das portas, conversando e ensinando às meninas), restou o gosto pela convivência, conhecer pessoas, dar-se bem com todos, que aparece em muitas entrevistas. Em alguns casos, como explicação para o prazer que encontram em certos tipos de ofícios, como o da jardinagem (entrevistas f, h).

Uma categoria simbólica definida que se manifesta e é valorizada na totalidade das entrevistas é a que se refere à autonomia no trabalho.

Se ser funcionário público é uma situação idealizada, mas carregada de ambivalências (entrevista c, especialmente), ser autônomo é claramente o ideal da maioria. Eles não gostam de ser mandados, não querem ter patrão, obedecer a horários. Querem se sentir livres, tomando suas próprias decisões no trabalho. Estar sujeito às determinações da natureza não pode ser comparável à sujeição a patrões ...

A questão da autonomia é destacada, assim, por quase todos, sejam empregados ou não, tenham eles uma situação econômica privilegiada, pertençam às camadas médias da população, ou àquelas de mais baixa renda.

Assim, só aspiram a empregos estáveis em troca de salários mínimos, os mais pobres e não qualificados. Sendo que qualificação numa cidade marcadamente terciária (administração e comércio), é sinônimo de escolaridade. Onde surge a questão da necessidade de estudar para conseguir trabalhar no mais "leve" e

melhor remunerado.

As representações sobre trabalho dos sujeitos que entrevistei, reforçam as concepções de que trabalho e modos de vida são categorias que se interpenetram. Para eles, que iniciaram sua vida de trabalho na infância, participando de várias maneiras da produção de subsistência na unidade doméstica, há também um momento em que devem começar a trabalhar por si e para si. É o momento de "ir prá vida", de "fazer a vida". Em alguns casos, no entanto, em que o esforço para a sobrevivência é mais contínuo, depende de improviso, é uma tarefa de todo o dia, uma busca cotidiana de várias formas de trabalho, é o momento de "lutar com a vida". Para esses, o trabalho cotidiano pode significar uma forma de "tapear a vida". O trabalho é representado nestes termos, como sobrevivência: ele permite enganar a vida, sobreviver apesar das dificuldades. (12)

### ...E Escola ...

Na conciliação entre os dois tipos de trabalho (tradicional e urbano) se interpõe a questão da escolaridade. Assim, para a maioria dos entrevistados, torna-se muito clara a impossibilidade de aspirar a um emprego em que o ganho possa ser superior ao salário mínimo e onde haja progressão funcional, para aqueles cuja escolaridade foi inicial (ou quase nula). Aparece também a relação entre o trabalho tradicional e a escola, numa, até certo ponto, incompatibilidade entre pesca e estudo, manifesta em várias entrevistas (b, d), colocando como causa de

abandono dos estudos, o fato de terem optado pela pescaria, ou pelo trabalho, de uma forma geral (entrevistas, c, f, h).

E, perpassando todas estas questões, ressalta a questão da diferenciação social já na localidade de origem. Assim, escola e trabalho tradicional só eram incompatíveis para os mais pobres, que tinham necessidade de trabalhar desde crianças para contribuir com a subsistência da família. E isto também na cidade, para os que trabalhavam em atividades tradicionais (entrevista h - trabalho cortando lenha, em granja, etc).

Há, então, um cruzamento de representações (que ressalta contradições) entre trabalho leve e trabalho pesado, relacionados a trabalho urbano e trabalho rural. Assim, na entrevista do informante que migrou para a cidade (d), o trabalho urbano era mais leve, embora fosse semelhante ao que realizava na praia. Creio que isto está relacionado ao fato do trabalho urbano, mesmo exigente de esforço físico em proporções quase idênticas, ter pausas bem definidas, folgas aos finais de semana, enfim, não ser obrigatoriamente contínuo, como a atividade campestre no meio rural. Para o informante que se criou na cidade (entrevista h), deixando de estudar para ajudar os pais adotivos e trabalhando como empregado em troca de alimentação, fica bem diferenciado o que é trabalho pesado, seja tradicional, como cortar lenha, pescar, ou seja urbano, como trabalhar na construção civil.

Se um dos informantes (entrevista d) conseguiu um emprego na universidade mesmo com pouco estudo, está claro para eles que atualmente é muito difícil aspirar ao trabalho em instituições públicas que remuneram melhor, mesmo nas funções de

serventes ou vigias, para aqueles que não cursaram o 1º grau completo (entrevistas f, h).

A relação estudo-trabalho foi muito bem expressa na fala de um informante (entrevista f)

"... nunca me interessei de arrumá colocação boa prá mim ... nunca me interessei na seguinte forma ... que ... as vez, então ... eu precisava arrumá um emprego, mas eu sempre tive vergonha de chegá perto da pessoa e falá ... '... a senhora não arruma um emprego prá mim?' (ela) dizê 'Não, eu arrumo, é fácil'. Amanhã ou depois ... vem em casa e 'Não, eu arrumei um emprego prá você ... você vai ganhá 600, 700 mil ... mas você tem que tê isso, e isso, estudo ...' 'Ah' vou dizê '... não tenho'. Prá mim já é uma vergonha ... eu chegá e dizê 'Não, eu não sei lê, só sei assiná o meu nome ...' né ... a pessoa vai dizê 'Pôxa, é um cara de pau. Mandô eu arrumá um serviço prá ele e só sabe assiná o nome'. Então, eu não arrumo serviço por causa disso ... me acanho de arrumá ..."

Nas representações sobre estudo surge muito clara, especialmente entre os que tiveram apenas nível inicial de escolaridade, pertençam às camadas de baixa renda ou sejam bem sucedidos nos negócios (entrevista g), a relação entre o estudo e o domínio do código simbólico escrito, visto como característica fundamental da vida urbana.

As atividades do mundo rural de pequena propriedade, voltadas para a subsistência, são mais manuais. A sociedade, menos heterogênea, com menor nível de organização burocrática, não depende dos códigos de escrita nas proporções em que a sociedade urbana, mais heterogênea, burocrática, com maior fragmentação, depende da escrita e da leitura.

Assim, se o trabalho tradicional era muitas vezes, incompatível com a atividade escolar, ou desligado dela, o trabalho urbano depende do nível de escolaridade, que vai determinar o domínio de uma outra linguagem, tipicamente urbana.

Toda esta questão fica envolvida por uma oposição rural x urbano, que resulta na construção de identificações valoradas de forma negativa (rural) ou positiva (urbana), fazendo com que a própria pessoa passe a se avaliar de uma forma ou de outra. Como exemplo, temos a transcrição de parte de uma entrevista, acima.

Com relação à pessoa que se percebe como bem sucedida nos negócios, com status no meio urbano, se restam traços de uma autoavaliação negativa, eles podem ser contrabalançados por outras representações a respeito do estudo, na contraposição entre teoria x prática e mesmo entre trabalho x estudo, com a exaltação de uma ideologia do trabalho, da prática (entrevista g).

Em outras entrevistas aparece uma "descoberta" diferente: que a teoria não é alheia à prática, que elas podem ser conciliadas e se alimentar reciprocamente. Na entrevista c, a constatação "... até o próprio estudo ensina ... a fazê as coisas". Na entrevista e, a percepção maravilhada do encontro entre trabalho e teoria "... foi um álcool na minha cabeça ... me deixou desinibido ... fiquei bom de pesca ... faltava a explicação da prática que eu tinha adquirido até agora ...".

Existe um consenso dos informantes a respeito de escolaridade: a relação entre o estudo e as novas formas de trabalho. Todos desejam que os filhos estudem. Nenhum deseja ver os filhos dedicados somente à atividade tradicional. Se estão conseguindo realizar este desejo, esta expectativa, tem dependido de outros fatores, o mais determinante dos quais, o problema da diferenciação social. Assim, percebemos que só conseguiram estudar entre os informantes, aqueles cujos pais eram proprietários (terras, redes, vendas, etc) e mesmo assim, nem todos (entrevis-

tas c, g). Os que conseguiram, relataram grandes dificuldades (somente uma exceção) e muita mobilidade entre escolas, tendo que pagar o estudo em instituições de ensino privadas, pois não obtiveram vagas nas escolas públicas da cidade, em função do nível de ensino das escolas rurais, que não lhes deu muita "base", conforme todos eles ressaltaram. Com relação aos seus filhos, pertencentes à 3ª geração, os condicionantes econômicos ainda estão presentes pois vemos pelos seus depoimentos, que, mesmo tendo aumentado a oferta de escolas nas praias (em quantidade e nível de escolaridade), só estudaram ou estão continuando os estudos, aqueles cujos pais puderam lhes proporcionar estas oportunidades, ou aqueles que conseguiram conciliar o estudo e o trabalho.

#### **Sobre Uso das Terras ...**

Com relação ao problema da perda das terras, que determina a mudança do modo de vida tradicional, a entrevista do informante que vendeu uma grande área de terra entre Jurerê e Daniela, por um preço irrisório, para vir trabalhar na enxada na cidade, causou-me muita estranheza, especialmente porque o entrevistado não lamentava a perda das terras.

Refletindo sobre o assunto, vejo que nesse depoimento está claramente expressa a diferença conceitual entre valor de uso e valor de troca. O informante não lamenta a venda das terras porque isso lhe possibilitou a vinda para a cidade, para um trabalho "limpo" e mais leve, estável, com todas as garantias

trabalhistas e um salário que se tornou satisfatório com o correr dos anos. A terra, para este informante e seus irmãos, tinha apenas o valor de uso, significando a necessidade de trabalho pesado, contínuo, sujo, rasgando a roupa, andando de pés descalços. O informante também se tornara preso à terra, pelos impostos que tinha que pagar por ela e que lhe exigiam mais trabalho. Como ele deve intuir no íntimo que não conseguiria transformar diretamente a gleba que possuía em valor de troca, lucrando com sua exploração ou comercialização, não lastima sua venda como uma perda.

Assim, só a posse de terras, mesmo que em grande extensão, não garantia a diferenciação social. Faltava moeda e a falta de dinheiro não permitia mantê-las, muitas vezes, ou investir nelas para aumentar o patrimônio.

Só conseguiu transformar diretamente a terra em valor de troca, o pequeno empresário da praia (entrevista c), com uma vida de muito trabalho, e que foi assimilando os procedimentos capitalistas dos novos moradores e investidores dos balneários.

Em seu estudo sobre as terras comunais da Ilha, Campos escreveu:

"como o uso de terras comunais na Ilha e Litoral de Santa Catarina, foi, como se observou, parte integrante da própria formação sócio-espacial açoriana, ocorre que se identifica mesmo como algo cultural, arraigado ao costume do pequeno agricultor". (1989: 196)

"Entretanto, apesar da maioria das terras de uso comum terem desaparecido, a utilização comunal persiste sob as mais variadas formas". (Ibid: 197)

E assim que encontrei, entre os informantes que ficaram residindo na praia, justamente naquele que combina as ativi-

dades tradicionais com um emprego em instituição pública, procurando "lutar com a vida" de todas as maneiras (entrevista b), a persistência, mesmo que desfigurada como alertou o autor acima, do costume de utilização comunal da terra, na forma como mantém sua vaca de leite, amarrada para pastar "... prá essas beiradinha aí ...", pedindo água nas casas próximas, para dar ao animal. Ele tenta manter a criação da mesma forma como era possível ser mantida pelos pobres que não possuíam pastagens, até ao tempo da geração de seus pais, nas terras de uso comum existentes nos balneários, hoje engolidas pela especulação imobiliária.

### **Sobre Turismo ...**

As dificuldades que a pesca artesanal enfrenta em relação à convivência com o turismo nas praias, foram bem evidenciadas em várias entrevistas (a, b, i). O desamparo do setor frente ao poder público também ficou evidente, com a significação de soluções relativamente simples que costumam a ser tomadas, ou não se concretizam (no primeiro caso, a construção de ranchos de pesca comunitários, no segundo, a restrição do ancoradouro de lanchas de passeio, ou substituição das "poitas" que usam, por âncoras convencionais, ou ainda uma reserva de horário para a pescaria durante o verão, em que as lanchas não pudessem passear nos locais de cerco e arrastão).

O que fica patente nas entrevistas é a grande dificuldade em subsistir da atividade tradicional. Não encontramos mais, nas praias em que o processo de urbanização está em curso,

alguém sobrevivendo da lavoura. Encontramos ainda pescadores mas que dependem, na maioria, de outra atividades, para garantir o sustento da família. Os próprios pescadores artesanais donos dos meios de produção cuja única atividade é a pesca (entrevista a), têm dificuldade em se manter apenas com ela. No caso que analisamos, o pescador conseguiu se capitalizar com o produto da pesca embarcada no Rio Grande do Sul. Agora, gasta o que comprou, porque a pesca não lhe permite reservas monetárias para substituir o material de trabalho, que se degrada na atividade. Na verdade, ele está se descapitalizando, se não é inadequado utilizar o termo para um pequeno produtor.

Com relação a turismo, algumas das entrevistas expressaram bem as representações dos informantes, sempre pesando e contrabalançando as consequências do movimento turístico para as localidades: negativas por um lado, positivas por outro (mais trabalho, maior circulação de dinheiro). Como disse um deles (entrevista i) "... então eu acho que teve as benesses, as coisas boas, e teve também o preço que nós pagamos por tudo isso ...".

As transformações provocadas pelo turismo só foram avaliadas de forma inteiramente positiva, pelo empresário que o explora (entrevista g). Este, embora reforce com suas colocações, o fato de serem os empregos no setor turístico em geral sazonais, argumenta com o aumento das oportunidades de trabalho e ganho, no sentido de considerar apenas como positivo o movimento turístico para as populações residentes nas praias.

Falando a respeito de suas vivências de habitantes das localidades litorâneas urbanizadas, nas suas representações do antes e do agora, vários informantes se referiram ao consumo de

drogas pelos jovens. Interpreto como sendo esta talvez, a questão mais visível e dramática do choque cultural das sociedades tradicionais com o mundo urbano.

Em depoimento a pessoa que realizou um trabalho comunitário na Ilha, um velho pescador falou sobre o problema das drogas, afirmando que as comunidades estão tradicionalmente preparadas para absorver ou lidar com outros tipos de problemas, como a "doença dos nervos", ou o vício da bebida. As drogas, no entanto, causam impactos que elas não conseguem absorver ou compreender. As comunidades não sabem lidar com os drogados. Penso que o porquê dessa perplexidade ficou bem colocado na fala de um dos meus informantes, que retomo:

"... é lamentável ... ver um jovem se perdê aí ... um pai que tinha um filho ... perde o amor, a consideração, não reconhece o pai ... quando chega na época de começá a pensá, a fazê a vida ... a estudá ... entra nesse caminho da droga ..."

A droga, assim se contrapõe a valores tradicionais comunitários muito importantes, como o respeito e amor aos pais e à família, ou a possibilidade de trabalhar produtivamente ...

### Sobre Mulheres ...

As mulheres estiveram ausentes como personagens de primeiro plano entre os informantes desta geração. A não ser por duas professoras que entrevistei agora, a mais velha das quais com idade que a inclui na geração dos primeiros sujeitos cujas histórias de vida colhi há cerca de uma década atrás, elas só se

tornaram presentes neste momento como personagens de fundo. Especialmente nas figuras das mães, cujas influências e desejos os filhos absorveram, procurando atualizar e realizar.

Dado o teor da abordagem que foi feita nas entrevistas, dos pontos de vista teórico e metodológico, relacionando identidade e trabalho e perguntando a respeito de vida escolar e profissional, a explicação que atribuo à ausência das mulheres como personagens centrais entre os entrevistados desta geração, quando no que se refere à geração seguinte obtive o depoimento de várias mulheres, está ligada ao fato de que elas não trabalharam fora de casa, em geral. Com exceção das professoras, que tenho procurado entrevistar desde que me voltei para esses estudos.

Assim, buscando essas figuras de fundo, mas nem por isso pouco importantes, vamos encontrá-las nas representações dos informantes, no trabalho da casa e da família, responsáveis por toda a lida da unidade doméstica de produção e consumo, quando os maridos se ausentavam por longos períodos para a pesca sazonal no estado vizinho, exatamente como as mulheres das gerações que as antecederam.

Vamos encontrá-las nas entrevistas dos sujeitos desta geração: a mãe do primeiro informante apresentado que, mesmo na sua condição de analfabeta queria que os filhos estudassem e trabalhava com criação de galinhas para lhes garantir essa oportunidade. E uma mãe com quem o filho tinha tanta ligação afetiva que não conseguiu ficar longe de casa para continuar seus estudos. A mãe que o ensinou a tecer redes de pesca.

As mulheres que somam aos afazeres de casa, a confecção de alimentos que os filhos vão vender, para aumentar o orçamento doméstico ou para manter a família, em determinadas situações (entrevistas b, e).

A irmã do informante (entrevista d) que, tendo migrado com a família para a cidade, abrigou o irmão enquanto ele iniciava o trabalho urbano, sobre cuja oportunidade ela própria o alertara, hospedando-o durante o período em que ele procurava os meios para se estabelecer no centro urbano.

A professora do pescador, cuja lembrança é tão marcante para ele, no seu comprometimento com os alunos e a comunidade.

As mães professoras.

Uma das que deram aulas para os filhos, acompanhando depois a trajetória do filho que entrevistei (depoimento e), incentivando-o a estudar, arranjando-lhe escola particular, intercedendo por ele quando fugiu do colégio naval, dando-lhe suas economias quando ele saía em busca de outros locais e empregos, abrigando sua família e cuidando dos netos, sempre que necessário.

A mãe que saiu para estudar levando os filhos e também foi mestra dos seus (entrevista j). Uma professora criativa, motivadora, exigente com os filhos, que teve empenho em que continuassem a estudar. Uma professora que integralizava os conteúdos de aprendizagem numa pequena escola isolada da localidade litorânea, e cuja lembrança de um mundo além da praia foi instigada nos filhos, que cumpriram seu desejo de não serem pescadores.

A mãe que havia sido professora, continuando os estudos depois de casada, e que enfrentou conflitos na família para manter os filhos estudando (entrevista i).

Com relação às mulheres desta geração, e em função até do teor das perguntas que foram feitas nas entrevistas, aparecem atuando em outras atividades que não as domésticas, as esposas e familiares dos informantes mais jovens.

A esposa do empresário que reside na cidade (entrevista g), e teve mais estudo que o marido, cuidando da parte burocrático-administrativa de seus negócios.

A esposa do professor que, oriunda da localidade litorânea, continuou seus estudos depois de casada.

A esposa do político que, professora e advogada, deixou suas outras atividades para conduzir a empresa da família.

A irmã do mesmo informante (entrevista i) que foi interna para continuar os estudos, cursou pedagogia na universidade, trabalhando como professora e diretora de escola, além de atuar como sócia e proprietária de empresas comerciais na praia (restaurante e hotel).

Vamos encontrar também a mulher doente (mãe, esposa), cujo estado de saúde leva à mudança de toda a família. Mudança de local de moradia, de tipo de trabalho, enfim, à reorganização de todo o modo de vida familiar (entrevistas f, h).

As histórias de vida nos colocam ainda a questão da morte da mulher, levando à reestruturação da família através de novo casamento (entrevista b) ou levando à desagregação do núcleo familiar (entrevista h), com a separação de pai e filhos, dados em adoção. (13)

Com relação às professoras que entrevistei agora, a primeira delas (62 anos), apresentou um quadro que não diferiu em nada daquele relatado pelas professoras da geração anterior: escolaridade primária inicial na praia e ida à cidade ainda solteira para complementar os estudos através de curso de especialização ministrado pela antiga diretoria de educação do estado, para treinamento e qualificação de professores não titulados para as escolas do meio rural.

"... naquele tempo nem era ginásio, né? Um tipo de 4ª série mais reforçada, esse curso meu. Esse não titulado."

Vítima e contemplada pelas mudanças políticas do município, que tanto lhe garantiram como lhe tomaram uma vaga de professora substituta em escola isolada da comunidade de origem, sua experiência só se tornou um pouco diferenciada a partir do seu ingresso na escola municipal de Canasvieiras (grupo escolar). Ficou então responsável por uma só série do curso primário e, mais tarde, passou a atuar como auxiliar da diretora da escola, tendo respondido pela direção durante um tempo, após a aposentadoria da responsável.

Ela me foi indicada para entrevista por um de seus alunos, pertencente à 3ª geração de informantes.

A professora mais velha (71 anos) entrevistada por mim, não obstante a idade, teve uma trajetória bem diferente daquelas relatadas anteriormente. Essa senhora, com nível também primário de escolaridade, teve como sogro um professor de escola rural a cujas aulas assistiu por um tempo, substituindo-o eventualmente, treinando para substituí-lo na sua aposentadoria. Te-

ve 9 filhos e foi professora deles na escola da localidade litorânea. Além dos cursos de aperfeiçoamento ministrados pelo poder público e frequentados em geral pelos professores rurais, ela continuou seus estudos, cursando o normal regional na cidade (nível equivalente ao ginásio) quando já completara 40 anos.

Após isso, continuou a estudar cursando o 2º grau, habilitação magistério, no Instituto Estadual de Educação. Tudo isso em meio aos afazeres domésticos que, esses sim, não eram muito diversos dos relatados pelas mulheres de sua época: filhos, casa, cozinha, roupa, horta, criação, renda, etc.

Esta professora me foi indicada por um dos informantes da última geração, oriundo da localidade de Fântano do Sul. Foi muito recomendada pelo entrevistado. A peculiaridade é que seus alunos, como não era comum acontecer com as crianças das escolas rurais, costumavam se sair bem no exame de admissão ao ginásio, no Instituto Estadual de Educação.

A professora relata, sobre sua experiência na localidade pesqueira

"... eu dividia as turmas, né, fazia os trabalho diversificado pra eles ... motivava bastante os alunos".

"... quando aqueles meninos já estavam maiores, que aqui é época de pesca da tainha, então quando dava um lance de tainha eles queriam era sai prá abri a tarrafa porque os pais, né, eram pescadores, então eles queriam sai ... as mães vinham pedi 'Oh, dona Lúcia, qué deixá fulano de tal i abri tarrafa? Porque sempre ajuda'. Ai como elas pediam, ai eu dizia 'Olha! Vocês vão vê, se as canoas já tiverem n'água prá cercá, vocês vêm cá, chamam os outros prá i.' Ai ... a turma toda né, queria ... Ai eu ia com eles. Ia lá, lanceavam, quando acabavam de lanceá, que repartiam o peixe, eles vinham, os que pescavam, que tiravam peixe 'Ai, agora vamos.' Ai eles tomavam um banho, ali mesmo na água e trocavam de roupa, já levavam calção, né, tiravam, vestiam a roupinha, vinham prá aula. Ai eu já dava uma aula de matemática prá eles.

P. Matemática, como?

R. Matemática. Quantos peixes vocês mataram? 'Ah, eu matei tanto peixe.' 'Sim, a como foi que vocês venderam?' 'Eu vendi a tanto.' 'Ai vocês vêm quanto é que toco prá cada.' Ai eles faziam as continhas, né? 'E a rede do seu fulano, quanto que mató?' 'Mató tanto peixe.' 'Sim, quantos camaradas têm?' Eles já sabiam, né? 'Tem tantos camaradas', 'Pois é, agora tem que dividi a metade pro dono da rede e a metade pros camaradas.' Eles faziam a divisão ali.

P. Que beleza!

R. Ah ... era rápido aquele raciocínio ali ... não tinha dificuldade com matemática ... Outros tiravam lenha, né, carregavam lenha daqui de cima do mato e vendiam ... aqueles torinho de lenha ... era tudo contado, né, então eles contavam aquela lenha toda, já sabiam e sabiam quanto é que faziam.

P. E as meninas, o quê que a senhora fazia prá motivá?

R. Ah ... aquele joguinho ... que elas jogavam ... Três Maria, né ... jogavam e aquele joguinho ... desenvolviam bastante ...

P. Então a senhora pegava todas as coisas práticas assim ...?

R. Eu pegava todas as coisas práticas .. da vivência, também eu usava ...

P. Usava o método Paulo Freire, antes do Paulo Freire?

R. E. Eu usava ... (risos)

Sobre o esforço que fez para continuar os estudos, completando o 1º grau e cursando o 2º grau, já com mais de 40 anos de idade, com os filhos crescidos, sempre se especializando para o magistério, ela manifestou "... eu achava que era melhor a gente ter ... tinha que dar mais prá crianças, assim ...".

Como se vê, ela fugiu aos padrões mais comuns de professores rurais de seu tempo na Ilha e até da 2ª geração, em termos de formação.

Com relação a gênero, na visão dos entrevistados desta geração como filhos, os papéis feminino e masculino são apresentados como ainda marcados pela versão patriarcal de família: família extensa, com muito peso na autoridade paterna, o pai tomando todas as decisões referentes a trabalho, até em relação ao ganho dos filhos, em muitos casos. Algumas mudanças no entanto,

Já se fazem sentir. Além da comum ligação afetiva das crianças com a figura materna, mais próxima<sup>(14)</sup>, em alguns casos uma maior identificação com os desejos e expectativas das mães. A mãe enfrentando a autoridade paterna no sentido de incentivar os filhos a estudarem, a procurarem outros afazeres, a saírem das praias, abandonando as atividades tradicionais. Elas próprias saindo, indo estudar na cidade, trabalhando fora (mesmo que nos clássicos trabalhos "femininos", e acumulando tarefas).

#### Sobre um dos Entrevistados ...

A entrevista e desnuda problemas que fogem aos outros depoimentos, mais centrados nas questões que coloquei no início das entrevistas: a vida escolar, a vida de trabalho, com os desdobramentos resultando em apreciações sobre o ontem - o passado comunitário na infância, e o hoje - com a localidade urbanizada ou se urbanizando, a vida na cidade, etc. Nela apareceram com clareza os problemas subjetivos dessa trajetória particular entre o mundo urbano e o mundo rural. Este não estar bem lá ou aqui.

Procuro termos para falar dessa situação particular e alguns me soam inadequados por suas implicações psicossociológicas funcionalistas: inadaptação (o que é um indivíduo adaptado, aquele que não questiona o social, que se ajusta e que funcionalmente, é o que serve ao sistema?) ou marginalização (marginal em relação a quê? E tendo que se enquadrar em torno de qual "centro", para se ajustar? Um centro que, ele próprio, não é

questionável? E de novo, a adaptação, o ajustamento?)

Qual seria a categoria simbólica adequada para significar o sujeito que não se enquadra aqui ou lá? No mundo rural ou urbano? Que vive o presente brigando com a sociedade, com a própria família, sonhando com um passado utópico, uma sociedade cristalizada, sem mudanças?

Seria "desvio", como o empregam os antropólogos?

As categorias "deriva" e "nômade", como concebidas por Deleuze, seriam as que melhor significariam essa situação?

Será que este sujeito se sente como o "estrangeiro" da literatura existencialista?

De qualquer forma, esta entrevista é tão importante como todas as outras. Ela fala da escola, fala do trabalho, mas fala também, e principalmente, da procura, de tentativas, de problemas sociais, de problemas pessoais, da subjetividade.

Numa análise sociologizadora da trajetória dos sujeitos no processo de transformação social, poderia se destacar como causa deste "desvio", desta "deriva, nomadismo", este ser "estrangeiro" aqui ou lá, justamente a situação social de transformações que, expulsando o sujeito de seu meio comunitário, do trabalho tradicional, acena para ele com inúmeras oportunidades quase impossíveis de se concretizarem, pelas desvantagens de base (escolares, econômicas, etc) que ele teria que superar.

Com uma visão oposta (aparentemente, pelo menos) psicologizante, poderia se analisar este comportamento "desviante", "não enquadrado" "nômade", como resultado dos problemas pessoais do indivíduo desde seus relacionamentos familiares iniciais.

Na realidade esta e, como todas as outras, uma trajetória particular por situações sociais de mudanças que são coletivas, mas que os sujeitos vivenciam individualmente, subjetivamente, com suas possibilidades e oportunidades próprias de superação de problemas pessoais, familiares, sociais. E, se nesse depoimento os problemas psicossociais do personagem se tornaram centrais na sua narrativa, é porque é dessa forma que acontece: cada um vivencia e representa o mundo externo à sua maneira, subjetivamente. E a sua história de vida ...

#### Sobre Clientelismo Político ...

Como já salientei a respeito do processo de ocupação das praias (capítulo 3, item referente a turismo), é impossível tentar compreender qualquer aspecto da transformação de Florianópolis, sem considerar o fator político.

Pelo grau de interferência das influências político-partidárias na vida das pessoas nas pequenas localidades da Ilha, tal como me foram relatadas pelos informantes, até me atreveria a caracterizar essas influências e interferências como uma "cultura de clientelismo político". Que, se não está ausente no resto do país (e os acontecimentos políticos ressoantes o confirmam), tendo suas raízes no Brasil Colônia, explicando fenômenos como o do coronelismo, creio que é um tanto exacerbada em capitais de estado (ou da nação ...), quando estas não têm muitas opções de emprego da mão-de-obra economicamente ativa, senão nas máquinas administrativas do poder público estadual e municipal

(ou federal, ...).

As falas dos informantes dão testemunho do nível de influência do poder político sobre suas vidas e seu trabalho.

Um dos informantes relata, a respeito de emprego público (entrevista i)

"aí eu arrupei um emprego com o Baldicero ... na época ele, uma vez ele chegou lá e disse 'Olha! ... o Isauro ...' que era meu tio, era intendente na Lagoa, na época era o seguinte, você só arrumava, o pessoal do interior, com cartão do intendente ... que era da UDN e do PSD e aí um dia no almoço o Baldicero falou pra mim 'Olha! ... eu tenho uma coisa pra te dizê, é lamentável mas o doutor Aderbal Ramos da Silva me telefonou hoje ...' o Baldicero era o diretor da Caça e Pesca ... eu tenho uma amizade muito grande com a família ...' ... e me telefonou hoje dizendo que tu tá trabalhando aqui, tu não tens um cartão ... tá trabalhando sem cartão do Isauro ...'

P. E o seu tio era da UDN?

R. Era do PSD ... Ele era ... é casado com a irmã do meu pai ... 'i pra que você continue trabalhando tu tens que pegá um cartãozinho do Isauro lá, não tem problema nenhum'. Eu não peguei. Nessas coisas eu sou bem ranzinza. Eu disse: 'Olha! Eu não pego.' Vou perder o emprego, mas não pego! Perdi o emprego realmente, mas não peguei o cartão e ... Então na época era essas coisas".

"... a gente tá falando de política ... eu não gostava de política, quando era guri, porque existia uma disputa, uma rivalidade muito grande na minha família. O meu tio, não era esse que era intendente, era o irmão do meu pai ... sempre foi do PSD, e o meu pai era da UDN. Então eles nunca se deram por causa de política, até hoje ... às vezes eu passo ali, ele tá dentro do bar do meu tio, mas não fala com o meu tio ... É uma coisa meia doentia, porque não tem porque não falá ... mas é uma coisa ... tudo por causa da política. Que na época era o seguinte, dia da eleição, eles matavam dois bois aqui na Lagoa, né, devia ser assim também nos Ingleses, no Pântano do Sul ... porque o pessoal pra i votá na época tinha que ... ou ganhava dinheiro, o ganhava tijolo, o ganhava ... ainda hoje tem, esse ranço ainda tem, né? Eu nunca fiz política desse tipo. Na minha casa nunca veio ainda ninguém pedi nada porque eu nunca dei nada e também eu acho que não é por aí a coisa, não. Mas na época era o seguinte, tinha o boi da UDN, e o boi do PSD. Então, o pessoal que votava na UDN tinha o direito de comê aquele ensopado de carne, aquele churrasco, do PSD, a mesma coisa ... Tinha gente que comia os dois, né? Diz ue votava num a ia comê do outro, aquela coisa ... o poder de influência do intendente hoje numa eleição, é muito pequeno. Aqui na Lagoa, na época que eu era guri, que eu comecei a votá ... metade da Lagoa votava no meu pai, metade da Lagoa votava no Isauro. Era metade UDN, metade PSD. Então tudo passava pelos dois, cê arrumá emprego tinha que tê cartão, pra levá uma mulhé pra maternidade tinha que ser no carro do ... meu pai ...

P. Seu pai foi intendente?

R. Não ... Mas ... era o representante da UDN aqui ... na época ele foi, deram uma função pra ele de ... na época você gratificava essas pessoas com uma função no estado, né? ... não tinha concurso público ... Na realidade, essa máquina pública foi inchada por todo esse processo eleitoral brasileiro. O meu pai ganhou

uma função, de fiscal da Caça e Pesca ... Só que quando ganhou ... o Celso Ramos ganhou aquela eleição do Irineu Bornhausen, o meu pai foi prá rua do serviço ... entrou com um mandato de segurança ... conseguiu retornar. Hoje é aposentado ..."

Outro informante (entrevista j) da testemunha da interferência muito direta da política partidária na vida das pessoas, nestas pequenas localidades onde os interesses internos podem ter o respaldo dos mecanismos externos de poder político.

"... Foi quando nós nos transferimos de Aranhas para as Companhas ... Porque aí apareceram outras professoras e a minha mãe, como tinha o regional completo, ela teve o direito de escolher onde queria dar aula. Bom, aí a gente sentiu por exemplo, a influência da política local ... Porque a cunhada do intendente na época ... era também professora, e ela queria ficar perto da casa onde ela morava, mas a minha mãe também morava naquele ponto e ela tinha o direito. Então, a minha mãe veio na secretaria e escolheu aquele local para dar aula. E o intendente mandou pregar todas as portas da sala. Então a minha mãe foi dar aula ... a sala de aula, que era uma casa, não era sala em construção especial, estava totalmente pregada ... e com as carteiras na rua. Então o meu pai pegou todas as carteiras e levou para uma outra casa ... aliás uma parte da casa onde nós morávamos e abrimos a escola dentro da nossa própria casa, quer dizer, a coisa era assim. Uma outra época, por essa rivalidade política, o meu pai e a minha mãe não participavam de partido político, mais tarde o meu pai entrou na UDN e tal mas ... com rixas, inclusive com relação a este mesmo indivíduo, que era o intendente, ele acabou saindo. Bom, e ... certa ocasião por exemplo, de repente a minha mãe ... recebeu um documento do estado, dizendo que ela estava exonerada e ela ficou sem dar aula 10 anos, porque esse intendente veio no centro e assinou um documento, como se fosse minha mãe que estivesse assinando, pedindo demissão. E ela ficou sem dar aula durante 10 anos, né, por isso. Bom! Brigas locais, né?"

Só depois de 10 anos sua mãe conseguiu reverter a situação, de forma a continuar exercendo o magistério na praia.

E como o dela, nos foram relatados outros casos de professoras que perderam seus cargos em escolas rurais em função da alternância dos partidos no poder.

A primeira professora que entrevistei para este trabalho, relatou um problema deste tipo, que a deixou vários anos sem emprego.

Da mesma forma, a professora do pescador (entrevista a) que ele insistiu comigo para que fosse também entrevistada, indicando-me seu endereço na cidade e que, após marcar a entrevista passou a me evitar e terminou por se recusar a me prestar seu depoimento. Este informante relatou

"Nossa professora ... ela tinha uma maneira, um andamento, uma maneira de educar as crianças, sabe. Eles respeitavam muito ... Ela nunca deixou os alunos perdê um minuto, se distrair ...  
Depois então, eles, com a política, eles tiraram ela daí, de Canasvieiras. Então quisera fazer até um abaixo-assinado, mas ela ... não aceitou, porque ela era uma pessoa que tava ... ela vivia nos braços da comunidade ..."

Interpretei a atitude da professora, concordando em dar a entrevista e se recusando depois, com a explicação que não gostava de lembrar daquele tempo que tinha sido o mais feliz de sua vida, como um indício de que o sentimento de ter sido injustiçada por perseguição política ainda a fazia sofrer. Era algo que não gostava de reviver...

Nessa "cultura do clientelismo político", em que os candidatos a cargos eletivos tentam trocar votos por empregos e favores, instrumentalizando as pessoas, eles próprios, os políticos, também são usados como instrumentos. E instrumento para resolver problemas, para dar o famoso jeitinho; mesmo que isso redunde em desrespeito às leis de proteção ao meio ambiente, no caso do processo de urbanização das localidades. Assim, um dos informantes "arranja" um político para desembargar sua máquina que estava tirando aterro das dunas e das encostas (entrevista c). Outro, relata como os políticos se prestam para levantar os embargos administrativos das construções irregulares nas praias (entrevista g).

Mas os informantes também têm consciência de que os políticos, que lhes prestam alguns favores em troca de apoio nas eleições, reservam para si e os seus, os verdadeiros favorecimentos advindos da proximidade com o poder e do controle da máquina pública. E o que está implícito na fala do informante (entrevista f):

"... às vez vêm otros aí e diz 'Oh, rapaz, tu és tolo! Tu trabalhasse com fulano, trabalhasse com sicrano ... e secretário, e governador e deputado, essas coisa ... e nunca arrumasse um serviço de marajá, assim ...' eu digo 'e prá quê? Marajá é só prá eles ... eu nunca pedi' ..."

Essas representações, que procuram dar conta das contradições com as quais se deparam na convivência mais estreita com o mundo urbano, não são construções inteiramente novas de seu imaginário, mas estão fundamentadas nas antigas formas de convívio com os intendentes e chefes políticos que, num passado recente, intermediavam suas relações com a cidade, na articulação das comunidades camponesas com a sociedade envolvente.

## NOTAS

1 Os números apresentados pelos quadros 1 e 2 falam melhor que palavras sobre a redução dos percentuais de participação da pesca artesanal na produção do pescado no estado de Santa Catarina.

QUADRO 1 - Percentual da Participação dos Tipos de Pesca Industrial e Artesanal, na Quantidade Total de Produção do Pescado em Santa Catarina - 1975 a 1987.

ANO	PESCA INDUSTRIAL %	PESCA ARTESANAL %	TOTAL (Kg)
1975	58,17	41,83	86.053.198
1976	50,03	49,97	57.905.938
1977	64,86	35,14	84.490.072
1978	64,19	35,81	97.204.402
1979	77,74	22,26	91.505.368
1980	79,44	20,56	118.105.565
1981	71,44	28,56	70.297.095
1982	72,56	27,44	82.825.060
1983	71,02	28,98	80.114.319
1984	71,46	28,54	97.119.500
1985	84,20	15,80	120.938.064
1986	89,88	10,12	100.456.047
1987	86,49	13,51	67.896.021

Fonte: Anuário Estatístico da Pesca 1987 - SUDEPE - Coordenadoria Regional de Santa Catarina.

QUADRO 2 - Percentual da Participação dos Tipos de Pesca Industrial e Artesanal, no Valor Total da Produção do Pescado em Santa Catarina - 1975 a 1987.

ANO	PESCA INDUSTRIAL %	PESCA ARTESANAL %	TOTAL (Cr\$/Cz\$)
1975	40,10	59,90	181.634.259,05
1976	39,03	60,97	229.737.695,03
1977	40,35	59,65	370.505.897,38
1978	31,36	68,64	605.252.483,98
1979	63,34	36,66	1.066.477.156,40
1980	56,44	43,56	2.142.884.443,00
1981	48,34	51,66	2.281.416.517,00
1982	56,01	43,99	7.560.755.886,00
1983	53,64	46,36	18.428.330.727,00
1984	59,51	40,49	67.618.257.102,00
1985	77,60	22,40	225.667.049.099,00
1986	81,34	18,66	666.550.359,46
1987	82,63	17,37	1.262.285.433,00

Fonte: Anuário Estatístico da Pesca 1987 - SUDEPE - Coordenadoria Regional de Santa Catarina.

Os dados oferecidos pelo Censo do IBGE mostram que a situação geral da pesca artesanal no país é bem diferente, já que ela continuava concorrendo ao final da década de 80, com mais de 50% da produção de pescado, quer seja em quantidade de espécies apreendidas nas águas brasileiras, quer seja no valor econômico da produção.

QUADRO 3 - Percentual de Participação dos Tipos de Pesca Industrial e Artesanal no Total da Produção de Pescado no Brasil - 1986 a 88.

ANO	QUANTIDADE DE PRODUÇÃO DO PESCADO			VALOR DA PRODUÇÃO DO PESCADO		
	PESCA INDUSTRIAL %	PESCA ARTESANAL %	TOTAL (Ton.)	PESCA INDUSTRIAL %	PESCA ARTESANAL %	TOTAL (Cz\$ 1.000)
1986	51,07	48,32	941.712	41,26	58,74	6.837.624
1987	49,46	50,53	934.408	43,09	56,91	26.133.216
1988	46,94	53,05	830.102	39,91	60,09	170.503.019

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil - 1990. Fundação IBGE.

A diferença gritante entre os dados das duas instituições, referentes ao estado e ao país (mesmo considerando que a pesca de espécies como a lagosta nos litorais norte e nordeste é artesanal, assim como a pesca nas águas dos rios brasileiros), deve ser também creditada às diferenças na caracterização dos tipos de pesca e conseqüente dificuldade em quantificar de forma mais precisa a produção das duas atividades pesqueiras.

Para a melhor compreensão das diferenças na distinção entre pesca artesanal e pesca industrial, conferir Maldonado (op. cit.), Diegues (1983) e Rios (1975), entre outros.

Para o aprofundamento da questão do decréscimo da produção artesanal do pescado em Santa Catarina, conferir Teixeira (1991).

- 2 Na dissertação de mestrado constatei como a pesca, de trabalho acessório se transforma em trabalho principal para as populações de uma das comunidades litorâneas da Ilha. Retornando às praias agora, dá para perceber que, de trabalho principal a pesca vai se tornando um mero "bico" para muitos dos trabalhadores que continuam com esta atividade.
- 3 "Trabalhar para o monte" é a expressão utilizada tradicionalmente na Ilha para significar a reunião de todo o volume da renda familiar, sob a decisão dos responsáveis pela unidade doméstica (em geral, o pai).
- 4 Tendo entrevistado este pescador aposentado, sogro de meu atual informante, para desenvolver a dissertação de mestrado, refiro-me às condições em que conseguiram erguer o rancho de pesca na beira da praia, fato quase impossível de acontecer nas localidades em que a urbanização (e com ela a especulação imobiliária) já está em processo. (LAGO, 1983: 92-96).
- 5 O informante tem uma percepção incomum à maioria das pessoas que aprenderam através da prática. Ele, que aprendeu tudo no e com o trabalho, um homem prático, entende, com a argúcia de quem é capaz de desvendar, "desfazer" uma planta desenhada por engenheiro, que a prática não é a única forma de

- aprender. O reverso também pode ser verdadeiro: pode-se aprender a trabalhar estudando.
- 6 O relato de sua mudança para a cidade, embora entre lugares muito próximos e cuja maior distância era de ordem cultural, repete os padrões já caracterizados em outros estudos de migração rural-urbana (conf. Durham, 1984; Mello, 1988; Córdova, 1986), apoiando-se em familiares que já haviam migrado para o centro urbano.
  - 7 Todos os serviços que o informante desempenhou foram aprendidos na prática. Em construção, ele ficou sempre como servente de pedreiro. Como se vê, ele se enquadra perfeitamente na categoria de trabalhador não qualificado. E suas condições de vida contam exatamente das dificuldades desse tipo de trabalhador, sem estabilidade, muitas vezes sem garantia de aposentadoria no futuro, dependendo fundamentalmente de sua força física, enquanto a possui.
  - 8 Uma das dificuldades que encontrei para resumir extensas entrevistas contando as histórias de vida de meus informantes, foi justamente a de tentar separar de forma organizada seus relatos sobre estudo e trabalho, já que estas atividades foram concomitantes para eles desde a infância, como acontece em geral com as populações do meio rural e em conformidade com as colocações que fiz no capítulo anterior. Corroborando estas colocações e considerando a questão das diferenças sociais (que fazem como que o quadro seja o mesmo para as crianças urbanas pertencentes às camadas populares de mais baixa renda), vemos pelo relato deste informante que, devido à sua situação econômica diferenciada na localidade de origem, tanto ele quanto a irmã mais velha tiveram possibilidade de ficar um tempo dedicados apenas ao estudo, em colégios particulares e no regime de internato.
  - 9 Estas escolas rurais só passaram a oferecer o 1º grau completo em data mais recente, pois, como se viu pelas histórias de vida apresentadas neste capítulo, mesmo os mais jovens da "geração intermediária" estiveram sujeitos a grandes sacrifícios para dar continuidade aos estudos a partir da 4ª série primária, limite de escolaridade oferecido pelas localidades da Ilha por várias décadas. De acordo com minhas pesquisas, esta situação perdurou até os períodos de vida da 1ª geração (LAGO, 1983), da 2ª geração e mesmo durante a infância das pessoas com mais de 30 anos, da 3ª geração de entrevistados.
  - 10 Manézinho é o termo florianopolitano utilizado para caracterizar o homem rural, o caipira. Hoje perde sua carga pejorativa, na medida em que está sendo usado para designar o ilhéu típico e está se recuperando e valorizando, por inúmeros fatores, a identidade cultural açoriana. A eleição de um ilhéu para a prefeitura, desempenhou algum papel nessa valorização. Depois disto, foi instituído por um jornalista que se considera também um açoriano típico, o troféu "Manézinho da Ilha", outorgado anualmente, em meio a comemorações, a per-

sonalidades de destaque na cidade. Desta forma, um termo que servia para estigmatizar a identidade cultural de um grupo, transforma-se rapidamente em título de prestígio social.

- 11 Outros estudos sobre a pesca (conf. Maldonado e Diegues), confrontam o trabalho em terra firme (lavoura) com o trabalho no mar (pesca), representando o primeiro como seguro, estável, repetitivo, em oposição ao segundo, representado como perigoso, instável, arrojado.
  
- 12 Enquanto para muitos jovens pertencentes às elites e às camadas médias das populações, grande parte dos conflitos que compõem a chamada "crise de adolescência" dizem respeito ao ter que se definir frente às opções para o futuro, escolhendo uma carreira e começando os estudos que os encaminharão para ela, com relação aos jovens pertencentes às camadas de mais baixa renda (e aí desaparecem um pouco as diferenças rural-urbanas), não há muito espaço para esses tipos de conflitos existenciais: eles precisam trabalhar para sobreviver, para tapear, para enganar a vida ...  
 Uma discussão muito importante para ser travada no encontro entre psicologia, antropologia e outras ciências sociais, é a que se refere à questão da instabilidade no trabalho, num nível bem mais dramático do que aquele em que se apresenta normalmente (a instabilidade das pessoas que possuem um emprego fixo). Trata-se da instabilidade daquele que vivem de biscates, os que precisam se "virar" cotidianamente para garantir a sobrevivência. Que tipos de representações são engendradas, individual e coletivamente, pelas pessoas que, vivendo em sociedades heterogêneas, complexas e classistas, têm que planejar a sobrevivência, não para o futuro, ou por décadas, anos, meses, mas cotidianamente, ou para os próximos dias, as próximas semanas? Quais as diferenças entre os indivíduos nessas situações diversas, em termos de expectativas para o futuro, valores, modos de perceber e significar a sociedade e a própria existência?
  
- 13 Essas experiências de vida, a doença e a morte, nos levam a refletir também sobre a questão de gênero, no que se refere à divisão sexual do trabalho. Em artigo já citado (LAGO, 1986), em que analiso o trabalho feminino em relação a conceitos, discuto o problema da invisibilidade do trabalho da mulher (camponesa) e, não obstante, o fato de não ser, em geral, intercambiável, como o trabalho masculino. Assim, nessas comunidades que estudo, quando o homem se ausentava (a trabalho, por doença, morte, abandono), a mulher costumava acrescentar às suas tarefas, o trabalho do homem na lavoura e com os animais, sendo auxiliada pelos filhos e mantendo-os consigo. A recíproca, no entanto, não era a tônica. Com a ausência da mulher, o homem não assumia o trabalho feminino, podendo ocorrer a desagregação da família se não conseguisse substituí-la, encarregando outra mulher (esposa, filha, sogra, mãe) do trabalho doméstico.
  
- 14 Aqui caberia uma longa digressão psicanalítica sobre a relação mãe-filho, que foge à temática deste trabalho, mas que

esta presente e compõe o clima psicológico de todas as histórias de vida (histórias de relações ...), na construção subjetiva de cada personagem.

## C A P Í T U L O 6

### O AGORA (A Terceira Geração)

... e agora, José?

e agora, você? ...

Do poema "José", de Carlos Drummond de Andrade

Os sujeitos que agrupei nesta terceira geração em relação aos meus primeiros informantes (LAGO, 1983), têm idades que variam entre 20 e 38 anos.

Possuem em comum estarem, na maioria, constituindo suas próprias famílias, alguns deles já com filhos pequenos. Só um dos rapazes (22 anos) e uma das moças (26 anos), são solteiros.

Quatro deles são netos de antigos informantes (1ª geração) e quatro são filhos de entrevistados da geração intermediária (capítulo anterior). Possuem também parentescos entre si, pois entrevistei três irmãos (duas moças e um rapaz) e três casais. Assim, somente dois dos informantes não fazem parte da rede de parentesco com as duas gerações anteriores.

### O Trabalho Tradicional

Entrevistei duas irmãs em praias vizinhas ao norte da Ilha e seus jovens maridos pescadores.

k) ... Isso é um serviço que não é mandado ...

O primeiro deles (24 anos), mora com a esposa e dois filhos pequenos na localidade de origem, tradicional colônia de pescadores do extremo norte da Ilha, seguindo a profissão dos antepassados.

Seu relato não difere em muito dos anteriores, ou do outro pescador moço que agora também me prestou seu depoimento.

Ele vive fundamentalmente da pesca mas, durante a temporada, deixa de pescar para alugar seu barco para passeios com turistas, o que lhe dá maior lucro.

Com auxílio do pai, pescador dono de redes e que comercializa peixe, ele comprou aparelhagem de pesca e construiu uma boa casa de alvenaria no balneário. No verão aluga a casa para turistas, indo residir em outra moradia, mais simples, no terreno do pai. Nessas ocasiões, a esposa se emprega como doméstica de uma família de argentinos, conseguindo salário compensador pela temporada.

Ele pesca no resto do ano e fala que não pretende expandir sua aparelhagem, por falta de camaradas. De acordo com seu relato

"... tá ruim de gente ... o pessoal novo já não qué mais, não ...  
Tem pescador aqui que tem duas, três embarcações, mas só vai com uma só, porque também não tem ... (meu pai) sempre pega uma tripulação, como posso dizer prá ti ... são casados. Ai esses, quando a pessoa quer ir, eles vão. Solteiro não ...  
Chega sábado e domingo eles não vão. Querem sai, passeá, não dá".

O informante acha que o turismo durante a temporada de verão não atrapalha a localidade, até ajuda, com a possibilidade

de outros ganhos.

Ele pesca curvina fora da praia, em embarcação com mais dois camaradas, ambos casados. Paga INPS como autônomo, como fazem os outros pescadores artesanais. Quanto aos seus camaradas, ele responde

"... eu acho que nem pagam, eu acho que eles não estão pagando, não ..."

Na partilha, ele divide a produção em 8 partes, ficando com 4 e dando 4 para os camaradas, tocando 2 partes para cada um.

O peixe dá para o gasto, conforme ele expressa.

"... dá o ano todo, pescamos o ano todo ... nós não temos decepções ... na calma do vento sul ... A curvina, a pesca dá também. A pessoa tendo sorte, botando em cima, tudo mata".

O informante comercializa a produção vendendo para o pai que possui veículo próprio, comprando dos 2 filhos pescadores e de mais 10 ou 12 donos de rede na praia, indo vender na cidade.

Ele vai para o mar com seus camaradas duas ou três vezes por semana, em geral.

Pegam em média 300 a 600 kg de peixe por semana. No verão "... tem vez de matar 5 a 6.000 kg" nos meses de agosto, até novembro dezembro.

Não são atrapalhados pelos turistas com lanchas, conforme coloca, porque sua rede não é de arrastão.

Segundo o informante, só continuam fazendo pesca de arrastão na localidade de Ponta das Canas, os pescadores aposen-

tados. Mas durante o verão, eles só arrastam à noite, por causa dos veranistas. Apesar das frequentes reivindicações por um espaço reservado à pesca, sem o acesso das lanchas, não conseguiram nada com as autoridades responsáveis.

"Eles são contra ainda, o pescador ..."

Este entrevistado deixou de estudar para se dedicar à pescaria. Apesar de ter sido bom aluno, frequentando as 4 primeiras séries escolares na localidade de origem e completando o 1º grau em Canasvieiras, sem nunca ter repetido um ano, ele só queria ser pescador.

"Isso aí não tem dia, dia que quizé í, vai, dia que não qué, não vai ... Isso é um serviço que não é mandado, né?"

P. Mas não é perigoso, pescá em alto mar? Já tiveste problemas ... cair de barco ...?

R. Já tive, quando pega um vento ... isso tem um que sempre pega. É perigoso. Mas isso, tudo que é profissão, é."

Começou na pesca, como ajudante, mais ou menos aos 10 anos, e aos 15 anos passou à condição de camarada, abandonando os estudos logo após.

Não gostava de estudar "... olha, eu sempre gostei de pescar, eu gosto de ser pescador, sempre gostei".

Quando perguntei se o estudo tinha lhe adiantado para alguma coisa, ele respondeu

"O estudo me ajudou muito, né. ... Não sei, me ajudou em tudo ... Escrevê o nome, uma boa conta ...

P. Mas e ... propriamente assim, no teu processo de trabalho, não te ajudou tanto?

R. Não utilizo muito, mas ... não.

P. E por que tu achas importante ter estudado?

R. Acho que ... apenas pro cara aprendê a falá ... a lê um pouquinho, estudá um pouquinho ... eu acho que foi bom<sup>9</sup>.

Como se vê, sua entrevista confirma as observações e as tendências que já estavam presentes nos depoimentos dos trabalhadores de pesca da geração anterior. Ele é pescador, mas durante o verão suas atividades se diversificam, porque a pesca não é compensatória.

Embora tendo trabalhado, como os outros, desde a infância, teve facilidades decorrentes de uma situação já diferenciada. Ganhou terreno, teve ajuda para construir casa, comprar aparelho de pesca. Possui carro desde solteiro.

As ambivalências de seu discurso entre o desejo de ser só pescador e a realidade de se dedicar a outras atividades mais lucrativas durante o verão, traduzem a convivência difícil das atividades tradicionais com o processo de urbanização das praias.

1) ... Eu não tinha outro benefício a não ser a pesca ...

O outro pescador (22 anos) desta terceira geração que entrevistei, é filho de um dos informantes da geração intermediária (entrevista b) tendo comprado redes e canoas em sociedade com o pai há uns 2 anos.

Conforme relatou, começou a trabalhar em criança, como os demais.

"Eu era moleque, já com 8, 9 anos já vendia pastel nas ruas, né ... essas coisas. E a partir dali, toda vida daí trabalhando ..."

Na pescaria, começou como ajudante desde os 10, 12 anos.

Além disso, trabalhava na praia com carroça, ajudando o pai em serviços de jardinagem.

A mãe faleceu quando ele era pequeno e estava iniciando o curso primário. Nessa ocasião mudaram de local de residência "... e as coisas foram talvez, ficando ... dificultando por causa disso ..."

Gostava de estudar e se saiu bem até a 4ª série. Então começou a repetir o ano escolar, rodando uma vez na 5ª e duas na 6ª série. Apesar da escola da localidade já oferecer o 1º grau completo, ele desistiu de estudar

"... tive um momento assim mais para o trabalho ... eu não dava valor ao estudo, e achava que era um estudo fraco, sei lá. E um dia conversando, com os pais mesmo, eles mesmos já viram que eu talvez não ia dar nada pro estudo, porque eu era um pouquinho talvez, teimoso e achava que não deveria estudar. E apesar de tudo, o conselho na hora que eu conversei, que eles me deram, mas mesmo assim eu não quis estudá. E aí eu não estudei. Só trabalhando. Me dediquei à pesca, né".

"... Nem eu, nem muita gente se dedicava àquilo ali, né ... ia relaxando ... Sei lá, dava vontade ... cada vez que eu sentava na sala de aula, dava vontade de sair ... não dava vontade de cumprir as 4 horas de aula ... E, como eu ia me habituando mais sobre a pesca do que ao estudo, a gente sempre vai ... jogando isso pro lado e deixando o outro ... E a partir daí então, eu até esqueci o estudo. Esqueci de uma tal maneira que parece assim que eu nunca estudei ..."

Há pouco tempo, com a implantação do 2º grau na escola da localidade, ele chegou a pensar em voltar aos estudos, mas não concretizou "... como eu fiquei lembrando, também, que achava que ia continuá sendo a mesma coisa ...".

Na sua opinião, o estudo também depende de sorte, da pessoa poder se dedicar só a ele.

"Agora, se a gente for fazer o estudar, trabalhar, aí já fica um pouco mais difícil ... Tem pessoas que não conseguem fazer isso aí, já tem pessoas que conse-

gues. Então, eu achei que não conseguia, prá mim não cabia na minha cabeça, tanta coisa ... tumultuava muito".

Quando desistiu de estudar ele tirou carteira profissional como pescador, disposto a trabalhar na pesca embarcada no Rio Grande do Sul. Mas como conseguiu um emprego em repartição pública no balneário, ele permaneceu na localidade. Logo depois foi também contratado como vigia noturno de uma residência de veraneio. Nos momentos de folga, pescava. Conseguiu economizar para a compra dos apetrechos de pesca, que é o que gosta de fazer.

O trabalho na repartição durou pouco mais de 1 ano, e ele continuou pescando e cuidando da casa de veraneio. Recentemente se casou e desistiu do trabalho de vigia por causa do horário noturno e do perigo de roubos.

A esposa, que conseguiu tirar o 2º grau, também trabalha em atividades variadas: em estabelecimentos comerciais na cidade ou como doméstica no balneário, durante as temporadas de verão.

Ele deseja conseguir um trabalho fixo na praia como funcionário a exemplo do pai, continuando com a pescaria.

"... a pescaria não dá. Não dá por causa que aqui nós temos é ... uma produção, média produção. Mas ... chega no verão a gente não pode trabalhá por causa do turismo ... as lanchas que cortam as redes, como esse ano, me cortaram 5 vezes. Isso foi um prejuízo grande, então não tem condições, né ... e a época do peixe mesmo é boa no verão ..."

Quando perguntei se o estudo não poderia lhe fazer falta para conseguir o emprego que pleiteava, ele ponderou:

"... sei lá, tem certas horas que eu penso que vale a pena ter o estudo ... que eu não consegui, que eu deixei de lado ... não sei, por outro lado já não vale a pena, eu sei lá. Porque não teve oportunidade ainda de ter um emprego e perdê o emprego porque eu não tive o estudo, até hoje ainda não aconteceu isso comigo, né. Já não cheguei a um ponto assim ... por causa que eu não tenho um emprego ... Mas às vezes eu penso, de repente possa aparecer um emprego e eu não ter condições de ser empregado, por causa que eu não tive o estudo, né?"

Enquanto batalha por um emprego fixo, ele aceita trabalhos de empreitada: pintura de casas, jardinagem, etc. Tem uma noção bem realista da falta de perspectiva dos serviços oferecidos no balneário (como caseiro, vigia), sem vínculos empregatícios, com salários baixos.

A atividade de que gosta, no entanto, aquele que o identifica como trabalhador, é a pesca.

Mesmo que estivesse empregado em outro tipo de serviço, se alguém lhe perguntasse, ele se definiria como pescador, de acordo com sua fala.

"Foi uma coisa que eu gosto muito na minha vida, que sempre sonhei, e eu graças a Deus, eu consegui ... eu gosto muito da pesca".

Falando das pessoas que pescam na praia, ele conta que são em geral pessoas mais velhas, que têm um emprego e pescam nas horas vagas. Ou contemporâneos seus, casados ou solteiros, que pescam quando não têm emprego.

Ele quer um emprego para poder continuar pescando ...

### Prestando Serviços

- m) ... Foi chegando o turismo ... e foi evoluindo a nossa praia ... antes não tinha nada praticamente. Só nós é que morava aqui, não tinha rico morando aqui ...

O informante (34 anos) é neto de uma senhora que entrevistei há quase uma década e ficou morando na casa dos avós com quem residia no balneário, depois que esses faleceram.

Cursou o primário e o ginásio em Canasvieiras e iniciou o 2º grau na Escola Técnica na cidade, para onde se locomovia diariamente, em momento em que o transporte para sua praia já não se constituía mais em um problema. Nessa época, foi morar com os pais que possuíam uma pequena casa de comércio em Jurere e relaxou os estudos, conforme conta, porque começou a trabalhar como motorista para o pai, que também comercializava peixe. Como ficou difícil conciliar estudo e trabalho, desistiu de estudar.

Logo depois foi trabalhar no centro, como vigia noturno de um edifício. Seu primeiro emprego, de carteira assinada foi também na cidade, como porteiro de uma associação bancária. Quando saiu desse emprego, voltou a residir em Canasvieiras com os avós, fazendo trabalho informal, como servente de pedreiro, eletricitista, etc. Aprendendo na prática, conforme conta.

"Eu faço de pedreiro, carpinteiro ... não sou profissional, entendeu? Não sou profissional, mas eu me viro. Faço serviço de profissional, né?"

Há 5 anos fez um concurso para o Ministério da Agricultura e é funcionário público, trabalhando como vigia numa repartição em São José, no continente.

Voltou a estudar, completando o 2º grau em colégio privado, cursando o supletivo.

"... eu resolvi completar o 2º grau porque ... onde eu trabalho ... o meu nível ali é o nível médio, né, foi só com o ginásio. Agora, se porventura aparecer um

concurso prá ... evoluir um pouco, a nível de 2<sup>o</sup> grau, já tenho o 2<sup>o</sup> grau. E foi pensando nisso que eu fiz ..."

Já pensou em continuar estudando

"... na mesma hora em que a gente pensa em fazer e na mesma hora já ... porque fica muito difícil. Sai muito caro uma universidade. Muito caro e fica difícil. Com o salário que se ganha, daí ia ter que trabalhar lá no meu serviço, depois fazê os meus bicos, como eu faço, né. Daí fica muito difícil. Acho que ... não dá ... que o estudo também a pessoa tem que se dedicá só ao estudo. Não pode também preenchê todo o tempo só trabalhando ..."

Revela ainda que tem muita vontade de fazer um curso técnico. Que gosta de mexer com eletricidade e desejaria fazer um curso de técnico em eletricidade.

Só com o salário que ganha como funcionário não consegue sustentar a família (esposa e um filho pequeno). Dessa forma, faz vários tipos de serviço na praia, nas horas de folga.

Acha que a urbanização da localidade trouxe melhorias prá vida da população, trazendo conforto para o lugar e proporcionando empregos no próprio balneário.

Mas observa que esses serviços são sazonais, tornando difícil a sobrevivência fora da temporada. Afirma também que como não dá para viver da pesca, só continuam pescando as pessoas aposentadas, os moços não querem mais saber de pescaria.

"... tem peixe, mas não dá prá se mantê, não dá prá viver só daquilo. Essa geração nova que tá surgindo aí, ninguém se dedica à pesca. Tudo prá cidade, estudá, arrumá serviço na cidade, é em banco, é escritório, é supermercado, é ... trabalhá num ramo comercial, porque aqui a pesca não dá ..."

Assim, vê como uma grande vantagem, o fato de ter um emprego com salário fixo, mas

"... viver de salário também não é bom, porque nem todo mundo vive só de salário, só ... Serviço público paga muito pouco. Daí a gente tem que se virar aqui fora, né? E o que todos fazem ..."

Quer dar estudo para o filho.

"... fazer o primário aqui, o ginásio e depois, se ele quiser continuar, levar ele pro centro. Estudar no centro ... Hoje em dia tem que estudar ..."

Mesmo tendo morado sempre nas praias, nunca esteve muito envolvido com o trabalho tradicional. E um homem urbano. Terminou a entrevista falando sobre seus planos para o futuro do filho e concluindo "... Vale mais quem estudar mais ..."

n) A gente teria que estudá ... porque a gente sabia que o futuro aqui como pescador, que os pais da gente eram, não tinha futuro nenhum ...

O informante (31 anos) sempre teve clareza quanto à necessidade de estudar para se dedicar a outras atividades, já que o trabalho não oferecia mais perspectiva de futuro.

Foi bom aluno, cursando o primário e o ginásio na escola pública municipal da praia. Conta bastante de sua vida escolar, dos castigos que as professoras aplicavam (conta de castigos corporais, mas não fala em mágoa ou humilhação), das comemorações, do intercâmbio entre escolas de comunidades distantes, em datas festivas.

"A gente fazia um conagraçamento com o pessoal da Barra da Lagoa, com o pessoal do Pântano do Sul. Então a gente marchava um ano lá, otro ano eles marchavam tudo aqui, no dia 7".

Ele me indicou para entrevistar, a professora aposentada de Canasvieiras, de quem, apesar de algumas reguadas nas mãos, ele é bastante amigo.

Fala que o ensino na sua época era bem melhor que agora

"(as professoras) ... queriam que a gente aprendesse mesmo. Hoje, não, são pessoas de fora que vem aqui e dão aula ... se aprendeu, não aprendeu ..."

Sua turma foi a primeira que cursou o ginásio na praia e, de acordo com ele, eram muitos alunos e "... todos eles continuaram, tirando exceções aí, a maioria trabalha em função do que estudou".

Terminando o ginásio, ele prestou exame para cursar o 2º grau na Escola Técnica na cidade de onde pretendia sair como técnico em agrimensura, mas não foi selecionado. Como pretendia continuar os estudos, matriculou-se na Academia São Marcos, no curso de técnicas contábeis e pagou os estudos trabalhando com o pai em construção (o curso era particular e noturno). Durante esse período aproveitou para fazer qualquer especialização que surgisse: cursos datilografia à tarde durante 3 meses (pagando pelas aulas), um curso oferecido pela Celesc, no setor de eletrificação rural onde prestara seu estágio escolar. Enfim, esteve sempre interessado em se aperfeiçoar.

Ele relata que sempre teve interesse em aprender. Que procurava observar o que os outros sabiam fazer para aprender também, sozinho. Foi como aprendeu a guiar carro, moto, serviço de pedreiro, etc.

Quando terminou o 2º grau, tentou o vestibular para a universidade, mas não conseguiu aprovação. Já teve vontade, em

outras ocasiões, de se preparar melhor através de um curso pré-vestibular, para tentar novamente o ingresso no 3º grau, mas suas outras atividades não o permitiram.

E o único informante divorciado. Casou-se com 17 anos, quando ainda estava cursando o 2º grau, com moça que namorava desde o ginásio, época em que tinham sido colegas, e permaneceu casado por uns 6 anos. Não tiveram filhos.

Com relação à sua vida profissional, começou também a labutar desde criança, no trabalho tradicional.

Seu pai, que era filho de lavradores, depois de casado se dedicou à pesca embarcada.

"... acabou a época da lavoura daqui ... então o pessoal começou na pescaria e ... aqui que também a pescaria dava, mas não dava prá todos ... o pessoal ia pro Rio Grande pescar, dava mais ... Só que passava 1 ano fora de casa, né. E o pai tem uma coisa ... a não ser o último filho, que é o mais moço, ele não viu nenhum nascê ... Sempre embarcado. Ele vinha, geralmente chegava no natal, aí ficava até 1º do ano ... e no dia 2, viajava de novo pro Rio Grande. Nessa época ele fazia o filho, e daí quando voltava, no outro ano, o filho já tava com 3, 4 meses. E todos eles assia, menos o menor que daí ele já tinha voltado, já tava com a parelha aqui".

O dinheiro que ganhava na pesca, seu pai mandava para a mulher que foi comprando terras e fazendo roça com o auxílio dos filhos. Assim meu informante começou a trabalhar na lavoura (de cebola) com a mãe e os irmãos maiores, aos 8 anos de idade.

Mais tarde seu pai comprou uma parelha de pesca em sociedade com os irmãos e passaram a viver da pescaria na praia. Aos 10 ou 12 anos, o entrevistado já era ajudante de pesca na rede do pai e dos tios.

"... o pessoal pescava o dia todo, e chegava à noite vinha um caminhão do centro, e esse caminhão pegava todos os peixes de todas as redes, porque pegava de Ponta das Canas, Cachoeira, Canasvieiras, Jurerê ... então o preço era aquele que eles

davam, então tinha que jogá o peixe fora. Então começou a não dá, porque como era três famílias, que dependia daquela rede, além dos camarada ... então um tio começou a trabalhá com corte de pedra ... outro tio pegou de caseiro ... e o pai começou a trabalhá de auxiliar de pedreiro ..."

Eles acabaram vendendo a rede. Nessa época, o informante estava terminando o ginásio e começou a trabalhar com o pai, que já tinha aprendido a fazer casas e, com o ordenado que recebia, pagava seus estudos.

Quando terminou o 2º grau, empregou-se em serviço de escritório e contabilidade numa empresa filantrópica, com sede no balneário vizinho. Nessa época começou a construir sua casa no terreno da família. Quando se separou da esposa, foi para casa de conhecidos no Rio Grande do Sul, onde trabalhou por alguns meses em uma companhia de mudanças, retornando a seguir e indo residir por algum tempo em apartamento alugado na cidade.

Depois, voltou para a praia e começou a trabalhar em um posto de gasolina no continente, como auxiliar de escritório, tendo chegado a gerente. Quando perdeu esse emprego, foi trabalhar na secretaria de um clube de futebol na cidade.

De acordo com seu relato, sempre progredia nos serviços que arranjava, porque mostrava interesse.

Pela sua experiência, estas funções no setor privado são extremamente instáveis.

Durante um tempo, fez parte do conselho comunitário da localidade, que mais tarde eles próprios transformaram em associação de moradores, da qual ele foi dirigente, sendo indicado pela associação como candidato ao cargo de intendente de Canasvieiras, nas primeiras eleições que foram realizadas para escolha comunitária dos intendentes. Perdeu por poucos votos e lhe

resta um pouco de decepção com o fato de o poder econômico influir até nessas eleições.

Há alguns anos ele e os pais alugam, durante as temporadas, suas casas no grande terreno que possuem, morando na casa antiga. O irmão mais moço, empregado do banco do estado, trabalha com locação de imóveis durante o verão.

Como todas as pessoas que exploram o setor de turismo em Florianópolis, o entrevistado é bem informado a respeito das crises e medidas econômicas do Brasil e da Argentina, que determinam o sucesso (ou não) dos empreendimentos para a temporada de verão na Ilha, a cada ano.

Como projeto de vida para o futuro ele resolveu, em sociedade com dois irmãos (um deles aposentado da polícia militar), montar um negócio próprio na praia. Pretendem construir um supermercado ao lado da casa antiga, implantando nessa uma imobiliária e uma loja para as confecções da irmã.

"Olha, vou montar um negócio aqui pra mim. Eu não vou continuar trabalhando de empregado. Eu vou pegar a minha rescisão lá o que der, vou vender o meu carro ... Se precisar vender móvel eu vendo, que eu não uso quase nada. Ai vou fazer tudo de dinheiro, que é pra construir lá na frente ... Aqui não vai depender só da temporada. A gente vai abrir um supermercado pro ano todo. Que aqui não tem ... tem só na avenida ...

P. O senhor tava me falando dos planos pro supermercado e que não queria mais trabalhar de empregado, que quer trabalhar por conta própria. Por que?

R. É porque ... acho que até esse pessoal que trabalha no poder público, de funcionário público, dificilmente vence na vida. Ganha pra se manter. Melhora um pouquinho o nível de vida, com o tempo e tal, mas não deixa nada pra desfrutar mais tarde, já não digo na velhice, mas quando tiver com 50 anos, pra desfrutar alguma coisa. Não viaja, não passeia, não sai de casa ... não tem condições financeiras pra gozar a vida mais tarde, ou até agora mesmo. Então eu acho ... o que eu tenho visto aí, diversos amigos que ... abriram comércio, sei lá, inventaram alguma coisa ... e que tão bem de vida, hoje. E até deixam na mão dos empregados e tão gozando a vida. E a gente ... eu acho, no meu entender, que só com coisa própria, porque de empregado ... a não ser que tu pegue uma firma muito grande e que subas muito rápido. Porque mesmo pra subir, tu leva um tempo, tal. E firma, de repente o cara muda de ramo ... Sei lá, acho que em mil acontece um que sobe numa firma, mas mesmo assim se dá bem, tem uma vida boa, dificilmente. A gente pra comprar um carrinho hoje, que é pra passeio de final de semana, pra gente andar, já é difícil como

empregado, imagina prá adquiri outras coisas. Então eu acho que só com alguma coisa própria ... E agora surgiu a oportunidade, com os meus dois irmãos, da gente abri esse comércio ... que eu acho que no primeiro ano a gente vai té dificuldade ... a gente vai investí tudo o que ganhá no próprio comércio. E de repente, mais tarde a gente amplia ... abre em outros lugar. Tem tanta gente que começou com um boteco e hoje tem um ramo de supermercado. E a intenção é essa, claro ..."

Quando presidente da associação de moradores e depois candidato a intendente, ele tinha projetos comunitários para a praia. Não acha possível tentar reviver velhas manifestações da cultura popular, como o Boi-de-Mamão, o Terno de Reis, porque as novas gerações já deixaram de praticá-las. Seus planos eram mais no sentido de trazer para a praia, durante o restante do ano, atrações culturais para distração e formação dos residentes permanentes do balneário, incentivar o time de futebol local, lutar por melhorias de infra-estrutura, como esgotos, despoluição, calçamento, etc. Esteve também envolvido nas reivindicações comunitárias para a construção dos ranchos de barcos, preservação de espaço ou horário próprios para a pesca durante o verão, no sentido de proteger a atividade tradicional.

Ele ainda pesca, mas como esporte e para comer o peixe fresquinho. No verão vai pescar à noite, depois que acalma o movimento na praia.

"A gente gosta do mar. As vezes a gente não gosta tando do mar prá tomá banho. Eu vou quase todo o dia, tomo banho ... mas ... não dou uma de turista porque não é do meu jeito, não é meu costume ... A gente não tem esse motivo porque a gente vive muito na água ... vamos pescá à noite, então nós vamos prá dentro d'água, pega a canoa, volta, tal, tira a rede ... pesca, botá outra vez ... A gente vai na praia quando é prá í, ou prá pescá, prá passadá, prá batê uma bola, prá mergulhá. Não é como turista, que vem só prá tomá banho e se queimá ... A gente vai prá diversas coisas ..."

O informante já teve algumas ofertas para trabalhar em outras cidades, mas nunca foi porque sente falta do mar e da

convivência com os amigos e a família numerosa, com muitos tios e primos vizinhando.

Seu trabalho é urbano, seus projetos são urbanos, mas ele ainda vive comunitariamente com os familiares, na sua praia urbanizada.

o) ... Sem estudo a pessoa não vale nada ...

Este informante (22 anos) já me havia prestado depoimento na pesquisa que realizara anteriormente.<sup>(1)</sup> Seus sonhos, quando ainda adolescente, de continuar os estudos para conseguir um emprego melhor (de office-boy, como dizia), livrando-se dos biscates que fazia, de vendedor de picolé nas praias e na cidade, lavador de carros, vendedor de banana recheada que a mãe preparava, serviços de jardim, ou indo pescar camarão com o pai (entrevista e) quando este estava desempregado, foram forte motivação para o estudo que desenvolvo agora.

A retomada do contato com ele, deu início à pesquisa de campo para esta tese.

O informante não conseguira continuar os estudos, acabando o 1º e cursando o 2º grau, conforme sonhara desde menino.

Sua vida escolar fora acidentada, trocando anualmente de escolas para acompanhar as mudanças da família. Além disso, tinha que trabalhar. Apesar dos percalços, sempre fora bom aluno

<sup>(1)</sup>Eu toda a vida gostei de estudar. Agora, só as condições financeira, da minha mãe e do meu pai ... que não deixaram nós estudar direito ... eu achei que eu tinha que estudar ... não deu por causa da condição, não tinha dinheiro pra voltar ao estudo ... comprar material de estudo ... é roupa ... pra ir pra aula. Então eu tra-

balhava, mas tinha que ajudá a casa ... (quando) o meu pai não tava trabalhando ..."

O entrevistado estudou só até a 4ª série do 1º grau, apesar de já ter ido residir na cidade desde o final de sua infância. Trabalho e escola estão estreitamente imbricados em sua história de vida (e muito freqüentemente, o trabalho informal).

Uma de minhas perguntas iniciais foi se ele havia conseguido trabalhar como office-boy na cidade. Respondeu que trabalhara quase 2 anos numa firma de prestação de serviços, primeiro como office-boy, depois como auxiliar de escritório. Nessa ocasião, tendo sentido necessidade de continuar os estudos, ele iniciou um curso supletivo (ensino privado), tentando completar o 1º grau em 1 ano, para depois ingressar no supletivo do 2º grau. Não conseguira, no entanto, manter-se estudando, pois tinha que ajudar a família. Como estava ganhando pouco, deixou o emprego e desistiu do curso, indo trabalhar com um irmão. Os dois irmãos mais velhos, depois de trabalharem em empresas privadas e aprenderem ofícios na prática, resolveram montar seus próprios negócios. Um tem oficina mecânica de automóveis, o outro possui uma borracharia para conserto de pneus.

"... eu desisti, mas hoje, quando fui fazer exame me arrependi de ter desistido porque muitas horas que a pessoa precisa de estudo, porque ... nunca sabe ... Agora com estudo já não tá fácil, imagine sem estudo ... é muito mais difícil. Quer pegá um serviço melhor, prá ganhá mais então ...

P. E quando tu trabalhaste com os irmãos, ganhavas bem?

R. E ... eles também não tinham condições de me pagar bem, né. Mas pagavam o que achavam que dava ... Eu também não exigi muito porque queria aprendê a profissão deles. Queria aprendê com meu irmão mais velho a mecânica. Aprendi ... umas coisas eu aprendi. Depois trabalhei na borracharia, aprendi de borracheiro. E aí achei que devia ser mais, devia ganhá melhor, né? Daí foi que me disseram que barco dava ... trabalhando em barco. Fui prá Itajaí, fiquei 3 meses lá, não deu. A pesca tava ruim. Deu só 1 mês, só, o segundo mês, o terceiro mês não deu nada, peguei e vim embora ..."

Um dado da biografia do informante que impressiona bastante (pelo menos aos pertencentes às camadas médias de populações urbanas, com níveis superiores de escolaridade, beneficiários e/ou vítimas de uma ideologia de estabilidade no emprego), é a respeito da ligeireza, afoiteza até, imediatismo, das suas decisões sobre trabalho, tanto em termos de procura e aceitação de empregos, como no que se refere a desistir deles, demitir-se.

Assim, o entrevistado vai atrás de serviço em Itajaí com pouco dinheiro para voltar ou pernoitar, lá resolve ficar porque encontra um conhecido que o convida a dormir no barco, onde consegue uma vaga entre a tripulação no dia seguinte. Quando resolve deixar esse emprego e o responsável não quer dar baixa na sua carteira sem o aviso prévio, ele sai do serviço assim mesmo, vindo embora para casa e deixando seus documentos profissionais na embarcação. Mais tarde, para ingressar em novo emprego, ele retorna à Itajaí, com dinheiro apenas para a passagem de ida, afim de buscar suas carteiras profissional e de pescador. Se o dono do barco se recusasse a lhe pagar alguns dias que ficara devendo, conforme ameaçou, pelo fato de não ter dado baixa em sua carteira, ele não teria como voltar para Florianópolis. E essas situações se repetem.

O informante relata suas impressões negativas a respeito do trabalho na pesca industrial:

"... é uma vida muito ... ruim pras pessoas que ... por mau que seja na terra, né? E outra coisa também, sei lá ... Isso não é vida nem prá solteiro, que dirá prá casado ... com filhos ... o pessoal só pode vir em casa de 1 mês, 2 meses, 3 meses. Tem pessoas que vêm até de 3 em 3 anos ...

P. E o ganho, compensa?

R. Tem mês que dá, depende da pescaria dando. Se der pescaria boa, ganha. Se não der, não ganha ..."

Depois desse trabalho, o informante conseguiu um emprego numa distribuidora de refrigerantes.

"... aí deu um acidente, quebrei o pé ... aí fiquei 15 dias com o pé engessado, aí eu achei que não dava ... Não gosto de ficá parado. E encostado ainda ... porque vão dizê 'Pô! ... aquele malandro, quebrou o pé porque quis, só prá ficá encostado.' ... Aí peguei, fui lá e pedi as contas, fui vê o que tinha prá acertá na Coca. Aí fui trabalhá de novo com meu irmão, na borracharia."

Nessa época ele conseguiu fazer um curso promovido em Florianópolis pela Capitania dos Portos, de "Marinheiro Regional de Máquinas", no qual se saiu muito bem, tirando o 1º lugar conforme conta orgulhoso (sendo o curso freqüentado também por alguns rapazes de nível escolar muito superior ao seu). Foi um curso profissionalizante, credenciado pela Marinha pra habilitar os estudantes a trabalharem em embarcações, cuidando dos motores. O informante estava à espera de uma vaga de emprego nas embarcações utilizadas na construção da terceira ponte, quando o entrevistei.

"... eu acho que tem um futuro prá mim, né. Depois de 3 anos eu trabalhando na Marinha Mercante, eu posso fazê um prá mestre, ou prá mestre regional, depois eu faço prá mestre de arraes ... aí num porto, de Rio Grande ou Santos. Aí eu posso pegá até um ... fazê outro curso, prá prático, prá prático de navio. Pegar navio fora, na barra. Então, eu acho que tem futuro ... é por isso que eu tenho que voltá a estudá, que eu quero voltá a estudá. Eu acho que meu estudo é muito pouco ..."

Nesse meio tempo ele foi para Santos, trabalhar na mercearia de um tio, e estava gostando. O tio possuía duas casas comerciais e ele tomava conta de uma delas. Quando me deu seu

depoimento num primeiro contato, tinha vindo buscar o irmão menor para ajudá-lo no serviço e estava tratando da transferência escolar do irmão. Pretendia continuar trabalhando com o tio. Só voltaria, conforme colocou, se fosse chamado pela Marinha Mercante.

Quando voltei a entrevistá-lo, no entanto, ele havia deixado o trabalho com o tio, por qualquer motivo, e estava novamente desempregado em Florianópolis.

Nos intervalos entre um emprego e outro, ele se dedica, entre vários biscates, à pesca artesanal com o pai, com rede de camarão, em geral, pois não possuem aparelhagem de pescaria.

Ele sonha com o emprego na Marinha, que lhe permitiria continuar os estudos.

"... porque eu vou trabalhá menos horas, vai ter tempo para podê estudá. Vou trabalhá 8 horas por dia. Vai dá tempo de eu estudá e eu vou ganhá bem melhor, né, do que eu tô ganhando ..."

Sobre as andanças e desempregos do seu pai, que causaram dificuldades para a família, especialmente quanto aos estudos dos filhos, ele fala com alguma condescendência, entre envergonhado e divertido:

"... o negócio dele é que ele não gosta de pegá serviço assim prá ganhá pouco, não qué fazê mais nada, se não for ele ... eu acho também que (risos) ... acho que ele trabalha, mas ele gosta mais de trabalhá sem fazê força, né, só mandando, sem fazê força. E é por isso que nós passamos muito trabalho ... eu, os meus irmãos, a minha mãe, todos em casa ..."

O informante idealiza bastante o estudo, relacionando a falta de oportunidades de trabalho na cidade com seu baixo nível de escolaridade. Mas não só isso. de acordo com suas pala-

vras:

"... no campo de trabalho hoje prá arrumá um serviço bom, tem que tê estudo, né? E outra coisa, que se às vezes pergunta uma coisa sobre estudo ... ou ... outras coisas assim que pergunta e a pessoa não sabe ... então ... qué dizê, pô, o cara se sente sem ... sem informação, né? Muita coisa que a pessoa não sabe é ruim, é ruim assim até de falá com os outros ... que a pessoa tem pouco estudo ... fica até com vergonha, né?"

Seus planos para o futuro incluem, assim, a continuação dos estudos, trabalhar com máquina de rebocador no mar, poder ajudar a mãe e guardar um dinheiro para o futuro. Para constituir família pensa que precisa primeiro, e pelo menos, ter uma casa, pois não dá para viver pagando aluguel. Diz que lá pelos 40 anos quer ter conforto, depois de ter trabalhado. Quer que seus filhos, quando os tiver, tenham o conforto e o estudo que ele não teve. Preocupa-se com a escola para os irmãos menores.

"O estudo é quase tudo. Se a pessoa não tivé estudo nenhum, bem dizer ... ela não sabe fazê nada, nem escrevé, nem assiná o próprio nome ... é muito ruim. Tem que ... qualquer coisa que vai fazê, perguntá pros outros, prá explicar ... sem estudo a pessoa não vale nada"

Quando perguntei ao entrevistado como ele se definiria (ou se percebia) enquanto trabalhador (curiosa com o fato de que ele na realidade faz mil coisas, tem trabalhado em inúmeros ofícios), prontamente me respondeu:

\* - Eu? Sou Marinheiro Regional de Máquinas.\*

Apesar de não ter exercido ainda esta profissão, é este trabalho irrealizado, que o identifica. O trabalho para o qual se preparou estudando, e em cuja preparação ele obteve su-

cesso, destacou-se, foi socialmente reconhecido.

- p) "Toda comunidade vivia a comunidade"  
 "... quando se fala em folclore ... não era folclore ... aquilo ... fazia parte da cultura da comunidade ..."

O único informante entrevistado na terceira geração (31 anos) que concluiu estudos universitários, é oriundo de uma localidade pesqueira do sul da Ilha, na qual o processo de urbanização não está ainda tão avançado. Desta forma, suas lembranças da infância estão muito próximas daquelas que me foram relatadas pelos sujeitos da geração anterior.

O informante é hoje funcionário de uma repartição do estado, mas se dedica principalmente à atividade comercial, como proprietário de bar-restaurante numa das praias da Ilha, em sociedade com os pais.

Como em todas as histórias de vida que colhi, em sua infância também se entremeavam estudo e trabalho.

Os pais tinham venda, bar, uma grande casa que tinha sido um engenho anteriormente e que, depois que a compraram transformou-se em bar, salão de festas, até pousada para as pessoas que vinham na praia e precisavam pernoitar. Seu pai trabalhava na venda, tinha criação de galinhas para vender ovos e também comercializava peixe na própria comunidade. A mãe incentivava muito os filhos a estudarem, trabalhando com costura para lhes proporcionar a continuidade dos estudos.

O informante cursou as 4 primeiras séries do 1<sup>o</sup> grau na própria localidade, continuando os estudos na escola mais

próxima, em Saco dos Limões, enfrentando dificuldades com condução já que, na época, com estradas ruins, saía um ônibus da praia cedo, só retornando ao final do dia.

Seu relato é muito rico.

"... então a gente trabalhava no arrastão nas férias porque dava um dinheirinho e aquele dinheirinho seria prá gente estudar os primeiros meses ... comprar um uniforme ... livro, a passagem ... E depois no resto do ano a gente também ... quando chegava em casa que tinha arrastão, a gente arrastava. Na época da tainha ... que era o mês de julho, o mês de maio, junho, a gente estudava e trabalhava também. Mesmo quando eu estudava no Pântano do Sul, eu lembro ... quando eles iam dá um lance de tainha, né, a professora liberava todo mundo ... pra ir puxá rede ... Eu gostava de trabalhá assim, em arrastão, essas coisas ... mas eu gostava mais de estudá. O meu negócio realmente era estudá. Tinha uns colegas meus, não, que gostavam mais de pesca ... Como o meu irmão também. Mas eu ... eu como outras pessoas, a gente tinha mais aquilo, 'Não, eu vou estudá' ... porque a gente via a dificuldade que passavam as pessoas, né? A dificuldade por exemplo de quem era um pescador e de quem não era um pescador, você entende? ... porque, pela forma mesmo de como dividia o peixe ... sempre tava precisando de alguma coisa ... Por mais peixe que matavam, sempre ficava na mesma, nunca saía do nada, né? Então a gente percebia isso ... não adianta matá muito peixe porque matava ... sempre ficava na mesma coisa porque o peixe era barato, né? ... 'eu vou estudá justamente prá não ser pescador ...' e aí fui estudá, prá não sê pescador, agora o que eu ia sê, não sei também, sabe?"

Em seu depoimento, são muito vívidas as lembranças da vida comunitária na infância.

"... e outra coisa que também acho que era mais fácil ... de aprendê, ... por causa da televisão, não tinha televisão, né? Então o que a gente tinha, ou era brincá, ou era fazê os deveres que a gente fazia tranquilo, né, depois era brincá, era brincá ... A primeira televisão que passou no Pântano do Sul, foi em 1970, que era uma casa só e todo o mundo ia assistir naquela casa. Ele até botava na janela, prá fica todo mundo na rua vendo televisão. E então a televisão não, ela não se metia na ... na vida das crianças, né? Como hoje por exemplo, hoje tem a Xuxa, que fica a manhã toda, né? Se é benéfico, se não é ... eu acho que não é. Um programa de televisão ao invés de fazer outras coisas, né? Então a gente criava muito, né? Além da escola a gente criava muito. Tudo que era brincadeira tinha que criá, quer dizer, se quizesse um carrinho a gente não ganhava, não vinha na loja e comprava um carrinho que andava, isso não existia. Primeiro, que não tinha dinheiro prá isso, nem sei se existia ... carrinho ... desse tipo de carro ... a gente tinha que criá ... toda brincadeira tinha que criá ... Roi-de-Mamão ... não é que nem brincar, aquilo já era, já fazia parte da comunidade. Porque quando se fala em folclore ... não era folclore, aquilo era, fazia parte da cultura da comunidade, né? O Roi-de-Mamão, chegava no mês de janeiro, tinha que tê o Roi-de-Mamão ... Toda comunidade tinha que ter o seu Roi-de-Mamão ... Mês de janeiro tinha o nosso Roi-de-Mamão pronto ... Assim como os Ternos de Reis que a gente

acompanhava às noite de final de ano ... E todas as festas, né? Os bailes ... Eu lembro dos bailes que eu era guri, que não podia nem entrar no baile ainda, mas que prá esperar o conjunto de músico que chegava, né, que era só o sanfoneiro e mais outro ... a gente ficava esperando o Ônibus das 4 horas prá vê o conjunto chegá ... Quer dizer, toda comunidade vivia a comunidade ... Ela vivia ela, sabe? Ela vivia ela própria ... ela não tinha nada de externo prá prejudicar ... A comunidade era ela ... Por exemplo ... teve uma época que as pessoas de Pântano do Sul não tinham farinha, então iam, levavam o peixe prá trocá ... Eu muitas vezes levei o peixe prá trocá com farinha em Costa de Dentro. Que lá eles faziam a farinha, né? ... E na época da anchova, no Pântano do Sul não dava muita anchova, a gente vinha do Pântano do Sul até a Armação. Quando chegava lá, ficava todo o mundo do Pântano do Sul ali esperando. Os pescadores chegavam, botavam a lancha prá cima, as baliera, e davam cada um a sua anchova. A gente vinha embora ... Chegava na época da tainha, como na Armação não dava muita tainha, as criança da Armação ia tudo pro Pântano do Sul pegá tainha. Chegava lá, cada um vinha com a sua tainha ... As crianças que faziam esse, esse papel, mas as pessoas conheciam, né, filho de quem, filho de quem ..."

Ele terminou o 1º grau num curso do SENAC, próximo ao centro da cidade. Nesta época conseguiu um emprego numa companhia de transporte coletivo. O 2º grau, ele começou a cursar no Instituto de Educação, transferindo-se depois para a Escola Técnica.

"... as pessoas do interior gostavam muito da Escola Técnica porque lá tinha ... tipo de um ... profissionalizante, entendeu? Ou era o SENAC ou era a Escola Técnica, porque eram profissionalizantes. Ou ia pro SENAC prá trabalhar no comércio, ou ia ... na Escola Técnica, lá sempre saia assim, um profissional.

P. E qual é a profissão que tu escolheste?

R. Eu ... na verdade assim, a gente ... não tem nem que escolher, né, eu passei prá edificações ... Técnico em edificações. E eu nunca tinha pensado na minha vida em fazer curso de edificações, de ser um engenheiro. Na verdade nunca pensei.

Terminando o 2º grau na Escola Técnica Federal e trabalhando como técnico em edificações na construtora em que realizara seu estágio escolar, ele prestou vestibular para engenharia na UFSC.

... a Escola Técnica, a gente nunca tinha aula de ... na área de ... ciências humanas, não tinha matérias como história, geografia e ... mas prá ganhar o 2º grau completo exigia que a gente tinha essas aulas ... e eles davam aulas assim no final do ano, davam um mês de, de tudo ... história, DSPB ... psicologia ... geografia ... Então a gente nunca tinha base de nada ... A gente não sabia nada dis-

so. A gente sabia muito as matérias de ... matemática, ciências, isso a gente sabia muito. E eu fiz o vestibular e fui muito bem nessas disciplinas ... nas técnicas fui muito bem, tirei nota boa, mas rodei nas outras ... E daí como o meu curso era ... a segunda opção era história, botei história, tal ...

P. Puseste por acaso?

R. Botei por acaso ... porque li ali, gostei ... 'Ah, história. Legal ...' E passei prá história, na segunda opção ... e fiz o curso de história e passei muito bem, depois fiz a pós-graduação.

Cursar a universidade teve muito significado na vida do informante.

"... Eu nunca estudei assim ... vamos dizer, como hoje a gente tem ... se alguém tem um filho já sabe que 'não, vou estudá prá vê se alcanço ser alguma coisa, tipo fazer um curso superior ... de ... sei lá ... medicina, fazer um curso de engenharia ...' hoje as pessoas já têm aquilo na mente, mas na época, eu por exemplo, eu nunca tive esse 'vou, não, eu vou estudá', que eu queria aprendê mesmo, né, mas eu nunca tinha assim ... aquela coisa traçada 'O quê que eu vou querer ser' ... Tanto é que eu fiz vestibular de engenharia, parei na história, né? Quer dizer, e de repente achei que era, era uma coisa 'Puts. Foi uma coisa maravilhosa' ...

... Eu fiz um curso de técnico em edificações, depois fiz o vestibular prá engenharia, que é um técnico, né, só lida com plantas e contas e tudo ... Bom! Eu achei, eu ... foi uma das coisas ... mais decepcionante da minha vida, sabe ... o curso em si valeu ... mas o emprego foi muito decepcionante, né? ... a gente lidava com as pessoas que eram enganadas ... uma empresa que anunciava no rádio que ... dava comida e café, quando na verdade os operários vinham prá obra trabalhar, vinham morrendo de fome e davó era um feijão lá, mal feito e todo velho ... Então foi uma coisa muito decepcionante ... trabalhando com pessoas que morriam a cada hora ... quer dizer, segurança no trabalho ... realmente o Brasil é o campeão de acidentes de segurança no trabalho e é porque as empresas não fiscalizam ... e as famílias ficam vendo navio ... me frustei bastante e ... me recompensei depois na história, quer dizer, que depois eu fui aprendê porque que eles ... eram contratados assim, porque que eles eram tratados assim ... tudo isso na história, quer dizer, na universidade ... Por isso que eu digo que, todo mundo ... se passasse hoje pela universidade, teria totalmente outra visão de mundo, outra história, porque a universidade, ela dá uma diretriz prá pessoas, ela abre a cabeça das pessoas e ... a pessoa aprende muito, né, por qualquer curso que faça na universidade, só por você passar na universidade já é uma ... prá mim já foi assim ... já me realizei. Você entende? Já me realizei como pessoa, passá por uma universidade."

Ele não concluiu seu curso de mestrado porque se casou com uma contemporânea de universidade que, após se ter graduado em direito, ingressou na magistratura, tendo que exercer a função em várias cidades do interior do estado, para onde o marido

a acompanhava, sem descuidar de seus interesses na Ilha.

Quando ainda cursava a universidade, o informante resolveu investir trabalho no bar da praia, que seu pai pretendia vender. Com o apoio da mãe, que se encarregou da cozinha, ele ampliou o bar, mantendo sua simplicidade original e começou a diversificar sua freguesia, com a freqüência de seus colegas de curso, difundindo-se para outros cursos, os professores, toda a universidade e outros frequentadores. Hoje em dia é um dos locais de grande clientela da Ilha, nos fins de semana, durante os dias da semana, nas temporadas ou fora delas.

Ele conta como foi demorado o processo de aceitação, pela comunidade, das modificações de hábitos e clientela que introduziu no bar.

"Naquela época não tinha asfalto ainda e eu comecei a fazer assim então um lugar onde as pessoas fossem, ficassem à vontade, se divertisse ... E eu comecei a fazer naquela época então, os forrós ... No começo ninguém gostou. Porque eles não entendiam. Os pescadores porque ... eles eram pescadores do Rio Grande, de Santos, né, do Rio de Janeiro e eles iam muito lá e as casas noturna pra eles, eram outras casas noturnas. Eram as boites, quer dizer, era onde eles iam, né? E tudo pra eles que era casa noturna, que era bar aberto à noite significava isso. As mulheres também. Porque eles contavam prás mulheres e as mulheres também. Então realmente o nosso bar foi taxado pela comunidade assim ... Muito discriminado ... Tanto é que eles proibiam que os filhos fossem no bar. Que eles não entendiam ... viam mulheres dançando ... E eu me lembro a primeira vez que eu ... quando abri o bar que duas moças se sentaram no bar ... prá bebê uma cerveja ... comê um peixinho ... parecia que eles, sabe, todo mundo que tava na praia, os pescadores e inclusive mulheres, espionavam na janela pra vê ... com a cara de horrorizado de ver aquilo ... Porque a população ... ficava fora de Florianópolis, então não sabia ... só vinham na cidade de dia, não vinham à noite, não sabiam o que se passava à noite na cidade. Eles nunca vieram num restaurante à noite, nunca foram num barzinho ... Prá eles 6 horas tava tudo encerrado, cada um prá sua casa prá dormir ... O meu pai também não gostava ... foi muito difícil fazer entender pro meu pai que ... não era abrir um bar às 6 horas da manhã como ele abria, fechar o meio-dia e abrir às 2 horas e fechar às 6 horas ... A minha mãe não, a minha mãe sempre entendeu o que eu quis e foi ... sempre me deu força, que o bar continuasse. Que o bar na verdade ele é o que é hoje na verdade, por causa da minha mãe ... sempre ali na cozinha, quentando a barra ... Ai aos pouco eles foram aceitando ... Demorou ... quase 10 anos, sabe? Porque aos poucos eles foram vendo ... o médico no bar, o dentista no bar, a professora no bar, sabe? 'Pô! ... o meu médico, eu fui no médico no hospital e ele falou no bar '... que sempre vai no bar ...' Sabe? Então ... eles foram vendo eles no bar ... com as mulheres, com os filho

... Ai foram perdendo aquela ... reserva.\*

A grande preocupação do informante tem sido com a preservação dos ambientes, de moradia, de trabalho, culturais, das comunidades da Ilha.

\*... nós ficamos frente a todas as modificações ... repentinas que queriam fazer, sabe? ... Nós fomos frente, na verdade ... nós sempre combatemos essa mudança repentina na comunidade. Nós já achávamos na época que era muito perigoso essa quantidade de gente de fora que estava vindo comprá, comprá os terreno. E isso a gente sempre passou prá todo mundo, né? Sempre tentava 'Não venda prá não se arrependê ... Se quisé vim visitá, venha visitá, venha comer o peixe, vinha tomá cerveja, venham vê, mas não ... venda, não venda ...' E esse foi sempre o nosso trabalho no Pântano do Sul, também ... Nós tivemos brigas feias .... Inclusive tem uma briga que tá rolando desde 1979 que é a tal da Bagaceira ... A Bagaceira era o local onde os pescadores enterravam os seus lixos ... o primeiro lixo ... pelo menos do interior da Ilha ... Era tanto os peixes, como o lixo doméstico. Enterravam ali. Aquela terreno ali era de uso comum, todo o mundo enterrava o seu lixo ali ... muito bem enterrado e a gente brincava em cima, não tinha problema nenhum, não ficava ao céu aberto ... de repente em 1979, a prefeitura mandou uma máquina lá prá fazer a terraplanagem da Bagaceira e dizê que ali ia ser construído uma cooperativa ... eu fui o próprio a perguntar pro tratorista o que ia fazer ali e ele disse que era uma cooperativa. Eu sai dali perguntei prum pescador ... se ele sabia da cooperativa ... ele não sabia de nada ... Ai em seguida começou a aparecer no Pântano do Sul os caminhões da Comcap ... ai ninguém mais bota o lixo, não era mais necessidade botar o lixo na Bagaceira. Ai ... nós percebemos que ali ia mudá, que a prefeitura ia fazê alguma coisa ali, pois geralmente aquilo ali tava em jogo, aquele terreno ia ser vendido pra construção de um prédio, de ... uma casa de praia, não sei o quê ... enquanto que o terreno na verdade era dos pescadores ... Então nós chamamos na época jornal, televisão, mostramos que aquilo ali era dos pescadores ... sempre foi dos pescadores e os mais velhinhos, pessoas de mais de 90 anos, diziam qua sempre aquilo ali foi a, tal da Bagaceira, e nós encampamos a briga assim, até hoje ... isso tá em briga ... mas foi uma coisa que a gente sempre batalhó ... Impedimos de construir lá e a gente também, outra coisa que a gente pediu sempre foi que a comunidade ... mantivesse uma característica, é, que no Pântano do Sul na verdade não tem nada de característica açoriana, mas que mantivesse uma certa ... característica própria, tanto das pessoas como ... um exemplo foi a igrejainha ... A igrejainha, ela foi construída pelos pescadores em 1882, inaugurada em 1884, foi construída pelos pescadores, não tinha nenhum projeto, não tinha nada ... pedra, azeite de baleia, né, o óleo da baleia, cal. Foi construída ali, a igrejainha ... Era o que mais caracterizava ... o Pântano do Sul ... o que mais se sobressaía ali ... O padre inventou que tinha que derrubá a igreja ... nós fizemos um movimento inclusive com abaixo-assinado, tal, e infelizmente derrubaram a igreja ... mas foi custoso, eles demoraram muito prá derrubá a igreja, nós sempre batalhando que não fosse derrubada ... se quizesse construí outra ... que construísse outra, não derrubasse aquela, você entende? ... a gente trabalhou com a comunidade e de repente a comunidade ficou dividida ... e quem mandou mais foi o poder público municipal ... era uma questão política ... era época de eleição e ... essas pessoas ... que queriam derrubá ... na época do prefeito ... foi prefeito o Amin, ai derrubaram ...

P. E construíram outra?

R. E construíram outra ... então aquela não tem mais nada com ... Pântano do Sul ... já foi tudo derrubado ... as características açorianas, de construção, tem pouca coisa, resta bem pouquinha coisa ... se chegá a meia dúzia é muito ..."

P. Então a tua vida tem sido essa luta de preservação da comunidade?

R. E, é. A minha vida ... Partiu desde quando eu comecei a entrar na universidade, que eu comecei a perceber que a mudança, né, que ia haver uma mudança muito grande, e muitos intrusos ... tanto é que muita gente assim não gostava de mim justamente por isso ... eu tentava mostrar prá pessoas ... até os meus amigos de infância, que eu procurava eles, né, porque eles não tinham acesso ... que eu tive na universidade, essa abertura e eu tive e eles não tinham esse acesso. Então eu tentava passar prá eles tudo 'Oh! Gente, não é bem por aí ... Vamos mantê ...' e hoje na verdade, o Pântano do Sul depois de bastante tempo de batalha ... muita gente também tá nessa briga que eu tô, muita gente mesmo, os pescadores, né, estão na batalha e ... e pensando até como eu penso. Isso aí é uma vitória ... a universidade ... foi o que mais me valeu."

Com relação à preservação das atividades tradicionais, ele pensa em soluções:

"... era muito difícil assim ser pescador, né? Como hoje ainda é, mas na época era pior ainda... Quando a gente era guri a gente trabalhava no arrastão, vinha aquela quantidade de sardinha... preparava, botava no caminhão, o caminhão levava, depois vinha aquela micharia de dinheiro, quer dizer, quanto mais matava mais barato ficava, né? Eles davam o valor que eles queriam...era uma jogada muito grande... quem saia perdendo era a gente sempre, né?"

... agora tem que ter uma ... política de assistência aos pescadores, tem que ter uma política de fiscalização às costas prá que barcos industriais não cheguem na área de pescadores artesanais... eles têm que ter um limite também... e esse limite já existe... só que... não é respeitado... Então o que eles fazem, os barcos pesqueiros, né, industriais, eles chegam botam o arrastão ali e ficam puxando desde lá de Araranguá pela costa catarinense, até o Paraná, sempre pela costa, quer dizer, o pescador artesanal que só tem um limite... até onde ele ir, ali, se não houver uma priorização desse limite ali... então... ele vai se acabando também, quer dizer, ele vai se desanimando, como tá acontecendo... vai partir prá outra história, outro emprego... também os mergulhadores, que vão lá com as bombas e soltam nos costões onde os pescadores tão acostumados a pescar no verão a garoupa... se não houver uma política de fiscalização mesmo, sabe, de leis rígidas nesse sentido, isto é questão de ... poucos anos, porque o povo vai desanimando... e aí acaba. O que era Canasvieiras? Canasvieiras, se você pega o relato de viajantes estrangeiros, você vai ver que Canasvieiras era... um porto pesqueiro, não, nem naquela época, mas também agora, na década de 60 por exemplo, era um porto pesqueiro muito atuante... e rico de peixe... e que... não cuidando... hoje tem esgoto dentro d'água, no mar... quer dizer, então acabou Canasvieiras. Isso também vai acabá Ingleses se não cuidá... tem que haver toda uma política e... não passa só por uma política de 'Ah! vamos dar assistência pros pescadores. Ah! Vamos vendê rede mais barata pros pescadores. Vamos fazer com que eles tenham

carteira assinada'... eles são atendidos pelo Funrural... é como se fossem lavradores... e o Funrural não funciona, tudo bem, mas não funciona... Tem que ser toda uma política desde a fiscalização, assistência, né, que eu falo, através de cooperativas... de cada lugar... com toda a assistência que eu falo, de mercado, né, pra poder ele eliminá o atravessador... que o mercado, as bancas de mercado não deviam ser de cada pessoa, as bancas de mercado deviam ser das comunidades pesqueiras, tá entendendo, mas isso... tinha que ser com a cooperativa, por exemplo, Cooperativa de Pântano do Sul... tava lá no mercado a banca de Pântano do Sul... os pescadores matam o peixe... já vai direto pra cooperativa... A banca de peixe da Lagoa, a banca de peixe dos Ingleses... teria que ser assim dessa forma... o peixe vindo direto de lá... pros consumidores aqui... no centro da cidade... e não só assim, quando tem muito peixe, que vão os caminhões, já tem uns caminhões pra levar pra São Paulo, pro Rio, pra não sei aonde... que a gente sabe que até peixe pro Japão sai daqui da Ilha de Santa Catarina, como é o caso da espada, como é o caso da brota, né? O peixe sai daqui e vai direto pro Japão, quer dizer, só passa pelo intermediário, vem aqui, vai pra São Paulo, de São Paulo vai direto pro Japão. E os pescadores não vêm nem um centavo desses dólares que é usado nessa transação toda...".

Sobre as rendeiras e as manifestações da cultura popular açoriana, ele continua

"O que acontece com os pescadores, é a mesma coisa que acontece com as rendeiras, né? a mulher vai lá e compra e vende aqui no mercado, vende aqui na estrada da Lagoa, né, quem vende aqui na estrada da Lagoa não são as rendeiras, quem vende aqui são as intermediárias, elas é que vendem. Aquela história de ter um rendeirinha ali, fazendo ali, aquilo é história, aquilo ali são as intermediárias que vendem... Então tinha que ter um local assim, sabe, que elas fossem lá, trabalhassem 8 horas por dia ou 4 horas por dia fazendo aquilo, né, pra que também as pessoas, as filhas também, se quisessem, vissem que aquilo ali também era um... emprego, um emprego ou uma forma de você também ganhá um dinheiro, né? Porque também não adianta você pensá 'Ah! Vou fazê uma almofada...' justamente elas não fazem renda porque não dá dinheiro. 'Vou fazê renda pra ficá me matando pra não dá nada...' Então é onde ela sai da comunidade e vão trabalhá de balconista na cidade... mas se elas vissem que aquilo ali tivesse uma forma lucrativa, entende, eu garanto que muitas não saiam das comunidades... Vê se no Ceará não tem um mercado de renda, né? Aqui em Florianópolis não tem. Na Bahia?... aqui não tem" ... espero que isso continue assim... que as coisas não aumente assim... numa proporção muito grande, justamente tenho muito medo de que as coisas mudem assim também... e eu não quero essa mudança... que venha muito rápido. Essa mudança eu não quero de jeito nenhum. Já tentando evitá, tentando barrá, essa mudança, não é? Eu gostaria que sempre o Pântano do Sul fosse uma comunidade pesqueira, não é, embora os pescadores, como eu já falei, a dificuldade que vive o pescador mas a luta eu acho que tinha que ser, pra um incentivo aos pescadores. Maior incentivo aos pescadores e, pra que eles vivessem ali na comunidade e os filhos que quizessem, como o meu irmão... que quer ser pescador, os filhos que quizessem ser pescador, continuassem como pescador, mas com todo um incentivo... amparado em leis, tudo isso, né? Porque senão daqui a pouco também eles vão vendê tudo e vai acabando, vai acabando, aí não existe mais pescador... Aí vão trazê o pescador somente na cidade... na semana do folclore por exemplo, quando eles trazem um pescador do Pântano do Sul ou uma rendeira da Lagoa, né, pra ir mostrar no Instituto ou na Praça XV, pra mostrá 'Oh! Aquilo ali é um pescador. Aquilo ali é uma ren-

deira', quer dizer, vai ficar uma peça... de museu, né? Isso não é jeito, eu acho que isso aí não é por aí, acho que nós temos que preservar é a cultura no lugar onde ela tem origem, tanto a renda, como os pescadores, como o engenho de farinha, temos que preservar, mas temos que incentivar, temos que dá um incentivo a isso em todos os sentidos, né? E não deixar que as coisas vão morrendo por si... e vai se acabando e depois fica nisso aí, fica apenas um... folclore, né? E porque tudo isso faz parte da vida da pessoa, faz parte da comunidade... desde o Roi-de-mamão, até o Terno de Reis, a festa do Divino, a rendeira, né? Tudo isso é cultura da comunidade, a feitura das baleeiras, a canoa, tudo isso é da comunidade, né? Então na medida que você traz isso da comunidade pra apresentá numa universidade, pra apresentá numa Praça XV ou pra apresentá no Mercado Público, sabe, aí você já tá realmente folclorizando... Se você quiser ver um Roi-de-Mamão você teria que ir no Pantano do Sul, teria que ir no Pantanal, teria que ir no Côrrego Grande, teria que ir no Itacorubi, teria que ir na Lagoa... vão lá, vê. Até como turismo... então isso pro turismo é bom..."

Sobre turismo, ele pensa que tem que haver um planejamento e o controle político-social das decisões.

... Isso é uma preocupação que eu tenho. É um objetivo... Segundo, é... também tentá mostrar que o turismo também se faz, não é... estragando, né, não estragando, mas que também se faz da forma... mantendo as coisas como são... a cultura da pessoa, o trabalho das pessoas, tá, mas que haja uma convivência entre as pessoas da comunidade o turismo, né, que as duas coisas sejam bem juntas, mas bem específicas, quer dizer o turismo junto com a comunidade e um não estragando a outra. E nós queremos fazer, mostrá... também se faz turismo da forma que nós tá fazendo... procurando preservar a comunidade, a cultura da comunidade, mas sem que o turismo possa aproveitar daquilo ali... que a comunidade tem... é o peixinho frito, são os pescadores, é o pescador limpando a rede, às vezes limpando o peixe, são os ranchos de pescadores, quer dizer, a convivência do turismo com os pescadores. E não simplesmente 'Ah! O Pantano do Sul tem muito movimento hoje, vão fazê uma avenida por aqui... vão botá um hotel lá, vão botá isso, vão botá aquilo', então a minha briga, e o meu objetivo é que o turismo não seja assim... e que bom se toda a ilha fosse assim... quer dizer, se Canasvieiras fosse como era há 20 anos atrás... se a Barra da Lagoa fosse... se o Ingleses fosse como era, quer dizer, você ia lá, comia o peixe, tomava a sua cerveja e via uma comunidade realmente pesqueira como ela é, né? Embora tivesse separado as casas de pessoas de veraneio, hotéis, mas o local ali onde as pessoas sempre viveram, aquilo ali tinha que ser mantido...

Mas tudo isso é uma política que tem que haver, uma política séria... urbana assim, de não destruição... desses lugares... que ainda hoje existem no interior da Ilha de Santa Catarina.

P. Nunca, pensasse em entrar pra política pra fazer essa briga lá dentro, na câmara de vereadores?

R. Sim... já fui convidado... por vários partidos... mas eu acho que eu simplesmente queria me definir um pouco mais e... até quem sabe... entraria... pra brigá... por isso, né, contra todos esses empreendimentos imobiliários que estão acontecendo... e que vão acontecer, isso é, vão acontecer por mais que a gente queria ou não queira. Infelizmente vão acontecer a não ser que realmente tenha bastante gente lá dentro pra brigá...

... eu já tô pensando que vai acontecé e não tô cruzando os braços por isso não..

... eu, por mim, se for possível eu em entrego de corpo e alma numa luta dessa, né? Porque eu já vi o que aconteceu em Ingleses, já vi o que aconteceu em Canasvieiras, já vi o que tá acontecendo na Barra da Lagoa, né, e também na Lagoa e em outros lugares no interior da Ilha aqui, quer dizer, onde eles botam uma avenida e depois o negócio se acaba tudo, simplesmente acaba tudo.."

"... eu acho que se nós não preservarmos, se nós não tivermos essa preocupação cada uma pessoa que mora aqui, acho que infelizmente... vai sé um futuro muito ruim... Porque Ilha é uma ilha... ela tem os seus limites... é o mar, né? Então claro, se nós não cuidarmos dela, quer dizer, cada vez vai vindo mais gente... e assim, desordenadamente... é loteamento aqui, é loteamento ali, é nas encostas dos morros, derrubá árvores, é na Lagoa do Peri... é na Praia da Armação... é nas dunas não sei daonde, quer dizer, temos que ter, eu acho, uma política de preservação nesse sentido, até habitacional... 'Não, aqui não. Aqui você não pode construir, aqui você pode construir, tal. Aqui não pode fazé avenida, aqui não pode fazé isso, aqui não pode fazé aquilo', sabe?... Temos que ter isso aí... porque a Ilha é muito bonita, e se nós não cuidarmos dela, eu acho que então daqui a pouco ela dança, como diz na gíria... E não é só a Ilha, é o Brasil inteiro, né?... Você não vê a Amazônia?..

... A Ilha a gente tem que cuidá mesmo dela, assim, sabe, toda a cultura dela infelizmente já está totalmente... existe bem pouca coisa dela. Eu acho que ainda há tempo da gente preservar o que resta... em termos de cultura... da paisagem... A minha preocupação maior é com a cultura das comunidades. Então ainda há tempo... de manter as pessoas onde estão... dando condições de vida, dando melhores condições de vida para essas pessoas... prá que elas não desanimem e venda tudo lá e daqui a pouco venha prá cidade... pronto, aí acabou, né? ... no Pântano do Sul tem um exemplo disso aí".

A seguir, o informante relata o caso de uma família que, tendo vendido as terras que possuía na localidade, foi morar na periferia da cidade, onde acabou vendendo também a casa onde morava por problemas de vizinhança, indo residir em apartamento do BNH, pagando aluguel. Ele conta o rápido processo de desagregação da família, com problemas sociais e existenciais de seus membros.

Preocupa-se em alertar as pessoas para que não vendam suas casas e terrenos, não percam seus espaços.

Ele deseja retornar aos estudos, escrevendo a dissertação de mestrado, para a qual já coletou abundante material, com o resgate da história de sua comunidade. Deseja também ser

professor de história na praia, esperando para isso, a implantação do 2º grau na comunidade.

Além das atividades, atuações e preocupações que relatou na entrevista, o informante é co-autor de um livro que defende a Farra do Boi, como autêntica manifestação cultural dos ilhéus descendentes de açorianos, em função da celeuma que se criou no país em torno do assunto.

### As Mulheres

q) ... Quando eu era pequena ... era só mato. Só se via mato. E hoje ... se transformou numa cidade ...

Uma das informantes (38 anos) cujo marido também me prestou seu depoimento (entrevista m), estudou na localidade de origem, completando o curso primário e o ginásio. Ao final deste, concorreu a uma vaga para cursar o 2º grau na escola pública, no centro da cidade (Instituto Estadual), mas não obteve colocação, desistindo de estudar.

Recentemente a escola do balneário implantou o 2º grau, em horário noturno, mas ela não quis ingressar. Ao invés disso, quer que o marido continue estudando.

"Ai quer dizer, eu desisto, e ele ... tenta fazer, né? E mais fácil ... um é mais fácil fazê. Agora, os dois não dá ..."

Ela não tem com quem deixar o filho pequeno. Incentivou muito o marido a completar o 2º grau, para poder ascender na repartição onde trabalha como vigia, e acha que ele deve fazer o

curso técnico que deseje, ou prestar vestibular para a universidade.

Com relação à trabalho, não falou de suas ocupações domésticas, durante a infância, mas sim do trabalho assalariado(2).

Ela prestou concurso para trabalhar na Escola Técnica Federal, em função subalterna, mas quando foi chamada para assumir o cargo, já estava trabalhando num armazém na praia e como se casou e moravam com a avó idosa do marido, que não poderia ficar só o dia todo, a informante desistiu do emprego. Teve oportunidade de trabalhar também na repartição do esposo, mas não o fez pelo mesmo motivo.

Na casa de comércio da praia, onde prestou serviços por vários anos, trabalhava só durante a temporada.

Mais tarde, o irmão comprou uma venda numa das ruas antigas, de moradores permanentes da localidade, e ela ficou tomando conta. A avó já falecera e ela já tinha tido seu filho, que deixava com uma irmã. Como sua própria mãe ficara doente, dependendo da irmã que, assim, não pode mais tomar conta da criança, ela teve que desistir do trabalho, que a ausentava de casa durante todo o dia "... eu ia de manhã, voltava ao meio-dia, fazia um almoço bem rápido e voltava pra trabalhá".

Sobre a relação dos estudos que fez na praia com os tipos de trabalho que teve ou as oportunidades de emprego de agora, a informante manifesta:

"Prá mim o estudo hoje tá muito ... prá pegá qualquer tipo de serviço eles pedem já um ginásio completamente diferente. Eu pego os caderno das minhas sobrinha que estudam, eu fico olhando, não sei mais. Então eu acho que, prá mim pegá um serviço agora, só mesmo assim prá servi um cafezinho, aí fica fácil. Mas prá pegá ou-

tro serviço melhor, não dá. Só se eu tivesse um estudo como ... se fizesse o 2º grau ..."

Ao mesmo tempo, comparando os cursos que fez no balneario com os de agora, ela afirma

"Eu dava ... eu dou valor mais ao meu estudo, que eu tive antes, do que eles tem agora. Porque agora, não sei, essas crianças não aprendem, não sei porquê. Não sei se o grupo (escolar) ... sei lá, perdeu ..."

A informante pretende voltar a trabalhar fora de casa e, para isso, vê vantagem na expansão do ensino na localidade.

"É só o menino crescê mais um pouco, que possa se virá ... no ano que vem, com 5 anos, aí eu posso botá ele no pré, porque agora o estudo virou por causa disso, né, porque quem é casado e tem filho pode botá as crianças no pré e trabalhá. Aí o estudo já começa mais cedo e isso aí foi uma boa, né, foi uma boa vantagem principalmente prá quem precisa trabalhá, porque tem sonda deixar ..."

Do turismo, ela vê as vantagens

"Oferece mais oportunidades de trabalho. Uma porção de gente trabalha aí, mesmo que seja só no período de verão. Mas tem muita gente que já trabalha direto, né ... tem gente que trabalha ... verão ou inverno, direto. Dá mais oportunidade prá essas pessoa que são ... que não têm muito estudo ... essas pessoas mais velhas."

r) "Eu vejo que a gente pode fazê o mesmo que eles ... ou até muito mais ..."

A informante (26 anos) é filha de um antigo entrevistado. É solteira e sua história de estudos e trabalho corrobora o que os outros depoimentos já relataram.

Cursou o 1º grau na escola municipal da localidade. Sua escolaridade não foi contínua porque ela passou alguns anos sem estudar (porque desistiu, não quis), só mais tarde voltando

para acabar o curso "... vi que meus colegas tavam estudando, tinham passado e eu tava ficando prá trás ...".

Concluindo o 1º grau, fez seleção e obteve uma vaga no Instituto Estadual de Educação, onde iniciou o 2º grau. No ano seguinte, desistiu.

"... a minha dificuldade tava em matemática. Eu não gostava do professor ... cada dia que passava parecia mais complicado ..."

Foi continuar o curso na Academia de Comércio São Marcos, pagando seus estudos, a exemplo de outros informantes. Para tanto, trabalhava. Já havia se empregado na praia, como camareira de um hotel, durante as temporadas. Trabalhara também em supermercado e loja do balneário, por pouco tempo. Enquanto a estudava na cidade, arranjou um emprego de garçonne em um centro promotor de eventos da prefeitura, contratada por firma particular de prestação de serviços. Quando esse órgão foi para o centro da cidade, ela deixou o emprego. Concomitantemente conseguiu uma bolsa de auxílio aos estudos, mas conta que era muito pequena, não cobrindo suas despesas, tendo que depender da ajuda do pai e de uma irmã que trabalhava fora, para continuar o curso enquanto estava desempregada.

A informante realizou estágio escolar de estudante de contabilidade em uma agência da Caixa Econômica Federal e gostou bastante do trabalho. Só não continuou porque o salário era baixo.

A entrevistada pensa em continuar os estudos, entrando para a universidade. Deseja estudar turismo ou psicologia, mas quer saber mais a respeito dos cursos, antes de optar por algum.

Na realidade, não tem muito interesse em estudar, conforme revela.

"... não é que eu queira ... é a vida da gente né? São as condições que fazem que a gente tente ... continuar. Porque ... se eu não precisasse, eu não ia continuar, não ... Mas ficá numa vida assim ... sei lá, o ser humano tem que tentá algo melhor ... mais conforto, uma vida melhor ... Se eu tiver um nível superior, claro, vou ter mais chances, né, hoje em dia parece que eles tão dando mais valor ... é pro ... diploma, o certificado, mesmo que a pessoa ... pode ser até que a pessoa tenha um diploma mas não tenha capacidade, né, e outra que não tenha pode executá melhor do que aquela que tenha, né? ... acho que só depende de cada um de nós ... Minhas colegas dizem 'Ah! eu entrei prá universidade eu ... mudei muito, eu ... sei lá, fiquei ... aprendí coisas novas ... minha maneira de falá mudou e ... outros conhecimentos ...' Então, eu não sei, acho que vai complementá ... pode ser que ajude também, porque eu ... a nível de falá, assim ... conversar com outras pessoas, eu aprenda mais com elas, outras coisas novas ..."

A informante já prestou concursos para o funcionalismo em duas ocasiões, mas não conseguiu as vagas. Acha que os concursos são feitos com as cartas marcadas, para serem aproveitadas e promovidas as pessoas que já trabalham nos órgãos públicos.

Depois de ter completado o 2º grau, ela trabalhou por um tempo na Colônia de Pescadores, no centro. Depois disso, conseguiu um emprego num supermercado da cidade, de onde saiu no verão para ajudar no trabalho do bar que sua família possui na beira da praia, no local onde ficava o rancho de pesca do pai, quando ainda se dedicava à atividade tradicional.

A preocupação maior que a informante demonstrou na entrevista foi com relação a conseguir trabalho depois que terminasse a temporada, para não ficar dependente da família.

Revelou que gostaria de conseguir um emprego de funcionária, mas acredita que, para isso, só com pistolão, e que a época seria propícia, já que estávamos num ano eleitoral.

"... hoje em dia tá assim, se tu tem um amigo, um conhecido que se dá bem contigo, que tem um bom emprego, tu tem uma chance de consegui. Também agora, se tu não tem conhecimento, tá bem difícil.

P. Mesmo com concurso público?

R. Mesmo concurso, porque hoje em dia os concurso público tá assim, como dizem, entra pela janelinha, né?

Eu vou tentá através de jornal e esse ano, vai ser um ano de política também ... vai té eleição pra vereador, né ... eu vou tentá com alguém, é o único jeito ... eu não gosto ... dizê assim 'Oh! Eu te dou tantos votos pra ti ... pra arranjar um emprego' Mas a gente não vê solução ... se quisé tentá alguma coisa, tem que sé através disso mesmo. Eu só penso nisso agora: batalhá um emprego ...

P. E não tinhas vontade de voltar pro supermercado?

R. Só que eu não quero voltá prá lá porque ... tu vê, eu acho uma ... situação chata. Porque eu sai de lá, eu disse que eu tinha que trabalhá aqui, né, então agora chega no inverno, eu vou voltá prá lá ... quando eles precisavam de mim no verão ... então eu não acho válido, não acho legal isso.

P. E por que tu achas que o funcionalismo público é melhor do que a atividade comercial, assim como empregado?

R. Olha ... porque funcionalismo público, como dizem, é ... a gente vai numa repartição, aquele pessoal todo, sabe à vontade... na mamata, né, chupando dedinho. .. então tu trabalha um pouquinho melhor, tu não trabalha sábado... As vezes eu tinha que trabalhá aos domingos também, então... tu vê uma chance... uma coisa mais válida, talvez ganhe um pouquinho melhor... e tem mais chance... se tu demonstrá que tu for ágil, que tu tens capacidade, pode subi... Agora, o comércio, tu sabe o quê?

Quanto à relação entre o aprendizado da escola e a vida profissional, a informante afirma:

R. (... o estudo) Só me ajudou porque... se eu fosse tentá um emprego eles dizem 'Tem o 2º grau?' eu assim 'tenho'. Só nessa parte aí porque... usá mesmo o estudo, vamo supor contabilidade, eu não trabalhei ainda com contabilidade. Acho que... o que a gente aprende na escola, não é bem o que a gente vai... desempenhá lá fora, acho que depende muito de... nós mesmos, né? O que a gente aprende é válido, mas o que vem pela frente, é diferente... Educação a gente aprende em casa. .. acho que... cada dia que passa a gente vai aprendendo uma coisa diferente, uma coisa nova. O que aprendeu na escola eu acho que ... ficou, então... o que vem prá frente é um outro conhecimento... diferente... eu posso ter capacidade prá executar qualquer tipo de trabalho, só depende de mim".

Como projeto de vida, a informante pensa que o melhor é ter um negócio próprio, ser autônoma, depender de si própria.

"... se tu tens um bar tu tens que investi, né? Eu tô com meu pai, eu não posso dizê 'Eu vou fazê tal coisa'... eu não posso avançá mais do que ele, né? Mas eu vejo que aqui a gente teria que investi mais, dar muito mais prá isso aqui...

Arrumando um emprego durante o ano, ela e duas irmãs pretendem alugar uma casa no balneário vizinho para morarem sós, afastadas da tutela dos pais, coisa que já fizeram no ano anterior.

A informante fala em projetos, em realização pessoal, como profissional e como mulher.

Conta que nunca quiz aprender a fazer renda em criança. Que preferia trabalhar na casa. Ela não quer seguir o modelo da mãe, embora esteja, como as irmãs, envolvida com os problemas e atividades familiares, abandonando o trabalho para participar do empreendimento familiar durante o verão. Queixa-se dos irmãos, que não se envolvem nas mesmas proporções que as filhas mulheres nos projetos dos pais.

"... tivemos que sair do emprego, eu e a minha irmã, prá poder ajudá-los, porque os dois sozinhos não tinham condições".

Parte da entrevista ela usou em considerações sobre a condição feminina.

"a mulher... ela tá se valorizando mais... e ela tá... crescendo... não é como antes que o homem... a mulher... pensava assim 'Não, eu tenho que ficar em casa, que o meu marido vai chegar. Tenho que tá com tudo pronto'... Hoje em dia as mulheres já pensam diferente... 'Não, eu vou à luta vou... também eu tenho igualdade'. Eu posso fazer o mesmo que ele faz'. Isso, eu não penso que eu tenho que ficar em casa e que eu tenho que fazer o meu serviço ali e pronto. Que a mulher só precisa do trabalho da casa. Não. Eu posso fazer os dois, tanto lá fora como dentro... Eu vejo pela minha mãe, ela... tu vê, ela fica em casa, só cuida da casa.. e o que mais que ela faz?.. Então ela poderia tentar uma coisa... porque ela sabe, ela corta sempre os cabelos... dos meus primos e... então eu acho que ela teria uma chance de tentar... uma profissão, ter um lado profissional. Então eu vejo por ela e disse assim 'Não. Eu não quero ser assim. Não quero mesmo'. Porque ficar em casa, esperando marido... lavar roupa, passar roupa, cuidar da casa, aí não. Essa vida aí não..."

Ter sempre um emprego... a minha atividade profissional... O essencial agora é um emprego no inverno... alugar uma casa... eu e a minha irmã... é melhor sair... prá

ti senti mais livre, sabê que tu podes fazê por ti mesmo, né? Ser tu mesma, não dependê de outro..."

s) ... Hoje em dia tudo depende do estudo ... se não tiver estudo a gente não tem nada na vida ...

A informante (23 anos) é esposa do pescador entrevistado em Ponta das Canas (entrevista k). Possui também outros parentes que entrevistei.

Fez o curso primário na localidade litorânea e depois teve dificuldade em continuar estudando, por causa das mudanças da família e porque a mãe achava que ela deveria desistir, pois como mulher, não precisava estudar. Ela insistiu e trabalhou para continuar estudando, cursando escolas supletivas. Eliminou as últimas séries do 1º grau, ingressando após na Academia São Marcos, com bolsa de estudos, obtida através de uma funcionária com quem trabalhara como babá dos filhos.

A informante desejava fazer habilitação para o magistério, já tendo conseguido um emprego como estagiária em um jardim de infância da cidade. No entanto, quando frequentava a 1ª série do 2º grau, ela começou a namorar o futuro marido, que avisou que não admitia esposa trabalhando fora. Como o namoro logo ficou sério, ela desistiu do estudo, já que não poderia utilizá-lo como qualificação para o trabalho. Sente-se no entanto, frustrada porque sempre pretendeu ter uma carreira.

"... fazer o magistério, por exemplo, sempre foi a minha vocação ... eu queria uma profissão e eu não conseguí o que queria ... Agora o mundo é diferente ... todas as mulheres precisam de um trabalho, mesmo casada ..."

Casou-se, tem dois filhos pequenos e com muito esforço conseguiu que o marido a deixasse trabalhar como doméstica na temporada, para uma família de argentinos que veraneia na praia onde mora.

Quando a entrevistei, estava tentando obter permissão do marido para realizar um curso de corte e costura, afim de trabalhar como costureira.

Em sua entrevista, destacaram-se os problemas referentes à condição feminina.

Sua grande expectativa para o futuro é proporcionar aos filhos todas as oportunidades de estudo que não teve.

t) ... Mas pra própria natureza não tá bom ... porque tá mudando tudo ... isso aqui vai virar uma cidade ...

A última informante (20 anos) é recém casada e seu jovem marido é o pescador que procura realizar também outros tipos de trabalho para se manter pescando (entrevista 1). Ela é filha e neta de outros informantes e entrevistei também irmãos seus, nesta pesquisa. Sempre residiu na localidade litorânea com os avós e foi a única, entre os irmãos, que completou o 2º grau.

Como os demais informantes de sua geração, cursou o 1º grau na escola da praia, continuando os estudos na cidade. Conseguiu ingressar no Instituto Estadual de Educação mas foi reprovada na 1ª série do 2º grau, transferindo-se então para a Academia São Marcos, onde cursou o 2º grau, obtendo habilitação como técnica em contabilidade. Teve uma reprovação também nessa escola e confessa que nunca foi muito fanática por estudo. Reve-

la que sempre achou a teoria muito distanciada da prática e que as aulas em geral eram muito teóricas, desmotivando-a.

Na infância sempre trabalhou em casa com a avó. Desde adolescente, ainda menina, procurava empregar-se no balneário durante a temporada, em casas de família.

Seu primeiro trabalho com carteira assinada foi em supermercado da praia quando ainda cursava o 1º grau, durante a temporada de verão. Depois empregou-se numa farmácia no centro da cidade, onde permaneceu por alguns meses. Quando cursava a 3ª série do 2º grau, conseguiu um estágio na Caixa Econômica Federal, serviço do qual gostou muito. Foi o único emprego em que utilizou o aprendizado escolar e gostaria de ter continuado. Quando surgiu um concurso para admitir servidores para a Caixa ela se inscreveu, mas não foi fazer as provas, porque achou que não teria chance, já que havia muitos universitários inscritos.

Depois de formada foi trabalhar em uma grande loja do centro da cidade, como caixa, mas teve que sair para cuidar da avó, por problemas de saúde.

"... aí eu não podia fazer tudo ao mesmo tempo ... tava perto do casamento ... muita coisa prá mim sozinha ... só eu e a vó ..."

Depois de casada trabalhou na praia durante a temporada, em casas de família. Procura, como as outras mulheres, trabalhar com argentinos, que pagam melhor. Esteve também empregada em um supermercado do centro, mas saiu novamente por problemas de saúde da avó.

Quando a entrevistei, ela esperava o resultado do teste de gravidez e, dependendo deste, iria trabalhar em casa de

família na praia. Falava com muito acanhamento de aceitar serviço como doméstica, e teceu considerações sobre a falta de oportunidades de trabalho.

Sobre a relação entre estudo e trabalho, foi bem mais realista que os entrevistados que não concluíram seus cursos.

"A maioria por aí, que estuda, por exemplo, um cobrador de ônibus, tá ganhando a mesma coisa, bem dizer, que um professor ... quem estuda não tá valorizando muito. Tá estudando por estudá ou porque quer tê um diploma na mão, pra se um dia ainda tiver um serviço. Porque aqui ... um cobrador de ônibus estuda até a 5ª, 6ª série, né, muitas vezes até nem estuda ... só vai fazê um teste prá sabê somá, multiplicá, aquelas coisas, né ... contas ... vai lá, se emprega numa empresa de ônibus, pronto! Ganha a mesma coisa e até mais um pouco que um professor, que dá aula aqui ..."

"... Sei lá a gente perdeu tanto tempo, a gente fez tanto esforço prá conseguir alguma coisa, que no final essa coisa que é o estudo da gente não valeu a pena ... por um lado a gente acha que valeu a pena, porque tem um serviço, né, tem aquele serviço, mas não adianta porque não tem emprego. Só tem prá dizê que é formado ... O importante prá mim é consegui um emprego. Se eu não tenho, é porque eu não tenho nada então ... se eu não tou trabalhando ... usando esse diploma, né, prá mim é como se eu não tivesse me formado ... Não tá valendo a pena por enquanto ... só se um dia aparecer uma coisa assim ..."

A informante já pensou em cursar universidade, mas pensa mesmo em trabalhar por conta própria, montando loja com uma parente na praia. Em função desse projeto, vai fazer um curso de corte e costura na cidade, considerando que a gravidez não vai impedi-la de realizar pelo menos o curso.

O marido não se opõe a que estude ou trabalhe fora. Só acha que não vale a pena ir trabalhar no centro, para ganhar apenas salário mínimo.

Ela fala da transformação da localidade em balneário, lamentando que as pessoas não plantem mais, como faz o avô.

"Ninguém vai poder fazê mais nada, vai ser tudo na compra, na base da compra. Porque ninguém vai querê mais plantá, nem criá gado, nem galinha, nem fazê mais nada. O pessoal só vai ficá dependendo de feira, de padaria ..."

## Uma (Re)Leitura das Entrevistas

... você marcha, José!  
José, para onde?  
Carlos Drummond de Andrade

Com relação a esta geração, não teve sentido separar os informantes naqueles que saíram e nos que ficaram morando em suas localidades litorâneas de origem. Isso, porque se realizou a tendência que já estava em curso, paralela ao processo de urbanização, de muitos habitantes ficarem residindo nas próprias praias, mesmo que seu trabalho se localizasse na cidade. Desta forma, o aumento das populações permanentes das localidades litorâneas, consideradas rurais nos recenseamentos, não significa, absolutamente, um incremento das atividades primárias (aqui chamadas de tradicionais), como demonstraram as histórias de vida dos sujeitos entrevistados. Houve, isso sim, um aumento significativo de habitantes das praias que passaram a se dedicar ao setor terciário da economia (prestação de serviços), na cidade ou nas próprias localidades, urbanizadas.

## Sobre Escola ... E Trabalho...

A escola é fonte permanente de reflexão, pois todos concordam em que os rumos do desenvolvimento de qualquer país têm a ver com a questão educacional. A educação formal é relacionada pelos governos e pela sociedade como um todo, à trabalho, à profissão, à ascensão e participação social. E vista tam-

bem como promotora de condições para o crescimento pessoal, o desenvolvimento e realização dos sujeitos-membros das sociedades letradas. Nestas, os termos educação e escolaridade são utilizados como sinônimos. Ser educado significa ter recebido um bom nível de educação formal, na instituição escola (as sociedades desiguais, competitivas, consumistas, individualizadoras, têm como característica confundir o "ser" com o "ter". Na mentalidade capitalista-empresarial, o utilitário é o significante: ter educação é estar qualificado para o mercado de trabalho - o trabalho tornado mercadoria).

Nas últimas décadas tem havido uma farta produção crítica sobre a educação formal e a escola como instituição privilegiada da transmissão do saber. (3)

Esta escola que se questiona, que é questionada e cujas críticas e avaliações assumem dimensões de grande e necessária diversidade e complexidade de considerações, apresenta-se como componente importante da transformação social cujos efeitos procuro analisar.

Os sujeitos que pesquisei viviam numa sociedade menos heterogênea que a sociedade urbana, que agora se estende sobre suas localidades de origem. O trabalho que desempenhavam não era aprendido em instituições formais. Eles eram educados no trabalho, cotidiana e informalmente.

Agora, esses sujeitos se vêm colocados frente a uma outra realidade. Tem que se preparar formalmente para o trabalho. Os novos tipos de trabalho devem ser mediados pela escola. Obter um emprego "urbano", já que as condições para o trabalho tradicional vão se tornando cada vez mais difíceis, exige um tempo de

educação, de treinamento, numa instituição formal. Mesmo que esse tempo, esse treino, essa instituição, não preparem os sujeitos para as atividades criadas pela complexidade do mundo urbano, mesmo que estejam (o treino, a escola), distanciados e alheios às funções profissionais que irão desempenhar.

Esta influência do mercado de trabalho se reflete nos dados da pesquisa que realizei.

Nas representações dos sujeitos pertencentes às populações jovens da Ilha, aparece muito claramente a necessidade de estudar para ingressar no mercado de trabalho urbanizado. Não mais se cogita de permanecer apenas na atividade tradicional. Aqueles que resistem, mostram, com o concreto de suas vidas, que precisam de outras alternativas para poderem sobreviver. A pesca não é mais atividade exclusiva. Para nela se manter, é preciso combiná-la com outros afazeres, outras formas de ganhos financeiros (que não a lavoura outro trabalho tradicional que as transformações das localidades litorâneas têm impossibilitado).

Assim, as tendências que já se faziam sentir nas gerações anteriores, continuam se processando e atualizando.

Se, na segunda geração, ao lado de sujeitos que estudaram até aos níveis superiores de instrução, tive informantes que sabem apenas escrever o próprio nome, nesta terceira geração, todos os informantes, em que pese as extremas dificuldades de alguns, possuem nível primário de escolaridade (até a 4ª série do 1º grau). Somente dois entrevistados não completaram o 1º grau, enquanto três cursaram este nível de ensino. Quatro dos informantes possuem certificados de 2º grau e um deles possui nível universitário, tendo grau de especialização em curso de

pós-graduação.

Se este fato tem muito a ver com a expansão da rede escolar nas localidades litorâneas, tem tudo a ver, segundo as representações dos sujeitos entrevistados, com as novas exigências da urbanização. A própria expansão das escolas, incluindo a complementação do 1º grau e a implantação de 2º grau de ensino, ocorrida em localidades da Ilha, tem sido o resultado das reivindicações de suas populações, em função da necessidade de escolarização dos jovens, que era feita à custa de mais sacrifícios (ou ficava truncada), quando tinha que ser complementada em lugares distantes.

Corroborando o fato de estabelecerem relação entre estudo e as novas formas de atividade, merece menção o aspecto de só terem desistido de estudar por sua própria vontade, os dois informantes que resolveram se dedicar à pesca como atividade principal (entrevistas k, l). Outros que possuem nível primário de escolaridade, não continuaram os estudos por impedimentos de ordem diferente (dificuldades financeiras, especialmente - entrevista o).

Alguns informantes se referiram diretamente ao distanciamento entre aquilo que estudavam na escola e as funções que desempenhavam no trabalho (além das entrevistas dos pescadores k, l, a entrevista r). Mas as representações dos entrevistados não refletiram, em geral, um questionamento sobre as relações entre os ofícios e afazeres urbanos (em repartições públicas, empresas privadas, casas comerciais, etc, como serventes, varredores, vigias ...), e o estudo em instituições formais. É uma exigência do mercado de trabalho que eles simplesmente constata-

e aceitam, sem criticarem.

O que fica explicitado nas representações dos sujeitos entrevistados, no entanto, e decorre de toda a complexidade dessa situação de passagem para o mundo urbano, em função das exigências (postizas ou legítimas) que esse coloca, é a representação de que ser iletrado inferioriza o sujeito. Não saber ler ou escrever, é ser um cidadão de segunda classe, é ser inferior. Alguns informantes da segunda e da terceira geração, colocam bem este aspecto da questão do ensino formal (entrevistas f, m, n). Assim, um dos entrevistados "se acanha" de procurar um emprego porque não sabe ler, outro afirma que "vale mais quem estudar mais" ou, ainda mais radicalmente, um terceiro coloca que "sem estudo a pessoa não vale nada".

Não é uma simples relação que estabelecem entre o saber e o fazer, entre estudo e trabalho. É algo que se amplia, que toma outras dimensões, determinando mesmo uma valoração identitária: quem não sabe, não estudou, vale menos que aqueles que estudaram. O domínio dos códigos de leitura e escrita possibilita que a pessoa se sinta (perceba, represente) como um membro participante e igual da sociedade urbana.

Desta forma, os que estudaram mais, fizeram cursos universitários, não demonstram sentimentos de inferioridade e até fazem o resgate de sua identidade rural, valorando-a positivamente (entrevistas i, p).

Por outro lado, um informante bem sucedido no meio urbano (entrevista g), porque não estudou o bastante, sente-se um pouco caipira, manézinho. Nessa mesma entrevista da geração anterior, a valoração do estudo dos filhos tem mais esse senti-

do, de promover participação igualitária no mundo urbano, que propriamente o de oferecer oportunidades de trabalho. Estudar para ser empregado, não. Montar uma empresa, com a habilitação que o estudo proporcionou, isto sim (autonomia no trabalho).

A valorização do trabalho autônomo, sem patrões, continua idealizada também pela terceira geração (entrevistas k, r, n ...), mesmo que muitos dependam do trabalho assalariado.

Aparece bastante, nas representações dos sujeitos da geração mais jovem, a preocupação com a ascensão profissional (obter sucesso, "subir" no emprego), determinando a valorização de alguns tipos de atividades, trabalho autônomo, em detrimento de outras, trabalho assalariado. Este, além de impor patrões, não dá muitas oportunidades de acesso funcional. Nesse sentido, o trabalho em repartições públicas é mais valorado por alguns, pois, é mais estável, e dá mais chance de acesso profissional (embora limitadas, segundo a entrevista n).

A relação que a sociedade estabelece entre escolaridade e trabalho, fundamenta-se idealmente na consideração do papel da escola como capaz de diminuir ou anular distâncias sociais entre os sujeitos, promovendo a ascensão social das camadas desfavorecidas das populações. E o ideário liberal.

A escola (e a produção crítica - filosófica, pedagógica, histórica, sociológica - o denunciam), não tem servido habitualmente à causa da transformação social, e ao contrário, tem se prestado com freqüência, à manutenção dos sistemas de poder e da desigualdade social. A educação formal não tem sido sempre igualitária, crítica, democrática.

A discussão entre ensino gratuito e ensino pago no Brasil, a distância entre as determinações constitucionais reiteradas de obrigatoriedade de ensino público fundamental para todos, e os sistema escolar deficiente e desigual (em quantidade e qualidade), mostram uma realidade educacional diferente da idealizada, por problemas estruturais profundamente complexos do país e de seu sistema de ensino.

As histórias de vida de meus informantes individualizam estas questões. Todos os sujeitos da terceira geração pertencem (em que pesem as diferenças entre eles) às classes populares. Todos eles dependeram da escola pública para estudarem (e trabalhando desde crianças). Como eles relataram, a escola pública também é difícil de manter. Ela exige uniforme, material escolar. Um dos informantes (entrevista o) estudava com mais facilidade quando morava na praia, onde a escola não fazia tanta exigência de uniforme (e as crianças podiam ir às aulas com sandália de dedo). Quando ele veio para a cidade, a maior causa de sua desistência da escola (a despeito de merenda e "caixa" escolar), foi a exigência rígida de uniforme e tênis, que a família, com várias crianças estudando (e trabalhando!) não pode manter. Sua irmã (entrevista k), que completou o 2º grau, ficara residindo com os avós, na localidade litorânea. A outra irmã (entrevista s), que residia com a família na cidade, estudou com bolsa escolar e trabalhando como babá, para completar o 1º grau.

Os informantes estudaram com sacrifício, especialmente quando tiveram que ir continuar os estudos na cidade, por falta de ensino de nível mais avançado nas praias (nessas situações, era acrescida a despesa com transporte e lanche). Naquelas loca-

lidades onde já havia sido implantado o 1º grau completo na época da infância e adolescência dos informantes, foi mais fácil para eles continuarem os estudos.

No momento de ingresso no 2º grau, que só recentemente está sendo implantado e apenas em algumas localidades, os informantes tiveram que vir para a cidade. Alguns não obtiveram vagas na escola pública e foram estudar na Academia São Marcos, uma escola privada que oferece cursos noturnos, com poucas habilitações profissionalizantes (como técnico em contabilidade). É uma escola que não cobra mensalidades muito altas e depende de auxílio governamental, estando frequentemente em crise para se manter funcionando.

Aqueles informantes que conseguiram vagas na escola pública (Instituto Estadual de Educação), em geral não puderam acompanhar o nível do ensino, queixando-se de terem tido pouca base, pois o "estudo na praia era fraco". Todos (exceção entrevista p) acabaram se transferindo para a Academia São Marcos. O informante que ingressou diretamente na Escola Técnica Federal, foi reprovado na 1ª série do 2º grau, desistindo do estudo por bastante tempo, retornando mais tarde, através de curso supletivo da rede de ensino privado (entrevista m).

O sistema de ensino no país está muito longe de ser igualitário e as histórias de vida dos sujeitos entrevistados o demonstram.

Os sujeitos que conseguiram ingressar no 3º grau, não tiveram muitas opções de escolha profissional, conforme nos relatam os depoimentos de um dos informantes da geração intermediária (entrevista j) e do entrevistado da terceira geração que

fez curso universitário (entrevista p). Só teve uma escolha profissional bem definida antes de ingressar na universidade, o informante da segunda geração que cursara o 2º grau em um dos colégios melhor conceituados da rede privada de ensino da cidade (entrevista i), onde convivera com os jovens estudantes oriundos das camadas médias urbanas e os filhos dos membros das elites dominantes locais

O que podemos perceber na análise das falas dos sujeitos que entrevistamos, é que, se a escola não promove, de uma maneira geral, a ascensão social, com relação às classes trabalhadoras que transitam nos espaços mais desfavorecidos da escala social de distribuição de renda, a educação formal é um forte fator de participação na sociedade (urbana, especialmente), em condições de maior igualdade.

Assim, com todas as limitações dos sistemas formais de ensino, existe um fato que é inquestionável: o mais perverso impedimento do acesso das crianças e jovens provenientes das camadas populares (de populações urbanas ou rurais), à participação mais igualitária na sociedade urbanizada, em termos de oportunidades de trabalho, domínio dos códigos de representações, acesso aos bens materiais e culturais, é a decadência da escola pública.

As histórias de vida que colhi, relatam também essas questões.

Se a educação formal pode ser ministrada de forma completamente distanciada dos propósitos humanistas que deveriam inspirá-la, se pode ser um fator de manutenção de desigualdade e opressão, ela pode também ser um ato de conscientização, confor-

me o entende Paulo Freire (1980).

A entrevista p, que transcrevi quase inteiramente, mostra exatamente isso: a educação formal como um ato de conscientização, levando o sujeito à uma reflexão crítica sobre a realidade em que vive, para nela atuar como sujeito histórico, capaz de lutar pela transformação da sociedade, como seu membro ativo e participante buscando, na participação social, estender a consciência crítica a outros sujeitos.

### Sobre as Mulheres ...

Este não é um estudo sobre gênero. Mas em qualquer análise de sujeitos inseridos na realidade social, especialmente quando se entrevistam mulheres que contam suas histórias de vida, o que ressalta é a questão do gênero.

Nesta pesquisa, em que os depoimentos foram se estruturando em torno de problemas mais específicos (a vida de estudo e a vida de trabalho), os relatos das mulheres moças contaram os mesmos tipos de experiências que os homens de sua geração já haviam colocado. O trabalho desde a infância (mas o trabalho doméstico), conciliado ao estudo inicial. A ida para a cidade, em busca da continuidade de estudo.

Há uma particularidade: todas as mulheres entrevistadas completaram o 1º grau e duas delas possuem diplomas de 2º grau. Nisso, elas se diferenciam das mulheres das gerações anteriores. Pertencem a uma geração em que a mulher já é parte integrante do mercado de trabalho e seu papel de trabalhadora fora

do lar não é mais questionado. Esta é uma das importantes transformações das sociedades tradicionais, que se urbanizam. Nesse campo, apareceram também em seus relatos, observações idênticas às dos homens jovens: a sazonalidade dos serviços nas localidades litorâneas, as dificuldades do mercado de trabalho em termos de ofertas de empregos nas praias e na cidade, a instabilidade, a mobilidade entre tipos diferentes de trabalho, etc. Aparece também o desejo de ingresso no funcionalismo público e a idealização do trabalho autônomo.

Mas, na inserção das mulheres no mercado de trabalho, surge também (e sobressai!), a questão feminina. Para as mulheres (e na análise destas quatro histórias de vida toma vulto este aspecto), trabalhar fora de casa, ou mesmo dar continuidade aos estudos, vai estar condicionado aos problemas familiares. Ter filhos, cuidar das pessoas doentes da família, ficar com as crianças, conciliar o trabalho "fora" com o trabalho "dentro" do lar, etc, são atribuições das mulheres.

Aparece também a questão da submissão às imposições ou aos desejos do outro (entrevista s).

Uma das entrevistas (q) coloca uma questão tipicamente feminina: ser capaz de abdicar de seus projetos em função dos projetos do parceiro. Ou, mais ainda, ter como seu projeto de vida, o projeto de vida do marido.

Uma das informantes (entrevista s) prestou um depoimento muito rico que foi pouco explorado nesta tese, porque se referiu mais à questão do gênero. Como desejo dar continuidade às minhas pesquisas, voltando-me para o estudo da mulher no processo de transformação social, deixei para analisar melhor a

história de vida desta informante, como ponto de partida de meu projeto de estudo para o futuro.

### Sobre a Interferência da Subjetividade da Autora

No que diz respeito à pretensão de dar voz aos informantes para que se fossem construindo, através de suas falas, em sujeitos-personagens de suas próprias vidas, analisando o fato de ter reproduzido mais extensamente o relato dos entrevistados que fizeram curso universitário, julguei necessário buscar uma explicação.

Um desses informantes (entrevista j) tem bastante experiência como pesquisador na sua área. Foi o entrevistado que procurou entender bem os objetivos de minha pesquisa e que mostrou desejo de ler e corrigir a transcrição de sua entrevista antes que eu a utilizasse, procedimento rotineiro nas pesquisas em geociências, conforme me informou.

O mais jovem dos informantes graduados em universidade (entrevista p), iniciou curso de mestrado na área de ciências humanas e, além de já ter começado seu levantamento de dados com histórias de vida de velhos habitantes de sua comunidade pesqueira, tem como uma motivação muito central sua, a preocupação com a mudança das localidades da Ilha frente ao processo de urbanização, e seu efeito na vida das populações das comunidades. Dedicase ativamente à causa da preservação dos espaços culturais, de vida e trabalho dos ilhéus, conforme ficou demonstrado em seu relato. Os objetivos de minha tese se confundiam, assim,

com seus objetivos e sua prática de vida. Suas representações foram de grande interesse para mim, nem necessitando de muito esforço de interpretação. Já eram a interpretação, baseada em suas reflexões e vivências, do processo de transformação da Ilha.

O outro informante graduado no 3º grau de ensino (entrevista i), embora não tivesse a mesma objetividade em seu depoimento, dos informantes com experiência em pesquisa na área de ciências humanas-sociais, também havia feito muita reflexão sobre as transformações da cidade e de seus espaços rurais, nos cargos de vereador e prefeito da capital (e em função de suas experiências de vida).

Além disso (e muito especialmente), creio que aproveitei melhor as falas destes informantes, porque tivemos todos o mesmo tipo de formação escolar anterior e, assim, compartilhamos de um mesmo código de representações.

## NOTAS

- 1 Apesar de ter como objeto de estudo a transformação de uma comunidade litorânea em balneário, através das representações de memória de seus velhos moradores, em determinado momento senti necessidade de acompanhar o trajeto de alguns familiares dos informantes que já haviam deixado a localidade. Por este motivo, entrevistei um senhor que morava em Santos, filho de uma informante idosa, e uma senhora, nora de um casal de informantes, que residia numa favela em Florianópolis. Entrevistei também dois meninos, filhos dessa senhora, que vendiam picolé na praia. O mais velho deles, é o atual informante. O menor faleceu mais tarde, em um desastre de carro, quando pegava carona na praia onde fora pescar com o pai e o irmão, voltando à cidade para comprar um utensílio necessário à pescaria.
- 2 Na dissertação de mestrado comento este aspecto dos informantes só considerarem "trabalho" aquele serviço que realizam em troca de pagamento. Assim, embora quando meninos ajudassem o pai desde cedo na lavoura, os informantes me diziam que haviam começado a trabalhar aos 8, 10 anos, como ajudantes de pesca. Da mesma forma as mulheres que, ajudando as mães no trabalho da casa desde pequeninas, informavam que começaram a trabalhar entre 7 e 8 anos, quando iniciaram o aprendizado da renda.
- 3 A escola foi analisada como aparelho ideológico do estado, o sistema de ensino visto como violência simbólica. O conceito de privação cultural discutiu a adequação da escola às limitações dos alunos provenientes das camadas populares de mais baixa renda. Todas estas teorias e críticas à instituição escolar, foram, por sua vez, analisadas criticamente, sendo expostas suas conseqüências, tanto no sentido de somente estigmatizarem a escola como reprodutivista dos sistema e ideologia dominantes, descartando a possibilidade de sua utilização como instituição transformadora da sociedade, como no sentido de promoverem diretamente a desigualdade, propondo a diferenciação de nível da educação formal para os portadores de "privação cultural". No Brasil foram discutidas, criticadas, denunciadas, as propostas filosófico-pedagógicas tanto da Escola Tradicional, como da Escola Nova, com base em toda esta efervescência de teorias. Para uma visão mais abrangente sobre o assunto, conferir, entre outros: ALTHUSSER, L., Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado, Lisboa/São Paulo, Editorial Presença/Martins Fontes, s/d; BORDIEU, P. & PASSERON, J. C., A Reprodução, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1974; SAVIANI, D., Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica, São Paulo, Cortez Editora, 1986; NICOLACI-DACOSTA, A. M., Sujeito e Cotidiano, Rio de Janeiro, Campus, 1987.

## A G U I S A D E C O N C L U S Ã O

Este trabalho de tese nunca pretendeu fazer mais do que uma etnografia: a etnografia do espaço geográfico-cultural em transformação e a etnografia da trajetória dos sujeitos na transformação de seus espaços de vida e trabalho, frente ao processo de urbanização.

É verdade que uma etnografia pretendida como uma "descrição densa", na forma em que é explicitada por Geertz (1978). A descrição densa como o esforço intelectual de que o pesquisador lança mão para perceber, entre as estruturas interpostas e entrelaçadas, qual a hierarquia de significações mais apropriada para sua interpretação do fato cultural pesquisado, assumindo portanto, que essa hierarquia é apenas a mais adequada para tal pesquisador e "não a incontestavelmente verdadeira" (LAGO, 1991)

"... os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão (...) Trata-se, portanto, de ficções: ficções no sentido de que são 'algo construído', 'algo modelado' - o sentido original de fictio - ..." (GEERTZ, 1978: 25-26)

Assim, a interpretação que tentei, a partir do "dito" nas representações dos sujeitos entrevistados e das observações que procurei fazer, não aspira a ser conclusiva.

Mas algumas questões merecem ainda ser ressaltadas.

A identidade é construída pelo sujeito, como uma representação de si. Na medida em que o sujeito se constrói no social, em meio a outros sujeitos, contrastivamente, a representação simbólica que constrói de si como identidade, é contrastiva.

Conforme a concepção psicanalítica, a identidade se fundamenta na identificação com os outros significativos. Constitui-se, portanto, na diferença e na semelhança (contraste e identificação) e, porque é uma representação socialmente construída é social e individualmente valorada, como o colocaram as menções já referidas de Cardoso de Oliveira (1976) e Erikson (1972).

Na psicologia, entre as diferentes teorias do desenvolvimento do psiquismo, há pelo menos um consenso: que a criança deve ser amada, cuidada, estimulada, valorizada, sentir-se capaz, para construir uma imagem positiva de si mesma.

Como coloquei no primeiro capítulo desta tese, os processos socioculturais de representação dos grupos coletivos, não são opostos aos processos de individualização dos sujeitos, ao contrário, eles se constituem nas mesmas direções. Assim, as identidades pessoais e culturais são representações socialmente valoradas.

Tanto os sujeitos como os grupos, representam a si próprios de forma positiva ou negativa, dependendo da maneira como se constituem (sujeitos e grupos) contrastivamente, no social. Deste modo, participar de grupos socialmente desvalorizados, discriminados, pode levar a uma valoração negativa de si, como sujeito e como grupo. "... Identidades são ... não apenas a produção inevitável da oposição por contraste, mas o próprio reconhecimento social da diferença ..." (Brandão, 1986: 42).

A valoração da identidade é, portanto, situacional.

Procurei analisar a questão da identidade relacionada a trabalho, a identidade tornada verbo, referida às novas formas

de atividades laborais, na desestruturação das formas tradicionais de trabalho na Ilha de Santa Catarina.

Assim, como ter o domínio, através da educação formal, dos códigos urbanos de representação, mostrou-se muito importante para a valoração da identidade dos sujeitos entrevistados, poder se identificar através de uma atividade profissional definida e socialmente reconhecida, também apareceu como um dado fundamental da questão da identidade, na interpretação das suas histórias de vida. Ser tudo, saber fazer várias coisas, viver de biscates, sem uma atividade definida, mostrou-se como algo difícil de representar a respeito de si mesmos pelos informantes, nas entrevistas que me concederam. Assim, alguns precisaram usar artifícios para se referirem a si próprios enquanto profissionais, quando na realidade desempenhavam um sem número de ofícios. ... Ou se identificaram, enquanto trabalhadores, pela atividade tradicional, auto-definindo-se como pescadores, mesmo que a pesca não mais lhes permitisse prover o sustento da família, levando-os a uma cada vez maior diversificação de atividades, ou procuraram se identificar através de ocupações futuras idealizadas, mais estáveis, de maior prestígio e mobilidade, que lhes proporcionassem a autonomia tão valorizada.

O que me permitiram interpretar os sujeitos que pesquisei, através de suas histórias de vida, foi que a identidade (ainda parafraseando Manuela Carneiro da Cunha) não é realmente algo posto, acabado, mas sim algo dinâmico, constantemente reconstruído, reiventado, investido de novos significados e de novas identificações profissionais, na transformação das formas tradicionais de trabalho.

- \_\_\_\_\_. Aspectos Sócio-Econômicos da Pescaria da Tainha em Santa Catarina (Projeto Mugilidae) Relatório de Pesquisa. UFSC, Florianópolis, 1989b, xerog.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Educação como Cultura. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. Identidade e Etnia. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- \_\_\_\_\_. A Cultura na Rua. Campinas, Papyrus, 1989.
- BRAVERMAN, Harry. Trabalho e Capital Monopolista: A Degradação do Trabalho no Século XX. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- BOUHDIBA, Abdelwahab. "Turismo de Massa e Tradições Culturais". In: O Correio da Unesco, Ano 9, n. 4 : 4 - 8, 1981.
- CABRAL, Oswaldo R. "Os Açorianos". In: Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense, v. II. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1950.
- \_\_\_\_\_. História de Santa Catarina. Rio de Janeiro, Editora Laudes, 1970.
- CAMARGO, Aspásia. "Os Usos da História Oral e da História de Vida. Trabalhando com Elites Políticas". In: Dados. Revista de Ciências Sociais. Vol. 27, n. 1, Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1984.
- CAMPOS, Nazareno J. de. Terras Comuns e Pequena Produção Açoriana na Ilha de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia - Desenvolvimento Regional e Urbano, UFSC, Florianópolis, 1989, xerog.
- CANCLINI, Néstor Garcia. As culturas populares no capitalismo. São Paulo, Brasiliense, 1983.

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo, B. Pioneira de Ciências Sociais, 1976.
- \_\_\_\_\_. "Tempo e Tradição: Interpretando a Antropologia." In: Anuário Antropológico 84. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1985.
- CARDOSO, Fernando Henrique. "O Negro e o Desenvolvimento Econômico e Social de Florianópolis". In: CARDOSO e IANNI. Cor e Mobilidade Social em Florianópolis. São Paulo, Editora Nacional, 1960.
- CARDOSO, Ruth. Aventuras do antropólogo em campo ou como escapar das armadilhas do método". In: Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. Antropologia do Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes: Vida e Arte e a Colonização Açoriana. Florianópolis, Editora da UFSC, 1989.
- CASCAES, Franklin. A Pesca da Tainha na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis, Museu de Antropologia, UFSC, 1978.
- CIAMPA, Antonio da Costa. A Estória do Severino e a História da Severina: Um Ensaio de Psicologia Social. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- CICOUREL, Aaron. "Teoria e Método em Pesquisa de Campo". In: ZALUAR G., Alba (org.). Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.

- CORDOVA, Raquel. "Ficar em Terra". O Processo de Migração de Profissionais da Pesca. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Antropologia, UFSC, Florianópolis, 1986, xerog.
- CORREA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. Inédito, 1988, xerog.
- DA MATTA, Roberto. "O Ofício do Etnólogo, ou como ter 'Anthropological Blues'". In: NUNES, E. (Org.). A Aventura Sociológica. Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- DEMARTINI, Zeila e LANG, Alice. Educando Para o Trabalho: Família e Escola como Agências Educadoras. São Paulo, Ed. Loyola, 1985.
- DEMARTINI, Zeila de B. F. "História de Vida na Abordagem de Problemas Educacionais". In: VON SIMSON, Olga de M. (org.) Experimentos com Histórias de Vida. São Paulo, Vértice, 1988.
- DENZIN, Norman K. "Interpretando as Vidas de Pessoas Comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner". In: Dados. Revista de Ciências Sociais. vol. 27, n. 1. Rio De Janeiro, Campus, 1984.
- DIEGUES, Antonio Carlos S. Tradição e Mudança nas Comunidades de Pescadores do Brasil: Por uma Sócio-Antropologia do Mar. Trabalho apresentado ao III Encontro de Ciências Sociais e o Mar. São Paulo, USP, 1989, xerog.
- DUARTE, Luiz Fernando D. "Identidade social e padrões de agressividade verbal em um grupo de trabalhadores urbanos". In: LEITE LOPES, José S. (coord.) Cultura e Identidade Operária. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1987.
- \_\_\_\_\_. Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor/CNPq, 1988.

- DUMONT, Louis. O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- DURHAM, Eunice. A Caminho da Cidade. São Paulo, Perspectiva, 1984.
- \_\_\_\_\_. "A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas". In: CARDOSO, Ruth (org.) A Aventura Antropológica. Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- ERIKSON, Erik. Identidade, Juventude e Crise. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo, Martins Fontes, 1985.
- FREIRE, Paulo. Educação como Prática de Liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.
- \_\_\_\_\_. Conscientização: Teoria e Prática da Libertação: uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. São Paulo, Editora Moraes, 1980.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - FIBGE. Anuário Estatístico do Brasil 1990. Rio de Janeiro, 1990.
- GALVÃO, Luiz Alfredo. "A Crítica Acrítica da Razão Dualista". In: Debate e Crítica, n. 3. São Paulo, Hucitec, 1974.
- GARCIA JUNIOR, Afrânio e HEREDIA, Beatriz. "Trabalho Familiar e Campesinato". In: Revista América Latina, 14 (1-2): 10-19, 1971.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

- GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade de Deteriorada. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1975.
- GORENDER, Jacob. "Apresentação" In: MARX, Karl. O Capital: Uma Crítica da Economia Política. Volume I. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- HABERMAS, Jürgen. Para a Reconstrução do Materialismo Histórico. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- HARVEY, David. A Justiça Social e a Cidade. São Paulo, Hucitec, 1980.
- HEINRICH, Bernard. (Coord.) Plano de Desenvolvimento Turístico do Aglomerado Urbano de Florianópolis. Florianópolis, IPUF, 1981.
- \_\_\_\_\_. Planejamento Turístico a Nível Municipal e Micro Regional. Florianópolis, IPUF, 1982.
- KUPER, Adam. Antropólogos e Antropologia. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- LAGO, Cláudia. Jovens Promissores: uma etnografia do campo jornalístico. Projeto de Dissertação de Mestrado, apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, Florianópolis, 1991, xerog.
- LAGO, Mara Coelho de Souza. Memória de uma Comunidade que se Transforma: de Localidade Agrícola-Pesqueira a Balneário. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais - Antropologia, UFSC, Florianópolis, 1983, xerog.
- \_\_\_\_\_. "Trabalho Feminino, Trabalho Improdutivo? In: Revista de Ciências Sociais, nº 18. Florianópolis, Editora da UFSC, 1986.

LAGO, Paulo Fernando de Araújo. "Contribuição Geográfica ao Estudo da Pesca em Santa Catarina". In: Revista Brasileira de Geografia, n. 1. IBGE e Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1961.

\_\_\_\_\_. Comunidades Pesqueiras de Santa Catarina. Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1968.

\_\_\_\_\_. Santa Catarina, a Terra, o Homem, a Economia. Florianópolis, Edição da UFSC, 1968.

\_\_\_\_\_. O Turismo em Santa Catarina. Florianópolis, CODESUL/DEATUR, 1970.

\_\_\_\_\_. "A Metropolização de Florianópolis" In: Revista Brasileira de Planejamento, n.4, Porto Alegre, Instituto Brasileiro de Planejamento (IBP), 1977.

\_\_\_\_\_. Santa Catarina: Dimensões e Perspectivas. Porto Alegre, Ed. Meridional, 1978.

\_\_\_\_\_. Chaminés do Turismo. In: Jornal O Estado, Florianópolis, 7/9/1990:4.

LARAIÁ, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

LENIN, V. I. "La Desagregación del Campesinato". In: El Desarrollo del Capitalismo en Rusia. Barcelona, Ariel, 1974.

LEONTIEV, Alexis. O desenvolvimento do Psiquismo. Lisboa, Livros Horizonte, 1978.

\_\_\_\_\_. Actividade, Conciencia y Personalidad. Buenos Aires, Ciencias del Hombre, 1978a.

- LEVI-STRAUSS, Claude, ERIBON, Didier. De Perto e de Longe. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.
- LEVI-STRAUSS, Claude. L'Identité. Paris, Presses Universitaires de France, 1983.
- LOVISOLLO, Hugo R. Terra, Trabalho e Capital: produção familiar e acumulação. Campinas, Editora da UNICAMP, 1989.
- \_\_\_\_\_. Mudança Social e Diferenciação no Campo: Reflexões a Partir de Etnografias. Rio de Janeiro, Museu Nacional, Inédito, xerog.
- MALDONADO, Simone C. Pescadores do Mar. São Paulo, Atica, Série Princípios 71, 1986.
- MARTINS, José de Souza. Expropriação e Violência: a Questão Política no Campo. São Paulo, Hucitec, 1980.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã (Feuerbach). São Paulo, Editorial Grijalbo, 1977.
- MARX, Karl. O Capital. Livro I, Capítulo VI (inédito). São Paulo, Ciências Humanas, 1978.
- \_\_\_\_\_. "Salário, Preço e Lucro" In: Os Economistas. Marx. São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- MELO, Sílvia Leser de. Trabalho e Sobrevivência. Mulheres do Campo e da Periferia de São Paulo. São Paulo, Atica, 1988.
- MEZAN, Renato. Psicanálise, Judaísmo: Ressoâncias. Campinas, Editora Escuta, 1987.
- MOISES, José Alvaro. Classes Populares e Protesto Urbano. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais, FFLCH da USP, São Paulo, 1978, xerog.

- OLIVEIRA, Francisco de. "A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista". In: Estudos CEBRAP n. 2. São Paulo, Edições CEBRAP, 1973.
- ORTIZ, Renato. A Consciência Fragmentada. Ensaio de Cultura Popular e Religião. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- PAOLI, Maria Célia. "Os Trabalhadores Urbanos na Fala dos Outros". In: LEITE LOPES, José S. (coord.) Cultura e Identidade Operária. São Paulo, Marco Zero, 1987.
- PELUSO JR., Victor A. "A Ilha de Santa Catarina no Último Quartel do Século XX". In: VARZEA, Virgílio. A Ilha, Florianópolis, IOESC, 1984.
- PIAGET, Jean. A Formação do Símbolo na Criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- PIAZZA, Walter. Santa Catarina: Sua História. Florianópolis, Editora da UFSC/Lunardelli, 1983.
- POULANTZAS, Nicos. As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- PRADO JR., Caio. A Revolução Brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1978.
- QUEIROZ, Maria Isaura P. de. "Relatos orais: do indizível ao dizível". In: VON SIMSON, Olga de M. (org.) Experimentos com Histórias de Vida. São Paulo, Vértice, 1988.
- RIAL, Carmen Silvia. Mar-de-Dentro: A Transformação do Espaço Rural na Lagoa da Conceição. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 1988, xerog.

- RIOS, Gilvando S. L. "A Pesca artesanal como parte do setor de subsistencia - Sua abordagem sociológica". In: Ciência e Cultura, 28(4): 397-406.
- ROCHA, Elton B. "Os Engenhos de Farinha de Mandioca na Ilha de Santa Catarina e suas Transformações". In: Anais do Museu de Antropologia. (Florianópolis) 16 (XV), 75-94.
- RUBEN, Guillermo Raúl. "Teoria da Identidade: uma crítica". In: Anuário Antropológico 86. Brasília e Rio de Janeiro, Ed. Universidade de Brasília e Tempo Brasileiro, 1988.
- SAHLINS, Marshall. Cultura e Razão Prática. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- SANCHEZ, Joan-Eugeni. "Por Una Geografia Del Turismo De Litoral. Una Aproximacion Metodológica". In: Estudios Territoriales, 17: 103-122, 1985.
- SANTOS, Cristina S. U. Políticas de Desenvolvimento Turístico e seus Reflexos no Processo de Urbanização no Litoral Norte da Ilha de Santa Catarina. Projeto de Dissertação de Mestrado apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Geografia, UFSC, Florianópolis, 1990.
- SANTOS, Milton. O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1979.
- \_\_\_\_\_. Metamorfoses do Espaço Habitado. São Paulo, Hucitec, 1988.
- SANTOS, Sílvio C. dos. Nova História de Santa Catarina. Florianópolis, Edição do Autor, 1977.

\_\_\_\_\_. "Observando o Familiar". In: NUNES, E. (Org.) A Aventura Sociológica. Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

\_\_\_\_\_. "Individualismos e Desmapeamento: Antropologia e Psicanálise". In: Anuário Antropológico 81. Fortaleza e Rio de Janeiro, Edições Universidade Federal do Ceará e Tempo Brasileiro, 1983.

\_\_\_\_\_. Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_. Individualismo e Cultura. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

VYGOTSKY, Lev S. A Formação Social da Mente: o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

WALLON, Henri. Do Acto ao Pensamento: ensaio de psicologia comparada. Lisboa, Moraes Editores, 1979.

WEIL, Simone. A Condição Operária e Outros Estudos sobre a Opressão. Seleção e organização de Ecléa Bosi. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

ZALUAR GUIMARÃES, Alba. "Introdução". In: Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.